

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARILANE MACHADO DE AZEVEDO MAIA

**LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA: VIDA, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES**

CURITIBA

2016

MARILANE MACHADO DE AZEVEDO MAIA

**LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA: VIDA, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em História, no Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Euclides Marchi

CURITIBA

2016

Catálogo na publicação  
Mariluci Zanela – CRB 9/1233  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Maia, Marilane Machado de Azevedo  
Leocádio José Correia: vida, memória e representações /  
Marilane Machado de Azevedo Maia – Curitiba, 2016.  
299 f.

Orientador: Prof. Dr. Euclides Marchi  
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

1. Correia, Leocádio José, 1848-1886 - Biografia. 2. Mediuns –  
Brasil - História. 3. Espiritismo – Representações sociais – História.  
4. Memória coletiva – História. I. Título.

CDD 133.91



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,  
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

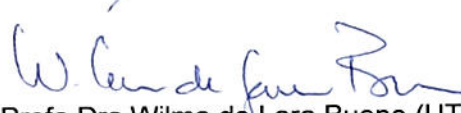
**E-mail:** cpghis@ufpr.br **Website:** www.poshistoria.ufpr.br

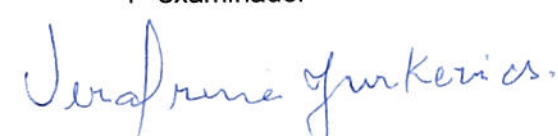
### **PARECER DA BANCA EXAMINADORA**

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **MARILANE MACHADO DE AZEVEDO MAIA** intitulada: **Leocádio José Correia: Vida, Memória e representações**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *Aprovação* completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Doutor em História**.

Curitiba, vinte e cinco de fevereiro de dois mil e dezesseis.

  
Prof. Dr. Euclides Marchi (Orientador)  
Presidente da Banca Examinadora

  
Profa Dra Wilma de Lara Bueno (UTP)  
1º examinador

  
Profa Dra Vera Irene Jurkevics (UFPR)  
2º examinador

  
Profa Dra Roseli Boschilia (UFPR)  
3º examinador

  
Profa Dra Karina Kosicki Bellotti (UFPR)  
4º examinador

*Aos meus pais, Mario e Solange;  
ao meu irmão Jhonatan;  
ao meu esposo Alexandre;  
e ao pequeno Wagner, nosso mais novo projeto.*

## AGRADECIMENTOS

Gratidão é um dos sentimentos que me acompanham desde o início desta trajetória, pela certeza que carrego comigo de que sozinha jamais conseguiria chegar até o resultado final. Com certeza sou uma pessoa de muita sorte por ter recebido o apoio necessário para iniciar esta empreitada e por ter, ao longo desses quatro anos de doutorado, encontrado outras tantas pessoas que se disponibilizaram a me ajudar, tornando o processo de pesquisa e escrita da tese menos árduo.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná e aos professores da linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimento na História, que aceitaram e acreditaram nesta pesquisa. Agradeço especialmente aos grandes mestres Ana Paula Vosne Martins, Euclides Marchi, Karina Kosicki Belloti, Marcella Lopes Guimarães e Roseli Boschilia, com os quais tive o prazer de conviver e realizar as disciplinas que suscitaram várias das discussões presentes nesta tese, e à secretária da Pós-Graduação em História, Maria Cristina Parzowski, sempre disposta a ajudar.

Agradeço também ao professor Artur Cesar Isaia, que me recebeu como aluna especial de sua disciplina no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro semestre de 2013.

À Universidade do Estado de Santa Catarina, em especial aos colegas técnicos e professores do Centro de Educação a Distância, que deram total apoio para a realização deste doutorado, com o ajuste de horários para que eu pudesse realizar a pesquisa e as disciplinas e com a licença concedida nos dois últimos anos de curso, que me permitiu encerrar a pesquisa e a escrita da tese com mais tranquilidade. Agradeço especialmente às professoras Sonia Melo e Lucilene Lisboa de Liz, que foram minhas chefes diretas nesse período. Espero retribuir a confiança depositada em mim com maior qualidade de trabalho ao povo catarinense.

À CAPES, que financiou os meus estudos a partir do quarto semestre.

Aos colegas pesquisadores Cleusa Fuckner, João Dolinski e Juliana de Menezes pela solidariedade ao apontar caminhos, indicar e dividir fontes de pesquisa.

Aos funcionários dos arquivos e bibliotecas em que pesquisei (Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes, Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, Biblioteca Romário Martins e Museu Paranaense, Arquivo Público do Paraná, Biblioteca Pública do Paraná e Biblioteca da Federação Espírita do Paraná), que foram imprescindíveis para a realização da pesquisa documental.

Aos médiuns dos centros e sociedades espíritas, que me concederam entrevistas, disponibilizaram materiais, apontaram caminhos, mas sobretudo me receberam com afeto e respeito.

Aos meus familiares, que mesmo sem compreender muito bem todo esse processo me deram apoio, apostaram, acreditaram e não desistiram de mim, mesmo nos momentos em que desapareci.

Em especial aos meus pais, meu irmão e meu marido, que acompanhou de perto os momentos mais difíceis e procurou tornar tudo mais leve.

Aos amigos, essas pessoas que a vida me deu a grande satisfação de ter por perto. Agradeço aos que me acompanham há longa data e viram de perto o longo caminho percorrido para chegar até aqui e aos que fiz durante o doutorado, entre estes estão os mestrandos e doutorandos da turma de 2012 da linha “Intersub” e os alunos das outras disciplinas cursadas durante o curso, aos quais agradeço pelo respeito, competência e generosidade nos debates teóricos e nas discussões iniciais do projeto de pesquisa, além de terem tornado os dias frios de Curitiba muito mais calorosos. Não posso deixar de agradecer especialmente à Marília que foi a leitora dos primeiros esboços do que se transformou em tese, à Elisa com quem divido alegrias e angústias do doutorado desde a seleção, à Fabiana e à Grazi, pelo acolhimento e atenção com que me receberam várias vezes em Curitiba e à Elke, que dividiu viagens, desabafos e a angústia de chegar à pousada da Dona Fátima no horário certo.

Agradeço de forma particular às professoras Karina e Roseli, pelas contribuições e leitura atenta do texto de qualificação e às professoras Vera Irene Jurkevics e Wilma de Lara Bueno, por terem aceitado participar da banca de defesa de doutorado.

Preciso, por fim, agradecer de forma muitíssimo especial ao professor Euclides, que mais do que orientador foi um grande parceiro de caminhada. Agradeço pela firmeza com que conduziu a orientação, pela confiança depositada em mim e no meu projeto de pesquisa, por ter acreditado nas possibilidades do meu objeto de pesquisa mesmo quando eu duvidava, pelas leituras atentas, pelas discussões e contribuições valorosas, pela alegria, paciência e generosidade durante todo o processo. Me sinto privilegiada de ter sido sua orientanda.

*Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição. Já o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça.*

Marc Bloch



## RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é analisar diferentes facetas do personagem Leocádio José Correia a partir de três eixos principais: sua vida, as memórias e representações construídas a partir de seu falecimento e as apropriações feitas no âmbito das religiões mediúnicas. Leocádio José Correia nasceu em Paranaguá-PR, em 16 de fevereiro de 1848, formou-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1873. Logo em seguida retornou à sua cidade natal, onde exerceu a profissão de médico, atuou como político, além de se envolver em atividades culturais e intelectuais. Faleceu em 18 de maio de 1886, de imediato teve início um processo de apropriação de sua imagem ou de suas realizações, entre elas algumas apropriações religiosas de caráter mediúnico. Esse processo fez com que se tornasse presente no imaginário popular como um médico humanitário, um cidadão ilustre, um homem culto, que mesmo após a morte não abandonou as pessoas mais necessitadas. O primeiro eixo de abordagem desta tese foi realizar um exercício de escrita biográfica a partir de fontes históricas de domínio público e reflexões historiográficas e sociológicas a respeito da importância do sujeito na história e da produção de biografias no âmbito da historiografia. O segundo eixo de abordagem é a investigação do processo de construção memorialista de Leocádio José Correia e sua transformação de um personagem histórico em um personagem mitificado, análise realizada sobretudo através de discursos biográficos enunciados em diferentes contextos e que culminaram na construção de representações de Leocádio José Correia como um personagem ilustre, heroico e santificado. O terceiro eixo de abordagem é analisar a presença de Leocádio José Correia no campo das religiões mediúnicas a partir da sua representação como espírito superior que tem uma missão junto ao mundo material, resultando em práticas relacionadas à saúde em instituições religiosas. A elaboração desse estudo tem por base alguns conceitos como o de *campo* e *habitus*, a partir dos estudos de Pierre Bourdieu; de *representações sociais* e *apropriações* no âmbito da História Cultural, a partir das ideias de Roger Chartier; de *memória coletiva* estudado por Maurice Halbwachs e outras interpretações a respeito do fenômeno de transmissão memorialista, sobretudo os conceitos de *atos de memória coletiva* e *traços*, a partir dos estudos de Joël Candau e Fernando Catroga e o conceito de *lugares de memória*, de Pierre Nora; além de conceitos vinculados à perspectiva francesa de Análise do Discurso.

**Palavras-chave:** Leocádio José Correia; Biografia; História; Memória; Representações; Apropriações; Religiões Mediúnicas; Saúde.

## ABSTRACT

The main objective of this study is to analyse, from three main axis, different views of the character Leocádio José Correia: his life, memories, representations built from his death and appropriations made in the context of mediumistic religions. Leocádio José Correia was born in Paranaguá, on February 16th., 1848 and graduated physician by Medical Schools of Rio de Janeiro in 1873. Soon after, he returned to his hometown, where he holds the medical profession, served as politician, and also got involved in cultural and intellectual activities. He passed away in May 18th, 1886, and immediately there was a process of appropriation of his image or his achievements among them, some religious appropriations of mediumistic nature. This process made Leocádio José Correia present in the popular imagination as a humanitarian doctor, a distinguished citizen, an educated man, that even after death did not abandon the most needy people. The first approach axis of this thesis is to perform an exercise of biographical writing from historical sources in the public domain, historiographical and sociological insights regarding the importance of the subject in history and biographies of production within the historiography. The second approach axis is the investigation of the memoirist construction process of Leocádio José Correia and his transformation from a historical character in a mythologized character. The analysis was carried out mainly through the biographical discourse set out in different contexts which culminated in the construction of representations of Leocádio José Correia as a distinguished, heroic and holy character, The third approach axis is to analyze Leocádio José Correia's presence in the mediumistic religions' field based on his representation as a superior spirit who has a mission to the materials world, resulting in health-related practices in religious institutions. The development of this study is based on certain concepts such as *field* and *habitus*, from Pierre Bourdieu studies; *social representations* and *appropriations* within the cultural history framework, based on the Roger Chartier's ideas; *collective memory*'s concept studied by Maurice Halbwachs and other interpretations about the memoirist transmission phenomenon, especially the *acts of collective memory* concepts and *cultural trait*, based on Joël Candau's and Fernando Catroga's studies and the *places of memory*'s concept, by Pierre Nora; in addition to concepts linked to the discourse analysis french approach.

**Keywords:** Leocádio José Correia; Biography; History; Memories; Representations; Appropriations; Mediumistic religions; Health.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ANÚNCIO DA CLÍNICA MÉDICA DO DOUTOR LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, EM PARANAGUÁ .....	70
FIGURA 2 – REGISTRO DE ESCRAVOS DO DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA EM 1880.....	120
FIGURA 3 – PRIMEIRA PÁGINA DO JORNAL GAZETA PARANAENSE DE 18 DE MAIO DE 1887 .....	132
FIGURA 4 – RETRATO DE LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA.....	136
FIGURA 5 – FOTOGRAFIA DE BALDUÍNA MARIA LOBO DE ANDRADE (“DONA BADUCA”).....	206
FIGURA 6 – RETRATO DE LÍDIA KUSTER SCHÜTZLER .....	210
FIGURA 7 – FOTOGRAFIA DE RUBENS CORRÊA.....	214
FIGURA 8 – FOTOGRAFIA DE MAURY RODRIGUES DA CRUZ.....	217
FIGURA 9 – FOTOGRAFIA MOSTRANDO MÉDIUNS PRESENTES NA GIRA EM HOMENAGEM A OGUM NA TENDA DE UMBANDA ORIENTAL. DÉCADA DE 1990. DE PÉ, À ESQUERDA E AO FUNDO A SENHORA ANA FERNANDES DOS SANTOS. NA PAREDE OS RETRATOS DE LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA (À ESQUERDA, ACIMA), GUIA ELINO (À ESQUERDA, ABAIXO), MARIA BUENO, ALLAN KARDEC E BEZERRA DE MENEZES (À DIREITA).....	228
FIGURA 10 – TERREIRO ATUAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA MARIA BUENO. NO CENTRO ENCONTRA-SE O CONGÁ. NA PAREDE, NA LATERAL ESQUERDA ENCONTRAM-SE OS RETRATOS DE MARIA BUENO E LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, NA LATERAL DIREITA, BEZERRA DE MENEZES E IEMANJÁ.....	228
FIGURA 11 – TERREIRO DA FRATERNIDADE PEREGRINO DA LUZ – FRAPEL DECORADO PARA A FESTA DE OXÓSSI NO ANO DE 2013. NA PAREDE, AO LADO ESQUERDO DO CONGÁ, O RETRATO DE LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA. ....	229
FIGURA 12 – FOTOGRAFIA DA MÉDIUM ANA FERNANDES DOS SANTOS (À DIREITA) INCORPORADA COM O ESPÍRITO LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA E ABENÇOANDO MARIA HELENA MACHADO (À ESQUERDA), FILHA DE ANA E ATUAL YALORIXÁ DO CENTRO ESPIRITUALISTA MARIA BUENO.....	230
FIGURA 13 – FOTOGRAFIA DE LEDIR AVANI MACHADO VOLPI .....	235

## LISTA DE SIGLAS

CEEEAP	Centro Experimental de Estudos Espíritas Afonso Pena
FEB	Federação Espírita Brasileira
FEP	Federação Espírita do Paraná
Falec	Faculdade Doutor Leocádio José Correia
Frapel	Fraternidade Peregrino da Luz
SBEE	Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas
Munespi	Museu Nacional do Espiritismo
USPB	União Espírita de Propaganda do Brasil

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1 RUMO À MISSÃO HIPOCRÁTICA</b> .....	<b>48</b>
1.1 TEMPO E ESPAÇO, FAMÍLIA E SOCIEDADE .....	49
1.2 A EDUCAÇÃO COMO ELEMENTO DE DISTINÇÃO .....	53
1.3 A FORMAÇÃO DO DOUTOR LEOCÁDIO: O ENSINO MÉDICO NO BRASIL IMPÉRIO .....	58
1.4 A MEDICINA COMO CAMPO DE CONFLITOS.....	63
1.4.1 Contra a <i>Amarella</i> , contra os opositores: a mão da caridade e o mau colega.....	71
1.4.2 O homem fera e seu gargalhar malévol.....	86
<b>2 NAS ARTIMANHAS DA POLÍTICA E DA CULTURA</b> .....	<b>91</b>
2.1 A POLÍTICA, MAIS UM CAMPO CONFLITUOSO .....	92
2.2 A FÉ, A INSTRUÇÃO E A LIBERDADE, UMA PLANTA BROTADA.....	100
2.3 A ILUSTRAÇÃO, O PÃO DO ESPÍRITO.....	112
<b>3 DA VIDA PARA A MEMÓRIA: REVISITANDO LEOCÁDIO</b> .....	<b>122</b>
3.1 RITUAIS FÚNEBRES E ATOS DE MEMÓRIA COLETIVA .....	122
3.2 DE ATOS DE MEMÓRIA COLETIVA A TRAÇOS: AS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES BIOGRÁFICAS .....	134
3.2.1. O espartano .....	135
3.2.2 O apóstolo do bem.....	142
3.2.3 Um ilustre cidadão parnanguara.....	147
<b>4 “ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU”: MEMÓRIAS REVIVIDAS</b> .....	<b>155</b>
4.1 MÉDICO, ARTISTA E SONHADOR .....	166
4.2 PAI, IRMÃO, AMIGO: UMA BIOGRAFIA EM FAMÍLIA.....	172
4.3 O ESPÍRITO PELO ESPÍRITA.....	191
<b>5 LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA E AS APROPRIAÇÕES MEDIÚNICAS: DO MUNDO DOS ESPÍRITOS PARA O MUNDO DOS HOMENS</b> .....	<b>197</b>
5.1 LEOCÁDIO NA INTIMIDADE E NA FEDERAÇÃO ESPÍRITA .....	203
5.2 LEOCÁDIO NA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ESPÍRITAS: O MÉDIUM MAURY RODRIGUES DA CRUZ.....	217
5.3 LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA NA UMBANDA, OUTRAS APROPRIAÇÕES .....	224
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>238</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>244</b>

## INTRODUÇÃO

*O fio de Ariana que guia o investigador no labirinto documental é aquilo que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas: o nome.*

Carlo Ginzburg

Esta tese é resultado de uma investigação historiográfica que teve como fio condutor o nome de um personagem, foi a partir deste nome e do significado que ele adquiriu para diferentes grupos sociais ao longo da história que delimitamos a problemática e o objetivo desta pesquisa. Nesse sentido, este é um trabalho biográfico a respeito do personagem Leocádio José Correia, que passou a maior parte da sua vida na cidade de Paranaguá, litoral do Paraná, onde nasceu no dia 16 de fevereiro de 1848. Foi principalmente nesta cidade e regiões próximas que exerceu a medicina, além de ter desenvolvido atividades no campo político, cultural e intelectual. Faleceu no dia 18 de maio de 1886, mas seu nome não foi esquecido, de modo que na atualidade ainda é conhecido por um significativo número de pessoas, sobretudo no estado do Paraná, mas também em outras regiões do Brasil.

A tese não se encerra, entretanto, numa abordagem da vida de Leocádio José Correia, visto que após sua morte, um número expressivo de pessoas passou a acreditar que o *Doutor Leocádio* continuou presente entre os vivos exercendo, sobretudo, o ofício da medicina. Depoimentos de pessoas que declaravam ter sido curadas ou terem pessoas de seu convívio curadas pelo médico após sua morte foram propagados, inclusive pela imprensa, gerando uma espécie de culto à sua imagem. Além da difusão de uma crença popular em torno do *Doutor Leocádio*, seguidores de religiões mediúnicas passaram a divulgar as manifestações do espírito Leocádio José Correia em sessões mediúnicas em diversas localidades. Passou a ser patrono espiritual de centros espíritas, dos quais alguns foram batizados com seu nome. Para esses grupos, portanto, Leocádio José Correia ainda é um sujeito presente e atuante, portanto, vivo e real, embora no campo da espiritualidade.

O principal objetivo deste trabalho é analisar diferentes facetas do personagem Leocádio José Correia a partir de três eixos principais: sua vida, as memórias e representações construídas a partir de seu falecimento e as apropriações feitas no âmbito das religiões mediúnicas. Em relação ao primeiro eixo de abordagem, a vida de Leocádio José Correia, muitas reflexões podem ser feitas, sobretudo a respeito da produção de biografias no âmbito da historiografia nas últimas décadas. Em busca de possibilidades que pudessem satisfazer a esta questão nos propusemos a realizar um exercício de escrita biográfica. Já que não tínhamos acesso a documentos que tratassem da vida privada do personagem, privilegiamos sua vida pública e sua atuação como médico, político, intelectual e sua inserção nas áreas da cultura e educação na Província do Paraná, sobretudo em Paranaguá, entre os anos de 1874 e 1886. Após ter acesso a uma ampla quantidade e variedade documental de domínio público foi necessário vivenciar o desafio

de cruzar essas diferentes fontes entre si e com bibliografia especializada sobre o período no qual viveu Leocádio José Correia, no intuito de dar sentido a uma trajetória vivida por ele e transparecida apenas parcialmente nos documentos. Conforme afirmou Carlo Ginzburg: “As linhas que convergem para o nome e que dela partem, compondo uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido.”<sup>1</sup> Assim, é possível afirmar que com os dados levantados para esta pesquisa empreendida a partir da trajetória de um personagem foi possível conhecer parte do contexto no qual viveu Leocádio José Correia, sua época, suas redes de relação pessoal, familiar, profissional e política, bem como características individuais do próprio personagem.

A produção de biografias por parte dos historiadores tem se tornado cada vez mais comum no atual contexto, categorizado por François Dosse como a *idade hermenêutica*, cujos desdobramentos para a escrita biográfica no âmbito da história interferem diretamente no modo como nos dois primeiros capítulos desta tese procuramos apresentar a vida de Leocádio José Correia. Neste contexto, que teve início aproximadamente a partir da década de 1960, presenciamos uma maior sensibilidade às manifestações da singularidade, o questionamento acerca do que é o sujeito e dos processos de subjetivação,<sup>2</sup> bem como a emergência da noção de pluralidade de identidades.<sup>3</sup> Essas mudanças representam o rompimento tanto com as biografias cronológicas da idade heroica, quanto com as de abordagens totalizantes que pretendiam representar o contexto a partir do sujeito.

Nessa perspectiva, diferentes abordagens são possíveis. Giovanni Levi levantou algumas delas: A chamada *biografia reconstruída em contexto*, em que a época, o meio e a ambiência são muito valorizados como fatores que explicariam a singularidade das trajetórias. Porém, o contexto remete a duas perspectivas diferentes: a explicação do contexto histórico e social permite compreender o que à primeira vista parece inexplicável e desconcertante, não se tratando, portanto, de reduzir as condutas a comportamentos-tipos, mas de interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo, normais. Ou o contexto serve para preencher as lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia com a do personagem estudado. Assim, o contexto histórico pode justificar as ações dos personagens que parecem ser desvios ou singularidades.<sup>4</sup> Outra abordagem citada por Levi é a *biografia e os casos extremos*, nas quais ela é utilizada exclusivamente para esclarecer o contexto. Descrivendo os casos extremos lança-se luz sobre as margens do campo social dentro do qual são possíveis esses casos.<sup>5</sup> Por fim, Giovanni Levi

<sup>1</sup> GINZBURG, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. p. 169-178. p. 175.

<sup>2</sup> DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. p. 229.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 361.

<sup>4</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 175-176.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 176-178.

elencar a abordagem da *biografia e hermenêutica*, na qual o ato dialógico foi fortalecido pela presença da antropologia interpretativa. O material biográfico torna-se intrinsecamente discursivo e o ato interpretativo torna-se mais significativo. O diálogo está na base do processo cognitivo, o conhecimento não é resultado de uma simples descrição objetiva, mas de um processo de comunicação entre dois personagens ou duas culturas.<sup>6</sup>

Essas três abordagens elencadas por Levi foram também incorporadas à análise de Jacques Revel, que a partir de uma abordagem única as chamou de *biografia reconstruída a partir de um texto*. Consiste no exercício interpretativo sob a influência da conduta antropológica como os realizados em *Journal de ma vie de Jacques-Louis Ménétra*, publicado e comentado por Daniel Roche, *Pierre Rivière* de Michel Foucault e *Martin Guerre* de Natalie Zemon Davis. É possível nessa abordagem tanto a restituição do contexto social de uma biografia a partir de um texto ou de um corpus de textos, cuja explicação é buscada através de um trabalho de interpretação contextual, quanto a apreensão das singularidades do biografado.<sup>7</sup>

Percebemos na contemporaneidade uma verdadeira pluralidade de abordagens que não se enquadram, necessariamente, em um único modelo entre os apresentados. Trata-se de visualizar, a partir dessa gama de possibilidades aquela ou aquelas que melhor podem contribuir para pensar determinados corpora documentais que envolvem a vida de um personagem estudado. As perspectivas de abordagem ligadas ao que Dosse classificou como pertencentes à idade hermenêutica, portanto, contribuíram muito para a elaboração dos dois capítulos iniciais desta tese, nos quais lançamo-nos ao estudo do contexto no qual viveu Leocádio José Correia e de sua trajetória individual, a partir tanto de bibliografia especializada quanto de fontes documentais do período, para compreender em que medida o personagem se constituiu enquanto um modelo de normalidade ou de excepcionalidade para sua época. Não pretendemos com isso, apresentar o contexto a partir da trajetória do personagem, como se ele representasse inteiramente sua época, nem mesmo o movimento contrário, a compreensão total do personagem a partir do contexto, mas um movimento que pretende o diálogo constante entre esses dois elementos: indivíduo e contexto. Portanto, é necessário realizar uma reflexão acerca da noção de indivíduo e sua relação com as características da sociedade em que viveu, para explicar como estamos compreendendo nosso personagem e como pretendemos apresentá-lo em nossa narrativa.

Ao analisar a noção de indivíduo historicamente e como este foi apresentado nas narrativas historiográficas ao longo dos séculos XIX e XX, Carlos Antonio Aguirre Rojas expôs que as biografias põem em relação dois elementos principais que são de um lado o indivíduo, de outro seu meio e sua época ou seu contexto histórico. Alguns autores defendem a ideia da singularidade do indivíduo biografado, se dedicam a *congelar* o contexto, transformando-o em um elemento totalmente secundário, argumentando que muitos indivíduos que compartilharam o mesmo contexto resultaram em trajetórias individuais muito diversas. Enfatizam a dimensão

---

<sup>6</sup> LEVI, 2006, p. 178.

<sup>7</sup> REVEL, Jacques. **História e historiografia**: exercícios críticos. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. p. 244-245.



do elemento individual sobre o elemento contextual. Frente a esta posição, se desenvolveu outra, simetricamente oposta, que afirma que o contexto é que produz a necessidade, a possibilidade e a realidade da existência de grandes homens, atribuindo as tarefas que deve cumprir e provendo-lhe os meios de efetuá-las.<sup>8</sup>

Compartilhamos da possível solução para esta oposição proposta pelo autor, que sugere abordar esta relação complexa de outra forma: para ele o papel do biógrafo seria justamente elucidar qual a relação entre os dois, concebendo que o indivíduo é parte orgânica deste contexto e que, portanto, constitui o mesmo. Assim, o biógrafo e o historiador devem analisar esse indivíduo não como pronto e acabado, uma entidade absolutamente formada, mas como integrado e pertencente a dito contexto. Este, por sua vez, não é algo simples, linear e igualmente constituído. Se compreendermos que o indivíduo está no contexto, este é, em parte, o próprio indivíduo em sua relação com os outros.<sup>9</sup>

Essa noção de indivíduo imbricada ao contexto é um nó nas narrativas biográficas, pois ambos constituem entidades muito complexas e impossíveis de serem apreendidas em sua totalidade. Nesse sentido, Pierre Bourdieu escreveu sobre a *ilusão biográfica*, reflexão que se tornou referência para a maioria dos estudos biográficos. Para o autor, muitos elementos desta ilusão aparecem em narrativas biográficas, como a apresentação da vida como um conjunto coerente e orientado, no qual o indivíduo é apresentado desde o início da sua trajetória com características que, na verdade serão desenvolvidas durante o percurso de sua vida. Outro elemento é a organização da vida como uma história que transcorre em ordem cronológica e lógica, desde um começo até seu término, que também é um objetivo, com a nítida preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica.<sup>10</sup> Bourdieu acusa que esta necessidade de tratar a vida como um relato coerente de uma sequência de significado e direção é conformar-se com uma ilusão retórica e aponta como possibilidade de rompimento com essa tradição o exemplo apreendido do romance moderno, que afirmou a descontinuidade do real e a aleatoriedade das experiências. Em suma, escapar dessa ilusão é um dos maiores desafios sobre os quais os biógrafos se atêm ou deveriam se ater:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografía como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 27-29.

<sup>9</sup> Ibid., p. 30-31.

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 184.

<sup>11</sup> Ibid., p. 185.

No decorrer de nossa análise, levamos em consideração ainda a noção defendida por Pierre Bourdieu de que o espaço social está dividido em *campos*, universos relativamente autônomos, compreendidos como espaços sociais de relações específicas que podem ser observadas entre os atores sociais. O que determina as interações dentro de cada campo, conforme Bourdieu, é a posição que cada um (instituição ou indivíduo) ocupa dentro da estrutura de cada campo.<sup>12</sup> O lugar ocupado por esses atores sociais difere conforme a posse de determinados *capitais simbólicos* e a troca dos *bens simbólicos* entre os integrantes do campo. A posse dos *bens simbólicos* confere, assim, poder aos atores sociais. Pensar em campos, portanto, é pensar no poder simbólico existente em cada um deles e no que significa a noção de poder para Bourdieu.

O poder está por toda a parte dentro dos *campos*; é uma espécie de poder invisível, que só pode ser exercido por uns sobre os outros se estes, submetidos ao poder, permitirem tal sujeição.<sup>13</sup> Assim, dentro de um campo, numa relação de trocas, quem detém o poder sobre determinado grupo só o exerce porque o grupo consente e, portanto, lhe confere a posse dos *capitais simbólicos*. O campo é compreendido, ainda, como espaço de conflitos, em que os atores concorrem entre si pela legitimação e, portanto, pela manipulação do *capital simbólico* para que possam exercer o poder.

Diante das lutas discursivas, o poder não está na palavra, em si, mas nos sentidos e representações criadas por elas e no reconhecimento que uma população confere a um *porta-voz autorizado*, detentor do capital simbólico legítimo para o grupo.<sup>14</sup> O porta-voz autorizado tem legitimidade sobre o grupo na medida em que seu discurso é reconhecido.

Ao analisar o contexto no qual viveu Leocádio José Correia, partimos da compreensão de sua inserção em uma sociedade composta por *campos* nos quais se operam diferentes lutas pela posse dos *bens simbólicos*. É na inserção nos variados campos sociais que se dá também a formação do *habitus*, outra importante categoria para a análise das ações individuais que ocorrem em determinado contexto social. Assim, na trajetória de nosso personagem, buscamos evidenciar sua inserção nos variados campos nos quais esteve imerso, entre eles: o campo médico, o campo intelectual e o campo político.

O *habitus*, segundo Bourdieu, pode ser definido como um conjunto de esquemas transmitidos ao indivíduo desde a primeira educação familiar, e constantemente repostos e reatualizados ao longo da sua trajetória social restante. São concebidos como estruturas estruturadas da sociedade em que habitam os indivíduos, mas também estruturas estruturantes, formadas e modificadas por esses mesmos indivíduos. Funcionam como princípio de geração de práticas e representações.<sup>15</sup> Resumidamente, Bourdieu definiu a noção da seguinte forma:

---

<sup>12</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 66-7.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 9.

<sup>14</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 89-91

<sup>15</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. XL.

A noção de *habitus*, tal como é encontrada em Aristóteles ou São Tomás – ou, além deles, em pessoas tão diferentes como Husserl, Mauss, Durkheim ou Weber –, acaba exprimindo algo muito importante: os ‘sujeitos’ sociais não são espíritos instantâneos. Ou, dito por outras palavras, para compreender o que alguém vai fazer, não basta conhecer o estímulo; existe, no nível central, um sistema de disposições, ou seja, coisas que existem em estado virtual e vão manifestar-se em relação a uma situação. Eis o processo, em grandes traços. Trata-se de um debate extremamente complicado, mas a noção de *habitus* tem várias propriedades. Ela é importante para lembrar que os agentes têm uma história, que são o produto de uma história individual, de uma educação associada a determinado meio, além de serem o produto de uma história coletiva, e que em particular as categorias de pensamento, as categorias do juízo, os esquemas de percepção, os sistemas de valores, etc. São o produto da incorporação de estruturas sociais.<sup>16</sup>

A noção de *habitus* é operativa neste trabalho para pensar que o indivíduo se forma em um determinado contexto, recebendo por intermédio do grupo ao qual pertence este conjunto de esquemas que delimitará suas ações e escolhas, no entanto, este indivíduo também age sobre este meio, que é uma entidade inacabada. Giovanni Levi também defende uma abordagem complementar a esta, afirmando que os indivíduos são dotados de liberdade de escolha, mas esta não é absoluta. É culturalmente e socialmente determinada, limitada e pacientemente conquistada, continua sendo, no entanto, uma liberdade consciente na medida em que nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação. O autor afirma, no entanto, que sua perspectiva é diferente da adotada por Bourdieu, sugerindo que este autor prefere salientar os elementos de determinação inconscientes:

Na verdade nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação das regras, de negociação. A meu ver a biografia é por isso mesmo o campo ideal para verificar o caráter intersticial – e todavia importante – da liberdade de que dispõem os agentes e para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradições. Obtém-se assim uma perspectiva diferente – mas não contraditória – daquela adotada pelos que preferem salientar mais os elementos de determinação, necessários e inconscientes, como faz, por exemplo, Pierre Bourdieu. Há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-relações. A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas.<sup>17</sup>

Todas essas reflexões auxiliam na produção de um texto que contemple a trajetória de Leocádio José Correia. Esta tese tem como um de seus objetivos demonstrar que a vida de Leocádio José Correia se apresenta como uma possibilidade viável de estudo biográfico, mas o que identificamos ser ainda mais atraente como possibilidade de investigação é a construção e a

<sup>16</sup> BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 58.

<sup>17</sup> LEVI, 2006, p. 179-180.

manutenção da imagem deste personagem após a sua morte, ocorrida em 1886, a reelaboração das várias facetas de sua biografia através de discursos produzidos sobre sua vida e suas possíveis manifestações após a morte. Por essa razão, lançamo-nos a um segundo desafio que foi a reflexão acerca das construções memorialistas empreendidas em diferentes momentos e por diferentes grupos sociais acerca do personagem. Nesse sentido, torna-se inevitável adentrar o campo do imaginário e das representações sociais, que são possíveis ser detectados quando se observa a decorrência de sentimentos, ações e crenças experimentadas coletivamente. Para Bronislaw Baczko:

Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer colectividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percebe, divide e elabora os seus próprios objectivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição de papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; contrói uma espécie de código de ‘bom comportamento’, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do ‘chefe’, o ‘bom súdito’, o ‘guerreiro corajoso’, etc.<sup>18</sup>

Assim, longe de designar o que é fantasioso ou irreal, o imaginário social constitui e é constituído pela realidade concreta de determinado grupo que cria modelos e códigos de conduta, identificando-se, unindo-se ou dividindo-se conforme seus objetivos e elaborando representações do mundo em que vive a partir dos sistemas simbólicos que o circundam.

Os estudos de Baczko estão em consonância com o do historiador Roger Chartier, para quem a história cultural deve ter como principal objeto estudar como uma determinada realidade social é construída. Tal entendimento se dá através das representações que se criam de uma determinada realidade. Para o historiador, as representações são sempre determinadas pelo interesse do grupo que as forjam e se manifestam por meio de discursos que nunca são neutros, pois “produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.”<sup>19</sup>

Assim, nos capítulos três e quatro, a proposta é compreender como através de rituais sociais e discursos que visavam a manutenção da memória do personagem, outras imagens ou representações foram sendo construídas a respeito dele, alguns desses rituais foram os próprios rituais fúnebres, outros nos remetem à escrita e publicação de biografias e textos comemorativos desde o final do século XIX até a atualidade. Nesse sentido, as considerações teóricas formuladas anteriormente a respeito da escrita biográfica também nos auxiliaram na percepção da construção do personagem nas suas biografias, o interesse dos autores em seus empreendimentos biográficos

<sup>18</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Einaudi-Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985. p. 309.

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985. p. 17.

e como todos os textos analisados acabaram por construir a figura de um herói, de um cidadão ilustre, ou mesmo de um “santo”.

Para melhor compreender esse percurso é necessário explicar como se constrói o conceito de memória como um fenômeno social. Para que ela se concretize é necessária a presença de indivíduos que vivenciam determinados eventos sociais e que *a posteriori* lembrarão das experiências vivenciadas. Entretanto, inferimos que tais construções ocorrem sempre em sociedade, pois o indivíduo que lembra está inserido em diferentes grupos e a memória é construída a partir de suas experiências grupais tanto no momento em que ocorreram os fatos lembrados – no passado – quanto no da rememoração – no presente. Maurice Halbwachs, sociólogo francês que pela primeira vez se debruçou sobre o caráter coletivo das construções memoriais, defendeu que as lembranças individuais conectam-se a *quadros sociais* mais amplos, que, embora os indivíduos é que se lembrem, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e que este ponto de vista sofre mudanças conforme o lugar social ocupado pelo indivíduo e pelas relações que mantém com os ambientes nos quais circula.<sup>20</sup>

Mais recentemente, o antropólogo francês Joël Candau vem se opondo em suas obras ao conceito de *memória coletiva*. O pesquisador faz distinção entre as recordações memorizadas pelos indivíduos e as manifestadas pelos mesmos, salientando que essas últimas não são o reflexo fiel, mas uma expressão parcial das memórias armazenadas e que a existência de atos memoriais coletivos tais como comemorações, construções de museus, mitos, narrativas etc. não são suficientes para atestar a existência de uma memória partilhada. Afirma que existe um efeito de falso consenso, ou seja, que o fato de um grupo assumir as mesmas referências memoriais não garante que todos os membros partilhem das mesmas representações sobre o passado.<sup>21</sup>

Percebe-se que a maior preocupação de Candau se dá em torno do caráter subjetivo da construção memorial, ainda assim, o pesquisador admite que a noção de memória coletiva é um conceito prático para designar algumas formas de consciência do passado aparentemente partilhadas por um conjunto de indivíduos:

Podemos assim admitir que a sociedade produz as percepções fundamentais que por meio de analogias, ligações entre lugares, pessoas, ideias, etc., suscitam recordações que podem ser partilhadas por vários indivíduos e até mesmo por uma sociedade inteira. De facto, nenhum antropólogo pode contestar a vontade dos grupos humanos de elaborar uma memória comum, uma memória partilhada cuja ideia é muito antiga. Os mitos, as lendas, as crenças, as diferentes religiões são construções memoriais coletivas.<sup>22</sup>

O autor chama atenção, entretanto, para o fato de que a memória coletiva é sempre resultado de um conjunto de extratos memoriais muito diversos, até mesmo conflituosos e

<sup>20</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003. p. 35-36.

<sup>21</sup> CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013. p. 86-87.

<sup>22</sup> Ibid., p. 90-91.

que esta noção não explica de que forma as memórias individuais, que são as únicas atestadas biologicamente, se aglomeram para construir uma memória coletiva. Dessa forma, afirma preferir o conceito de *quadros sociais* de Halbwachs, do qual parte para chegar à noção de *sociotransmissores*, que seriam os facilitadores das conexões entre indivíduos numa sociedade – comparados aos neurotransmissores cerebrais, que são facilitadores da conexão entre neurônios – e resumiriam a multiplicidade dos quadros sociais e dos objetos de transmissão que eles encerram. Para o antropólogo francês, estes dois conceitos ajudam a compreender como as recordações individuais podem receber uma orientação própria de um grupo e como essas podem tornar-se semelhantes ao ponto de produzir uma representação partilhada do passado. Explica, assim, a sua preferência pela noção de *memória partilhada*, no lugar de *memória coletiva*, tendo em vista que ela sugere a presença de processos concretos de convergência, encontro e agregação de recordações, tornadas possíveis pela presença dos já referidos sociotransmissores.<sup>23</sup> É a esse conceito de memória partilhada que recorreremos nos capítulos três e quatro para compreender a profusão de narrativas construídas acerca do personagem Leocádio José Correia ao longo do tempo.

O historiador português Fernando Catroga partiu da ideia de memória defendida por Joël Candau, que postula a existência de três tipos de memória: a protomemória, que é a memória de baixo nível, que não pode ser destacada da atividade em curso e de suas circunstâncias, é uma memória imperceptível que ocorre sem tomada de consciência; a memória propriamente dita, também chamada de memória de alto nível, é a memória de recordação ou reconhecimento, a evocação deliberada ou involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica; e a metamemória, que é a representação que cada indivíduo constrói em relação à faculdade da memória.<sup>24</sup>

A partir dessas ideias de Candau, Catroga também questionou a pertinência do conceito *memória coletiva*. Este teria sido forjado num contexto teórico no qual as ciências sociais viam a sociedade como um organismo ou entidade, defendendo a ideia de que sujeitos coletivos moviam a história. O pesquisador português defendeu um caráter mais subjetivo à construção memorial, em consonância com as preocupações atuais das ciências humanas. Ainda assim, afirma ser impossível negar que o caráter subjetivo da construção memorial se dá dentro de quadros sociais interiorizados pelo próprio evocador, o que conduz a uma necessidade de conferir uma coerência narrativa à vida dos grupos.<sup>25</sup>

Para melhor compreender essa passagem do individual ao coletivo no âmbito das memórias partilhadas podemos recorrer ainda a Paul Ricoeur, este, ao tratar da polarização existente entre os conceitos de memória individual e memória coletiva, propõe que exista entre os dois planos um intermediário no qual se operam concretamente as trocas entre a memória viva

<sup>23</sup> CANDAU, 2013, p. 95-97.

<sup>24</sup> CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 22-23.

<sup>25</sup> CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. p. 46.



das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais pertencem. Esse plano seria o da relação com os *próximos*, ou seja, as pessoas que estão situadas numa faixa de variação entre o si e os outros, aqueles que aprovam a nossa existência e cuja existência aprovamos na reciprocidade e na igualdade da estima, a proximidade seria a réplica da amizade. Ricoeur defende, assim, que não se deve entrar no campo da história somente com a suposta polaridade entre memória individual e coletiva, mas com a de uma tríplice atribuição da memória: a si, aos próximos, aos outros.<sup>26</sup>

A partir das ideias anteriormente expostas, pensamos que a memória, além de um fenômeno individual ligado ao coletivo do qual não se dissocia é também uma construção *a posteriori* acerca de acontecimentos do passado. Pode-se inferir que as memórias são representações sociais do passado, que nos permitem conhecer aspectos ligados à cultura e às subjetividades dos envolvidos em determinada construção memorialística. Dessa forma, conhecer aspectos das memórias individuais permitiriam conhecer alguns aspectos do grupo ou alguns dos grupos dos quais faz parte e suas concepções, da mesma forma, conhecer aspectos da memória partilhada por um grupo permitiria compreender ou explicar parcialmente atitudes, crenças e valores individuais de pessoas ligadas de alguma forma ao coletivo em questão.

Essas construções memorialísticas, como afirma Fernando Catroga nunca são meros registros neutros dos acontecimentos, pois a memória é sempre seletiva e por isso é uma representação afetiva feita a partir do presente e dentro da tensão tridimensional do tempo, para esta explicação utiliza a expressão *re-presentificação*. Diferentemente da imaginação, que pode ou não ter um referencial de veridicidade, o ato de recordar, embora sempre convoque um *objeto ausente* do passado, assim como a imaginação, subordina-se ao princípio de realidade e garante fidelidade ao narrado.<sup>27</sup>

Para chegar à construção de referenciais coletivos que serão partilhados por um grupo é necessário, entretanto, o investimento na produção do que Joël Candau chamou de *atos de memória coletiva*, que podem ser museus, mitos, narrativas etc. Para o autor, mesmo que a memória coletiva exista somente no plano discursivo, mas não exista no concreto – já que a faculdade de memória é legada somente aos indivíduos e não ao grupo – e que este não compartilhe inteiramente das mesmas representações do passado, é possível encontrar marcos memoriais comuns a vários indivíduos dos grupos.

Fernando Catroga se refere a um conceito que pensamos ser semelhante: a existência de *traços*. Para o autor os conteúdos da memória são inseparáveis de seus campos de objetivação e transmissão – como a linguagem, as imagens, as relíquias, os lugares, a escrita e os monumentos – assim como dos ritos que os produzem. Afirma que não há memória coletiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados entre indivíduos de um grupo através de “reavivamentos” da memória, que somente os traços do passado são capazes de provocar. Os

<sup>26</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 141-142.

<sup>27</sup> CATROGA, 2001, p. 46-47.

traços,<sup>28</sup> portanto, são quaisquer vestígios humanos, produzidos voluntária ou involuntariamente e socializados através de “revificações” rituais que têm a função de sociabilidade entre os indivíduos de um grupo.<sup>29</sup>

Tanto o conceito de *atos de memória coletiva* quanto o de *traços*, anteriormente mencionados, remetem ao que Pierre Nora chamou de *lugares de memória* ao tratar do momento particular pelo qual passava a história nacional francesa na década de 1980, caracterizado pela aceleração da história que provocava oscilação e ruptura das relações que tradicionalmente eram mantidas com o passado, o fim das chamadas sociedades-memórias, como a igreja, a escola, a família e o Estado, que asseguravam a conservação e a transmissão de valores e o fim das ideologia-memórias, que asseguravam uma passagem regular do presente para o futuro. Assim, Nora argumentou que se passava por um momento de desaparecimento da memória verdadeira e por esse motivo haveria a necessidade de consagrar lugares para evocar essa memória perdida:

Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história.<sup>30</sup>

O autor diferencia a *memória verdadeira* de uma *memória transformada por sua passagem em história*. A primeira, em sua concepção, é uma memória espontânea abrigada no gesto e no hábito, nos ofícios onde se transmitem os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, as memórias de impregnação e os saberes reflexos;<sup>31</sup> identificamos uma grande aproximação desta com o que Candau chamou de *protomemória*. A memória transformada por sua passagem em história, por sua vez, é quase o contrário, não sendo mais espontânea é voluntária e deliberada, vivida como um dever, psicológica, individual e subjetiva e não mais social, coletiva, globalizante.<sup>32</sup> É o sentimento de que não há memória espontânea que faz nascer os lugares de memória, compreendidos como operações não naturais: a criação de arquivos, a comemoração de aniversários, a organização de celebrações, o pronunciamento de elogios fúnebres, o registro

---

<sup>28</sup> O conceito de *traços* remete à ideia de *rastros*, discutida por Paul Ricoeur. O filósofo diferenciou três ideias que poderiam conceituar a palavra: primeiramente os rastros sobre os quais trabalha o historiador, escritos, eventualmente arquivados como marcas exteriores dos discursos escritos. O segundo sentido, contraposto ao primeiro, seria o de impressão-afecção “na alma”, resultante do choque de um acontecimento classificado como notável. Por último, a impressão corporal, cerebral, cortical, que interessa às neurociências. Para nosso estudo, apoiado na ideia de *traços* difundida no estudo de Catroga, pensamos que esta se aproxime do primeiro sentido atribuído por Paul Ricoeur ao que chamou de *rastros*. (Cf. RICOEUR, 2007, p. 32-34).

<sup>29</sup> CATROGA, 2001, p. 48-49.

<sup>30</sup> NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, v. 10, p. 7-28, 1993. p. 8-9.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 14.



de atas; nada disso seria necessário se não houvesse a sensação iminente de que tais eventos estivessem ameaçados ao total esquecimento.<sup>33</sup>

Identificamos a partir daí uma importante contribuição de Michael Pollak, o autor explica que a memória individual ou coletiva pode ser constituída pelos acontecimentos vividos pessoalmente, mas também por *acontecimentos vividos por tabela*, que são aqueles acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que no imaginário, tomaram tal relevo que é quase impossível saber se participou ou não. Entre esses acontecimentos vividos por tabela, estão todos aqueles que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. Da mesma forma que os acontecimentos, Pollak se refere a personagens que constituem a memória de indivíduos ou grupos, aplicando o mesmo esquema ao diferenciar os personagens realmente encontrados no decorrer da vida de outros conhecidos *por tabela* e ainda aqueles personagens não pertencentes ao mesmo espaço-tempo da pessoa que constrói a memória a respeito dele, pensamos ser este o caso de Leocádio José Correia ao longo do século XX.<sup>34</sup>

Observa-se, assim, uma transformação da vida daquele indivíduo em narrativas, construídas inicialmente por quem o conheceu e constituiu subjetivamente uma memória a respeito dele, compartilhando-a com outros com quem dividiam interesses comuns. Estas, transformaram-se em vestígios, *traços* para a constituição de novas narrativas por outros indivíduos que não compartilharam do mesmo espaço-tempo de Leocádio José Correia, mas que tinham alguma afinidade com o que sua imagem representava, construindo assim, novas memórias ancoradas nas narrativas anteriores e outras biografias. Fica evidente que, ao evocar acontecimentos de sua trajetória, seus biógrafos privilegiaram a fidelidade da memória sobre o personagem, mas uma memória selecionada entre aqueles que o admiravam, deixando de lado narrativas daqueles que teriam outra versão para a vida deste personagem, acabaram por relegar ao esquecimento outras possíveis versões para sua vida. No fim de todo esse processo, é muito possível que se o próprio Leocádio José Correia retornasse à vida e lesse suas múltiplas histórias de vida, não se reconhecesse inteiramente em nenhuma delas, em vista das contradições existentes entre a vida, o lembrado e o narrado.

É possível afirmar, portanto, que ocorreu um processo contínuo de *apropriações* nesses escritos biográficos, em que os primeiros atos de memória coletiva foram sendo apropriados em diferentes momentos, por diferentes autores, que tinham objetivos distintos. Apropriação é um conceito discutido por Roger Chartier,<sup>35</sup> que utiliza o termo dando ênfase à pluralidade de usos, interpretações e compreensões que se pode fazer de um mesmo discurso na produção de sentidos. Para o autor, os processos de apropriação são sempre institucionais, sociais, culturais, ou seja, regidos por intencionalidades ligadas a práticas históricas que as produzem:

<sup>33</sup> NORA, 1993, p. 13.

<sup>34</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. p. 201-202.

<sup>35</sup> CHARTIER, 1985, p. 26-27.

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objectivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas.<sup>36</sup>

No processo de apropriação discursiva identificado nas narrativas memoriais e biográficas de Leocádio José Correia desde a ocasião de seu falecimento até muito recentemente, está presente a apropriação de elementos discursivos que se repetem com regularidade em todas as narrativas e que identificamos pertencer aos primeiros discursos produzidos e divulgados durante os rituais fúnebres e nas primeiras narrativas biográficas. Estes, tratam-se, portanto, de *discursos fundadores*:

é discurso fundador o que instala as condições de formação de outros, filiando-se à sua própria possibilidade, instituindo em seu conjunto um complexo de formações discursivas, uma região de sentidos, um sítio de significância que configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade.<sup>37</sup>

Para sustentar nossas análises recorreremos metodologicamente a alguns conceitos da escola francesa de Análise do Discurso, que defende o modo de apreensão da linguagem apenas na medida em que esta faz sentido para os sujeitos inscritos em estratégias de interlocução, em determinadas posições sociais e conjunturas históricas, relacionando-se com os textos produzidos no quadro de instituições que restringem a enunciação e nas quais se cristalizam conflitos.<sup>38</sup>

O principal desses conceitos, forjado pelo pensador francês Michel Foucault, é o de *formação discursiva*, este constitui grupos de enunciados, muitas vezes diferentes em sua forma e até dispersos no tempo, mas que formam um conjunto quando remetem a um mesmo objeto.<sup>39</sup> Para o autor a *formação discursiva* pode ser identificada nos casos em que se puder descrever entre um certo número de enunciados um sistema de dispersão discursiva – que nem sempre o caracteriza como um conjunto de enunciados coerentes e complementares entre si, mas que podem ser contraditórios mesmo tratando-se de uma mesma temática – ou nos casos em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos e as escolhas temáticas se puder definir uma regularidade. As regras de formação, conforme Foucault, são as condições a que estão submetidos os objetos, modalidades de enunciação, conceitos, escolhas temáticas, enfim, são

<sup>36</sup> CHARTIER, 1985,, p. 26-27.

<sup>37</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.) **Discurso fundador**. Campinas, SP: Pontes, 1993. p. 24.

<sup>38</sup> MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Martins Fontes, 1989. p. 12-13.

<sup>39</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 36.

condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva.<sup>40</sup> Para Maingueneau, em conformidade com Foucault, as formações discursivas constituem um conjunto de regras anônimas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definem em uma época dada as condições de exercício da função enunciativa, ou seja, definem o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura determinada.<sup>41</sup>

O conceito de formação discursiva está totalmente associado à subjetividade enunciativa, para a Análise do Discurso não é possível separar os sujeitos de seus discursos, assim é necessário para a compreensão da formação discursiva, determinar a posição que pode e deve ocupar cada indivíduo para dela ser sujeito, ou seja, “a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito antes que ele enuncie, mas uma teoria da *instância de enunciação*, que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente um efeito de enunciado.”<sup>42</sup>

São importantes para nossa análise também as noções de *cena*<sup>43</sup> e *lugar*<sup>44</sup> desenvolvidas por Dominique Maingueneau. O conceito de cena leva em consideração a concepção pragmática, que se opõe radicalmente à ideia de que a língua seja apenas um instrumento de transmissão de informações e coloca em primeiro plano o caráter interativo da atividade de linguagem, recompondo o conjunto da situação de enunciação. O conceito de lugar é complementar à cena e foi utilizado pela linha francesa de Análise do Discurso desde seu início, levando em consideração a posição social dos sujeitos produtores de discursos.<sup>45</sup> Os conceitos de cena e lugar se aproximam da noção de formação discursiva apresentada anteriormente, já que um dos principais objetivos na Análise do Discurso é determinar a posição que pode e deve ser ocupada por cada indivíduo para fazer parte de uma formação discursiva.

Levando em consideração os conceitos de *formação discursiva*, *cena* e *lugar*, conclui-se que para empreender a análise de enunciados que compõem discursos é necessário primeiramente questionar sobre quem é o sujeito enunciador e quais são os lugares institucionais e/ou sociais ocupados por ele<sup>46</sup>, essas informações nos levam a uma melhor compreensão das intenções que estão por trás das palavras enunciadas ou qual sentido se pretende construir com o discurso. Esses questionamentos remetem à materialidade da função enunciativa, conforme Foucault, não seria possível falar em enunciado se uma voz não o tivesse pronunciado, além disso, o enunciado é sempre apresentado através de uma espessura material que em partes também o constitui,

<sup>40</sup> FOUCAULT, 2004, p. 43.

<sup>41</sup> MAINGUENEAU, 1989, p. 22.

<sup>42</sup> Ibid., p. 33.

<sup>43</sup> Ibid., p. 32.

<sup>44</sup> Ibid., p. 32-33.

<sup>45</sup> Ibid., p. 33.

<sup>46</sup> FOUCAULT, 2004, p. 56-58.

portanto, os meios pelos quais os enunciados se apresentam ao público que se quer atingir é constitutivo do discurso e compõem também os lugares de enunciação.<sup>47</sup>

Levaremos em consideração os conceitos apresentados anteriormente para compreendermos cada enunciado em seu contexto, buscando determinar quem são os enunciadores, quais as condições materiais de enunciação, lugares e cenas, e quais efeitos de sentido se buscou criar a respeito do personagem estudado, levando em consideração que tais discursos produzem representações e nunca são neutros, tal como afirmou o historiador Roger Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.<sup>48</sup>

Em nossa análise discursiva dos textos biográficos o conceito de *biografemas*<sup>49</sup> também é operativo, estes, foram conceituados por Durval Muniz de Albuquerque Júnior como elementos que se repetem com certa regularidade nas narrativas biográficas, são as menores unidades do discurso biográfico que o sustentam, foram comparados pelo autor ao papel que os fonemas desempenham no campo da linguagem, conforme os definiu Saussure, ou ao papel desempenhado pelos mitemas nas narrativas míticas, conforme as análises de Lévi-Strauss e Roland Barthes. Por variarem historicamente, se constituem em objetos de trabalho do historiador, que pode se interrogar quais são os biografemas que sustentam narrativas de vida em um determinado contexto, numa dada época ou em uma dada modalidade de discurso biográfico. Assim, podem ser considerados unidades estruturais não só do discurso biográfico, mas também da própria forma como se constitui e pensa sujeitos em nossa cultura.<sup>50</sup> O autor faz uso deste conceito para perceber os elementos que se repetem com dada regularidade nas narrativas biográficas de diferentes personagens tomadas como objeto de análise prosopográfica. Nesta pesquisa tomamos o termo de empréstimo para analisar os elementos de diferentes narrativas biográficas do mesmo personagem, porém escritas em diferentes contextos e por autores diversos.

Ao emprendermos nossa análise, buscaremos nas narrativas os enunciados, ou os ditos do discurso, mas também procuraremos evidenciar o que foi silenciado durante o processo de transformação das memórias em narrativas. Para melhor compreender este processo de silenciamento recorreremos à pesquisadora Eni Pulcinelli Orlandi, para quem o silêncio é mais do

---

<sup>47</sup> FOUCAULT, 2004, p. 113.

<sup>48</sup> CHARTIER, 1990, p. 17.

<sup>49</sup> Este conceito foi desenvolvido por Roland Barthes a partir de 1971, quando publicou sua obra *Sade, Fourier, Loyola*. Compreendidos como pequenos detalhes, fragmentos dispersos e descontínuos que remetem à singularidade de gostos e dos corpos dos sujeitos, não expressam a totalidade da vida do indivíduo, ao mesmo tempo que podem dizer muito sobre ele.

<sup>50</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O significado das pequenas coisas: história, prosopografia e biografemas. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso. **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 34.

que ausência de palavras, mas é também um importante produtor de sentidos, é parte fundante do discurso porque antecede às próprias palavras. A pesquisadora distingue duas formas de silêncio: o silêncio fundador, a partir do qual é possível toda a significação, e a política de silenciamento, que por sua vez é subdividida em duas outras categorias: a do silêncio constitutivo, que pressupõe que todo o dito necessariamente cala algum sentido que não está dito, que foi excluído da enunciação, e a do silêncio local, que é a censura, o ato de interdição do dizer.<sup>51</sup>

Para nossa análise é bastante significativo, portanto, o conceito de *silenciamento constitutivo*, já que buscaremos compreender a partir das diferentes narrativas produzidas a respeito do personagem Leocádio José Correia, o que foi dito para impedir ou não dizer outras tantas facetas da vida do biografado que poderiam provocar rupturas com o sentido que se pretendia produzir com as narrativas. Pensamos ainda, que os silenciamentos identificados produziram a longo prazo o esquecimento de determinadas características da vida do personagem que não eram interessantes aos que produziram os discursos analisados.

Outro desafio será o de perceber os discursos não somente como representações da realidade, ou como signos, mas também como práticas que acabam por construir outras tantas realidades, que formam sistematicamente os objetos dos quais falamos. Conforme Michel Foucault: “Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.”<sup>52</sup>

Assim, os discursos biográficos e comemorativos serão compreendidos como representações de Leocádio José Correia, como signos que remetem a este personagem pautados nas memórias dos primeiros enunciadore, mas também como signos que acabaram por construir uma nova realidade, ou seja, trouxeram aspectos do personagem narrado que certamente não corresponde à totalidade do personagem real.

Ao empreendermos uma análise discursiva em torno da figura de Leocádio José Correia a partir de rituais de comemoração e de textos biográficos, a noção de *campo* desenvolvida por Pierre Bourdieu é novamente operativa para compreender a inserção de cada discurso dentro de um campo de disputas específicos que fazem parte de formações discursivas diferenciadas, o que nos permite compreender melhor as intencionalidades que envolvem a produção de cada discurso.

Em meio a este processo de construção memorialista através de discursos biográficos que acabaram por construir representações que se consolidaram no imaginário social, ocorreram paralelamente processos de apropriação da imagem de Leocádio José Correia em diferentes campos sociais, sendo um deles o das religiões mediúnicas. Estudar as apropriações e representações que diferentes grupos espíritas desenvolveram a respeito do personagem é o terceiro eixo de abordagem desta tese.

<sup>51</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. p. 102.

<sup>52</sup> FOUCAULT, 2004, p. 55.

A doutrina espírita se desenvolveu na França, na segunda metade do século XIX, a partir de estudos experimentais de Denizard Hippolyte Léon Rivail. Nascido em Lyon no ano de 1804, formou-se pedagogo com o mestre Jean-Henri Pestalozzi, um educador liberal e protestante inspirado nas doutrinas de Rousseau. Na década de 1850, radicado em Paris, Rivail entrou em contato pela primeira vez com os fenômenos das *mesas girantes e falantes*, que eram procurados nos salões europeus por curiosos em busca de divertimento ou de alguma mensagem de espíritos que supostamente se comunicavam através de pancadas e movimentos nas mesas. Em 1856, Rivail aceitou, com certo ceticismo, estudar alguns cadernos de comunicações obtidas nessas sessões, a pedido de amigos que estavam convencidos da veracidade dos fenômenos de comunicação entre mortos e vivos. Nesse contexto o pedagogo rendeu-se aos fenômenos observados e a partir da revelação recebida de um espírito adotou o pseudônimo Allan Kardec, que teria sido seu nome em uma encarnação anterior, quando teria vivido na Gália, na época dos druidas.<sup>53</sup>

Em 1857, Allan Kardec publicou a primeira obra resultante das comunicações espirituais, organizada na forma de perguntas e respostas, na qual declarava que a nova doutrina era revelada pelos espíritos, tornando-se assim conhecido como o *codificador do espiritismo*. Já na introdução da obra Allan Kardec explicava a necessidade de um novo termo para designar a nova doutrina:

Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez da palavra espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria.<sup>54</sup>

Observa-se, assim, a necessidade de Kardec em diferenciar a nova doutrina que era organizada a partir da publicação de *O Livro dos Espíritos* de outras doutrinas espiritualistas que emergiram a partir do século XVIII e expandiram-se no século XIX na Europa e em outras localidades, como o swedenborguismo,<sup>55</sup> o mesmerismo<sup>56</sup> ou o espiritualismo americano<sup>57</sup>,

<sup>53</sup> AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro, os espíritos: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil**. Maceió: EDUFAL, 2009. p. 41-42.

<sup>54</sup> KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos: princípios da Doutrina Espírita**. 92. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2012. p. 15-16.

<sup>55</sup> Emanuel Swedenborg realizou experiências de contato com pessoas mortas e viagens em outros planos e dimensões espirituais a partir das quais criou uma nova doutrina encarada por muitos como religião, o swedenborguismo se expandiu por vários países europeus e pelos Estados Unidos. Para mais informações sobre Emmanuel Swedenborg e o swedenborguismo, indicamos: SILVA, Eliane de Moura. **O espiritualismo no século XIX**. Campinas, SP: UNICAMP, 1997. p. 10-15.

<sup>56</sup> Teoria desenvolvida por Franz Anton Mesmer, doutor em medicina da Faculdade de Viena, que chegou a Paris em 1778 convicto da existência de um fluido invisível que envolvia todo o universo e penetrava em todos os corpos. O mesmerismo e o magnetismo animal foram estudados por Robert Darnton. Ver: DARNTON, Robert. **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>57</sup> Em 1847 na cidade de Hydesville, nos Estados Unidos, os membros da família Fox passaram a vivenciar fenômenos de deslocamento de objetos, golpes e pancadas sobre os móveis e as paredes de sua casa sem nenhuma interferência



entre outras. Entretanto é necessário enfatizar que a doutrina espírita é fruto de sua época e dos estudos do pedagogo, que analisou e certamente se apropriou de várias ideias originárias dessas doutrinas espiritualistas, assim como das concepções científicas nas quais foi formado, como o positivismo. Tais elementos certamente contribuíram para que a nova doutrina negasse a existência de fenômenos sobrenaturais a partir de observações experimentais que poderiam ser explicadas racionalmente e fosse caracterizada a partir do tripé ciência-filosofia-religião. Os fundamentos da doutrina espírita foram organizados por Allan Kardec em cinco obras principais nas quais se encontram suas bases filosóficas, científicas e religiosas. Além de *O Livro dos Espíritos*, publicado em 1857, seguiram-se a publicação de *O Livros dos Médiuns*, em 1861; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em 1864; *O Céu e o Inferno*, em 1865 e *A Gênese*, em 1868.

O espiritismo francês foi introduzido no Brasil já na segunda metade do século XIX a partir das obras de Kardec, que eram lidas por indivíduos cultos das camadas mais eruditas da elite, leitores da língua francesa, sendo que o primeiro grupo espírita do Brasil foi organizado em 1865, na Bahia.<sup>58</sup> Ao longo de sua inserção e consolidação no Brasil, como doutrina religiosa, filosófica e científica, o movimento espírita passou por frequentes tentativas de unificação e institucionalização. A principal delas se deu com a fundação da Federação Espírita Brasileira (FEB) em 2 de janeiro de 1884, na cidade do Rio de Janeiro, que mesmo com várias dissensões e conflitos internos tornou-se o principal órgão regulador e modelador das Federações Regionais e centros espíritas que se filiavam a ela.<sup>59</sup>

A doutrina espírita teve sua inserção no Brasil no mesmo momento de várias outras correntes de ideias originárias da Europa, como o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo e o liberalismo. No que diz respeito ao campo religioso pode-se dizer que fez parte de um movimento mais amplo de pluralização confessional marcado pelas missões protestantes históricas e os esforços de fortalecimento institucional por parte da Igreja Católica.<sup>60</sup>

A antropóloga Sandra Jaqueline Stoll aponta em seu estudo<sup>61</sup> que na França, onde eclodiu, prevaleceu o caráter científico da doutrina que Allan Kardec qualificou como científica,

---

física. As filhas do casal Fox, Margareth e Katie começaram a perceber que os golpes não eram aleatórios, sendo possível estabelecer contato com os espíritos produtores dos sons através de um código associando o número de batidas com as letras do alfabeto. O acontecimento deu origem ao movimento dos novos espiritualistas, que se espalhou inclusive pela Europa com os fenômenos das mesas girantes e falantes observadas por Kardec. Cf. MOURA, 1997, p. 24.

<sup>58</sup> O *Grupo Familiar do Espiritismo* foi fundado pelo ex-militar Luis Olímpio Teles de Menezes em 1865 e a partir de 1873 passou a chamar-se *Associação Espírita Brasileira*, na cidade de Salvador, na Bahia. No Rio de Janeiro, por sua vez, foi criado em 1873 o *Grupo Confucius*, que em 1875 foi responsável pelas primeiras traduções para a língua portuguesa das obras *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec. Cf. COSTA, Flamarion Laba da. **Demônios e anjos: o embate entre espíritas e católicos na República brasileira até a década de 60 do século XX**. Tese. (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001. p. 55-56.

<sup>59</sup> COSTA, 2001, p. 55-57.

<sup>60</sup> GIUMBELLI, Emerson. Espiritismo e medicina: introjeção, subversão, complementaridade. In. ISAIA, Artur Cesar (Org.). **Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p. 61.

<sup>61</sup> STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, 2003.

filosófica e religiosa, enquanto no Brasil se destacou a dimensão mística e religiosa desta doutrina. Ao inserir-se no universo religioso brasileiro o espiritismo francês precisou adaptar-se tanto ao contexto de hegemonia católica quanto a um universo religioso mediúnic já presente em terras brasileiras a partir das expressões religiosas de matriz africana e indígena e também de doutrinas espiritualistas como o mesmerismo e a homeopatia, das quais já se tinha notícia. A inserção do espiritismo no Brasil, portanto, se deu por meio de disputas simbólicas e conflitos no campo religioso brasileiro, sobretudo com a Igreja Católica, religião predominante no Brasil do século XIX e XX e religião oficial do país até 1889.

O antropólogo Émerson Giumbelli<sup>62</sup> desenvolveu seu estudo sobre a disseminação do espiritismo no Brasil concluindo que sua consolidação como doutrina predominantemente religiosa foi resultado de um contexto conflituoso do final do século XIX. A Constituição de 1889 garantia a liberdade de culto no Brasil, mas o Código Penal de 1890 passou a perseguir os praticantes de feitiçaria, magia e curandeirismo, considerados charlatães. Desta forma, os seguidores do espiritismo francês que antes defendiam seu caráter científico passaram a defender suas práticas como uma religião, como estratégia de defesa de possíveis processos judiciais ao mesmo tempo em que se diferenciaram do que era chamado à época de *baixo espiritismo*,<sup>63</sup> ou seja, dos cultos afro-brasileiros, buscando legitimar-se no campo religioso brasileiro.

Esta tese busca, portanto, trazer uma contribuição para a compreensão do *campo religioso* brasileiro, no qual diferentes grupos espíritas disputam a posse de *bens simbólicos* com outros integrantes deste campo, que podem ser neste caso outras instituições religiosas, como a Igreja Católica, ou mesmo outras instituições seguidoras da doutrina espírita ou de doutrinas espiritualistas que defendem concepções diferentes. A abordagem proposta nesta pesquisa parte de uma visão pouco explorada nos estudos sobre espiritismo no Brasil, geralmente centradas majoritariamente em regiões como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e São Paulo. Outra originalidade desta pesquisa está no fato de estudarmos um personagem pouco ou nada estudado nas análises sobre o espiritismo até este momento. Ressaltamos que se trata de uma tese produzida em uma instituição pública e laica, sendo que nosso compromisso é com a investigação histórica a partir de metodologias que compreendem, além de aspectos citados anteriormente, uma abordagem na área de história das religiões e religiosidades, na qual as práticas e crenças religiosas são compreendidas como construções históricas e estudadas em sua pluralidade. A partir deste lugar de produção de conhecimento histórico, compreendemos e demonstramos que existem, no Brasil, diferentes formas de ser espírita e de vivenciar esta expressão de religiosidade,

<sup>62</sup> GIUMBELLI, Emerson Alessandro. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

<sup>63</sup> A expressão *baixo espiritismo* caiu em desuso na atualidade, mas pode ser encontrada em textos de médicos, em análises sociológicas ou antropológicas do campo religioso, em sentenças policiais, em reportagens jornalísticas e nas declarações dos próprios agentes religiosos desde o final do século XIX, no contexto de implantação do Código Penal de 1890, até parte do século XX. Estava associada à expressão *falso espiritismo*, presente nos discursos dos próprios espíritas à época, que buscavam legitimar sua doutrina, diferenciando-a de outras práticas presentes no campo religioso brasileiro. Cf. GIUMBELLI, Emerson. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, v. 9, n.19, p. 247-281, 2003.



para tanto privilegiamos a compreensão que os próprios sujeitos estudados fazem dos fenômenos religiosos que vivenciam.

Os discursos produzidos ou apropriados no campo mediúnico acerca de Leocádio José Correia, portanto, podem ser compreendidos como uma tentativa de reconhecimento enquanto portador de *capitais simbólicos*, que fazem de cada grupo detentor ou não de poder dentro do campo religioso. O movimento espírita, portanto, também será compreendido e analisado a partir da noção de *campo*, no qual diferentes instituições se apropriaram ao longo do tempo dessas representações do personagem Leocádio José Correia e a partir delas desenvolveram práticas religiosas diversas.

Leocádio José Correia representa um caso que não é incomum no espiritismo brasileiro, o de médicos que ao *desencarnarem*, continuam desenvolvendo uma missão junto ao plano terreno, manifestando-se espiritualmente através de *médiuns* com o objetivo de realizar práticas relacionadas ao tratamento e cura de doenças físicas ou perturbações espirituais. Um dos casos mais conhecidos que podemos citar como exemplo é o do *Dr. Fritz*, que teria sido um médico alemão que viveu no século XIX e se manifesta espiritualmente através de vários médiuns no Brasil realizando cirurgias espirituais, inclusive com o uso de objetos como canivetes e facas de cozinha, alguns dos médiuns mais conhecidos por essas manifestações foram Zé Arigó e mais recentemente o pernambucano Edson Queiroz, que nasceu em 1950 e morreu em 1991.<sup>64</sup>

Outro caso que apresenta algumas semelhanças com o de Leocádio José Correia é o do médico brasileiro Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, também conhecido como *O Kardec Brasileiro* e *O Médico dos Pobres*. Natural da Província do Ceará, Bezerra de Menezes nasceu em 1831. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1851, quando ingressou na Faculdade de Medicina, onde formou-se em 1856. Teve inserção na política a partir dos anos 1860 como vereador e posteriormente deputado pelo Partido Liberal e manteve atividades intelectuais como publicações em periódicos. De formação católica, Bezerra de Menezes passou a estudar, divulgar e praticar o espiritismo depois que teve conhecimento da doutrina através de um exemplar de *O Livro dos Espíritos* e de vivenciar a cura de uma doença através das prescrições homeopáticas do médium receitista<sup>65</sup> João Gonçalves do Nascimento. Em 1886, declarou-se espírita publicamente, passou a escrever regularmente para o periódico espírita *O Reformador* e foi, inclusive, Presidente da FEB. Após sua morte, em 1900, vários relatos de suas manifestações espirituais também foram propagados.<sup>66</sup>

Casos como esses expressam parte das especificidades da doutrina espírita no Brasil, onde desde sua inserção foram desenvolvidas diferentes práticas voltadas à saúde e cura, nas quais acredita-se na intervenção dos médicos *desencarnados*, que prescrevem receitas através de médiuns receitistas, uma prática da qual se tem notícias pelo menos desde a década de 1870,

<sup>64</sup> AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 259.

<sup>65</sup> Os médiuns receitistas eram adeptos do espiritismo, médicos ou leigos, que inspirados pelo espírito de um médico já falecido, diagnosticava doenças e prescrevia um tratamento baseado em medicamentos.

<sup>66</sup> AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 149-156.

sendo que em 1899 a FEB montou um gabinete clínico onde atendiam cinco ou seis médiuns receitistas e no ano seguinte uma farmácia onde as receitas podiam ser aviadas.<sup>67</sup>

Outras práticas atribuídas a espíritos desencarnados que em sua última existência teriam sido médicos são as operações espirituais e cirurgias espíritas. Estas são mais recentes que as prescrições de receitas e se propõem como intervenções capazes de atingir dimensões internas do corpo humano, sendo que nas operações espirituais o enfermo é visitado por uma espécie de junta médica, composta por espíritos desencarnados, que atuam sobre o órgão debilitado provocando seu restabelecimento, essas operações podem ser realizadas em centros espíritas ou na própria residência ou mesmo num hospital onde esteja internado o doente, que pode receber uma visita espiritual em horário e dia determinado. As cirurgias espirituais, por sua vez, são práticas em que o corpo do doente é percorrido ou aberto por manipulações de um médium que estaria atuando sob a manifestação do espírito de um médico.<sup>68</sup>

Dentro de um sistema de representações de doença e cura na doutrina espírita as causas das enfermidades podem estar associadas a doenças cármicas, consequência de atitudes de vidas anteriores do espírito e resultado de uma necessidade de expiação de erros; perturbações cujas origens devem ser procuradas nas ações do próprio indivíduo na atual existência e as doenças causadas por terceiros, na qual o indivíduo pode ser vítima da influência de outros espíritos de baixo nível evolutivo, nesses casos diz-se que o indivíduo sofre de *obsessão*.<sup>69</sup>

O antropólogo Émerson Giumbelli defende que o espiritismo teria a possibilidade de produzir uma medicina própria, ou seja, um saber terapêutico correspondente à visão que possui sobre a vida humana e suas perturbações, que emanariam das condições da realidade espiritual, tendo em vista que o corpo físico é compreendido como sendo derivado de um fluido universal que é constituinte da mesma energia que constrói o universo e a realidade espiritual. Todo indivíduo permanece sob a ação desse fluido e o corpo sofre diretamente seus impactos, por ser constituído pela mesma natureza. Assim, se os eflúvios em torno do indivíduo são de boa natureza, o corpo tem uma impressão salutar, se são maus, o corpo tem más impressões. Dessa mesma forma acredita-se que um espírito, encarnado ou desencarnado, pode atuar de modo terapêutico mediante a emanação de bons fluidos sobre o doente.<sup>70</sup>

Dentro do sistema de práticas terapêuticas espíritas, as doenças consideradas cármicas são mais desfavoráveis a um processo de cura, já que os erros cometidos em vidas anteriores devem ser reparados na atual existência e as perturbações cármicas podem ser percebidas, assim, como uma oportunidade de evolução e redenção. Já as doenças ligadas à conduta do indivíduo na atual existência e aquelas atribuídas à ação de terceiros, contam com uma série de práticas entre as quais as mais difundidas são os passes, água fluidificada, preces, prescrições homeopáticas,

<sup>67</sup> GIUMBELLI, 2006, p. 287.

<sup>68</sup> Ibid., p. 291-292.

<sup>69</sup> AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 254.

<sup>70</sup> GIUMBELLI, 2006, p. 286.

desobsessão, entre outras práticas relacionadas às medicinas alternativas que mais recentemente vem sendo utilizadas em diferentes instituições espíritas.<sup>71</sup> Todas elas foram encontradas em nossa pesquisa, na qual relatamos a trajetória de alguns médiuns que, orientados por Leocádio José Correia, desenvolveram experiências diferentes em relação à mediunidade combinando alguns desses recursos de maneira diferenciada em cada grupo estudado.

O termo *movimento espírita* é utilizado comumente pelos espíritas para designar o conjunto de ações que o espiritismo abrange. Essas ações comportam um conjunto de lugares que podem ser compreendidos como espaços do contato com o sagrado: lares, centros espíritas, institutos culturais, laboratórios de pesquisa, associações profissionais, federações nacional e regionais, hospitais, asilos, orfanatos, imprensa e editoras etc.<sup>72</sup>

Ao longo de uma história de tentativas de unificação desse movimento, muitos indivíduos, grupos e instituições que se autocompreendem *espíritas* têm interpretações, orientações e práticas diferenciadas a respeito da mesma doutrina apreçada nas obras de Allan Kardec. A esse universo religioso, somou-se a *umbanda*, religião que surgiu nos anos 1930 a partir da combinação de elementos do espiritismo, do catolicismo, das tradições afro-brasileiras e indígenas. Em 1941, ocorreu um primeiro congresso que consagrou a existência da umbanda como religião. Poucos anos depois ocorreu a *Grande Conferência Espírita* organizada pela FEB e outras federações não ligadas a ela, mas que tinham em comum a doutrina de Kardec. Ao término da conferência foi assinado o *Pacto Áureo*, no dia 5 de outubro de 1949, que pretendeu unificar o movimento espírita em torno de práticas consideradas legítimas e acabou por definir certas fronteiras dentro de um campo religioso cada vez mais diversificado em relação às práticas mediúnicas.<sup>73</sup>

Em sua pesquisa, a antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti observou que frequentemente os espíritas kardecistas delimitam fronteiras entre suas práticas e aquelas desenvolvidas principalmente na umbanda: “Os grupos religiosos com que entrei em contato definem-se como espíritas. Adotando como referência doutrinária básica as obras codificadas por Allan Kardec, esses grupos vêem o Espiritismo como distinto de ‘outras formas de Espiritualismo’.”<sup>74</sup>

A autora cita anteriormente partiu da visão que os grupos estudados faziam de si mesmos, ou seja, das fronteiras e relações com as demais religiões, adotando a proposta de estudar o espiritismo como um sistema religioso próprio. Entretanto, os grupos estudados por Cavalcanti foram três centros espíritas e um instituto de cultura espírita no qual ocorriam palestras, um

<sup>71</sup> DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 256.

<sup>72</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 17.

<sup>73</sup> AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p. 197-199.

<sup>74</sup> CAVALCANTI, 1983, p. 8.

desses grupos não era filiado à FEB, no entanto, todos se reconheciam como espíritas e adotavam como referência para suas práticas as concepções de Allan Kardec.

Partiremos, neste trabalho, de um movimento inverso: nosso ponto de partida em relação ao espiritismo foi o de procurar médiuns que tivessem contato espiritual com o espírito Leocádio José Correia. Nesse percurso encontramos médiuns que desenvolveram práticas mais próximas da vertente kardecista, mas outros passaram a desenvolver práticas umbanditas. Assim, partimos também da autocompreensão que esses grupos ou médiuns fazem de sua vivência religiosa. Entretanto, o que verificamos é que embora existam sim, fronteiras entre os grupos com os quais entramos em contato, pudemos verificar também aspectos de continuidade entre suas práticas.

Assim, nos aproximamos da perspectiva defendida por Cândido Procópio de Camargo em seu estudo já clássico, de 1961.<sup>75</sup> O autor refere-se a *religiões mediúnicas*, utilizando este termo para designar formas de religiosidade bem diversas como a *umbanda* e o *kardecismo*. Apesar das diferenças entre essas várias formas, o autor defendeu que existe um *continuum mediúnico* que abarca desde as formas mais africanizadas da umbanda em um extremo até o kardecismo mais ortodoxo em outro extremo, há entre esses dois extremos modalidades intermediárias que se organizam e combinam incontáveis maneiras ritualísticas e doutrinárias que têm em comum a experiência mediúnica, que constitui o foco central da vivência religiosa em todo o *continuum*, apesar das diferenças de estilo e de ênfase nos seus polos<sup>76</sup>: “O ‘continuum’ que estudamos constitui, a nosso ver, um modo das pessoas viverem sua religião, um fato social, independente do direito a distinções e separações rígidas entre Kardecismo e Umbanda, como legitimamente fazem diversos umbandistas e kardecistas.”<sup>77</sup>

Camargo, constatou ao longo de sua investigação, que apesar do protesto de inúmeros kardecistas, a expressão *espírita* cobria todo o *continuum mediúnico*, ou seja, tanto kardecistas como umbandistas se reconheciam e se diziam *espíritas*, empregando o termo, inclusive, para denominar suas instituições.<sup>78</sup> Cavalcanti, por sua vez, ao partir da autocompreensão de grupos kardecistas, adotou a expressão *espírita*, para designar somente os kardecistas, pois eles mesmos, frequentemente impõem as fronteiras entre kardecismo e umbanda, afirmando que espíritas são os seguidores do espiritismo codificado por Kardec nas obras básicas, excluindo deste universo, os grupos que desenvolvem práticas mediúnicas em outras vertentes e rejeitando expressões como *kardecismo* ou *kardecista*, pois estas remeteriam à ideia de uma seita, fundada por um homem (Kardec), defendem, por fim, que o espiritismo não é isso, que a doutrina não é de Kardec, mas sim dos espíritos.<sup>79</sup>

<sup>75</sup> CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda**: uma interpretação sociológica. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

<sup>76</sup> Ibid., p. 83.

<sup>77</sup> Ibid., p. XIV.

<sup>78</sup> Ibid., p. 14.

<sup>79</sup> CAVALCANTI, 1983, p. 8.

Um dos autores que se opôs à ideia de *continuum mediúnico* entre kardecismo e umbanda foi Renato Ortiz, ao desenvolver seu estudo sobre a umbanda e a sociedade brasileira observou que existem os pontos de contato entre o que Camargo classificava como os dois polos do *continuum*, o principal deles seria a crença da presença dos espíritos no mundo material, mas é categórico ao afirmar que as semelhanças terminam aí e que os kardecistas procuram cuidadosamente não confundir os dois sistemas religiosos principalmente não admitindo os espíritos de caboclos e pretos-velhos dentro de suas práticas, considerando-os espíritos inferiores, enquanto na umbanda são considerados espíritos de luz.<sup>80</sup> Um dos relatos trazidos por Otiz em sua obra descrevia um caso considerado por ele exemplar:

Conhecemos em São Paulo uma ialorixá que praticava ao mesmo tempo os cultos umbandistas e kardecistas. Esta mulher, membro das classes médias, tinha iniciado sua vida religiosa no espiritismo kardecista, mas um dia seu filho caiu doente e ela não conseguia curá-lo na mesa. Sugeriram-lhe então que tentasse a Umbanda, o que ela recusou com veemência; entretanto, como a saúde do filho não melhorava, apesar da repugnância que tais ritos lhe inspiravam, decidiu-se a consultar um pai-de-santo. Para seu grande espanto, a cura foi rápida; a partir deste dia ela teve portanto que levar em consideração um novo jogo de forças sagradas. Ainda hoje ela conserva uma certa reticência em praticar o culto umbandista, mas se consagra uma vez por semana à prática de cada religião em particular. Não existe porém interferência ou sincretismo religioso, mas simplesmente justaposição de cultos diferentes. Os espíritos mais evoluídos do kardecismo não se misturam aos espíritos retrógrados da Umbanda; por esta razão as sessões são separadas no tempo e no espaço. Como os médiuns que trabalham na mesa são os mesmos que frequentam o terreiro, acontece algumas vezes de um preto-velho enganar-se no caminho e descer numa sessão kardecista. Nesse momento a dirigente espiritual lhe explica cordialmente que ele confundiu os dias, e lhe pede polidamente para se retirar!<sup>81</sup>

O autor é categórico ao opor-se a Candido Procópio Ferreira de Camargo, afirmando que somente pelo fato de umbanda e kardecismo serem religiões mediúnicas não significa que elas sejam componentes de um mesmo continuum religioso.

Nesta tese, ao apresentar médiuns que se identificaram como orientados por Leocádio José Correia ao longo de sua trajetória mediúnica, buscaremos identificar elementos que expressam um caráter de continuidade entre kardecismo e umbanda, mas apontando também os elementos que distanciam os dois sistemas a partir da representação de Leocádio José Correia como espírito superior e mentor espiritual em diferentes instituições que se identificam como parte desses sistemas.

Para nos referirmos a diferentes práticas mediúnicas adotadas pelos grupos, instituições e médiuns que ao longo da pesquisa foram identificados ou se identificaram como *espíritas* utilizaremos as expressões *espiritismo kardecista*, ou somente *kardecismo* e *kardecista*, e

---

<sup>80</sup> ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 96.

<sup>81</sup> *Ibid.*, p. 96.

*espiritismo de umbanda*, ou somente *umbanda* e *umbandista*.<sup>82</sup> Os termos são utilizados com a intenção de apresentar práticas apreendidas a partir de relatos orais, buscando demonstrar as diferenças e continuidades entre os grupos que apresentaram em comum a manifestação do espírito Leocádio José Correia, reconhecido por todos eles como um espírito superior ou um mentor espiritual que acompanha médiuns e instituições, orientando-os e atribuindo-lhes missões.

O termo *movimento espírita* será utilizado para identificar um amplo conjunto de práticas e representações envolvendo o personagem Leocádio José Correia no universo mediúnico brasileiro e não se remetem exclusivamente a grupos ligados à FEB e suas afiliadas regionais, mas contemplam práticas que não estiveram ligados a esta instituição ao longo de sua trajetória, ou que tenham se ligado a ela por algum espaço de tempo.

Para a construção desta tese, como se pode observar, partimos de um recorte cronológico que leva em consideração a produção de imaginários e representações na longa duração. Partiremos da vida de Leocádio José Correia, na segunda metade do século XIX e abordaremos as construções memorialísticas e as chamadas manifestações espirituais do personagem, ambas iniciadas ao final do século XIX e com continuidade ao longo de todo o século XX, chegando, inclusive à atualidade. O objetivo não é, entretanto, tratar de todo o período de maneira contínua e contextual, mas perceber as transformações e permanências da figura do personagem ao longo do tempo, destacando alguns momentos de sua trajetória histórica e outras ocasiões cruciais na produção de memórias, práticas e representações. Nesse percurso, a multiplicidade de fontes foi imprescindível para a construção histórica pretendida.

Dessa forma, no primeiro e segundo capítulo desta tese nos dedicamos a realizar uma reconstrução biográfica de Leocádio José Correia levando em consideração as análises teóricas já expostas anteriormente. Esse exercício só foi possível a partir da pesquisa em jornais e documentos disponíveis em bibliotecas e arquivos do estado do Paraná. Na Biblioteca Pública do Paraná, foi possível ter acesso a discursos de Leocádio José Correia pronunciados entre 1880 e 1885 e a textos literários de sua autoria sobre a semana santa intitulado *Dois Páginas sobre o Drama da Redenção*, publicados em 1899 e 1901, respectivamente.

Na Biblioteca Romário Martins, do Museu Paranaense, foi disponibilizada a maior parte dos periódicos paranaenses do século XIX consultados, entre os anos de 1874 e 1886, período em que Leocádio José Correia atuou profissional e politicamente na Província do Paraná. Entre

---

<sup>82</sup> Ao utilizar as expressões *espiritismo kardecista* ou *kardecismo* e *espiritismo de umbanda* ou simplesmente *umbanda*, seguimos alguns pesquisadores da área de ciências humanas que fizeram uso dessas expressões para diferenciar vertentes que se identificam pela prática mediúnica, tais como: Artur Cesar Isaia, Bernardo Lewgoy, Cândido Procópio Ferreira de Camargo e Sandra Jacqueline Stoll.



os periódicos constaram principalmente o *Dezenove de Dezembro*,<sup>83</sup> a *Gazeta Paranaense*<sup>84</sup> e o *Paranaense*,<sup>85</sup> nos periódicos foi possível ter acesso a textos jornalísticos envolvendo o personagem em sua atuação pública enquanto médico, político e intelectual, além de cartas publicadas no período e documentos oficiais.

No Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, foi possível o acesso a alguns números do jornal *O Itiberê* do ano de 1883, alguns discursos de Leocádio José Correia em sessões magnas do *Club Litterario* nos anos de 1882, 1883, 1884 e 1885, publicados pela tipografia do *Club* e alguns documentos que pertenceram a Leocádio José Correia, como um livro de correspondências oficiais da Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá nos anos de 1885 e 1886, um registro de escravos do ano de 1880, um caderno de anotações, uma carta pessoal enviada à esposa Carmela Cysneiros Correia e algumas fotografias da família Correia.

No Museu Paranaense foi disponibilizada a tese de Leocádio José Correia e alguns outros documentos, como a sua nomeação para agente do Museu Paranaense na cidade de Paranaguá. Todo esse corpo documental foi complementado por alguns números e títulos de jornais consultados no sítio da Hemeroteca Digital Brasileira, por relatórios de Presidentes da Província do Paraná, Leis e Decretos do período.

A partir dessas fontes, foi possível traçar diferentes facetas da trajetória pública de Leocádio José Correia, entre as fontes documentais mais acessadas estão os periódicos citados anteriormente, nos quais realizamos a busca pelo nome do personagem ou pelos cargos ocupados por ele ao longo de sua vida, após este primeiro levantamento foi realizado o cruzamento cronológico entre as diferentes publicações e os outros documentos encontrados, que nos

---

<sup>83</sup> O *Dezenove de Dezembro* foi o primeiro periódico da Província do Paraná, seu primeiro número foi publicado em 01 de abril de 1854, poucos meses após a emancipação do Paraná e sua transformação em Província. O proprietário do jornal era Candido Martins Lopes, que havia se instalado no Paraná a pedido de seu primeiro presidente, Zacarias de Vasconcelos. Após seu falecimento, em 3 de janeiro de 1872, o jornal passou a ser propriedade da viúva e de seus filhos, até 23 de setembro de 1884, quando Jesuino da Silva Lopes passou a ser seu proprietário e editor. Desde sua criação os editores e proprietários fizeram questão de apregoar que a publicação tinha neutralidade político partidária e permaneceu por muito tempo sendo a folha oficial da Província, onde eram publicadas as correspondências oficiais, decretos, leis e atas da câmara provincial, além de outros documentos oficiais. A partir de 5 de setembro de 1885, entretanto, essa característica mudou drasticamente, pois o jornal se fundiu ao periódico *Província do Paraná* e passou a ser declaradamente Órgão do Partido Liberal da Província e seus proprietários Jesuino Lopes e Pinheiro. Esse fato demonstra que antes o jornal já tinha uma orientação liberal, mas que só a partir desta data, ao se fundir a outro periódico liberal, declarou publicamente sua orientação, que pode claramente ser percebida no teor de várias publicações que traziam críticas contundentes aos políticos conservadores da província, como pudemos perceber ao acompanhar a trajetória política de Leocádio José Correia. Não foi possível precisar, entretanto desde quando ocorreu essa preferência política por parte dos editores e proprietários do periódico, tendo em vista que nas década de 1870, período em que inicia o recorte temporal de nossa pesquisa no jornal, este parecia assumir um posicionamento realmente muito mais neutro, em 1885, entretanto, percebemos claramente a preferência política liberal, sobretudo em dois casos específicos envolvendo o personagem Leocádio José Correia citados nos dois primeiros capítulos desta tese: o caso da possível expulsão dos doentes da Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá, em 1885, na qual o jornal colocou-se abertamente contra o personagem afirmando sua incompetência e até sua maldade, além do caso conflituoso com o Professor Cleto, quando o jornal partiu em defesa do professor e afirmou que Leocádio José Correia o perseguia politicamente por sua ligação familiar e política com a família Correia e o Partido Conservador. Cf. CORRÊA, Amélia Siegel. **Imprensa e política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX.** Dissertação. (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. p. 34.

<sup>84</sup> O jornal *Gazeta Paranaense* passou a ser publicado em 1876 como Órgão do Partido Conservador da Província.

<sup>85</sup> O jornal *O Paranaense* passou a ser publicado em 1878 como Órgão do Partido Conservador.

permitiram reconstituir parte do contexto histórico e dos *campos* nos quais o personagem esteve inserido e desenvolveu seu *habitus*.

Nos capítulos três e quatro nos apropriaremos dos conceitos de *atos de memória*, *traços* e *lugares de memória* como categorias para pensar a produção de escritas biográficas, discursos e atos de comemoração acerca do personagem Leocádio José Correia. Embora carreguem semelhanças entre si, os três conceitos serão utilizados para pensar algumas distinções entre os momentos e condições de produção das diversas narrativas e comemorações realizadas.

Dessa forma, no capítulo três pensamos nas primeiras narrativas comemorativas em homenagem a Leocádio José Correia publicadas em jornais da Província do Paraná logo após seu falecimento, assim como os rituais fúnebres e atos comemorativos, também noticiados em jornais, como *atos de memória coletiva* compartilhados por diferentes grupos naquele momento histórico. Os referidos atos de memória foram construídos por indivíduos que tiveram algum tipo de relação com o personagem e após sua morte construíram narrativas a respeito de sua vida a partir de sua experiência pessoal com o biografado, assim, avaliamos que houve um processo de transformação das *memórias propriamente ditas* em *metamemórias* que passaram a ser compartilhadas por determinados grupos e possivelmente rejeitadas por outros. Os jornais consultados para essas análises também foram disponibilizados pela Biblioteca “Romário Martins”, do Museu Paranaense e pelo sítio da Hemeroteca Digital Brasileira.

Além da publicação desses primeiros textos biográficos e demais comemorações que se seguiram ao funeral de Leocádio José Correia, detectamos ainda no final do século XIX e ao longo do século XX, a publicação de uma série de textos biográficos produzidos por diferentes autores em momentos distintos. Os primeiros deles foram publicados em 1899 e 1900 pela tipografia Correia e Companhia, cujos proprietários eram a Baronesa do Serro Azul, Manoel F. Ferreira Correia e Leocádio Cysneiros Correia. A primeira, irmã e o último, filho do biografado, que contava com 10 anos de idade quando o pai faleceu. As biografias serviram de prólogo à publicação de cinco discursos de Leocádio José Correia entre 1880-1885 e de dois textos sobre a Semana Santa de autoria do mesmo, intitulados de *Duas Páginas sobre o Drama da Redenção*, publicações disponíveis na Biblioteca Pública do Paraná.

Distanciando-nos um pouco mais do falecimento do personagem, foram identificados outros escritos biográficos publicados em diferentes meios. Ainda no capítulo três serão analisados dois deles: um publicado pela *Revista Cruzada*, em 1919, outro pela *Revista O Itiberê*, em 1922, ambas disponíveis na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. A análise desses textos biográficos buscará demonstrar, ao longo do capítulo, o processo de transformação dos primeiros *atos de memória coletiva* compartilhados entre os indivíduos *próximos* a Leocádio José Correia durante os rituais fúnebres do personagem em *traços*, que servirão de base para a escrita das biografias escritas no final do século XIX e início do século XX. Buscaremos demonstrar ainda, no terceiro capítulo, como essas narrativas biográficas junto àquelas produzidas durante os



rituais fúnebres constituíram discursos fundadores, que construíram memórias e representações que foram continuamente apropriadas e repetidas ao longo do século XX.

No capítulo quatro, serão analisadas produções biográficas de três autores na segunda metade do século XX, autores que não compartilharam do mesmo espaço-tempo de Leocádio José Correia e que, portanto, produziram suas narrativas a partir dos *traços*, ou seja, das narrativas anteriormente analisadas, além de documentos pessoais e históricos, que se constituíram também em *traços* para a produção desses outros *lugares de memória*. São eles: uma biografia escrita por Dirceu de Lacerda publicada na Revista Médica do Paraná, em 1943, adaptada para um programa de rádio e posteriormente publicada no livro *Coisas Nossas*, publicação da Prefeitura Municipal de Paranaguá, em 1966 e reeditada mais uma vez pela Federação Espírita do Paraná (FEP), em 1967. Os escritos de Valério Hoerner Junior, bisneto de Leocádio José Correia, que publicou uma série de reportagens no jornal Correio de Notícias durante o ano de 1977, transformadas posteriormente em dois livros nos anos de 1977 e 1979 e reeditados nos anos de 2000 e 2007 pela Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE). Por fim, a biografia na forma de romance biográfico e de ficção, publicada no ano de 1995, escrita por Rubens Correa, integrante do Centro de Letras do Paraná e também médium espírita. Essas publicações foram reunidas para análise em um único capítulo por terem em comum, além da questão temporal já mencionada, o fato de demonstrar um processo de apropriação das representações de Leocádio José Correia pelo movimento espírita.

No quinto capítulo, o principal intuito será a apreensão das representações de Leocádio José Correia dentro do campo espírita e a identificação de algumas práticas significativas de diferentes expressões da religiosidade espírita a partir do personagem. Recorreremos, para isso, principalmente à história oral, definida por Alessandro Portelli como:

uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma.<sup>86</sup>

Ao longo da trajetória de pesquisa buscamos por médiuns que tiveram em comum o fato de serem orientados pelo mesmo mentor espiritual, Leocádio José Correia. O primeiro médium ao qual tivemos acesso para a realização de entrevista foi Maury Rodrigues da Cruz, fundador e presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas. A partir dele, soubemos da experiência de outras duas médiuns paranaenses já falecidas: Balduína Maria Lobo de Andrade e Lídia Kuster Schützler, para ter acesso a suas experiências de religiosidade buscamos por pessoas que conviveram com elas para que nos oferecessem relatos de suas práticas mediúnicas. Assim,

<sup>86</sup> PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto História**, v. 15, p. 13-49, 1997. p. 15.

entrevistamos a senhora Euricléia Pereira Lobo, neta de Balduína Maria Lobo de Andrade e as senhoras Maria da Paz Ribeiro e Isaura Sousa Lisboa, médiuns frequentadoras da Sociedade Espírita Leocádio José Correia e que realizaram trabalhos mediúnicos junto a Lídia Kuster Schützler.

Em conversa com algumas outras médiuns da Sociedade Espírita Leocádio José Correia, foram relatadas informalmente algumas práticas desenvolvidas por Rubens Corrêa, médium na Sociedade Espírita *Os Mensageiros da Paz*. Tendo em vista que este também já havia falecido, buscamos por médiuns da Sociedade Espírita *Os Mensageiros da Paz* para que pudessem nos auxiliar com a pesquisa, sendo que Ranka Diríagem Sandino da Gama, médium que participou do grupo coordenado por Rubens Corrêa e orientado por Leocádio José Correia nos concedeu um depoimento relatando os trabalhos mediúnicos realizados.

Foi possível ainda, através de buscas realizadas na internet, acessar a existência de centros umbandistas que desenvolveram práticas de saúde e cura orientados por Leocádio José Correia. Um deles é o Centro Espiritualista Maria Bueno, fundado pela médium Ana Fernandes dos Santos, que orientada por Leocádio José Correia realizava operações espirituais. Sua filha, Maria Helena Machado, e seu neto Everaldo Jeferson Machado Gimenez, concederam um depoimento relatando as práticas desenvolvidas pela médium, falecida no ano de 2003. Outra instituição que desenvolve práticas de umbanda é a Fraternidade Peregrino da Luz (Frapel), fundada pela médium Ledir Avani Machado Volpi, que também desenvolve na atualidade práticas de operações espirituais orientada por Leocádio José Correia, procuramos a instituição e a própria médium concedeu um relato de sua experiência mediúnica.

Os médiuns citados nesta pesquisa, portanto, não constituem a totalidade de experiências mediúnicas envolvendo o personagem Leocádio José Correia, visto que uma abordagem desse tipo não seria possível dentro dos limites temporais de uma pesquisa de doutorado. Essas experiências foram acessadas a partir de relatos de alguns médiuns que indicaram outros, já que essas experiências não haviam sido documentadas anteriormente da forma que propomos nesta tese.

A partir dos depoimentos, apresentaremos a trajetória desses seis médiuns buscando demonstrar como o conceito de *mediunidade* e as características que se espera que os médiuns desenvolvam se encontram presentes nessas narrativas. Demonstraremos também como, a partir da representação de Leocádio José Correia como espírito superior, resultaram práticas de cura desenvolvidas pelos médiuns em diferentes instituições. Para tanto, preparamos um roteiro de questões para a realização de todas as entrevistas, com o qual buscamos saber como se deu o desenvolvimento da mediunidade dos médiuns que desenvolveram atividades orientadas por Leocádio José Correia, como ocorreram os primeiros contatos desses médiuns com o espírito do médico e quais tipos de práticas mediúnicas foram desenvolvidas no âmbito da cura física e espiritual a partir desse contato mediúnico, o que correspondia a determinado tipo de mediunidade desenvolvido por cada um dos médiuns. Em quatro das entrevistas realizadas acabamos por não

seguir o roteiro de maneira formal e rígida, já que ao me apresentar e relatar aos depoentes o tema e principais objetivos da pesquisa eles mesmos foram relatando suas experiências, de modo que algumas perguntas foram realizadas somente para complementar sua fala com as informações que julgávamos necessárias, nesses casos o gravador foi ligado quando a conversa já estava ocorrendo, tendo em vista que o objetivo inicial era me apresentar aos depoentes antes do início da gravação e solicitar sua autorização para o uso do gravador. Em três casos o roteiro foi seguido de maneira mais formal com a realização das perguntas e a resposta dos entrevistados, sendo essas entrevistas um pouco mais objetivas.

Buscamos com isso analisar, principalmente, quais as principais representações e práticas desenvolvidas por indivíduos e instituições e nesse sentido a história oral é imprescindível, pois nosso intuito não é desvendar uma verdade objetiva por trás dos relatos orais, mas justamente adentrar o campo da subjetividade, da memória, do discurso e do diálogo que Alessandro Portelli demonstrou serem hoje objetos da história oral:

Nosso problema não se limita a aliar nosso compromisso como historiadores à objetividade daquilo ‘que realmente aconteceu’ nem à nossa consciência pós-moderna de que, na realidade, jamais chegaremos realmente a descobri-lo. Também estamos cientes, a esta altura, de que muito aconteceu na mente das pessoas, em termos de sentimentos, emoções, crenças, interpretações – e, por esse motivo, até mesmo erros, invenções e mentiras constituem, à sua maneira, áreas onde se encontra a verdade.<sup>87</sup>

Em perspectiva semelhante estão as ideias de Janaina Amado, quando afirma que as entrevistas podem e devem ser utilizadas por historiadores como fontes de informações, tratadas como quaisquer outros documentos históricos, submetidas a comprovações e análises, entretanto existe inerente a essas fontes uma dimensão simbólica que os historiadores têm obrigação de conhecer e estudar:

A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm. Negligenciar essa dimensão é revelar-se ingênuo ou positivista. Ignorá-la, como querem as concepções tradicionais da história, relegando a plano secundário as relações entre memória e vivência, entre tempos, entre indivíduos e grupos sociais e entre culturas, é o mesmo que reduzir a história a uma sucessão de eventos dispostos no tempo, seccionando-a em unidades estanques e externas; é o mesmo que imobilizar o passado nas cadeias do concreto, do ‘real’, em que, supostamente, residiria sua ‘verdadeira natureza’, que caberia aos historiadores ‘resgatar’ para a posteridade.<sup>88</sup>

<sup>87</sup> PORTELLI, 1997, p. 25.

<sup>88</sup> AMADO, Janaina. O Grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *Revista de História Universidade Estadual Paulista*, v. 14, p. 125-136, 1995. p. 135.

Além das entrevistas registradas a partir da metodologia da história oral em uma perspectiva temática, recorreremos também a documentos próprios das instituições religiosas pesquisadas, a maioria cedida pelos próprios depoentes, assim como a algumas notícias de manifestações espirituais encontradas em periódicos consultados no Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, na Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes e na Hemeroteca Digital Brasileira.

## 1 RUMO À MISSÃO HIPOCRÁTICA

*Aplicar os tratamentos para ajudar os doentes conforme minha habilidade e minha capacidade, e jamais usá-los para causar dano ou malefício. [...] Em pureza e santidade guardar minha vida e minha arte. [...] Nas casas em que ingressar apenas socorrer o doente, resguardando-me de fazer qualquer mal intencional, especialmente ato sexual com mulher ou homem, escravo ou livre. Não relatar o que no exercício do meu mister ou fora dele no convívio social eu veja ou ouça e que não deva ser divulgado, mas considerar tais coisas como segredos sagrados. Então, se eu mantiver este juramento e não o quebrar, possa desfrutar honrarias na minha vida e na minha arte, entre todos os homens e por todo o tempo; porém, se transigir e cair em perjúrio, aconteça-me o contrário.*

Juramento de Hipócrates

Neste capítulo, o principal objetivo é apresentar o personagem Leocádio José Correia em sua trajetória educacional e profissional. A reflexão a respeito de seu contexto histórico se faz presente para elucidar aspectos de sua formação e das escolhas realizadas ao longo do percurso que o conduziram ao exercício da medicina. No contexto em que o personagem esteve inserido a atuação médica no Brasil estava sendo redefinida, há poucas décadas as antigas Academias Médico-Cirúrgicas do Império, localizadas na Bahia e no Rio de Janeiro, haviam sido transformadas em Faculdades de Medicina e passaram a seguir o modelo da Faculdade de Medicina de Paris; as grandes epidemias, tais como a de febre amarela, eram um dos escassos momentos no qual se evidenciava a manifestação do Estado nas questões da saúde, quando eram direcionadas verbas para tratamento de doentes e intervenções no espaço das cidades, além de colocar aos poucos médicos disponíveis um desafio e uma *missão higienista*; as instituições hospitalares existentes nas principais cidades eram obras de entidades filantrópicas e recebiam auxílios parcos do Estado, sendo insuficientes para atender a totalidade da demanda da população, como era o caso da Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá.

Diante desse contexto emerge a figura do *médico missionário*,<sup>89</sup> na qual se insere Leocádio José Correia. O médico do século XIX assumia múltiplas funções em vista de sua posição social e de seu alto grau de instrução. No que concerne especificamente à área médica, atendia nos consultórios particulares, era chamado nas residências a qualquer hora do dia ou da noite, estava nas enfermarias das Santas Casas e atuava nas questões de higiene das cidades, sobretudo nos momentos epidêmicos. Como o número de médicos era reduzido e não existia serviço público para atendimento da totalidade da população, os mais pobres acabavam procurando majoritariamente os práticos, curandeiros que passavam a ser vistos como *charlatães*. Uma das estratégias adotadas pelos médicos para que a população não procurasse os práticos e para que ocupassem o papel dos responsáveis pela ciência e saber médico era de eles mesmos atenderem aos pobres gratuitamente em suas clínicas particulares ou casas de saúde, sendo que em alguns casos o atendimento a pobres nas cadeias, Santas Casas ou nos períodos epidêmicos

<sup>89</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 198.

eram ressarcidos pelo Estado, mesmo que essa remuneração constantemente fosse paga com atraso e não suprisse os honorários médicos normais.<sup>90</sup> Várias dessas atividades exercidas por Leocádio José Correia em seu contexto contribuíram para construir em torno de si imaginário e representações que perduram até a atualidade e que são objeto de discussão nesta tese.

## 1.1 TEMPO E ESPAÇO, FAMÍLIA E SOCIEDADE

Leocádio José Correia nasceu em Paranaguá no dia 16 de fevereiro de 1848, era filho de Manoel José Correia e Gertrudes Antônia da Costa Pereira. Seu pai, Manoel José Correia era português, mudou-se para Paranaguá a pedido de seu tio, Manoel Francisco Correia,<sup>91</sup> para o casamento arranjado com Gertrudes, filha de Leocadia Antonia Pereira da Costa e Manoel Antônio Pereira, este por sua vez, patriarca da família Pereira,<sup>92</sup> que figurava entre os mais abastados da cidade entre os anos de 1820 e 1857, como a quinta maior fortuna de Paranaguá.<sup>93</sup> O casamento de Manoel José Correia e Gertrudes Antônia da Costa Pereira, portanto, representou a união de duas das principais famílias parnanguaras do século XIX, o enlace ocorreu em 22 de setembro de 1841 e dele nasceram nove filhos, dois falecidos ainda bebês. Entre os filhos do casal, o terceiro foi Leocádio José Correia.<sup>94</sup>

Em 1848, quando nasceu, Paranaguá compunha a Comarca de Curitiba, ainda subordinada à Capitania de São Paulo. A comarca contava com 2 cidades: Curitiba e Paranaguá; sete vilas: Guaratuba, Antonina, Morretes, São José dos Pinhais, Príncipe (Lapa), Santo Antônio do Iapó (Castro) e Guarapuava; seis freguesias: Campo Largo, Palmeira, Ponta Grossa, Jaguariaíva, Tibagi e Rio Negro e quatro capelas curadas: Guaraqueçaba, Iguazu (Araucária, antiga Tindiqüera), Votuverava e Palmas.<sup>95</sup>

O historiador Antonio Vieira dos Santos registrou em 1850 em sua obra *Memória Histórica de Paranaguá*<sup>96</sup> as Igrejas e edifícios públicos presentes na cidade de Paranaguá de então, o que nos permite ter a dimensão desta cidade onde nasceu Leocádio:

<sup>90</sup> SIQUEIRA, Márcia Teresinha Andreatta Dalledone. **Saúde e Doença na Província do Paraná (1853-1889)**. Tese. (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1989. p. 50.

<sup>91</sup> Manoel Francisco Correia também era português, nascido em São Pedro de César, patriarca da família Correia de Paranaguá, conhecido como *Correia Velho*.

<sup>92</sup> Manoel Antônio Pereira foi o último capitão-mor de Paranaguá. Tomou posse no cargo em 22 de abril de 1815 e permaneceu nele até a sua extinção. Em seguida, por portaria de 28 de agosto de 1835, assinada pelo Vice-Presidente da Província de São Paulo, Francisco Antônio de Sousa Queirós, o então Capitão-mor foi nomeado prefeito da Vila de Paranaguá e em ato solene realizado pela Câmara tomou posse como primeiro prefeito de Paranaguá, no dia 7 de setembro de 1835.

<sup>93</sup> FREITAS, Waldomiro Ferreira de. **História de Paranaguá: das origens à atualidade**. Paranaguá: IHGP, 1999. p. 179-180.

<sup>94</sup> HOERNER JUNIOR, Valério. **A vida do Dr. Leocádio**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espiritas, 2007. p. 32.

<sup>95</sup> MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. p. 409.

<sup>96</sup> Reeditada em por ocasião das comemorações alusivas ao Tricentenário de Paranaguá, em 1948 e reeditada novamente em 2001 pelo Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, por ocasião da passagem de seus setenta anos.

Tem a Cidade uma magnífica casa da **Câmara**, obra de cantaria e reedificada no ano de 1844 com muito asseio, com o auxílio de um conto de réis que a Assembléia Provincial por Lei de 30 de março do mesmo ano mandou dar para os reparos da cadeia. O **colégio** dos antigos jesuítas onde está a alfândega e o quartelamento da tropa de 1ª linha e guarda nacional; além destes há mais as casas **Maçônica**, do **Baile da Amizade**, da **Pólvora**, e o **Hospital da Santa Casa da Misericórdia** e **Teatro Filarmônico Paranaense**, o **Arsenal da Marinha** e as igrejas: **Matriz**, **Ordem 3ª**, **capelinha do Senhor Bom Jesus e a de S. Benedito**.<sup>97</sup>

O município de Paranaguá era dividido em dois distritos: o que pertencia à Cidade tinha vinte quarteirões<sup>98</sup> e o distrito de Guaraqueçaba tinha doze.<sup>99</sup> Antonio Vieira dos Santos salientava em sua obra que não era possível saber exatamente os dados estatísticos da Cidade e seu Município, pois os Inspetores dos quarteirões, ou mesmo os chefes de famílias nunca manifestavam no assentamento todas as pessoas de suas casas,<sup>100</sup> mas a estimativa que se fazia no ano de 1844 era de cinco mil habitantes para os cinco primeiros quarteirões (os quatro que faziam parte da cidade mais o Rocio Grande e o Rocio Pequeno). A partir dos dados estatísticos de 1849 estimava-se uma população de sete mil habitantes em todo o primeiro distrito<sup>101</sup>.

Era um período em que o comércio florescia na cidade e dava impulso a construção de novos edifícios e reforma de outros. No ano de 1845 contava-se 497 prédios urbanos na cidade, sendo 449 casas térreas e 48 sobrados, decorridos cinco anos, observava-se o crescimento deste número para um total de 557 edifícios em 4 de janeiro de 1850, sendo 494 casas térreas e 63 sobrados.<sup>102</sup> Tais construções estavam distribuídas nas 10 ruas principais e 8 travessas que compunham a cidade,<sup>103</sup> que hoje fazem parte do centro histórico de Paranaguá. Conforme os relatos de Vieira dos Santos, as ruas eram quase todas em linha reta com algumas curvaturas, nem todas calçadas de pedra, mas seu terreno de saibro duro mantinha-as sempre enxutas, bem limpas e asseadas, apesar de chuvas constantes, nelas havia trinta e seis lampiões que eram acendidos nas noites escuras.<sup>104</sup>

Por ser uma cidade portuária, os moradores de Paranaguá tinham constante contato com estrangeiros que ali aportavam. Eram descritos pelo português Vieira dos Santos como “muito urbanos, joviais, hospitaleiros, caprichosos, no bom gosto e asseio de suas pessoas e famílias e

<sup>97</sup> SANTOS, Antonio Vieira dos. **Memória histórica de Paranaguá**. Curitiba: Vicentina, 2001. v. 2. p. 9-10.

<sup>98</sup> Dentro da Cidade havia quatro quarteirões designados: o 1º o quarteirão do Norte; 2º e 3º do centro; o 4º do Sul; e fora da Cidade: o 5º do Rocio Grande e Pequeno. Nestes cinco distritos inclusive a Cidade, no ano de 1844 estimava-se cinco mil habitantes, no ano de 1850 sete mil. Os outros distritos eram: o 6º da Costeira do Rocio e Rio Emboguaçu; 7º do rio Bocuí; 8º do rio do Ribeirão e Ilha do Toral; 9º rio das Pedras e Ilha do Teixeira; 10º costeira da Ponta Grossa e Boquera; 11º costeira de Peçaguera; 12º saco de Tamborotaca, 13º e Ilha da Cotinga e Rasa Seca; 14º rio de Taguare e Ilha do Valadares; 15º rio dos Almeidas; 16º rio dos Correias; 17º rio Grande do Groguaçu e suas ramificações; 18º rio dos Maciéis e a sua costeira; 19º Barra do Sul e rio Pirequê; 20º Ilha do Mel.

<sup>99</sup> SANTOS, 2001, p. 267.

<sup>100</sup> Ibid., p. 268.

<sup>101</sup> Ibid., p. 33-34.

<sup>102</sup> Ibid., p. 269. Conforme o autor, as informações estatísticas foram extraídas do livro de décimas.

<sup>103</sup> Ibid., p.13.

<sup>104</sup> Ibid., p. 13.



no interno de suas habitações”. Muitas das casas já eram mobiliadas como as da corte, os jovens da elite local se apuravam na gramática da língua nacional e muitos falavam francês e inglês fluentemente. Alguns se dedicavam à música e tocavam a flauta, o violão, a rabeca e outros instrumentos. As mulheres, ou como as qualificava o autor “as formosas damas paranaguenses” passavam a seguir os costumes da moda europeia, muitas dançavam e tocavam piano, sinais de distinção da elite local.<sup>105</sup>

Certamente, o autor se referia aos jovens das principais famílias locais: os França, os Cordeiro, os Correia, os Carneiro, os Machado Lima, os Matoso, os Laines, os Pereira, os Guimarães, os Ferreira, os Miranda, os Munhoz, os Pinheiro, os Salgado, os Bueno, os Rocha, os Viana e os Peniche.<sup>106</sup>

O historiador Romário Martins em sua obra *História do Paraná* traz também um panorama da comarca de alguns anos depois, no ano de 1853, quando a mesma foi elevada à categoria de Província do Paraná e portanto, quando Leocádio vivia sua primeira infância em Paranaguá. O autor nos informa que esta cidade era então mais importante comercialmente que Curitiba, certamente devido à sua localização geográfica e seu porto. Cita uma população inferior à citada por Vieira dos Santos para os anos anteriores.<sup>107</sup> Os dados são compatíveis com o mapa estatístico da população do Paraná apresentado pelo Presidente da Província Zacarias de Góes e Vasconcellos no ano de 1854, conforme o Relatório do Presidente da Província do Paraná, o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, na abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854. Embora sejam incertos os dados nos permitem traçar um perfil aproximado desta cidade em comparação com a de Curitiba no mesmo período, quando foi escolhida para ser capital da nova província, pela lei de 26 de julho de 1854.<sup>108</sup>

A condição de superioridade de Paranaguá em relação à cidade escolhida para capital pode ser observada através das obras citadas e endossada pelas palavras do Vice-Presidente da Província, Theofilo Ribeiro de Rezende, em seu relatório apresentado à Assembleia Legislativa em setembro de 1854. Ao referir-se a Curitiba, dizia:

Este lugar effectivamente nada promette; esteril e sem cultura, nem se quer tem commercio, excepto o pequeno mercado ora feito com os empregados civis e militares

<sup>105</sup> SANTOS, 2001, p. 11.

<sup>106</sup> Ibid., p. 10-11.

<sup>107</sup> De acordo com Romário Martins, Paranaguá contava com 6.533 habitantes, tinha 133 casas comerciais, 2 hotéis, 6 alfaiatarias, 7 ferrarias, 2 marcenarias, 5 engenhos de serrar, 11 de socar e 8 de moer. Das edificações, afirma que havia 55 casas de sobrado e 498 térreas, número também inferior ao apresentado por Vieira dos Santos.

<sup>108</sup> De acordo com Romário Martins, Curitiba tinha 27 quarteirões, 5.819 habitantes. Contava com 308 casas e 52 em construção. 38 lojas de fazendas e armarinhos, 35 armazéns de comestíveis, 3 ourivesarias, 5 ferrarias, 2 marcenarias, 10 olarias, 1 selaria, 6 alfaiatarias, 9 sapatarias, 3 açougues, 1 padaria. Pelas estatísticas, 802 curitibanos eram lavradores e 99 eram comerciantes. Havia 15 engenhos de erva mate e 13 fazendas de criar. Cf. MARTINS, 1995, p. 409-410. O número de habitantes é inferior ao indicado no mapa estatístico da população do Paraná apresentado pelo Presidente da província Zacarias de Góes e Vasconcellos no ano de 1854, onde a população de Curitiba era citada como sendo de 6.791 habitantes, portanto, número superior à população de Paranaguá, conforme Relatório do Presidente da Província do Paraná, o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, na abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854. Curitiba, Typ. Paranaense de Candido Martins Lopes, 1854.

e com as necessidades publicas, de que alguns tem tirado partido com que nunca haviam sonhado. Digo que não ha commercio, propriamente dito, na capital, porque é conhecido que em toda a provincia só ha o da herba mate e pouco de animaes: o primeiro verifica-se em Morretes e Paranaguá, e para o de animaes serve a provincia apenas de via intermediaria entre o Rio-Grande do Sul e S. Paulo, sendo pontos de transito os municipios de Guarapuava, do Principe, Ponta-Grossa e Castro, onde algum negocio se faz de passagem, distante por consequencia de Curityba.<sup>109</sup>

O ponto de vista apresentado pelo Vice-Presidente, que esteve à frente da administração da província entre 3 de maio e 27 de julho de 1855, não estava de acordo com a opinião de seu antecessor, o Presidente Zacarias de Góes e Vasconcellos. O primeiro administrador do Paraná na condição de província defendeu que Curitiba deveria ser mantida como capital, pela sua posição mais central, pela necessidade de localização da administração mais próxima das fronteiras e pela superioridade das condições de higiene pública em relação ao litoral, entre as quais, o clima mais ameno.<sup>110</sup>

Fato é que a cidade de Paranaguá contava com uma área urbana sustentada pelo comércio dominado por uma elite local que também ocupava os principais cargos públicos. Através das informações genealógicas de Leocádio José Correia podemos observar na prática como se davam as relações da elite parnanguara nesta segunda metade do século XIX. As famílias aristocráticas esforçavam-se para manter parentesco entre si, desta forma, a riqueza também se concentrava nas mãos dessas pouquíssimas famílias. Suas posses foram conquistadas através da ocupação de cargos públicos, assim como dos lucros do comércio local, muito promissor à época.<sup>111</sup>

Leocádio foi batizado no dia 23 de maio de 1848 na Igreja Matriz de Paranaguá. Foram seus padrinhos o comendador Manoel Antonio Guimarães e Dona Maria Clara Pereira de Leão, representada, através de procuração por Dona Francisca Pereira Correia. A madrinha era irmã de sua mãe Gertrudes, que se casou em 8 de agosto de 1826 com o 5º Juiz de fora da comarca de Paranaguá, o Dr. Agostinho Ermelino de Leão, natural da Bahia.

O padrinho, nasceu em Paranaguá em 15 de fevereiro de 1813 e faleceu em 16 de agosto de 1893. Foi um dos maiores comerciantes e exportadores de erva-mate. Dono da maior casa importadora de Paranaguá. Detinha fazendas e sítios no litoral, engenhos de arroz e mandioca e inúmeras embarcações. O palacete que habitava é considerado testemunho da fase áurea de Paranaguá, onde inclusive recebeu o Imperador Dom Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina em 1880 e a Princesa Isabel e o Conde D’Eu, em 1884. Além de comerciante, foi chefe político

<sup>109</sup> REZENDE, Theofilo Ribeiro de. **Relatorio do Estado da Provincia do Paraná apresentado ao vice-presidente Henrique de Beaurepaire Rohan pelo vice-presidente Theofilo Ribeiro de Rezende por ocasião de lhe entregar a administração da mesma provincia.** Curityba, Typografia Paranaense de C. Martins Lopes: 1855. p. 13-14. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u565/>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

<sup>110</sup> GÓES E VASCONCELLOS, Zacarias de. **Relatorio do Presidente da Provincia do Paraná o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos na abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854.** Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/614/>>. Acesso em: 6 ago. 2014. p. 9-12.

<sup>111</sup> MENEZES, Juliana de. Manoel Francisco Correia, o velho: patriarca da linhagem Correia parnanguara. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná**, v. 65, p. 94-102, 2012.

do partido conservador na comarca de Paranaguá assumindo vários cargos políticos ao longo da vida.<sup>112</sup> Deputado da Assembleia Provincial em São Paulo, em 1851, ocupou cadeira na Assembleia Provincial do Paraná após sua emancipação. Duas vezes vice-presidente, tornou-se Presidente da Província em 1873 e 1877, e deputado geral de 1886 a 1889. Em 21 de junho de 1876, recebeu o título de Barão de Nácar, nome de uma de suas propriedades no litoral, enquanto em 31 de agosto de 1880, recebeu o título de Visconde de Nácar.<sup>113</sup> Certamente as opções políticas de Leocádio, assim como de outros membros da família Correia estiveram ligadas a esta figura importante de Paranaguá.

## 1.2 A EDUCAÇÃO COMO ELEMENTO DE DISTINÇÃO

Em seu livro *A Construção da Ordem*, José Murilo de Carvalho fez uma análise da elite política imperial buscando identificar suas características de homogeneidade, que não estavam associadas aos partidos políticos de então. O autor cita como elemento unificador da elite a educação superior. Em primeiro lugar porque quase toda a elite possuía estudos superiores, o que acontecia com pouca gente fora dela. Em segundo lugar, porque a educação superior dos principais políticos se concentrava na formação jurídica e fornecia, em consequência, um núcleo homogêneo de conhecimentos e habilidades. Em terceiro lugar, aponta a concentração geográfica desta formação, porque se concentrava, até a independência, na Universidade de Coimbra e, após a independência, em quatro capitais provinciais, ou duas, se considerarmos apenas a formação jurídica, fato que promovia contatos pessoais entre estudantes das várias capitâneas e províncias e inculcava neles uma ideologia homogênea.<sup>114</sup>

O percurso educacional dos filhos de famílias de recursos era iniciar sua formação com tutores particulares, depois passavam por algum liceu, seminário ou, preferencialmente, pelo Colégio Pedro II, e afinal iam para a Europa ou escolhiam entre as quatro escolas de direito e medicina do Império brasileiro. As quatro cobravam anuidades e seus cursos duravam cinco anos, no caso do curso de direito ou seis anos o curso medicina. Um estudante típico entraria numa dessas escolas na idade de 16 anos e se formaria entre 21 e 22 anos. Outra alternativa para os ricos era a Escola Naval, sucessora da Real Academia de 1808, onde, apesar de o ensino ser gratuito, o processo seletivo para ingresso excluía os mais pobres, como era o caso dos enxovais exigidos para frequentar o estabelecimento.<sup>115</sup>

---

<sup>112</sup> TRAMUJAS, Alceo. **História de Paranaguá: dos pioneiros da Cotinga à Porta do MERCOSUL no Brasil Meridional**. Curitiba: Raul Guilherme Urban, 1996. p. 113.

<sup>113</sup> SCHEIFER, Bruna. **Paranaguá, cidade portuária: entre a cidade “sonhada e a cidade real”**. Dissertação (Mestrado em História). UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, 2008. p. 34.

<sup>114</sup> CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 65.

<sup>115</sup> *Ibid.*, p. 74.

Nesse sentido, julgamos ser importante uma análise do caminho educacional percorrido por Leocádio José Correia, tendo em vista que a educação tornou-se um importante elemento de distinção social no contexto estudado. A elite de Paranaguá (e do Paraná como um todo) não tinha muitas opções de educação para seus filhos no contexto do pós-emancipação da província, meados do século XIX. Desta forma, precisavam investir na expansão do ensino, o que passou a acontecer nesse contexto inicial da História do Paraná na condição de província.

Durante a infância de Leocádio José Correia, Paranaguá tinha duas cadeiras de primeiras letras para o ensino de meninos e duas para o ensino de meninas,<sup>116</sup> além dessas havia aulas particulares de primeiras letras, sendo uma delas frequentada por 35 alunos.<sup>117</sup> Em Curitiba a situação não era muito diferente. Quando a cidade foi escolhida para capital da nova província, havia duas cadeiras de primeiras letras para meninos e uma para meninas.<sup>118</sup>

A oferta dos cursos secundários nas províncias, pelo Ato Adicional de 1834 era dividida em dois sistemas paralelos que perduraram até o período republicano. O *sistema regular*, seriado, oferecido no Colégio Oficial da Corte e, eventualmente, pelos Liceus Provinciais e alguns poucos estabelecimentos particulares; e o *sistema irregular*, de *aulas avulsas*, mantido em sua maioria pelas instituições provinciais, constituído pelos cursos de preparatórios e exames parcelados de ingresso ao ensino superior.<sup>119</sup>

Em 1846 foi criado o *Liceu de Curitiba* pela Lei Paulista 33. Assim como na capital do Império, as províncias através de seus poderes locais passavam nesse contexto a adotar medidas para manter mais uma marca de distinção social através do ensino e assim assegurar o poder intelectual, os cargos públicos e políticos.<sup>120</sup> Entretanto, através do relatório do Presidente da Província Zacarias de Góes e Vasconcellos, em julho de 1854, sabe-se que das quatro cadeiras criadas no Liceu, a de geografia nunca foi procurada por alunos; a de geometria foi preenchida, mas nunca exercida, teve em um ano dois alunos, e as de latim e francês foram abandonadas pelo professor em decorrência de uma redução de vencimentos.

Em Paranaguá, por sua vez, o relatório do Presidente Góes e Vasconcellos apontava em 1854 a existência da cadeira de língua latina e francesa como a única presença de ensino secundário de toda a província, já que o Liceu de Curitiba era considerado ineficiente.<sup>121</sup> Ainda durante o seu governo extinguiu esta cadeira de Paranaguá, pois sua ideia era concentrar todas as cadeiras de instrução secundária na capital e reformular o ensino no Liceu, que teria uma

---

<sup>116</sup> GÓES E VASCONCELLOS, 1854, p. 129.

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>118</sup> MARTINS, 1995, p. 409-410.

<sup>119</sup> TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. Os lugares da produção do saber histórico escolar no Brasil: compêndios de história e narrativas conciliadoras no Paraná (1876-1905). *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 33, n. 65, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v33n65/07.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2016. p. 167.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 165.

<sup>121</sup> GÓES E VASCONCELLOS, 1854, p. 20.

construção própria,<sup>122</sup> essa proposta que inicialmente tentou-se colocar em prática foi, entretanto, abandonada nas administrações posteriores.

O Liceu de Curitiba não conseguiu se definir ao longo dos anos como um curso regular. Submetidos à política dos exames de preparatórios para ingressar em uma das faculdades do Império, os jovens aspirantes aos cursos superiores abandonavam a Província para se dirigirem à Corte ou a São Paulo, em função disso o Liceu foi extinto em 1876 e em seu lugar criado o Instituto de Preparatórios.<sup>123</sup>

Nessa conjuntura em que o Império Brasileiro tinha a recente preocupação de formar sua intelectualidade, os seminários e escolas episcopais apresentavam-se como uma alternativa interessante de ensino. Leocádio José Correia foi um desses indivíduos em formação, que antes de chegar à faculdade de medicina do Rio de Janeiro, onde formou-se médico, já havia saído da província do Paraná. Estudou no Seminário de São Paulo e posteriormente foi transferido para o Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro.

Estudos da área da História da Educação apontam que eram crescentes durante o século XIX o número de Colégios Particulares no Rio de Janeiro, a maior parte funcionando como internato. Em sua maioria, esses estabelecimentos eram pequenos internatos, empresas familiares e de confissão católica, os diretores que não professavam a religião católica deveriam ter sacerdotes para atender aos alunos desta religião, conforme o Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, do ano de 1854.<sup>124</sup> Outros eram grandes internatos que chegavam a congregar até 200 alunos nos meados do século XIX. Era o caso do Colégio Episcopal São Pedro de Alcântara.<sup>125</sup>

Os diretores e proprietários divulgavam as condições de funcionamento dos estabelecimentos às famílias da corte e das outras províncias através de jornais e almanaques.<sup>126</sup> Nas páginas do Almanak Laemmert,<sup>127</sup> por exemplo, o Colégio Episcopal São Pedro de Alcântara figurava entre as escolas da categoria de internato para meninos, com anúncios recorrentes<sup>128</sup>. Quanto ao perfil dos estudantes, eram oriundos do interior da província do Rio de Janeiro ou de

---

<sup>122</sup> ROHAN, Henrique de Beaurepaire. **Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Parana no dia 1.o de março de 1856 pelo vice-presidente em exercicio, Henrique de Beaurepaire Rohan**. Curitiba, Typ. Paranaense de C. Martins Lopes, 1856. p. 35. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/616/000040.html>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

<sup>123</sup> TOLEDO, 2013, p. 168.

<sup>124</sup> CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. Colégios-internatos nas páginas do Almanak Laemmert (1845-1889). **Clio – Revista de Pesquisa Histórica**, n. 31.1, 2013. p. 6.

<sup>125</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>126</sup> *Ibid.*, p. 1-19.

<sup>127</sup> O Almanaque Laemmert foi criado em 1844 no Rio de Janeiro por Eduardo Laemmert e seu irmão Heinrich Laemmert. Juntos, os irmãos fundaram a firma E. & H. Laemmert, que administrava a Livraria Universal e a Tipografia Laemmert, localizada no Rio de Janeiro na Rua da Quitanda, 77 e, a partir do ano de 1868, localizada na Rua do Ouvidor, 68. O Almanaque, de circulação anual, foi publicado até o ano de 1889 e tinha agenciadores que distribuíam a obra nas províncias e no exterior.

<sup>128</sup> CONCEIÇÃO, 2013, p. 2.

outras províncias, filhos de grandes proprietários rurais, comerciantes e industriários, funcionários públicos e graduados, profissionais liberais.<sup>129</sup>

Um dos pontos fortes dos anúncios jornalísticos eram as instalações destes colégios e se elas estavam de acordo com as teorias médico-higienistas da época, muitos colégios privilegiavam suas condições de salubridade nesses anúncios no intuito de atrair maior número de estudantes. Era também o caso do Colégio Episcopal São Pedro de Alcântara. Em anúncio de 1859 este Colégio expunha a estrutura *claustrau* de seu edifício, descrevendo-o detalhadamente: salão superior onde estavam os dormitórios dos alunos maiores, com 40 camas, para os médios com 80 camas, para os pequenos, no fundo, 38 camas; o lado direito ocupado pela direção, livraria, sala de visitas, enfermaria e cozinha, escritório e cela do bispo; salão inferior onde ocorriam atividades de recreio em dias de chuva, onde se localizavam o gabinete dos vice-diretores, nove salas a serviço de todas as classes e vinte e cinco banheiros. No terreno, um tanque de natação e banho, onde os alunos aprendiam a nadar.<sup>130</sup>

As despesas para manter um estudante em um colégio como este incluíam o sofisticado enxoval solicitado antes do início das atividades escolares (composto por vestimentas e acessórios pessoais; roupas de cama, mesa e banho; utensílios de higiene e asseio pessoal) que podiam variar em quantidade e qualidade conforme as exigências de cada instituição escolar, além da mensalidade do próprio pensionato, cujos valores aproximados poderiam variar entre 480\$000 a 540\$000<sup>131</sup> réis anuais, este preço oscilava conforme as instalações da instituição e a boa fama do desempenho de seus alunos nos exames preparatórios e de seus professores e diretor. Estava incluso neste valor a alimentação, os aposentos e o ensino, porém não estavam incluídos os serviços de lavagem e gomagem de roupas, os gastos com médico e botica (no caso de doença), as atividades complementares de ensino (*belas artes* ou *artes de recreio*), o valor pago na entrada para uso de bens específicos do estabelecimento (*joia de entrada*)<sup>132</sup> e, em algumas instituições, as férias de Natal passadas no colégio.

Observa-se que o Colégio Episcopal São Pedro de Alcântara era uma das principais instituições deste contexto e da qual grande número de estudantes realizava os exames preparatórios para admissão no ensino superior com sucesso, conforme a tabela a seguir, baseada em quadro que está disponível na tese de doutorado de Joaquim Tavares da Conceição:<sup>133</sup>

<sup>129</sup> CONCEIÇÃO, 2013, p.15.

<sup>130</sup> LIMEIRA, Aline de Moraes. Luzes da instrução: iniciativas particulares de escolarização do século XIX. **Revista Teias**, v. 12, n. 25, 2011. p. 142.

<sup>131</sup> Valores aproximados, tomando como referência o ano de 1870, conforme CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar: colégios internatos no Brasil (1840-1950)**. Tese. (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. p. 185.

<sup>132</sup> A “joia de entrada” era um valor pago ao entrar no internato para que o aluno pudesse utilizar objetos de propriedade do internato como a cama, colchões, colcha, travesseiros, lavatório, bacias, copos, talheres e materiais da sala de banho.

<sup>133</sup> Tabela baseada no Quadro 12 – Resultados de Exames de Preparatórios – Inspeção Geral do Município da Corte (dez/1865 – jan/1866). Fonte: Relatório da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, 1865. (CONCEIÇÃO, 2012).



TABELA 1 – RESULTADO DOS EXAMES PREPARATÓRIOS REALIZADOS POR ALUNOS MATRICULADOS EM COLÉGIOS DO MUNICÍPIO DA CORTE EM DEZEMBRO DE 1865.<sup>134</sup>

Colégio	Inscrições	Exames	Aprovações	Reprovações
Marinho	172	146	108	38
S. Pedro de Alcântara	114	108	104	4
Ateneu Fluminense	83	78	59	19
Freese	63	49	35	14
Vitório	50	48	30	18
Humanidades	52	47	37	10
Santa Cruz	26	24	14	10
S. Salvador	23	21	8	13
Santo Antônio	18	15	13	2
Pinheiro	17	11	11	---
Kopke	2	2	2	---

A partir desses dados podemos perceber que o Colégio Episcopal São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro, não era frequentado somente por alunos que tivessem como objetivo tornar-se sacerdotes. O colégio figurava entre as diversas instituições de ensino secundário que faziam publicidade buscando atrair estudantes de famílias de elite de diversas províncias do Império para cursar o Ensino Secundário, destacava-se por sua estrutura física e localização privilegiada (Palácio do Rio Comprido), considerada uma das mais salubres conforme as regras de higiene do período, e, de acordo com os números da tabela acima, muitos de seus alunos destacavam-se nos exames preparatórios para cursar o ensino superior numa das Faculdades do Império, o que nos faz crer que o preço cobrado pela permanência dos estudantes era também um dos mais elevados entre os colégios da corte.

Manoel José Correia era comerciante, educou seis filhos, além de Leocádio José Correia, a quem manteve estudando no Rio de Janeiro durante longo período de tempo.<sup>135</sup> Deduz-se que suas condições de vida seguiam o padrão da alta sociedade de Paranaguá e de todo o Império, tendo em vista o grande investimento no filho durante o tempo de estudo no internato do Colégio Episcopal São Pedro de Alcântara. Leocádio José Correia foi, assim, mais um desses estudantes do ensino secundário que, não tomando o caminho do sacerdócio, provavelmente no ano de 1866 realizou os exames preparatórios para dar início ao curso superior. Teria tido ele e sua família algum dia a intenção de torná-lo um sacerdote ou só estariam investindo no filho para que tivesse uma carreira que exigisse conhecimento letrado? Não podemos fazer tal afirmação, pois o

<sup>134</sup> CONCEIÇÃO, 2012, p. 172.

<sup>135</sup> Não foi possível precisar o período de tempo em que Leocádio José Correia esteve no Seminário de São Paulo e posteriormente no colégio Episcopal São Pedro de Alcântara. Em seu livro, Valério Hoerner Junior reproduziu um Diploma (não totalmente legível em sua versão fotocopiada para a obra), datado de 1865, indicando que neste ano já estaria no Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara, na região de Rio Comprido, Rio de Janeiro. Sabemos que os estudos secundários poderiam durar até sete anos. A idade máxima para matrícula no primeiro ano era de 12 anos, de forma que no sétimo ano o estudante tivesse, no máximo, dezoito anos. O aluno poderia ser matriculado em qualquer ano (etapa) de ensino, desde que realizasse provas e fosse aprovado nas matérias do(s) ano(s) anteriores (artigos 78, 84 e 86 do Decreto nº 1.331-A, de 17 de fevereiro de 1854).



simples fato de cursar o Ensino Primário e Secundário em Seminário ou no Colégio Episcopal não significava obrigatoriamente uma preparação ao sacerdócio, já que essas instituições ofereciam os conteúdos da instrução primária e secundária.<sup>136</sup>

Fato é que Leocádio José Correia não se tornou sacerdote. No ano de 1867, aos 19 anos, era estudante do primeiro ano de Farmácia da Faculdade de Medicina da Corte, conforme nos informa o Decreto nº 1.525, de 5 de outubro de 1867. Esse decreto autorizava matriculá-lo no primeiro ano do curso de medicina da Faculdade de Medicina da Corte após a realização de exames preparatórios necessários para tal fim:

Art. 1º Fica o Governo autorizado para mandar matricular no 1º anno medico da Faculdade da Côrte o estudante do 1º anno de pharmacia Leocadio José Corrêa; fazendo, antes do acto respectivo, os exames preparatorios que lhe faltão.<sup>137</sup>

O Decreto se refere aos exames preparatórios que Leocádio José Correia deveria realizar para que pudesse ser matriculado na Faculdade de Medicina. Para ingressar no curso de farmácia, que tinha duração de três anos, eram necessários os exames de francês, aritmética e geometria, enquanto para o ingresso no curso de medicina seriam necessários, além destes, os exames de latim, inglês, história e geografia, filosofia racional e moral e álgebra.<sup>138</sup>

Levando-se em consideração este decreto e o fato de a Faculdade de Medicina ter a duração de seis anos, com início das atividades dos exames preparatórios no dia 3 de fevereiro de cada ano, matrículas dos alunos do primeiro ano durante todo o mês de março e aulas entre 15 de março e 30 de outubro de cada ano, podemos presumir que Leocádio José Correia completou um ano de curso de farmácia, no ano de 1867 e ingressou no curso de medicina no ano de 1868, concluindo-o em 1873, informação que está de acordo com a data de defesa de sua tese de doutorado.

### 1.3 A FORMAÇÃO DO DOUTOR LEOCÁDIO: O ENSINO MÉDICO NO BRASIL IMPÉRIO

O ensino médico no Brasil sofreu significativas mudanças a partir da Lei de 3 de outubro de 1832, quando transformou as antigas Academias Médico-Cirúrgicas do Império, localizadas

<sup>136</sup> MARTINS, Patricia Carla de Melo. **Seminário Episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX**. Tese. (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006. p. 98.

<sup>137</sup> BRASIL. Decreto nº 1.525, de 5 de outubro de 1867. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1525-5-outubro-1867-553778-publicacaooriginal-71942-pl.html>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

<sup>138</sup> BRASIL. Decreto nº 3.464, de 29 de abril de 1865. **Dá novos Estatutos ás Faculdades de Medicina do Imperio**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1387-28-abril-1854-590272-publicacaooriginal-115439-pe.html>>. Acesso em: 19 nov. 2013. Artigo 77.

na Bahia e no Rio de Janeiro, em Faculdades de Medicina que deveriam seguir o modelo dos estatutos e regimentos da Faculdade de Medicina de Paris, enquanto não tivessem seus próprios regulamentos.<sup>139</sup>

Para além de uma simples alteração de nomes a Reforma da Escola Médica significou a incorporação de um novo discurso científico da medicina experimental no ensino médico do Brasil.<sup>140</sup> É a partir deste momento que o saber médico passa a ser controlado pelas autoridades formadas nas instituições de ensino competentes. As Faculdades de Medicina passaram a conceder os títulos de Doutor em Medicina, Farmacêutico e Parteira.<sup>141</sup> Sem esses títulos, conferidos ou aprovados pelas referidas faculdades através de exames de verificação, ninguém mais poderia curar, ter botica, ou partejar.<sup>142</sup> Obtendo o título de Doutor em Medicina pelas Faculdades do Brasil, por sua vez, os doutores poderiam exercer a medicina em todo o Império indistintamente.<sup>143</sup> Essa lei sofreria alterações ao longo do tempo, porém essas características ficariam resguardadas, garantindo às Faculdades de Medicina e aos médicos formados por elas o monopólio sobre as técnicas de cura.

No período em que Leocádio José Correia iniciou seus estudos na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a legislação mais atual que dava novos estatutos às Faculdades de Medicina do império foi o Decreto nº 3.464, de 29 de abril de 1865,<sup>144</sup> entretanto, comparando a estrutura de distribuição das cadeiras do curso de medicina conforme os anos de estudo informados na abertura de sua tese é possível observar que, ao menos no que concerne à estrutura do curso e à distribuição das matérias ainda vigorava uma legislação anterior: o Decreto nº 1.387, de 28 de abril de 1854.<sup>145</sup>

Talvez isso se deva ao que está disposto no art. 160, do Decreto nº 3.464, de 29 de abril de 1865, que determinava que para execução destes Estatutos o Governo expediria um Regulamento Complementar,<sup>146</sup> cujas disposições serviriam de base às instruções. Há ainda o disposto no art. 174 do mesmo decreto, que afirmava que os estatutos seriam colocados provisoriamente em execução, logo que fosse promulgado o Regulamento de que trata o art. 160, e depois de aprovada a despesa pela Assembleia Geral. Poderiam, porém, ser executados

---

<sup>139</sup> MAIA, Elias da Silva. **A construção do ensino médico no Rio de Janeiro no Brasil Império**. Dissertação. (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. p. 6.

<sup>140</sup> *Ibid.*, p. 41.

<sup>141</sup> BRASIL. Lei de 3 de outubro de 1832. *Dá nova organização ás actuaes Academias Medico-cirurgicas das cidades do Rio de Janeiro, e Bahia*. Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-publicacaooriginal-87775-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-publicacaooriginal-87775-pl.html)>. Acesso em: 8 nov. de 2013. Artigo 11.

<sup>142</sup> *Ibid.*, artigo 13.

<sup>143</sup> *Ibid.*, artigo 12.

<sup>144</sup> *Idem*, 1865.

<sup>145</sup> BRASIL. Decreto nº 1.387, de 28 de abril de 1854. *Dá novos Estatutos ás Escolas de Medicina*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1387-28-abril-1854-590272-publicacaooriginal-115439-pe.html>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

<sup>146</sup> Este Regulamento Complementar não foi localizado em nossa pesquisa.

desde aquele momento na parte que não dependesse do Regulamento, e o Governo julgasse conveniente.

Embora não tenhamos documentos pessoais que nos informem sobre a rotina de Leocádio José Correia enquanto estudante, estas legislações podem contribuir a nosso favor nos informando acerca do curso de medicina e nos dando pistas sobre o universo estudantil do período.

O curso de medicina tinha a duração de seis anos. Entre os anos de 1868 e 1873, as matérias de ensino eram distribuídas em vinte e uma cadeiras. As matérias estavam divididas em três seções: Ciências acessórias (compreendia as cadeiras de Física; Química e Mineralogia; Botânica e Zoologia; Medicina Legal e Farmácia); Ciências Cirúrgicas (compreendia as cadeiras de Anatomia descritiva e geral; Patologia Externa; anatomia topográfica, medicina operatória e aparelhos; Partos, moléstias de mulheres peçadas e de recém-nascidos; Clínica externa) e Ciências Médicas (compreendia as cadeiras de Fisiologia; Patologia Geral; Patologia Interna; Matéria médica e terapêutica; Higiene e História da medicina; Clínica Interna). Cada uma das cadeiras era regida por um lente catedrático,<sup>147</sup> além destes, havia cinco opositores<sup>148</sup> para as seções de ciências acessórias e ciências cirúrgicas e quatro opositores para a seção de ciências médicas.

Leocádio cumpriu a todas as exigências que compreendiam a formação no curso de medicina naquele período. Passou pelas sabatinas das disciplinas lecionadas pelos lentes, que ocorriam ao menos uma vez a cada mês,<sup>149</sup> foi admitido e aprovado nos exames anuais, o que significa que não teve excesso de faltas e que pagou pontualmente a taxa de matrícula<sup>150</sup> e realizou a defesa de uma tese nos padrões estabelecidos pela Faculdade de Medicina ao final dos seis anos de curso.

Em sua tese defendeu as proposições sobre a febre amarela, na seção médica, enfatizando as principais manifestações sintomáticas que caracterizavam a doença; sobre as mudanças que se operam no ovo humano desde a fecundação até o completo desenvolvimento do feto, na seção cirúrgica e as *strichnaceas*<sup>151</sup> e seus produtos farmacêuticos na seção acessória. Apresentou seis aforismos de Hipócrates em latim e realizou, por fim, a dissertação sobre a *Lithotricia*<sup>152</sup>.

---

<sup>147</sup> Responsáveis pelas cadeiras e suas matérias.

<sup>148</sup> Responsáveis pelos cursos práticos que a Congregação de Lentes determinasse.

<sup>149</sup> BRASIL, 1865, artigos 94 e 95.

<sup>150</sup> Estudantes com dez faltas não justificadas ou quarenta faltas, mesmo que justificadas, perderiam o ano.

<sup>151</sup> Grupo de plantas, tais como a noz vômica e a fava de Santo Inácio, das quais se extraíam os produtos strichnina, brucina e igasurina.

<sup>152</sup> Com a denominação atual de Litotripsia, trata-se de um método de fragmentação e remoção de cálculos urinários que podem encontrar-se nos rins, bacinete, ureter, bexiga, vesícula, canais biliares, ou outros locais do aparelho urinário. Atualmente, a maior parte das intervenções são realizadas através de ondas de choque extracorpóreas (cerca de 85% a 90% dos casos). Informações obtidas dos resumos de Carlos Eduardo Carvalho de Matos e Andreia Silva de Oliveira. Banco de teses da CAPES.

A tese exemplifica o modelo forjado para a educação médica no Brasil do século XIX, baseado no ensino francês e na medicina clínica. A escrita da dissertação baseava-se na observação de pacientes que apresentavam casos da doença, da interpretação de bibliografia especializada e de relatos de casos clínicos de outros contextos, que poderiam também ser encontrados na bibliografia disponível.

A tese deveria ser entregue na secretaria da faculdade até o último dia de agosto, a tempo de ser aprovada por uma comissão revisora composta de opositores nomeados pela Congregação. A aprovação da tese de Leocádio José Correia ocorreu no dia 30 de agosto de 1873. Em seguida, o doutorando deveria imprimi-la e distribuí-la entre lentes e opositores. A impressão foi encomendada por Leocádio na tipografia de Hyppolito José Pinto, no dia 31 de agosto.

Após o cumprimento dessas exigências, a data do ato de defesa da tese era marcada, conforme a ordem de entrega das mesmas na secretaria. Três catedráticos e dois opositores eram escolhidos com antecedência de oito dias para argumentar a respeito das teses. O lente mais antigo entre os designados era o presidente e argumentava sobre a dissertação. Cada examinador tinha vinte minutos para argumentar, começava-se pelos mais novos na instituição e encerrava-se com o presidente do ato. Encerrada esta etapa do ato de defesa, os examinadores votavam por escrutínio secreto. O doutorando reprovado somente poderia submeter-se a um novo ato um ano depois. Os aprovados de maneira simples,<sup>153</sup> poderiam apresentar novas teses, se fosse de sua vontade, pois a aprovação simples não impedia a colação de grau. Depois de defendidas as teses, a data da cerimônia de colação de grau de doutor era marcada pelo diretor da Faculdade.

Na cerimônia de colação de grau o doutorando era recebido pelo porteiro, bedéis e contínuos ao chegar à porta do edifício da faculdade. Era acompanhado por eles até uma sala onde deveria esperar pelos demais doutorandos. Na hora marcada para o início da cerimônia o diretor e todos os lentes e opositores precedidos do porteiro, bedéis, contínuos, secretário e demais empregados da Faculdade encaminhavam-se para a mesma sala. Os doutorandos os receberiam na porta e seguiriam para a sala dos graus, que deveria estar arrumada com uma mesa com assento para o diretor e lugares reservados aos doutorandos.

Após todos os doutorandos e expectadores tomarem assento, o secretário deveria fazer a leitura dos nomes dos doutorandos e das respectivas aprovações. Em seguida, cada um era chamado individualmente, seguindo a ordem do dia de defesa das teses e aproximando-se do diretor prestaria de joelhos o juramento pela fórmula seguida nas Faculdades de Medicina, levantando-se tomaria o compromisso sobre as obras de Hipócrates. Prestado o juramento, o diretor entregaria um volume das obras de Hipócrates, colocaria o anel de formatura no dedo do doutorando, a borla e o capelo sobre sua cabeça, declarando que o mesmo poderia, a partir daquele momento, praticar e ensinar a medicina. Recebido o grau os novos doutores abraçariam

---

<sup>153</sup> A aprovação simples consistia na aprovação da tese pela maioria ou igual número dos examinadores, enquanto a minoria ou igual número votavam pela reprovação.

o diretor e cada um dos lentes e opositores presentes e sentavam-se, aguardando o término das formalidades. Por fim, diretor e um dos novos doutores realizavam um discurso e dava-se por encerrada a cerimônia.<sup>154</sup>

Leocádio José Correia certamente passou pela cerimônia de colação de grau recebendo o título de Doutor em Medicina concedido pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A formatura pode ser compreendida como um ato simbólico de nomeação através de um rito de instituição, os quais, para Pierre Bourdieu, devem ser tomados como objetos para a compreensão de como a realidade social é construída. A nomeação cumpre a função de fazer com que os indivíduos nomeados comportem-se de acordo com uma determinada condição social a eles atribuídas. A partir desse ato, Leocádio José Correia assumia uma nova posição social e deveria se comportar de acordo com ela.<sup>155</sup>

É assim, na posição de doutor em medicina, o primeiro natural de Paranaguá,<sup>156</sup> além de membro de uma família ilustre, que Leocádio José Correia seria recebido na sua cidade natal, à qual regressou após a formatura. Chegou no dia 7 de janeiro de 1874, como noticiaria o jornal *Dezenove de Dezembro*, de Curitiba, dias depois:

A rua da Praia achava-se embandeirada, a propria natureza quiz prestar-se para realçar taes festejos; porque tendo anteriormente estado a atmosphaera bastante carregada, nesse dia o céo apresentou-se sereno e limpo.

Quando o *Calderon* chegou à Cutinga, largou da cidade o vapor *Marumby* carregado com a nata da sociedade Paranaense, acompanhada de uma excellente banda de música: atracando a bordo do paquete inglez foi S. S. Recebido no *Marumby* e conduzido a terra, onde saltando, foi ainda acompanhado a casa de seu pae, o respeitavel negociante Manoel José Correia, por não pequeno numero de amigos.<sup>157</sup>

Algun tempo depois, dia 10 de março, seu diploma era remetido pela presidência da província à Câmara Municipal de Paranaguá para ser entregue ao médico depois de assinado diante do presidente da Câmara.<sup>158</sup>

Em pouco tempo Leocádio José Correia passou a ser figura ativa na vida pública da província, sendo um dos poucos cidadãos da época com formação acadêmica e pertencendo a família considerada ilustre e envolvida com a política local, não demorou para que seu nome

<sup>154</sup> BRASIL. Decreto nº 1.764, de 14 de maio de 1856. Approva o Regulamento complementar dos Estatutos da Faculdades de Medicina, a que se refere o Art. 29 do Decreto nº 1.387 de 28 de Abril de 1854. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1764-14-maio-1856-571247-publicacaooriginal-94339-pe.html>. Acesso em: 18 nov. 2013. Capítulo V.

<sup>155</sup> BOURDIEU, 1996, p. 82.

<sup>156</sup> COSTA, Iseu Affonso da Costa. A medicina em Paranaguá: Trezentos anos (1655-1955). In: SCHEFFER, João Gualberto (Org). **Memória médica do Paraná**: história médica da Lapa, de Paranaguá, Ponta Grossa e Rio Negro. Curitiba: Academia Paranaense de Medicina/Fundação Santos Lima, 1993. p. 76.

<sup>157</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1473, 21 jan. 1874. p. 2.

<sup>158</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1492, 28 mar. 1874. p. 2.

começasse a aparecer em meio aos anúncios oficiais do governo provincial ou em polêmicas públicas na cidade de Paranaguá.

#### 1.4 A MEDICINA COMO CAMPO DE CONFLITOS

Antes mesmo de receber seu diploma de médico das mãos do presidente da Câmara de Paranaguá o nome de Leocádio José Correia já figurava no jornal oficial do governo da província do Paraná. Por decreto de 28 de fevereiro de 1874 foi nomeado pelo Imperador como Inspetor de Saúde do porto da província do Paraná,<sup>159</sup> cargo do qual tomaria posse alguns dias depois.<sup>160</sup> Poucos meses depois, foi nomeado como vacinador municipal, sob proposta do comissário vacinador provincial.<sup>161</sup> A trajetória no campo médico que podemos visualizar nos jornais é, portanto, a do médico que ao mesmo tempo foi político, conciliando além de sua atividade médica e essas funções públicas voltadas à saúde, outros cargos políticos como o de Deputado Provincial, Vereador na Câmara Municipal de Paranaguá e Inspetor Paroquial de Escolas.

A trajetória marcada pelo acesso a cargos e empregos públicos, seja através das eleições, seja através de nomeações, está alinhada aos padrões clientelísticos da época analisado por Richard Graham. A maioria dos cargos públicos eram tecnicamente nomeados pelo Imperador, provavelmente sob a recomendação do seu Gabinete, mas para um nome chegar até o Gabinete e ser indicado ao Imperador havia uma série de intermediários. Os Deputados eram os que mais faziam pedidos de empregos públicos através de cartas e estes provinham dos chefes políticos locais que estavam alinhados a eles politicamente. Assim, do chefe político local até o Imperador, um grande número de pessoas estava ligado não necessariamente por convicções políticas, mas por interesses pessoais que moviam a política e pelos laços de família. Os chefes locais tornavam-se poderosos na medida em que podiam *distribuir* cargos localmente àqueles que se tornariam seus seguidores ligados por um laço de lealdade, a partir disso poderiam arregimentar os eleitores necessários para colocar no poder os políticos que fossem de seu interesse. Ao Imperador interessava não romper com nenhum dos grupos políticos, mas administrar a distribuição dos cargos conforme suas necessidades no momento. Os intermediários entre o Imperador e os chefes locais ao mesmo tempo em que demonstravam seu poder por estar em posição de superioridade em relação aos políticos locais, dependiam deles para chegar à Câmara de Deputados ou Senado. O clientelismo era marcado pela constante troca de interesses que se manifestava nessa *série em cascata* de distribuição de empregos públicos.<sup>162</sup>

<sup>159</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1491, 25 mar. 1874. p. 2.

<sup>160</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1496, 15 abr. 1874. p. 3

<sup>161</sup> Ato do Presidente da Província em 21 de julho de 1874. DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1524, 25 jul. 1874. p. 1.

<sup>162</sup> GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. p. 273-299.



Leocádio José Correia certamente encontrou seus protetores políticos entre os membros da própria família. Entre os principais membros paranaenses do Partido Conservador estavam, além de seu padrinho Manoel Antonio Guimarães, seu primo em terceiro grau e cunhado Ildefonso Pereira Correia,<sup>163</sup> seu primo em segundo grau Manoel Eufrásio Correia<sup>164</sup> e seu primo em terceiro grau Manoel Francisco Correia.<sup>165</sup> Percebemos, portanto, que esses diferentes perfis e facetas de um mesmo personagem interferiram constantemente em sua atuação de médico, de modo que ao percorrer as páginas dos jornais vislumbramos um personagem de seu contexto, com uma trajetória de vida de conflitos e contradições.

Não levou muito tempo para que esses conflitos começassem a aparecer nas páginas dos jornais da época, até porque os jornais também seguiam, cada um deles, sua orientação política. Com a nomeação de Leocádio José Correia para o cargo de Inspetor de Saúde do porto da província do Paraná outro médico, o Dr. Eugênio Guimarães Rebello<sup>166</sup> foi substituído nesta função. O Inspetor substituído já despontara anteriormente nas páginas do *Dezenove de Dezembro*, jornal oficial do governo da província. O mesmo havia se envolvido em um polêmico

<sup>163</sup> Nasceu em 6 de agosto de 1849, filho do comendador Manuel Francisco Correia Junior e Francisca Pereira Correia. Irmão do Conselheiro Manoel Francisco Correia (neto). Casado com Maria José Correia, irmã de Leocádio José Correia. Em 1888 recebeu o título de Barão do Serro Azul. Foi Juiz de Paz em Antonina entre 1873 e 1876; Deputado Provincial nas legislaturas 1882-1883 e 1888-1889; Camarista e Presidente da Câmara de Curitiba; Vice-Presidente da Província do Paraná em 1889. Morreu em 1894, durante a Revolução Federalista. (Cf. ALVES, Alessandro Cavassin. **A Província do Paraná (1853-1889)**. A classe política. A parentela no governo. Tese. (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. p. 387-388. Cf. TRAMUJAS, 1996, p. 105-106).

<sup>164</sup> Nasceu em Paranaguá, em 16 de agosto de 1839. Filho de Manoel Francisco Correia, o velho e Joaquina Maria da Ascensão Correia, casados em terceira núpcias. Foi promotor público interino em Morretes em 1865; tornou-se chefe do Partido Conservador; Delegado de Polícia, promotor público; Suplente de juiz municipal em Paranaguá; Inspetor da Tesouraria Provincial e Procurador Fiscal da Tesouraria da Fazenda em Curitiba; Chefe de Polícia em Santa Catarina em 1871; Deputado Geral pelo Paraná nos períodos 1872-1875, 1876-1879, 1884-1885, 1886-1889; Deputado Provincial nas legislaturas 1874-1875, 1876-1877, 1878-1879, 1882-1883, 1884-1885, 1886-1887; Presidente da Província de Pernambuco de 7 de novembro de 1887 até 4 de fevereiro de 1888, quando faleceu. (Cf. ALVES, 2014, p. 353-354).

<sup>165</sup> Nasceu em Paranaguá em 1 de setembro de 1831 e morreu no Rio de Janeiro em 11 de junho de 1905. Neto de Manoel Francisco Correia, o velho, filho de Manoel Francisco Correia Junior e Francisca Pereira Correia. Neto materno de Manoel Antonio Pereira. Irmão de Ildefonso Pereira Correia. Foi Presidente da Província de Pernambuco em 1862; Deputado Geral pelo Paraná nas legislaturas 1869-1872 e 1872-1875; Presidente da Câmara dos Deputados; Deputado Provincial na legislatura 1870-1871; Ministro dos Negócios Estrangeiros entre 7 de março de 1871 e 28 de janeiro de 1873; membro permanente do Conselho de Estado e Senador pelo Paraná de 1877 a 1889. (Cf. ALVES, 2014, p. 349-350).

<sup>166</sup> Eugênio Guimarães Rebello nasceu em São Cristóvão, Sergipe, em 21 de janeiro de 1848, era filho de Henrique Jorge Rebello e Carolina Freire do Prado. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia em novembro de 1869, defendendo a tese “As raças humanas descendem de uma só origem?”. Interrompeu o curso de Medicina no quarto ano para servir na Guerra do Paraguai (1867), sendo condecorado com a Ordem Imperial da Rosa. Trabalhou como clínico-geral no Paraná e a partir de 1875 no Rio de Janeiro. Nesta cidade, dedicou-se a princípio à medicina e por último quase exclusivamente ao magistério. Colaborou para “O Jornal do Brasil” e “Jornal do Commercio” (RJ), “O Paiz”. Fundou e redigiu “O Instituto”: jornal científico, literário e recreativo de sua propriedade. “Echo Literário” (PR) “Revista de Hygiene” (RJ, 1866) e “A Escola” (RJ, 1900). Escreveu: “Fatos da Marinha de Guerra Brasileira”, “Corte de apelação”, “Influência do ensino público sobre a educação republicana”. Faleceu em 22 de outubro de 1922, no Rio de Janeiro, com 74 anos. (Cf. SANTANA, Antonio Samarone de; DIAS, Lúcio Antonio Prado; GOMES, Petrônio Andrade. **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe**: séculos XIX e XX. Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009. Disponível em: <<http://linux.alfamaweb.com.br/asm/dicionariomedico/dicionario.php?id=31904>>. Acesso em: 15 dez. 2015.



caso de glosa<sup>167</sup> de recursos solicitados para reembolso de gastos realizados com doentes em quarentena no Lazareto da Ilha das Cobras no início do ano de 1873. Na ocasião, ocorria uma epidemia de febre amarela na Corte e propalou-se a notícia de que o Capitão, sua família e alguns tripulantes de um navio holandês aportado em Paranaguá haviam sido afetados. Uma das formas de evitar que o mal se alastrasse e adentrasse à Província do Paraná era o controle dos tripulantes de navios. Este episódio coincidiu com a chegada de imigrantes ingleses que se dirigiam à colônia do Assunguy e que por virem do porto infectado deveriam também passar pelas medidas preventivas.

Dr. Rebello obteve autorização do vice-Presidente da Província, na ocasião o comendador Manoel Antonio Guimarães, para realizar gastos com os doentes que ficaram em quarentena no lazareto. No entanto, quando o então Inspetor, que tinha um limite de seis contos de réis para seus gastos, apresentou a conta no valor de 4:272\$670 (quatro contos, duzentos e setenta e dois mil, seiscentos e setenta réis), o vice-presidente encaminhou a mesma à tesouraria provincial, que meses depois devolveu à presidência, quando já se encontrava na administração o Sr. Dr. Frederico Abranches, com uma glosa na quantia de 531\$680 (Quinhentos e trinta e um mil, seiscentos e oitenta réis) com a justificativa de que os gastos foram excessivos, por ter sido proporcionado um tratamento de muitas regalias e exageros aos doentes.<sup>168</sup>

Aproximadamente um ano após a quarentena o jornal saiu em defesa da presidência da província, sobretudo do Senhor Frederico Abranches, que ratificou a glosa da tesouraria provincial e respondeu a publicação de cartas que defendiam o Dr. Rebello, provavelmente em outros jornais da província, nas quais o mesmo alegava que todas as despesas realizadas tinham a anuência do ex-vice-presidente, Sr. Manoel Antonio Guimarães, afirmação da qual o jornal também discordava partindo em defesa deste último. Foi publicada junto ao texto a lista de itens solicitados pelo então Inspetor de Saúde para atender aos doentes e chamou-se atenção para a inclusão nesta lista de garrafas de vinho, aguardente, cerveja, conhaque, além de fiambres, perus, latas de peixe, leitões, laranjinhas, azeitonas, pão de ló, baralhos... entre outros itens considerados inadequados e que em hospital algum eram requisitados.

No dia 30 de abril, quando o médico Leocádio José Correia já ocupava a Inspetoria de Saúde foi designado um empregado para inventariar os objetos do lazareto da Ilha das Cobras, visto que o antigo Inspetor se recusara a enviar ao atual o inventário dos objetos do estabelecimento, demonstrando assim uma possível contrariedade para com o governo e conseqüentemente para com a nova Inspetoria.<sup>169</sup> Este e provavelmente outros episódios ocorridos bem antes

<sup>167</sup> O significado da palavra glosa no dicionário Michaelis de Língua Portuguesa prevê as seguintes explicações: **1** Explicação, interpretação ou comentário de um texto obscuro ou difícil de entender. **2** Comentários, anotação. **3** *poét* Desenvolvimento ou desdobramento de certo tema expresso em um mote, de modo que o final de cada estrofe seja um dos versos do mote. **4** Observações críticas ao procedimento ou às obras de alguém; censura. **5** *Dir* Supressão total ou parcial de uma quantia averbada num escrito ou numa conta. **6** *pop* Supressão, anulação. Acreditamos que o significado que mais se aproxima do sentido empregado nos textos encontrados nos periódicos refere-se ao item 5 e 6, ou seja, as contas averbadas junto ao governo pelo Inspetor de Saúde foram suprimidas ou anuladas.

<sup>168</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1475, 28 jan. 1874. p. 2-3.

<sup>169</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1508, 27 maio 1874. p. 1.

de Leocádio José Correia aportar em sua cidade natal exemplificam o contexto de conflitos políticos que passariam a fazer parte da vida do médico. Poucos meses depois estaria diretamente inserido em um conflito envolvendo a questão médica em Paranaguá. Neste novo episódio que apresentaremos, também transparecido nas páginas dos jornais da província no ano de 1874, o Dr. Eugênio Guimarães Rebello aparece novamente como um dos personagens.

Antonio Ferreira de Sant'Anna, um português habitante da cidade de Paranaguá, caiu doente no dia 2 de agosto de 1874, sendo divulgado o diagnóstico de congestão cerebral. Relatou-se no jornal *Dezenove de Dezembro* do dia 12 de setembro de 1874 que as pessoas da casa do doente imediatamente procuraram o Dr. Leocádio José Correia, como não o encontraram foram à procura de outro médico: o Dr. Freire Monteiro. Este foi encontrado, aplicou os medicamentos que julgou necessários e continuou a fazer algumas visitas acompanhado do Dr. Rebello, que, por sua vez, não haveria sido procurado por pessoas da família e sim convidado pelo médico assistente. No dia 4 de agosto de 1874, por volta das 3 horas da madrugada relatou-se o falecimento do enfermo, estando durante 36 horas com vida durante o tratamento. O conflito começou quando os dois médicos que haviam visitado e tratado o doente – Freire Monteiro e Rebello – apresentaram judicialmente a conta de um conto de réis por treze visitas. O valor foi considerado exorbitante e o número de visitas excessivo, tendo em vista o espaço de tempo em que os mesmos médicos atenderam ao enfermo. A conta foi impugnada pelo inventariante que exigiu que a mesma fosse analisada por dois árbitros. Do lado do inventariante foi escolhido como árbitro o Dr. Leocádio José Correia, do lado dos médicos que solicitavam o pagamento o árbitro foi o Capitão de fragata Mello Carrão.<sup>170</sup>

Como já era esperado pelo redator do texto que primeiramente deu conhecimento do caso nas páginas do *Dezenove de Dezembro*, que assinava com o pseudônimo *A Sangria*, os árbitros não concordaram em seus pareceres. Seis dias depois da publicação de *Sangria* relatando o início do caso, Leocádio José Correia escrevia ao jornal um texto em defesa de seu parecer ao caso, qualificando-o como um texto de defesa à classe médica de maneira mais ampla.

Em seu discurso de defesa Leocádio declarava que um ato seu era “com arremedos destruído por um indivíduo não profissional, de cujas capacidades não duvidando, desejo contudo que me esclareça sobre certas proposições emitidas em seu laudo, como que desafiando-se a poder sobre elas fazer latas considerações.”<sup>171</sup>

Referia-se ao laudo redigido pelo outro parecerista do caso, o Senhor Mello Carrão, que havia sido favorável à cobrança dos honorários feitos pelos médicos Dr. Freire Monteiro e Dr. Rebello, declarando que os serviços médicos prestados foram *laboriosos*, que foram realizadas no enfermo *importantes operações* e ter havido muitas *dificuldades* no caso. Leocádio discordava do laudo e questionava como pretendia um leigo, de maneira pouco científica, discordar de um médico “Consciencioso, justo e reto”. Desqualificava, assim, os argumentos do parecerista

<sup>170</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1537, 12 set. 1874. p. 3-4.

<sup>171</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1540, 23 set. 1874. p. 2.

opponente pelo fato de aquele não ser médico e por esta razão não poder emitir parecer confiável a respeito do caso, através de sua declaração, podemos notar o desconforto do médico ao ter seu parecer questionado com a discordância do oponente, leigo na área médica:

Não é possível ao mais indiferente poder deixar assim suas opiniões batidas por um profano na sciencia medica que, confessando ingenuamente não entender de taes questões, vai comtudo querendo conspurcar de longe as ideias por mim emittidas e os argumentos apresentados, argumentos escudados na medicina legal, na lei, na justiça, e no conhecimento profundo da questão de que fazem parte os personagens contra os quaes foi emittido o meo juiso.<sup>172</sup>

Percebemos a importância dada por Leocádio a sua formação científica e sua vontade de demonstrar aos leitores que seus argumentos se pautavam neste conhecimento adquirido ao longo de anos de estudos. Evidencia-se o momento histórico no qual o personagem estava inserido, no qual havia a grande preocupação pela hegemonia do saber médico, como uma prática profissional ainda em construção e em concorrência com outros agentes de cura, como os curandeiros, que acabavam por ser mais populares e procurados do que os próprios médicos. Além disso, ficava evidente sua intenção de demonstrar que além do conhecimento científico necessário ao exercício da medicina, ele tinha outras qualidades que eram atribuídas aos médicos Rebello e Freire Monteiro nos argumentos do laudo de seu oponente, consideradas importantes para a atuação na área médica: o desinteresse pelos bens materiais demonstrado pela filantropia.

S.S. devera, como eu, frisar os pontos mais importantes, sem receio algum de malquistar-se, e não oppôr-se assim ás opiniões de um medico, **tambem consciencioso, tambem de palavra conceituada, que tambem tem prestado serviços medicos gratuitamente em tempos calamitosos, tambem dedicado, tambem philanthropico, desinteressado e tambem reconhecido nesta cidade com todos esses attributos com que sua extrema amizade apaixonada caracterizou a esses collegas.**<sup>173</sup>

Com esses dois casos encontrados em diferentes números do jornal *Dezenove de Dezembro* de 1874, não pretendemos nem devemos demonstrar que alguns dos personagens estavam corretos e outros errados, não tomamos aqui a posição de julgamento acerca das ações desses personagens no passado. Nosso intuito é analisar a situação conflituosa em que se envolveu Leocádio José Correia ao chegar a Paranaguá tendo que tomar posição no campo médico local, colocando-se conseqüentemente contra alguns agentes desse campo e a favor de outros. Buscamos assim, uma contextualização das vivências profissionais do biografado.

Esses discursos a respeito do campo médico de Paranaguá em 1874 demonstram que já havia agentes, ou *especialistas*, nas palavras de Pierre Bourdieu, estabelecidos no campo médico

<sup>172</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1540, 23 set. 1874. p. 2.

<sup>173</sup> Ibid., p. 3. Grifos nossos.

da cidade, tais como os Doutores Eugênio Guimarães Rebello e João Pedro Freire Monteiro, que com a chegada de mais um médico no local tem suas posições neste campo questionadas ou mesmo ameaçadas com a presença de Leocádio José Correia, estabelecendo-se assim um conflito em torno da posição de autoridade.

O jornal *Dezenove de Dezembro* nos informa ainda a posição do periódico com suas publicações naquele contexto. Os textos publicados demonstram críticas constantes ao Dr. Eugênio Guimarães Rebello e toma partido pelos pareceres e ações do médico e novo Inspetor de Saúde Leocádio José Correia. Informa-nos a posição oposta que esses dois personagens tomaram no campo médico local e parte dos conflitos travados entre eles, assim como o posicionamento de outros personagens. Tais como o farmacêutico Joaquim Antonio Pereira Alves, que, em publicação datada de 28 de setembro de 1874, declarava ter cortado relações com o Dr. Rebello, e que este, por vingança, procurava prejudicar o farmacêutico impondo aos seus pacientes que não mandassem as receitas para serem preparadas em sua farmácia.<sup>174</sup> Ou ainda do texto assinado por *Os indignados* de Curitiba, datado de 23 de janeiro de 1875, no qual se publicou um protesto quanto ao esbanjamento do dinheiro público, pelo fato de a Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá ter doado ao médico Dr. Rebello a quantia de 1:000\$ enquanto havia necessidade de fundos para realização de seus trabalhos.

A despeito desse tipo de conflito em que esteve envolvido, ou mesmo de acusações sofridas ao longo de sua carreira médica e política, podemos perceber que o médico procurou se posicionar e conquistar espaço de destaque no campo médico da cidade, de toda a região litorânea e quiçá da Província. Um texto de agradecimento datado de 30 de agosto de 1877, trazia no *Jornal Dezenove de Dezembro* um elogio ao jovem médico e demonstra as qualidades atribuídas a ele pelo paciente Manoel Luiz Cardoso Pinto. Este declarou que se encontrava muito doente e tendo procurado médicos na capital, em Morretes e Antonina, encontrou em Paranaguá, no Doutor Leocádio, sua salvação. Percebe-se no discurso elogioso deste paciente a vontade de atribuir a Leocádio as qualidades consideradas primordiais para os médicos, algumas já encontradas nos textos anteriormente citados: o médico era comparado a um sacerdote humanitário e desinteressado.

Percebe-se que para além do conhecimento científico na área médica, que se procurava firmar na época, era necessário esse conjunto de qualidades e a empatia da população para ser considerado um bom médico, assim, consideramos que as qualidades exigidas dos médicos e nesses textos atribuídas ao jovem Leocádio José Correia configuraram-se em importantes *bens simbólicos* na busca por legitimidade no campo médico da província. Muitas dessas características são até a atualidade atribuídas a Leocádio e a grande número de médicos de sua época. Nas palavras do paciente, o médico não se preocupou com a recompensa e prestou seus hábeis serviços empenhando-se unicamente em salvar-lhe a vida e completava:

---

<sup>174</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1543, 3 out. 1874. p. 4.

Quando se consegue tão feliz resultado ministrado por uma mão virtuosa; um coração generoso; uma pericia reconhecida, e falta-nos os meios para remunerar, recorre-se a imprensa para que faça ecoar a voz da gratidão a esse vulto, eminente na sciencia, tão conhecido desde a academia onde foi sempre considerado por seus talentos.<sup>175</sup>

Os mesmos elementos são identificados em outro agradecimento público realizado pelo paciente Jacintho Pereira de Souza em 9 de abril de 1879, que declarou na imprensa ter tido o movimento do braço paralisado durante vários dias e

tendo sido habilmente soccorrido pelo distincto medico d'esta cidade, o illustre Snr. Dr. Leocadio, tenho a fortuna, graças á sua pericia e ao seu affectuozo disvello, de me achar hoje restabelecido e livre do perigo de ficar perpetuamente inutilizado do trabalho. Cumpro, pois, um dever sagrado, vindo publicamente manifestar ao distincto e humanitario medico, todo o reconhecimento de que lhe sou devedor e juntar mais uma benção, as muitas, que lhe tem derigido áquelles a quem elle tem suavizado as dores e restituído ao carinho e à affeição dos seus.<sup>176</sup>

A despeito dos discursos elogiosos, outros conflitos foram identificados entre o personagem e o poder público, a quem o médico não demonstrava tanto desinteresse material. A partir de 1878 começamos a identificar problemas com as questões financeiras relacionadas a atendimentos prestados pelo médico e sua cobrança ao poder público. No dia 19 de fevereiro a presidência da província respondia ao Dr. Leocádio José Correia um ofício que este havia enviado no dia 8 daquele mês declarando que não havia verba no orçamento provincial vigente destinada ao serviço da cadeia e suprimento dos presos pobres da cidade. Assim, negou o pagamento solicitado pelo médico, na quantia de 230\$000, importância correspondente a 46 visitas médicas que fez desde 1874 até 1877 aos presos, o médico deveria requerê-las à municipalidade.<sup>177</sup> A cobrança foi enviada pelo médico à Câmara Municipal de Paranaguá através de ofício do dia 11 de fevereiro de 1879 e colocada em pauta na sessão extraordinária de 3 de março de 1879.<sup>178</sup>

Da mesma forma, em 26 de fevereiro era a ele respondido um ofício do dia 12 de janeiro, no qual cobrava o pagamento de 480\$000 referentes ao expediente da Inspetoria de Saúde entre 1874 e 1877, em conformidade com a verba mensal de 10\$000. A presidência declarava que a verba para este fim no exercício de 1877 a 1878 era de 10\$000 para todo o exercício e não mensalmente como o médico havia compreendido. Até a quantia de 10\$000, portanto, poderiam ser pagas as contas legalmente apresentadas. No exercício de 1876 a 1877 foi concedido crédito de 20\$000 para tais despesas, que foram pagas. Respondia ainda que se outras despesas foram

<sup>175</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIV, n. 1841, 15 set. 1877. p. 4.

<sup>176</sup> ECHO DO PARANÁ. Ano I, n. 14, 10 abr. 1879. p. 4.

<sup>177</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1888, 2 mar. 1878. p. 2.

<sup>178</sup> ATA DA CÂMARA DE PARANAGUÁ. Folha 3, verso, 3 mar. 1879.

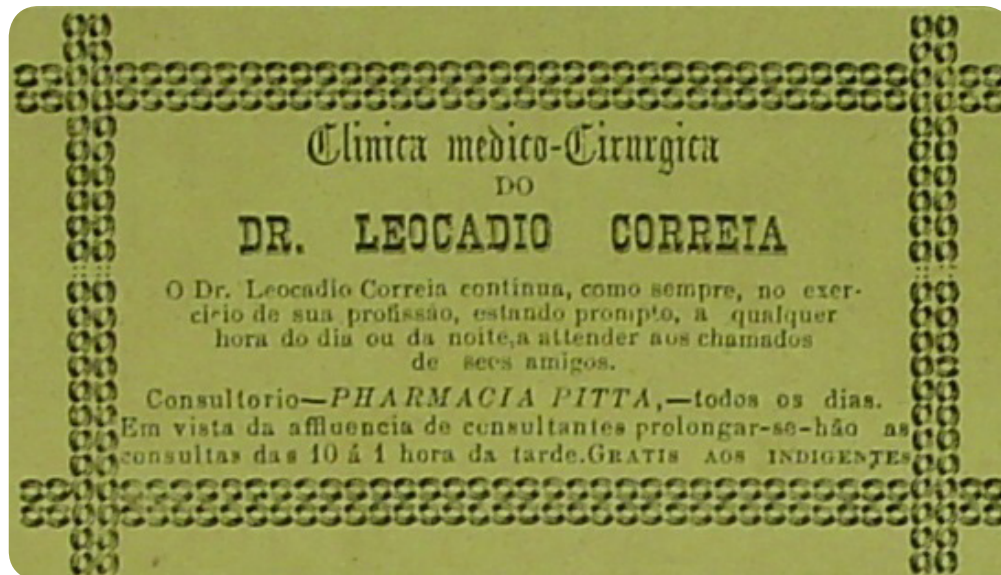


feitas em exercícios anteriores só com apresentação de documentos e por ordem do Ministério do Império poderiam ser liquidadas como dívida de exercícios findos.<sup>179</sup>

Essas situações de glosa das cobranças realizadas pelo médico se tornaram intensas em 1878, durante a epidemia de febre amarela que acometeu o litoral do Paraná, o caso chegou a ser debatido em Assembleia Legislativa e comentado na imprensa, demonstrando também o quanto as questões médicas estavam permeadas pela situação política.

Casos como esses demonstram também que parte do trabalho do médico era direcionado aos pobres dos quais nada era cobrado pelo atendimento, no entanto, as despesas em muitos casos eram enviadas ao poder público, que tinha parte do orçamento, por menor que fosse, reservada para tal fim. Práticas de atendimento gratuito à população pobre eram comuns entre os médicos do período, como os serviços públicos de saúde eram escassos e direcionados sobretudo a períodos de epidemias e o próprio número de médicos era reduzido, era comum encontrar anúncios em periódicos que demonstravam que a maioria dos profissionais reservava pelo menos um dia da semana para atendimentos gratuitos em suas clínicas particulares. Este também era o caso do Doutor Leocádio.

FIGURA 1 – ANÚNCIO DA CLÍNICA MÉDICA DO DOUTOR  
LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, EM PARANAGUÁ<sup>180</sup>



Observamos que mais tarde o imaginário popular consolidaria a ideia de que Leocádio José Correia era um médico abnegado, que prestava atendimento aos pobres sem nada cobrar, pensamos que muito desse imaginário se constituiu nesse contexto.

<sup>179</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1890, 9 mar. 1878. p. 2.

<sup>180</sup> ITIBERÊ. Ano II, n. 93, 20 dez. 1883. p. 4.

#### 1.4.1 Contra a *Amarella*, contra os opositores: a mão da caridade e o mau colega

Após atingir o Rio de Janeiro em 1849 e 1850 a febre amarela eclodiu no porto de Santos em maio de 1851 e um ano depois fez suas primeiras vítimas no porto de Paranaguá. Os casos foram considerados esporádicos e os sintomas muitas vezes confundidos com os de outras *pirexias*, termo utilizado na época para classificar diversos tipos e subtipos de febres.<sup>181</sup> Levando em consideração a importância que tinha o porto de Paranaguá para a província do Paraná, o fluxo contínuo com a Corte Imperial e outras províncias e a entrada de imigrantes não habituadas ao clima brasileiro, percebe-se a constante preocupação das autoridades sanitárias de Paranaguá e da população em geral, sobretudo em uma época na qual a febre amarela representava grande ameaça à vida e na qual as informações a respeito da moléstia eram ainda muito incertas e desconhecia-se as suas reais causas,<sup>182</sup> atribuíam-se a difusão da doença, por exemplo, às mudanças da estação, aos miasmas paludosos, à chegada de imigrantes e à alimentação estragada.<sup>183</sup> Os médicos do período não eram unânimes em relação às causas da doença, alguns defendiam que a febre amarela fosse uma doença infectocontagiosa; outros, no entanto, defendiam ideias opostas, sustentando o não contágio, sendo que alguns médicos faziam até mesmo experiências para comprovar o não contágio, deglutindo voluntariamente vômito negro de doentes, inoculando-se com o mesmo vômito, vestindo roupas de doentes afetados e deitando em seus leitos, sem que lhes resultasse mal algum.<sup>184</sup>

No mês de fevereiro de 1876, o Presidente da Província Adolpho Lamenha Lins apresentava à Assembleia Provincial o relatório do ano anterior. Nele, salientava que nenhuma epidemia havia incomodado a população da província no ano de 1875. Citando o relatório apresentado pelo Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá, Leocádio José Correia, registrava algumas moléstias na região serrana que, conforme a concepção da época, eram produzidas pela mudança brusca de temperatura, enquanto no litoral apareciam algumas febres de caráter benigno, tendo ocorrido somente um caso de varíola em um soldado passageiro do vapor *Itajahy*. Registrava ainda a preocupação apresentada pelo Inspetor de Saúde em relação às condições de higiene de Paranaguá: “Receia o inspetor de saude o aparecimento de epidemias pelo máo estado de aceio em que se acham o campo, as praias e algumas ruas da cidade, que, verdadeiros focos de infecção, podem produzir molestias incalculaveis.”<sup>185</sup> A capital não se encontrava em

<sup>181</sup> DOLINSKI, João Pedro. **Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)**. Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 70.

<sup>182</sup> Nada era conhecido nesse período sobre o papel desempenhado pelo mosquito *aedes aegypti* na transmissão da febre amarela e como fonte de infecção para o homem. De nada adiantavam os cordões sanitários e as medidas de isolamento em lazaretos, hospitais provisórios e áreas afastadas no campo, medidas comuns no período, pois tal doença não se transmite por contágio direto, nem através de objetos e roupas contaminadas. Cf. SIQUEIRA, 1989, p. 188.

<sup>183</sup> Ibid., p. 187-188.

<sup>184</sup> Ibid., p. 102-103.

<sup>185</sup> LINS, Adolpho Lamenha. **Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1876 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolpho Lamenha Lins**. Provincia do



condições muito melhores, salientando o presidente que somente o clima ameno impedia a propagação de doenças.

As curtas citações do relatório podem demonstrar que o poder público não estava alheio às más condições de salubridade da região litorânea e serrana do Paraná. Demonstram ainda que a cidade de Paranaguá que Leocádio José Correia encontrou em 1875, enquanto Inspetor de saúde, não era a mesma descrita pelo memorialista Antonio Vieira dos Santos em 1850, pouco antes da emancipação da província. Teria, com o passar dos anos, ocorrido um declínio das condições de asseio e higiene da cidade ou haveria ocorrido nesse intervalo de tempo uma mudança de perspectiva e de exigências para a cidade ser considerada salubre?

As preocupações apresentadas por Leocádio José Correia e referendadas pelo Presidente da Província em fevereiro de 1876 eram legítimas. No ano seguinte, ao apresentar em seu relatório as condições de saúde da província no ano de 1876 o Presidente declarava que o estado de salubridade não havia sido tão lisonjeiro como no ano anterior. Já haviam se manifestado duas epidemias que fizeram bastantes vítimas: a febre amarela em Paranaguá e a varíola em Tibagy e Jatahy.<sup>186</sup> Portanto, os primeiros casos de febre amarela tratados pelo médico Leocádio José Correia à frente da Inspetoria de Saúde datam de abril de 1876. Conforme informações do Presidente da Província em seu relatório, acreditava-se que a doença fora importada do Rio de Janeiro.<sup>187</sup> Logo que ocorreu o primeiro caso foi nomeada uma Comissão Sanitária formada pelo Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá, pelo Juiz de Direito da Comarca, pelo Presidente da Câmara Municipal, pelo Capitão do Porto e pelo Delegado de Polícia para tomarem medidas de prevenção ao aparecimento da epidemia de febre amarela, minorar seus estragos, caso se manifestasse, e proporcionar aos que fossem afetados todos os socorros apropriados.<sup>188</sup> Nos meses subsequentes, foram liberadas verbas para “socorros públicos” e para manutenções necessárias no Lazareto, localizado na Ilha das Cobras. Ações como esta eram das poucas medidas tomadas pelo poder público no período em relação à saúde da população.

A principal atribuição da Inspetoria de Saúde eram as visitas para realização da inspeção dos navios que atracavam no porto, com o objetivo de não permitir que pessoas doentes tivessem acesso à cidade. Na ocasião das visitas, verificava-se se havia algum caso de tripulante infectado de febre amarela e no caso da ocorrência de pessoas acometidas do mal, essas eram isoladas e colocadas em quarentena enquanto eram tratadas ou simplesmente mantidas em observação. O espaço na província do Paraná destinado às quarentenas era o Lazareto localizado na Ilha das Cobras,<sup>189</sup> quando nenhum surto epidêmico ameaçava a população de Paranaguá, o lazareto

---

Paraná, Typ. da Viuva Lopes, 1876. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/638/>>. Acesso em: 25 jul 2014. p. 8.

<sup>186</sup> LINS, Adolpho Lamenna. **Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1877 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolpho Lamenna Lins.** Curityba, Typ. da Viuva Lopes, 1877. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/639/>>. Acesso em: 25 jul. 2014. p. 24.

<sup>187</sup> Ibid., p. 25.

<sup>188</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIII, n. 1724, 15 jul. 1876. p.1.

<sup>189</sup> O Lazareto da Ilha das Cobras teve sua construção finalizada em 1855 com o objetivo de atender aos doentes de cólera que assolava a província do Paraná naquele período e esporadicamente o espaço era utilizado em períodos epidêmicos.

permanecia desativado por razões econômicas e o espaço era muitas vezes qualificado como inadequado ou insuficiente para receber uma grande quantidade de pessoas.<sup>190</sup>

No exercício de sua função na Inspetoria de Saúde do Porto, Leocádio José Correia era frequentemente alvo de críticas por seus oponentes na área médica ou política. Em telegrama ao presidente Adolpho Lamenha Lins, datado de 13 de junho de 1876 identificamos a resposta do médico a alguma dessas críticas. Leocádio as atribuía a adversários políticos, que em tempos de efervescência desvirtuavam fatos. Aparentemente a denúncia feita era de que 555 colonos vindos a Paranaguá através do transporte *Wassimou* não receberam a quarentena obrigatória no Lazareto da Ilha das Cobras. O médico explicava que os colonos foram acomodados na colônia Eufrasina, oferecida por seus diretores ao governo para que ocorresse ali a quarentena. Declarava que havia sido feita a observação e a desinfecção, usando do mesmo, se não de maior rigor. Explicava ainda que os colonos não puderam ser alojados no Lazareto pela falta de acomodações suficientes para o grande número de pessoas e lembrou ao Presidente que o lazareto não poderia servir a dois fins a que estava sendo destinado pela falta de recursos: a retenção de enfermos em quarentena e as desinfecções de doentes, provocando o contato de doentes e sãos no mesmo espaço.

Leocádio respondia ainda a uma denúncia de falta de informação e más condições do transporte *Wassimou*, dizendo que o estado de bordo era satisfatório, conforme teve oportunidade de verificar na visita sanitária e ser informado pelo médico de bordo. Além disso, explicava que não havia necessidade real de reter o transporte, apesar de tê-lo feito, visto que vinha do porto de Itajaí, onde ficou vários dias sem a ocorrência de nenhum caso de infecção.

O receio de uma epidemia por parte das autoridades e da população continuou presente no ano seguinte. Em janeiro de 1877, a embarcação *Pelikan* atracou em Paranaguá proveniente da corte, onde a febre amarela grassava com intensidade. Por meio da estação telegráfica Leocádio José Correia foi comunicado que a bordo da embarcação haviam falecido dois tripulantes, vítimas de enfermidade desconhecida e que seus corpos haviam sido atirados ao mar. O capitão da embarcação apresentou os mesmos sintomas, mas procurou dissimulá-los ao receber a visita da inspeção sanitária e não prestou maiores informações a respeito da morte dos dois marinheiros. No dia seguinte à inspeção, o capitão foi removido para o lazareto e veio a falecer. Segundo o Inspetor de Saúde, apresentou todos os sintomas que caracterizavam a febre amarela. A embarcação ficou retida durante vinte dias e foi submetida a desinfecção geral e a visitas diárias do Inspetor de Saúde. Nesse período outros casos de febre amarela foram constatados na tripulação do *Pelikan*. Após ser considerado livre da doença, seguiu para Antonina, mas aí surgiu mais um caso de febre amarela entre os tripulantes, despertando mais críticas ao Inspetor de Saúde por não ter agido de forma mais rigorosa com a quarentena.<sup>191</sup>

Em 10 de fevereiro, o Presidente da Província, Adolpho Lamenha Lins, nomeou mais uma vez uma comissão sanitária, para tomar medidas que impedissem uma epidemia de febre

<sup>190</sup> DOLINSKI, 2013, p. 57.

<sup>191</sup> Ibid., p. 130.

amarela na cidade de Paranaguá. A comissão era formada pelo Inspetor de Saúde, Leocádio José Correia, pelo Juiz de Direito da Comarca, pelo Presidente da Câmara, pelo Capitão do Porto e pelo Delegado de Polícia.<sup>192</sup> Além dessa medida, o médico da Companhia de Aprendizes de Marinheiro da cidade de Paranaguá recomendou ao Capitão do Porto de Paranaguá, Joaquim Guilherme de Mello Carrão, a limpeza do navio escola e de todas as paredes do quartel com caiações internas e externas, demonstrando receio em relação à doença que reinava a bordo do *Pelikan*. A Câmara de Antonina, por sua vez, solicitou ao governo da província os medicamentos recomendados pelo médico Dr. José Franco Grillo.<sup>193</sup>

Da tripulação do brigue alemão, apenas um ou dois marinheiros sobreviveram e a doença vitimou também pessoas em terra. Curiosamente, no dia 21 de março de 1877, o *Dezenove de Dezembro* publicava uma nota, a pedidos, assinada pelo capitão do brigue alemão *Pelikan*, H. Boyzen, declarando que ele e os marinheiros do navio que comandava foram muito bem tratados durante sua moléstia de febre amarela no Lazareto da Ilha das Cobras.<sup>194</sup>

Nesse ínterim, Leocádio José Correia deixou Paranaguá momentaneamente para assumir o posto de Deputado na Assembleia Provincial. Entre 19 de fevereiro<sup>195</sup> e 17 de abril de 1877<sup>196</sup> o substituiu na função de Inspetor de Saúde do porto de Paranaguá, por designação do Presidente da Província, o médico da Companhia de Menores. Conforme nos informa João Pedro Dolinski, através de sua dissertação de mestrado, a comissão sanitária nomeada pelo Presidente da Província dias antes não se reuniu antes da ida de Leocádio José Correia para Curitiba, fato criticado fortemente pelo Capitão do Porto: “Se a febre amarela aparecer em Antonina ou nesta cidade onde as imundícies pulam por baixo dos pés dos transeuntes, respirando ar fétido imundo das praias e animais mortos? Quem será o responsável por tamanha desgraça se Deus todo poderoso não se compadecer de nós?”<sup>197</sup>

Embora tenham ocorrido casos de febre amarela em 1877, o ano de 1878 foi marcado pela presença de uma grande epidemia no litoral. Em 8 de fevereiro de 1878, quando acabara de chegar do lazareto, Leocádio José Correia telegrafava à Presidência da Província para informar o estado sanitário no litoral. Declarou que desde às 10 horas da manhã estavam recolhidos no hospital naval dois doentes infectados por febre amarela. Além deles, em visita sanitária a todos os navios do porto de Antonina, encontrou mais dois casos entre os marinheiros, um do Brigue *John Helder*, outro do *Catherine*, além da barca francesa *Cité d’Aleth* que entrou no porto de Paranaguá com mais três casos. Os doentes foram encaminhados ao lazareto e todos os navios

<sup>192</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIV, n. 1788, 7 mar. 1877. p. 2.

<sup>193</sup> DOLINSKI, 2013, p. 130.

<sup>194</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIV, n. 1792, 21 mar. 1877. p. 3.

<sup>195</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIV, n. 1798, 14 abr. 1877. p. 2.

<sup>196</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIV, n. 1824, 14 jul. 1877. p. 1.

<sup>197</sup> APEP, 1877, AP513, Arquivo IJIP, v. 3, Ofícios. In: DOLINSKI, João Pedro. **Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)**. Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 131.

foram colocados em quarentena. Antonina apresentava estado de pânico.<sup>198</sup> No dia seguinte o Vice-Presidente da Província, Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, autorizava as despesas necessárias para o tratamento dos doentes e recomendava que prosseguisse com seu zelo e solicitude para que o mal não se propagasse.<sup>199</sup> Em Antonina, o Dr. Franco Grillo foi encarregado de prestar socorro aos acometidos pelo mal. Esperava-se que com as medidas tomadas a doença não se alastrasse.<sup>200</sup>

Em 9 de fevereiro faleceu um tripulante da embarcação *Calderon*, que iria atracar em Paranaguá com centenas de imigrantes. Leocádio Correia solicitou orientações ao Vice-Presidente de como proceder e sugeriu a criação de um local de quarentena na Ilha Eufrasina. Não obtendo resposta, ameaçou enviar os colonos a Curitiba. O Presidente da Câmara Municipal de Antonina interferiu na questão pedindo que os imigrantes desembarcados em Paranaguá fossem encaminhados primeiramente para a Ilha Eufrasina antes de seguirem para a cidade, o objetivo era a prevenção de aglomerações humanas que pudessem favorecer o desenvolvimento da febre amarela.<sup>201</sup>

Poucos dias depois de Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes assumir a Presidência da Província, Leocádio dirigiu a ele uma breve exposição do serviço sanitário do porto de Paranaguá durante o mês de fevereiro de 1878. Nesta exposição mencionava certas *irregularidades, lacunas e abusos* que no seu entender não poderiam prosseguir. Declarava que o antecessor ia de encontro a suas prudentes recomendações e opôs-se formalmente à prática de quarentenas, primeira das medidas a ser tomada em circunstâncias como aquela.<sup>202</sup> A declaração prestada nesta exposição e os fatos observados anteriormente, da ausência de resposta a uma solicitação do Inspetor de Saúde e sua ameaça de enviar os doentes para Curitiba, tendo que interferir no caso a Câmara de Antonina, demonstram que o relacionamento entre a Inspetoria de Saúde e a presidência ficou comprometida durante a breve administração de Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, que durou de 7 a 23 de fevereiro de 1878.

A Câmara de Paranaguá se manifestou a respeito da propagação da epidemia através de um edital contendo doze posturas relacionadas à higiene elaboradas em conjunto com o Inspetor de Saúde do Porto. Estas medidas eram comumente tomadas em períodos de epidemias e demonstram a relação atribuída pela medicina no período entre condições higiênicas das cidades e a propagação da febre amarela.<sup>203</sup> A Comissão Sanitária instituída pela presidência da província

<sup>198</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1882, 9 fev. 1878. p. 3.

<sup>199</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1884, 16 fev. 1878. p. 1-3.

<sup>200</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1885, 20 fev. 1878. p. 3.

<sup>201</sup> APEP, 1878, AP 536, Arquivo IJIP, v. 3, Ofícios. In: DOLINSKI, João Pedro. **Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)**. Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 132.

<sup>202</sup> ECHO DO PARANÁ. Ano I, n. 8, 28 fev. 1879. p. 3.

<sup>203</sup> Em sessão extraordinária no dia 19 de março de 1878 a Câmara de Paranaguá determinou o seguinte: 1º Proibir a criação e conservação de porcos nos quintais das casas dentro do quadro urbano, e bem assim estrebarias de gado vacum e cavalari; 2º Proibir a conservação de latrinas nas casas e quintais, a menos que não estejam hermeticamente fechadas; 3º Proibir lançar nas ruas, pátios, saídas para o campo, áreas e quintais; despejo, lixo, matérias deletérias ou

em 29 de março e composta pelo Juiz de Direito da Comarca, pelo Inspetor de Saúde do Porto, pelo Presidente da Câmara Municipal e pelo delegado de polícia do termo<sup>204</sup> concordou colocar em prática as ações determinadas pela Câmara Municipal. Os médicos Leocádio José Correia e Aristides Guedes Cabral foram incumbidos de tratar os enfermos indigentes. Uma enfermaria foi montada próximo da cidade para o atendimento dos pobres. Dois guardas foram contratados para colocarem as normas do edital em prática. Cabia a eles vigiar as casas dos afetados pela febre amarela, informar sobre os enfermos que necessitassem de dieta gratuita e lançar ao mar todas as frutas verdes que se encontrassem a venda ou armazenadas em canoas, lojas e mercados. A cidade foi dividida em dois distritos, cada médico era responsável por um deles. Foram contratados um enfermeiro e um cozinheiro para a enfermaria e, diante da dificuldade de contratarem-se cozeiros, recorreu-se à força policial para obrigar pessoas a fazerem esse serviço.<sup>205</sup> De acordo com o relatório da comissão, foram recolhidos à enfermaria 65 indigentes, dos quais 44 recuperaram a saúde, 19 faleceram e 2 foram transferidos para a Santa Casa.<sup>206</sup> Inferimos que a atuação de Leocádio José Correia nesse contexto de epidemia, como médico, Inspetor de Saúde e membro da Comissão Sanitária, a quem cabia atender a todos os doentes e visitar as casas para fiscalização do estado de higiene foram determinantes para que se consolidasse na memória coletiva a imagem de um médico atuante, caridoso, humanitário e despreocupado com as questões financeiras, o modelo do médico missionário do século XIX.

A situação nesse período já parecia melhorar, conforme notícias publicadas em 23 de março no *Dezenove de Dezembro*. O quadro era apresentado conforme informações dos delegados de polícia de Antonina, Morretes e Paranaguá. Na cidade de Morretes o estado sanitário era bom, sendo regular o dos *colonos* estabelecidos nela e não os que se encontram estabelecidos fora, na

---

qualquer outro objeto contra o asseio e salubridade pública; 4º Proibir conservar-se nos quintais, águas estagnadas, infectas, corpos sólidos ou solúveis, que incomodem, ou disso possa produzir mal; 5º Proibir expor à venda e vender, gêneros líquidos ou secos danificados ou falsificados, e frutas não sazoadas; 6º Proibir que o despejo das matérias fecais se faça antes das 10 horas da noite, em vasilhas não fechadas hermeticamente, e em outro lugar que não seja o mar- da Rua Sete de Setembro para o lado do arsenal; 7º Ordenar que as embarcações que aportarem nesta cidade vindas de portos infectados, de bordo de vapores ou outras embarcações de tal procedência, tragam a seu bordo desinfetantes por onde devem passar a bagagem dos passageiros, e qualquer carga; 8º Ordenar também que, logo que seja concluído o esquiteamento das rezes, porcos ou carneiros no matadouro, o seu dono fará imediatamente enterrar o sangue e demais resíduos; 9º Deliberar também pagar os medicamentos às pessoas afetadas da epidemia de febre amarela, sendo elas pertencentes à classe menos abastada da sociedade, uma vez que na receita haja nota do médico assistente em que declare essa qualidade; 10º O fiscal da Câmara, e o guarda Antonio Rodrigues da Costa, serão os executores das deliberações tomadas pela Câmara; 11º A Câmara Municipal em vista dos arts. 14, 133 e mais disposições, convidará ao Dr. Inspetor de Saúde, ao Subdelegado de Polícia e peritos, para a visita que procederão nas casas de negócio, quintais e outros lugares, aonde farão impor a multa de 30\$000 ao infrator destas deliberações de acordo com o mesmo art. 14 citado; 12º Convida-se também aos habitantes deste município a mandar cair interna e externamente as suas casas, a trazê-las perfeitamente asseadas- os quintais varridos, usando de desinfetantes. Cf. APEP, 1878, AP 539, Arquivo IJIP, v. 6, Ofícios. In: DOLINSKI, João Pedro. **Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)**. Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 133-134.

<sup>204</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1901, 17 abr. 1878. p. 2.

<sup>205</sup> APEP, 1878, AP 540, Arquivo IJIP, v. 7, Ofícios. In: DOLINSKI, João Pedro. **Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)**. Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 134-135.

<sup>206</sup> APEP, 1878, AP 544, Arquivo IJIP, v. 11, Ofícios. In: DOLINSKI, João Pedro. **Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)**. Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 135.



direção de Anhaya, pela escassez de recursos médicos. Informava-se que a Câmara Municipal nomearia uma comissão para desenvolver as medidas higiênicas. Em Antonina, ainda ocorriam muitos casos graves de febre amarela, sendo acometidas de oito a dez pessoas por dia. Em Paranaguá o estado sanitário era regular, tendo aparecido ultimamente apenas alguns casos de febres intermitentes. No mesmo dia o jornal noticiou que o Dr. Grillo expediu telegrama dizendo que há dois dias em Antonina não morria pessoa alguma, porém eram diariamente afetados. Ainda assim o médico apresentava visão otimista declarando que aparentemente a epidemia perdia seu vigor.<sup>207</sup>

O clima de apreensão em relação à febre não se limitava aos habitantes das cidades do litoral. Um texto sem identificação de autoria e localidade, porém, aparentemente de Curitiba, foi publicado em 27 de março. O autor declarava que embora a cordilheira os separasse do litoral preservando-os da epidemia e a ciência afirmasse que ela não subia às alturas, a proximidade era motivo de sustos e receios. Alertava que deveriam ser tomadas atitudes de precaução em relação à higiene da cidade, considerada a grande vilã e promotora do mau estado de saúde: “A limpeza da cidade, a fiscalização dos generos alimenticios expostos a venda, são de necessidade urgente; conselhos hygienicos ao povo tambem. Dignar-se ha a illustrissima municipalidade pensar como nós. Cremos que sim.”<sup>208</sup>

Outra pequena nota do mesmo jornal afirmava: “Toda a Curityba, está muito suja para que fique livre de sentir a repercussão da febre, que grassa em Antonina.”<sup>209</sup> A falta de asseio era motivo de apreensões e apontada como grande responsável pela propagação do mal. Outro texto do mesmo periódico intitulado *Aliados da peste* deixava clara a visão de que as condições higiênicas das cidades estavam longe de serem consideradas ideais e que eram compreendidas como causadoras de pestilências, como a febre amarela:

Por toda a parte agua estagnada, lodo, lama, materias putrefactas, casas sujas, pouco arejadas, quintaes immundos; açougues fedorentos, couros a seccar; viveres pouco saudaveis, e até nocivos, cervejas de tudo e de todo preço, que se bebem e se pagam com dinheiro e com a saude; carnes ensaccadas depois de *azedas*; pão e broa que cresce e se leveda com drogas prejudiciaes.

Aguas estofadas, poucos banhos, muitas latrinas mal construidas, pouca cal nas paredes, lixo amontoado nas casas, nada de fumigações, muita negligencia e muita irregularidade.

Eis os aliados da peste.

É toda esta fraudulagem que nos dá direito a visita proxima dos filhinhos e netinhos bastardos da verdadeira *Amarella*, que nos amarella de susto e esta fazendo emigrar os habitantes de Antonina.<sup>210</sup>

<sup>207</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1894, 23 mar. 1878. p. 3-4.

<sup>208</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1895, 27 mar. 1878. p. 4.

<sup>209</sup> Ibid., p. 4.

<sup>210</sup> Ibid., p. 4.

A epidemia que se iniciara em fevereiro tinha afetado diretamente 479 pessoas das quais 54 faleceram até o dia 5 de abril de 1878. Além destas, cerca de outras 50 pessoas que habitavam sítios faleceram por não conseguir acessar os serviços médicos. O Presidente da Província, Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, declarava em seu relatório à Assembleia Provincial que a cidade de Antonina estava quase despovoada, no entanto apontava um possível declínio da epidemia a partir das informações que havia recebido em 7 de abril.<sup>211</sup> Em quadro apresentado no relatório do estado sanitário da Província do Paraná durante o ano de 1878 pelo Dr. Leocádio José Correia ao Presidente da Província e ao Barão do Lavradio observa-se que totalizaram 18 casos de febre amarela curados e 9 mortes<sup>212</sup> a bordo de embarcações durante o primeiro semestre de 1878.<sup>213</sup>

Ao longo desse período a relação entre Leocádio José Correia, à frente da Inspetoria de Saúde do Porto, e os demais membros da Comissão Sanitária da qual fazia parte, assim como com a própria presidência da província, demonstrou estar permeada de desentendimentos. Uma dessas situações é relatada por João Pedro Dolinski em sua dissertação de mestrado, refere-se a um atrito com o delegado de polícia, Agostinho Antonio Pereira Alves que envolveu ainda o médico da Companhia de Menores Aprendizizes. Os três visitaram uma enferma, imigrante russa para confirmar o diagnóstico de febre amarela. O delegado considerou absurda uma proposta do Inspetor de criar uma enfermaria provisória e um lazareto específico para imigrantes russos e passou a denunciar atitudes do Inspetor que julgava demonstrar seu desleixo com os negócios públicos. O delegado denunciou o envio de cadáveres ao cemitério sem os cuidados básicos exigidos pela higiene. Era da opinião de que a população teria motivos de sobra para entrar em pânico, grande número de russos miseráveis, imundos e ociosos vagava pelas ruas da cidade e o Inspetor, que não acatava seus conselhos, se recusava a pôr em prática as ações recomendadas pela ciência.<sup>214</sup>

A relação com a presidência da província também sofreu abalos. Em 4 de março de 1878, Leocádio José Correia apresentou as contas das despesas efetuadas com o tratamento de 24 doentes de febre amarela que se encontravam no Lazareto da Ilha das Cobras desde 8 de fevereiro daquele ano. Além dessas despesas, cobrou os honorários pelo seu trabalho naquele período incluindo uma viagem a Antonina, duas a Imboguassu e 23 viagens ao lazareto. Os honorários totalizaram a quantia de 4:600U000 (Quatro contos e seiscentos mil réis). No dia 4 de abril o Presidente da Província respondia ao ofício afirmando que era extremamente exagerado o

<sup>211</sup> MENEZES, Rodrigo Octavio de Oliveira. **Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor dr. Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, no dia 9 de abril de 1878.** Curitiba, Typ. da Viuva Lopes, 1878. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/640/>>. Acesso em: 31 jul. 2014. p. 2-3.

<sup>212</sup> Os casos foram os seguintes: 5 curados e 2 mortos na barca alemã Wilhelmina; 3 curados e 3 mortos no Brigue holandês Yonge Evert; 6 curados na embarcação inglesa Catherine; 2 curados e 1 morto na Barca francesa Cité d'Aleth; 1 morto na barca inglesa Kent; 1 morto no Brigue alemão Emmi & Otto; 1 curado no vapor nacional Cervantes; 1 curado e 1 morto no vapor nacional Rio Grande.

<sup>213</sup> ECHO DO PARANÁ. 28 de fevereiro de 1879. Ano I. Número 8. p. 3.

<sup>214</sup> APEP, 1878, AP 540, Arquivo IJIP, v. 7, Ofícios. In: DOLINSKI, 2013, p. 135-136.



valor dos honorários arbitrados pelo médico e diante disso reduziu a conta para 1:830U000 (Um conto e oitocentos e trinta mil réis). Diante da resposta, o médico deveria reorganizar as contas e enviá-las novamente à presidência para que ordenasse o pagamento. Na mesma data, o Presidente determinou que fosse paga a quantia relativa a medicamentos fornecidos pelo farmacêutico Joaquim Antonio Pereira Alves e a dieta e outros serviços prestados aos enfermos recolhidos no lazareto, mas deixou de autorizar o pagamento de gratificações em relação a serviços prestados pelo zelador do hospital do lazareto e pelos remadores do escaler da saúde solicitados pelo Doutor Leocádio, alegando que eles recebiam vencimentos pelos cargos que exerciam e não teriam direito a gratificações extraordinárias e não autorizadas por lei.<sup>215</sup>

Leocádio respondeu à determinação do Presidente da Província no dia 12 de abril declarando que o serviço prestado por ele não era de modo algum compensado com a redução dos valores determinadas, mas concordava em reduzir o valor para prestar mais um serviço ao país, que não se encontrava em estado financeiro lisonjeiro. Mas, aparentemente, discordava de uma redução tão grande reivindicando pagamentos mais altos do que aqueles determinados. Para isso, argumentou que não tinha a obrigação de prestar tais serviços, que acumulou a função de farmacêutico em muitas ocasiões sem nada cobrar, além de serviços extraordinários realizados enquanto Inspetor de Saúde. O Presidente voltaria a responder que não era lícito elevar os honorários, argumentando que no município de Antonina os médicos Justino de Mello e José Franco Grillo prestavam também serviços muito relevantes durante a epidemia e com remuneração muito inferior àquela paga a ele. Leocádio também voltou a solicitar gratificações aos remadores do escaler, que foram novamente negadas pelo Presidente, que alegava não haver necessidade dos serviços dos remadores, pois tinha colocado à disposição da Inspeção de Saúde um dos vapores da Companhia Progressista e a lancha da capitania, que teria sido dispensada pelo médico.<sup>216</sup> A resolução tomada pelo Presidente foi, afinal, de manter os valores já determinados e a remuneração permaneceria a mesma ainda no início de 1879: 60U por cada viagem à Ilha das Cobras e 200U para cada viagem a Antonina.<sup>217</sup>

O caso tornou-se motivo de disputa política na Assembleia Legislativa, onde no dia 12 de abril de 1878 Manoel Eufrásio Correia, primo de Leocádio em segundo grau e Deputado Provincial pelo Partido Conservador naquela ocasião, desferiu duras críticas ao Presidente da Província, o senhor Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, do Partido Liberal. Entre as críticas empreendidas em seu discurso, afirmou que não foram tomadas providências eficientes contra a febre amarela que estava prejudicando a população do litoral. A epidemia, conforme o deputado, havia começado com o aparecimento de doentes em dois ou três navios no porto de Antonina, entretanto as quarentenas foram proibidas pelo Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira Sá, à época ocupante do cargo de Presidente da Província, fato que acreditava ter resultado nas desgraças lamentadas. Acusava a Presidência da Província de desleixo, incúria e má vontade

<sup>215</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1904, 27 abr. 1878. p. 2.

<sup>216</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1918, 15 jun. 1878. p. 1-2.

<sup>217</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1962, 20 mar. 1879. p. 2.

em relação à epidemia. Dizia que, apesar de a Comissão Sanitária de Paranaguá ter pedido um médico, mais de duas semanas haviam se passado e nenhum havia sido enviado àquela cidade, assim o Deputado criticava a administração do Sr. Octavio por não convidar ou mesmo por não encontrar meios de obrigar que médico algum fosse enviado a Paranaguá tratar da epidemia de febre amarela e diante da situação da falta de médicos que se dispusessem a correr os riscos de atender à população durante uma epidemia grave, enaltecia a figura do Dr. Leocádio, que não se recusava a atender aos doentes, e criticava o governo pelas glosas realizadas em seu pagamento:

O que deve ficar bem sabido é que enquanto se dá largas ajudas de custo para certos felizes gozarem a vida; ao Inspetor de Saúde, que faz visitas diárias a Ilha das Cobras, exposto a um sol ardente, que vae sempre a Antonina, no desempenho de suas obrigações, que medica innumerous enfermos, não se reccusando a ninguem; dá-se em retribuição de tanto trabalho, de tão grandes provações, uma mesquinha gratificação julgando-se ainda o governo habilitado a glosar a conta apresentada por aquelle illustre medico, taxando o valor de serviços que não conhece, mas que estão acima de qualquer recompensa.

E agora cumpre-me perguntar ao governo, quem substituiria o Dr. Leocádio, se este enfermasse; se sucumbisse na lucta em que se empenhou com rara abnegação e desinteresse?<sup>218</sup>

O discurso do Deputado não ficaria sem réplica. O Jornal *Dezenove de Dezembro* já no dia seguinte publicava um comunicado em tom de defesa do Presidente Rodrigo Octavio. O autor do texto, que não se identificou, declarava ser injusta a acusação de que o Presidente era negligente com a população de Paranaguá, pois logo que a epidemia acometeu a cidade teria autorizado a Comissão Sanitária de tomar todas as providências cabíveis e não havia deixado de atender nenhuma solicitação da comissão. Dizia, então, que se tivesse ocorrido qualquer negligência nos socorros a vítimas da epidemia, a responsabilidade deveria recair sobre a Comissão Sanitária, no entanto, acusava o Deputado de ser parcial em seus julgamentos, ao dizer que ele não articularia nenhuma queixa contra os membros da Comissão Sanitária, por serem eles, em sua maioria, membros do Partido Conservador. Em relação à falta de médicos, admitia que a Comissão Sanitária havia solicitado há dias mais médicos para auxiliá-la, por ser insuficiente o número de médicos disponíveis em Paranaguá, mas defendia mais uma vez o Presidente afirmando que logo que recebeu a solicitação procurou médicos que pudesse contratar, mas não os encontrou por serem poucos na Província e Antonina ou Morretes não poderia dispor de seus profissionais por também estarem assoladas pela epidemia. E finalizava a defesa: “Cai por terra, portanto, a censura irreflectida que o deputado opposicionista fez a administração do honrado e zeloso administrador, o Exm. Dr. Rodrigo Octavio, que só pode ser accusado pelos espiritos abcecados de paixões partidarias.”<sup>219</sup>

Em meio a discordâncias, disputas políticas, acusações e defesas, Leocádio não era unanimidade e não estava incólume a esta atmosfera conflituosa. Assim como algum indivíduo

<sup>218</sup> O PARANAENSE. Ano I, n. 18, 25 abr. 1878. p. 2-4.

<sup>219</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXV, n. 1900, 13 abr. 1878. p. 3.

anônimo partiu em defesa do Presidente da Província respondendo às críticas do Deputado Manoel Eufrásio Correia, outro indivíduo, que também se manteve no anonimato, recorreu à imprensa neste agitado mês de abril de 1878 para render honras ao médico Leocádio José Correia. O autor pretendia, declaradamente, que suas palavras elogiosas servissem de escudo às maledicências imputadas ao médico e atribuía a ele muitas qualidades:

Quem, como elle, bem visto os sacrificios, os esforços, a boa vontade, a dedicação e amor com que o Dr. Leocadio tem-se prostado para soccorrer tanto o pobre como o rico nesta quadra epidemica que estamos, infelizmente, atravessando, ha de, se não quizer ser tido por injusto e parcial, collocar se na fileira dos que reconhecem no Dr. Leocadio – a mão da caridade em pessoa.

E na verdade, quem seria capaz de, com tanto amor e dedicação, encarar e vencer impavido tantas difficuldades em prol da humanidade soffredora?!

Quem seria capaz de, com sacrificio da propria vida, em um pequeno batel, através das contrariedades dos ventos e das aguas, soffrendo copiosa chuva ou ardente sól, correr ao chamamento dos pobres atacados de febre amarella do lazareto da Ilha das Cobras?!

Quem, a qualquer hora do dia ou da noite, com tanta vontade, seria tão prompto em acudir aos gemidos dos doentes da cidade, SEM VISOS DE DISTINCCÃO, victimas do mesmo mal?!

Quem finalmente sujeitar se-hia, sempre com o sorriso nos labios e a franqueza no coração, a passar noites inteiras sem dormir, dias inteiros sem comer, só para não deixar a cabeceira do enfermo em perigo?!

E tudo isso sem ter em mira o brilhar da moeda?!

Ninguem, repito, ninguem.<sup>220</sup>

A epidemia teve seu período mais crítico durante o primeiro semestre de 1878 nos municípios de Antonina e Paranaguá, com um possível declínio do número de vítimas a partir de abril daquele ano. Em 1879 os cuidados para que uma nova epidemia não se alastrasse continuaram intensos no Porto de Paranaguá, assim como as disputas de poder envolvendo a questão da saúde permeada pelos interesses políticos.

Após um segundo semestre de 1878 aparentemente tranquilo, no início de 1879 o Inspetor de Saúde voltava a submeter navios procedentes do Rio de Janeiro a quarentena no Lazareto da Ilha das Cobras, receoso de que uma nova epidemia fosse importada da capital do Império, onde se manifestava a doença. O Presidente da Província colocou à disposição da Inspetoria um vapor da Companhia Progressista que posteriormente foi substituído por uma lancha da capitania e solicitou informações sobre a necessidade de um médico para o Lazareto.<sup>221</sup> Para que os passageiros submetidos a quarentena não entrassem em contato com os doentes recolhidos no Lazareto, a colônia Eufrasina foi alugada para tal fim, a partir de uma solicitação

<sup>220</sup> O PARANAENSE. Ano I, n. 21, 5 maio 1878. p. 4.

<sup>221</sup> MENEZES, Rodrigo Octavio de Oliveira. **Relatorio com que o Exm. Snr. Doutor Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes passou a administração da provincia ao primeiro vice-presidente Exm. Snr. Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá no dia 31 de março de 1879**. Curitiba: Typografia Perseverança: 1879. Disponível em: < <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u586/>>. Acesso em: 8 ago. 2014. p. 10-11.

do Inspetor de Saúde à presidência da Província no início de março daquele mesmo ano.<sup>222</sup> Outra providência tomada no mês de março foi o convite aos membros da Comissão Sanitária do ano anterior para se incumbirem novamente deste trabalho em 1879.<sup>223</sup>

Em fevereiro de 1879, o Inspetor de Saúde voltou a manifestar preocupações quanto ao aparecimento de febre amarela e solicitou um médico para o trabalho no Lazareto, julgando provável que ocorressem casos no mar. A febre veio realmente a se manifestar em navios no porto, os afetados foram recolhidos no Lazareto. Entre outros fatores, era atribuída à imigração a causa de propagação de epidemias de febre amarela, não só em Paranaguá, mas em todo o continente americano no século XIX. A situação se intensificava nas cidades portuárias, que eram o ponto de entrada de imigrantes nos países de destino.<sup>224</sup> Em Paranaguá, pode-se observar o receio em relação a imigrantes russos, que eram considerados perigosos e acusados de disseminar doenças.<sup>225</sup> Em março de 1879 esse foi um fator de preocupação, demonstrado pelos telegramas do Presidente da Província ao Inspetor de Saúde, em resposta a comunicados seus. O Inspetor respondia que haviam sido tomadas providências para que os russos não descessem enquanto durasse a febre, indicando que casos de febre amarela ocorridos haviam se manifestando entre esses imigrantes.

A partir de então percebe-se um esforço por parte da administração pública para retirar os russos de Paranaguá, o Presidente da Província telegrafou ao agente oficial de colonização em Paranaguá para que se entendesse o mais rápido possível com o Juiz de Direito, o Inspetor de Saúde e o Presidente da Câmara sobre a remoção dos russos.<sup>226</sup> Questionou ao presidente da câmara sobre local para onde poderiam remover os russos sem perigo e sugeria que regressassem à Curitiba até desaparecer a epidemia.<sup>227</sup> Esta resposta e outros comunicados oficiais do período indicam que os casos de febre amarela identificados já constituíam outra epidemia. Dez dias depois, outro telegrama do Presidente da Província indicava que a questão ainda não havia sido resolvida, respondia ao Presidente da Comissão Sanitária que era inconveniente a permanência dos russos em Paranaguá, mas que não poderiam empregar a força contra eles, pois sequer eram colonos e o governo não despendia qualquer valor com a passagem deles.<sup>228</sup>

Nesse contexto, atendendo à solicitação feita em fevereiro pelo Inspetor de Saúde, Leocádio José Correia, o médico Pedro Moreira foi incumbido do tratamento dos doentes no Lazareto da Ilha das Cobras a partir do dia 7 de março.<sup>229</sup> No dia 22 do mesmo mês, no entanto, já havia deixado a comissão sendo no dia 27 o Dr. José Joaquim Franco Valle nomeado para substituí-lo.<sup>230</sup> As fontes indicam mais um conflito neste período entre Leocádio José Correia e

<sup>222</sup> MENEZES, 1879, p. 11.

<sup>223</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1967, 1 maio 1879. p. 2.

<sup>224</sup> DOLINSKI, 2013, p. 141.

<sup>225</sup> Ibid., p. 142.

<sup>226</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1967, 1 maio 1879. p. 2.

<sup>227</sup> Ibid., p. 2.

<sup>228</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1968, 8 maio 1879. p. 3.

<sup>229</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1962, 20 mar. 1879. p. 2.

<sup>230</sup> MENEZES, 1879, p. 11.

o Doutor Pedro Moreira, envolvendo também o Presidente da Província, as situações de conflito teriam levado o Doutor Pedro Moreira a se retirar tão rapidamente deste trabalho com a Comissão Sanitária de Paranaguá. Indicam ainda um maior controle das ações da Comissão Sanitária e do Inspetor de Saúde por parte do Presidente da Província, visto a maior profusão de telegramas e comunicados oficiais do período enviados a diferentes membros da comissão para tratar dos mesmos assuntos e cobrando atitudes e informações.

Inicialmente o Presidente da Província havia incumbido o Doutor Pedro Moreira para, além do serviço no Lazareto, as quarentenas no mar enquanto o Inspetor de Saúde deveria ocupar-se da cidade e da colônia Eufrasina. Aparentemente Leocádio José Correia não concordou com essa determinação e argumentou que as visitas aos navios em quarentena eram atribuição sua, conforme determinações de regulamento. Tal reclamação teria levado o Presidente da Província a determinar que Pedro Moreira atuaria somente no Lazareto.<sup>231</sup> Teria o Inspetor se sentido ameaçado com a presença deste médico a cumprir funções que reivindicava como suas? O caso foi levado novamente à discussão na Assembleia Provincial, desta vez pelo próprio Leocádio José Correia, quando retornou a suas funções de Deputado no início de junho de 1879.

Em discurso proferido no dia 6 de junho na Assembleia Provincial Leocádio José Correia fundamentou uma das solicitações que fez à Assembleia Provincial: a cópia da correspondência oficial que trocaram o médico Pedro Moreira e o Presidente Rodrigo Octavio enquanto aquele prestou serviço como comissionado em Paranaguá. Acusou Pedro Moreira de ter se tornado um espião ilícito das suas ações à frente da Inspetoria de Saúde, pois prestava ao governo (no caso, ao Presidente da Província) quase que diariamente informações e denúncias que Leocádio José Correia dizia serem infundadas, acusando-o de fatos que ele desconhecia e que só o governo poderia imputar. O Senhor Justiniano de Mello apoiou Leocádio José Correia em sua acusação afirmando que o Presidente da Província sempre teve o costume de fazer coisas semelhantes, enquanto o Senhor Franco Valle, também Deputado, partiu em defesa de Pedro Moreira declarando que ele não havia acusado o Inspetor. Leocádio José Correia retrucou lendo trechos de um telegrama enviado pelo médico ao Presidente da Província no intuito de demonstrar que Pedro Moreira estava destinado a ser um espião do governo e não ao tratamento dos doentes.<sup>232</sup>

Nos trechos do telegrama lido, ao qual Leocádio disse ter tido acesso ao borrão, enviado a ele de maneira anônima, Pedro Moreira queixava-se da forma como o serviço dos médicos foi dividido e que nada podia deliberar. A este respeito Leocádio José Correia afirmou que o médico nada tinha mesmo que deliberar em relação à saúde do porto, onde existia uma autoridade oficial e que seu trabalho deveria ser exclusivamente no lazareto. No telegrama Pedro Moreira ainda havia dito que havia dois russos na cidade com febre, Leocádio o acusou de ter dito na mesma ocasião ao Delegado de Polícia que “a mesma febre existia tão somente na cabeça do inspetor de saúde!”. Na continuidade, Pedro Moreira dizia ser recomendável que os russos fossem enviados

<sup>231</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1967, 1 maio 1879. p. 2-3.

<sup>232</sup> O PARANAENSE. Ano II, n. 58, 12 jun. 1879. p. 1-3.

imediatamente ao Lazareto da Ilha das Cobras, mas declarava não saber qual teria sido a mensagem do Inspetor de Saúde ao Presidente da Província, sem ouvi-lo. A esta queixa, Leocádio respondeu que no caráter de Inspetor de Saúde não tinha que ouvir ao médico comissionado em qualquer que fosse o assunto relativo à saúde pública. Outra informação prestada pelo médico ao Presidente da Província foi que havia três doentes a bordo de um navio na barra, a esta informação Leocádio negou a autenticidade afirmando que nunca existiu doente algum a bordo de navios na barra. Por fim, Pedro Moreira solicitou uma lancha ao Presidente da Província e declarava que ao aumentar o número de doentes na cidade criaria um lazareto nesta extinguindo o da Ilha das Cobras. Leocádio questionou este pedido, pois o médico deveria prestar serviços exclusivamente na Ilha das Cobras e desta forma não precisaria de uma lancha, quanto à afirmação sobre a criação do lazareto na cidade declarou que o médico não tinha autoridade para tal, sendo esta autoridade atribuição do Inspetor de Saúde.<sup>233</sup>

Alguns dias depois o doutor Pedro Moreira se defenderia através de um texto publicado no Jornal *Dezenove de Dezembro* no qual questionava a autenticidade das informações declaradas pelo Deputado Leocádio José Correia na Assembleia Provincial, em ocasião que o acusado não poderia se defender. Dizia ainda que Leocádio utilizou-se de uma cópia de telegrama como se fosse prova autêntica, sem poder provar que era realmente legítima e que se fosse, só poderia ter sido enviada a ele por um de seus espíões e passou a explicar a sua versão dos fatos ocorridos em março daquele ano.

Disse que sentiu necessidade de telegrafar ao Presidente da Província pela primeira vez no dia 19, às três horas da tarde, para referir-se a desmandos e imprudências cometidas pelo Inspetor de Saúde, mas o telegrama não foi enviado imediatamente, foi devolvido ao médico pelo funcionário da estação que declarava que deveria estar assinado com a designação de *médico em comissão*, questionou a atitude do funcionário, que deveria ter devolvido o telegrama no mesmo momento em que foi entregue e não duas horas e meia depois. Dizia ainda desconhecer a identidade do indivíduo que fez a devolução do telegrama, pois este entrou furtivamente em sua residência enquanto havia se retirado da sala de visitas e deixou sobre uma mesa o telegrama devolvido. Indignado, o médico pediu providências imediatas ao Presidente da Província e declarou que aquele tipo de abuso não poderia ficar impune.<sup>234</sup>

De fato, no dia seguinte o Presidente da Província enviou um telegrama ao estacionário de Paranaguá questionando as razões pelas quais o telegrama apresentado pelo Doutor Pedro Moreira às três horas só fora expedido às seis.<sup>235</sup> Nesse mesmo dia, conforme as informações do Doutor Moreira, o carteiro da estação telegráfica, sobre quem recaíram as suspeitas, foi demitido e os dois médicos cortaram relações, após o Doutor Moreira ter dito a Leocádio José Correia todas as suas queixas e depois de ter solicitado demissão acusou ao Inspetor perante o Presidente da

<sup>233</sup> O PARANAENSE. Ano II, n. 58, 12 jun. 1879. p. 1-3.

<sup>234</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1974, 19 jun. 1879. p. 2-3.

<sup>235</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1967, 1 maio 1879. p. 2-3.



Província. Após uma longa defesa de seus atos Pedro Moreira passou a fazer diversas acusações ao Doutor Leocádio, colocando em dúvida sua competência enquanto Inspetor de Saúde. Entre as acusações, declarava que o serviço das quarentenas era exercido com desleixo e irregularidades, provocando constantes reclamações dos passageiros, listava um conjunto de atitudes impróprias naquele contexto e finalizava de maneira contundente:

É ou não certo que a vista destes factos S. S. Não poderá accusar o governo, e somente louval-o, porque ainda remunera um empregado que não sabe bem cumprir os seus deveres? Finalmente é ou não certo que S.S. é máo collega e tem sempre vivido em guerra aberta com os medicos que tem exercido a profissão em Paranaguá?<sup>236</sup>

De fato, a correspondência oficial do período em que esteve em Paranaguá demonstra que várias vezes o Presidente cobrou explicações do Inspetor de Saúde em relação a suas atitudes, sendo a maioria das correspondências posteriores à data de exoneração de Pedro Moreira: no dia 22 de março questionava o motivo pelo qual o Inspetor havia suspenso a quarentena dos passageiros;<sup>237</sup> dois dias depois declarava ter recebido queixas do Senhor Adriano Moreira da Costa Lima em seu nome e dos demais passageiros do paquete *Rio Grande* contra o modo como foram tratados pelo Inspetor de Saúde no trajeto para a quarentena, que foi realizado em um pequeno escaler e na quarentena, onde receberam péssimo tratamento, às queixas dos quarentenados o Inspetor teria respondido que a Presidência não atendia a suas reclamações;<sup>238</sup> no dia 29 declarava novamente através de telegrama que foi informado que um doente de febre amarela foi recolhido ao lazareto e que por esse motivo o Inspetor de Saúde suspendeu a quarentena dos passageiros que se encontravam ali, dizia também que soube que o enfermeiro do lazareto seguiu para a cidade abandonando o doente sob seus cuidados e colocou-se em contato com a população.<sup>239</sup> Todas essas atitudes irregulares das quais o Presidente da Província cobrava informações ao Inspetor de Saúde foram também listadas no discurso do Doutor Pedro Moreira publicado no jornal *Dezenove de Dezembro* de 19 de junho de 1879.

Em sessão da Assembleia Provincial do dia 17 de julho, tendo em mãos as correspondências oficiais que havia solicitado na sessão de 6 de junho de 1879, Leocádio respondeu a cada uma das críticas acusatórias emitidas por Pedro Moreira nas páginas do *Dezenove de Dezembro*. Aos casos de acusação de tratamentos inadequados aos pacientes em quarentena respondia com elogios recebidos de outros pacientes e confirmava em algumas situações a responsabilidade do governo, quando demorava-se a responder a solicitações da inspetoria.<sup>240</sup>

<sup>236</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1974, 19 jun. 1879. p. 2-3.

<sup>237</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1967, 1 maio 1879. p.3.

<sup>238</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1968, 8 maio 1879. p. 2-3.

<sup>239</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1969, 15 maio 1879. p. 2.

<sup>240</sup> O PARANAENSE. Ano II, n. 75, 10 ago. 1879. p. 3-4.

No ano de 1879, as quarentenas foram suspensas no mês de abril, tendo em vista a diminuição dos casos de febre amarela na corte e o bom estado sanitário de Paranaguá.<sup>241</sup> No entanto, percebe-se que para além das concepções médicas e da saúde da população as relações entre médicos e políticos eram permeadas de conflitos que se arrastavam no tempo para muito além do período de epidemias. Após este período as fontes noticiam casos esparsos de febre amarela ao longo dos anos, não caracterizando epidemias, porém ainda indicavam a apreensão da população e do poder público em relação à doença.

#### 1.4.2 O homem fera e seu gargalhar malévolo

A Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá, mais um espaço de cura onde Leocádio José Correia exerceu a prática da medicina.<sup>242</sup> Nesse período, os serviços de atendimento médicos hospitalares eram restritos a entidades filantrópicas como as Santas Casas, presentes nas principais cidades do país e geridas por entidades mutualistas. O hospital foi instalado em 1836, provisoriamente em casa alugada pelo Tenente Coronel Manoel Francisco Correia Junior, na Rua Boa Vista<sup>243</sup>. Sua primeira sede definitiva foi concluída no ano de 1841, situada junto à Capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões, a construção serviu de sede para a Santa Casa até o ano de 1900, quando o mesmo foi transferido para o novo prédio localizado no Campo Grande, atual praça Pires Pardinho. Para a construção da primeira sede arrecadou-se auxílio financeiro de dois contos de réis da Assembleia Legislativa Provincial, através da Lei nº 930 de 31 de março de 1838 e um conto de réis através de empréstimo solicitado à Sociedade União Paranaguense.<sup>244</sup> As instalações da Santa Casa de Misericórdia, fundada em 1841 foram assim descritas por Antonio Vieira dos Santos:

<sup>241</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1963, 4 abr. 1879. p. 1-3.

<sup>242</sup> A Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá teve sua fundação totalmente ligada à *Sociedade Patriótica dos Defensores da Independência e das Liberdades Constitucionais*. Com a abdicação de Dom Pedro I, em 1831, os *Moderados* detiveram o poder no início do Período Regencial. Conhecidos como “chimangos”, representavam a Direita Moderada, pró-latifúndio, unitaristas, monarquistas e arregimentaram-se em torno da *Sociedade Patriótica dos Defensores da Independência e das Liberdades Individuais*. Esta foi fundada em Paranaguá em 9 de outubro de 1831 com a presença de 48 parnanguaras, elegeu na ocasião como Presidente e secretário, respectivamente, o Capitão Joaquim Antônio Guimarães (Pai de Manoel Antonio Guimarães, que se tornaria Barão e Visconde de Nacar) e o Tenente Coronel Manoel Francisco Corrêa Júnior (Filho de Manoel Francisco Correia (Correia Velho) em segundas núpcias com Maria Joaquina da Trindade. Nasceu em 04 de março de 1809 e faleceu em 26 de fevereiro de 1857. Conhecido como “O moço”). Em julho de 1835, considerando o Brasil livre de ameaças políticas, o Tenente Coronel Manoel Francisco Corrêa Júnior, apresentou uma proposta para dissolução da entidade, convertendo-a em Irmandade da Misericórdia, desde que aprovada pela Assembleia Legislativa Provincial e pelo bispado da Diocese de São Paulo. Em dezembro, era escolhida a sua primeira diretoria, tendo Manoel Francisco Correia Junior como seu primeiro provedor. (Cf. FREITAS, 1999, p. 246-248.)

<sup>243</sup> Atual Rua Visconde de Nacar. Há controvérsias em relação a esta localização, havendo a possibilidade desta primeira sede da Santa Casa ter sido localizada na Rua da Ordem, atual Quinze de Novembro (Cf. Revista Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá – 1835-1935 edição comemorativa do primeiro centenário, em 8 de dezembro de 1935, p. 4.). Conforme Iseu Affonso da Costa, o sobrado onde se instalou o primeiro hospital pode ter sido esquina da rua Bom Jesus (atual Conselheiro Barradas) com a rua da Ordem (atual XV de Novembro), no local onde funcionou mais tarde a Casa Barranco. Antonio Vieira dos Santos, por sua vez, cita uma casa de propriedade de Manoel Francisco Correia na Rua da Boa Vista que já havia servido de hospital.

<sup>244</sup> A União Paranaguense foi uma Loja Maçônica fundada em 1837 por Manoel Francisco Correia Junior, conforme Romário Martins foi a primeira de Paranaguá.

Sua frente é de cem palmos, fronteando com o frontispício da capela, e de fundos setenta para o lado da rua da Misericórdia. Na face que olha para o lago do mesmo nome, tem 6 janelas de peitoril e para a rua da Misericórdia, 1 porta principal da entrada deste edifício. Suas divisões interiores são: uma grande sala onde se fazem as sessões da Irmandade, que ocupa duas janelas da frente. Tem mais uma hospedaria com uma janela, outra hospedaria maior, que tem duas janelas e nesta cabem dez enfermos, e na esquina uma sala com outra janela a cada lado e que serve de botica. Entre estas salas as divide um corredor desde a entrada até ao fundo para a parte da capela do Bom Jesus de 8 palmos de largo. No lado do fundo tem uma sala e alcova, onde moram os enfermeiros e três salas que servem de enfermarias de mulheres e despejos do serviço do hospital. Em um grande puxado de continuação do mesmo edifício tem quartos de serviço, despensas da casa e cozinha.<sup>245</sup>

Além de doações, os recursos financeiros para manter a Santa Casa eram oriundos de pagamentos realizados por doentes, todos os pensionistas recolhidos à enfermaria geral pagavam uma diária no valor de dois mil réis e os pensionistas tratados em quartos particulares pagavam diárias maiores. Ao analisar o movimento de enfermos atendidos na Santa Casa de Misericórdia nas décadas de 60, 70 e 80 do século XIX, João Pedro Dolinski inferiu que a maior parte dos doentes tratados no período era do sexo masculino, o número de mendigos e escravos tratados foi reduzido em relação a profissionais como marítimos, servidores domésticos e militares, salientou que entre os doentes classificados como profissionais de serviços domésticos poderiam estar os escravos, mas suas fontes não foram conclusivas para tal afirmação, concluiu, por fim, que o principal perfil dos doentes atendidos na Santa Casa naquele período eram os brancos que tivessem algum ofício que lhes permitissem arcar com os custos do tratamento, não sendo este um espaço relevante para o tratamento de pobres e escravos.<sup>246</sup>

Essas conclusões vão ao encontro de algumas das reclamações realizadas pelo Capitão do Porto Joaquim Guilherme de Mello Carrão no ano de 1878, quando Leocádio José Correia era provedor da Santa Casa. Entre outras reclamações feitas ao Presidente da Província, Carrão denunciava que o hospital, única casa de saúde de Paranaguá, não oferecia tratamento digno aos doentes e que os tratamentos realizados no local aos que pagavam suas diárias estendiam-se por mais tempo em relação aos tratados na enfermaria da Companhia de Menores Aprendizes, pois já que eram cobradas diárias o período de tratamento estendia-se o máximo possível, enfim, para o Capitão do Porto a Santa Casa não exercia a caridade.<sup>247</sup>

É preciso levar em consideração que quatro anos antes Leocádio José Correia e Joaquim Guilherme de Mello Carrão tiveram um atrito relacionado aos pareceres que ambos emitiram no processo de inventário de Antonio Ferreira de Sant'Anna. Leocádio emitiu seu parecer contra a cobrança de honorários que considerou exagerada, enquanto Mello Carrão defendia a cobrança de honorários realizadas por Eugênio Guimarães Rebello e João Pedro Freire Monteiro. Leocádio, na ocasião, tecera duras críticas a Mello Carrão, afirmando que o mesmo, não sendo médico não

<sup>245</sup> SANTOS, 2001, p. 151-152.

<sup>246</sup> DOLINSKI, 2013, p. 47-48.

<sup>247</sup> Ibid., p. 46.

estava apto para avaliar se as cobranças dos atendimentos médicos reivindicadas pelos médicos eram justas, muito menos para contrariar seu parecer. É possível inferir que embora as críticas do capitão do porto fossem pertinentes em vários pontos apontados por Dolinski, é muito possível que o conflito ocorrido anos antes tenha instigado desafetos entre o capitão do porto e o então provedor da Santa Casa.

Fato é que Leocádio era um personagem bastante polêmico e que a Santa Casa de Misericórdia tinha dificuldades para se manter com os recursos que recebia, tornando-se difícil o atendimento aos doentes que não tinham condições de pagar suas diárias, ou mesmo aqueles que não tinham a quem recorrer e abrigavam-se no hospital. Ovacionado por uns, duramente criticado por outros seguia Leocádio no exercício da medicina, mais uma vez os jornais da província do Paraná nos permitiram acessar parte desta trajetória bastante controversa.

Em janeiro de 1886 o *Dezenove de Dezembro* noticiava que no dia 25 daquele mês, às 11 horas da manhã, o provedor da Santa Casa, Doutor Leocádio José Correia, apresentou-se no hospital e após repreender os doentes deu alta a todos ordenando que saíssem do hospital, caso se recusassem seriam expulsos à força. Em frente ao edifício o médico teria assistido ao desfilar dos infelizes enfermos, entre as quais uma louca à qual ainda teria dirigido palavras de chacota. Teriam permanecido no hospital, com prazo até o dia seguinte, um doente que não podia caminhar e duas mulheres “da roça” que se retirariam na manhã seguinte. Em tom acusatório, relatou-se que aos pedidos dos “pobres doentes” para não serem dispensados do hospital o médico respondera “impiedosamente” que queria fechar a casa e ver-se livre deles. O jornal alertava o governo e pedia que investigasse o ocorrido, já que a Santa Casa recebia subvenções do mesmo.<sup>248</sup> A imagem de Leocádio apresentada nesta edição do *Dezenove de Dezembro* é a de um personagem que beira à crueldade, o jornal colocava em dúvida não só o trabalho realizado na Santa Casa, mas principalmente a maior das virtudes que um médico deveria apresentar: a caridade, sobretudo numa Santa Casa, instituição que deveria se voltar a esses casos.

Não tardou para que outro periódico, o *Gazeta Paranaense*, divulgasse uma pequena nota assinada por indivíduo de alcunha *Justus* em defesa do provedor. Este questionava a legitimidade das informações prestadas no *Dezenove de Dezembro* e partia em defesa do Doutor Leocádio.<sup>249</sup> Poucos dias depois a *Gazeta Paranaense* voltava a pronunciar-se sobre o assunto acusando o jornal opositor, *Dezenove de Dezembro*, de calúnia contra a Santa Casa e desafiava-o a divulgar o nome do informante. Em defesa do provedor da instituição de saúde foi divulgada uma lista com o nome de todos os pacientes que receberam alta no dia 25 de janeiro e os motivos que levaram o médico a dispensar aqueles pacientes,<sup>250</sup> assim como o nome dos cinco pacientes que

<sup>248</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXXIII, n. 23, 29 jan. 1886. p. 1-2.

<sup>249</sup> GAZETA PARANAENSE. Ano X, n. 24, 31 jan. 1886. p. 2.

<sup>250</sup> Doentes que receberam alta e as respectivas justificativas: 1- Laurinda Maria Mendes de 20 anos, casada com um carpinteiro, havia entrado no hospital em 30 de dezembro de 1885 com diagnóstico de bronquite asmática e tuberculose incipiente, teve alta em 26 de janeiro de 1886. Segundo o médico, a paciente recorreu ao hospital quando poderia ser tratada em casa, para fugir dos maus-tratos do marido. Permaneceu por um mês no hospital, não podendo a Misericórdia dar asilo por mais tempo a uma enferma que poderia ser tratada em casa. Saiu em boas condições de

permaneceram internados. A publicação nos permite vislumbrar que o hospital era procurado não exclusivamente para o tratamento de doenças, mas para o abrigo de pessoas que não teriam a quem recorrer e onde se abrigar, como em casos de violência doméstica ou daquelas pessoas que sem ter condições de trabalhar, pela idade avançada ou pela condição de saúde, o ocupavam como asilo. Aparentemente, a atitude do médico naquele 25 de janeiro foi a de dar o destino considerado adequado àqueles que não necessitavam mais de tratamento hospitalar e permaneciam ali. Ao finalizar a publicação o redator do texto dirigia-se ao público e ao governo defendendo o trabalho da instituição:

nada menos de 236 pobres enfermos forão ali soccorridos no correr do anno findo; as suas enfermarias ficarão repletas durante a permanencia nesta cidade do oculista Dr. Victor de Brito; muitos cegos sahirão dellas com vista, sem nada despendarem, acarretando a irmandade com as despezas quer de medicamentos especiaes, quer de tratamento, alguns dos quaes prolongados. A pobreza desvalida tem encontrado sempre em sua pharmacia os medicamentos que reclama, para alguns pobres soberbos, mas que, no leito de miseria, mostram a humildade hypocrita, ella tambem tem muitas vezes, illudida, concorrido com o seo contingente de caridade: cumpre, pois, amplamente com o seo fim humanitario, o que, porem, a Misericordia de Paranaguá não póde ser é refugio de consciences espectralhões, couto de vadios e asylo de mendigos.<sup>251</sup>

---

melhora. 2- Maria Joaquina do Carmo entrou em 9 de maio de 1883 com diagnóstico de *chlorose*, teve alta em 26 de janeiro de 1886, esteve sujeita a medicação ferruginosa durante sua permanência no hospital, suspensa e prosseguida convenientemente. Teve alta dois anos e oito meses depois saindo em estado satisfatório. Alegava-se que foi grande e prolongado o benefício recebido pela paciente na Santa Casa e que a mesma não fazia nada no Hospital, quando convidada ou chamada para qualquer serviço auxiliar da casa negava-se sempre, alegando estar pior. Tendo alta tratou de buscar uma casa de família onde trabalhar, recolhendo-se à do Sr. Guilherme José Leite, onde prestava magníficos serviços, segundo o médico. 3 - Isabel de Medeiros, 20 anos de idade, internou-se em 14 de junho de 1885, com diagnóstico de *chlorose* e retração permanente da perna recorrente de *offecção tendinosa*. Curada do estado geral a paciente negou-se a realizar uma operação da qual necessitava, em vista do estado do membro, convidada ainda a realizar a *tenotomia* no dia em que lhe foi dada alta, declarou que preferia morrer. Justificava-se sua alta com o argumento de que “se a Santa Casa não tinha poder de forçal-a à operação que seo estado requeria, não podia tambem continuar, em vista de tanta teimosia, a alimentar-a e abrigal-a”. 4- Rita Gomes, 30 anos, prostituta, entrou no hospital em 5 de dezembro com diagnóstico de *ulcerações sifilíticas*, saiu curada após um mês e vinte dias. 5- Thomasia da Costa, africana de 60 anos de idade, entrou com diagnóstico de glaucoma em 19 de novembro, permaneceu no hospital por 2 meses e 6 dias. Teve alta provisoriamente, pois sua doença era considerada incurável. 6- Luiza Maria do Carmo, com 25 anos de idade, entrou em 28 de dezembro sem fala, mas observou-se inteligência perfeita, havia ainda contusões na face e no corpo provocadas por pancadas praticadas por um velho amante. A paciente foi medicada, tendo desaparecido os indícios das contusões e readquirido a fala, portanto encontrava-se em estado de poder ser dispensada. Cinco dias antes da alta a doente já havia solicitado sua saída do hospital, tendo sido negada pelas condições de debilidade em que se encontrava. Recebeu os auxílios da Misericórdia que poderiam ter sido negados, tendo em vista que a doente tinha quem a sustentasse e atendesse. 7- Eduviges Maria do Carmo, de 60 anos de idade, entrou sem moléstia alguma, a empenho de um tal Sr. Pinho, por não querer mais ela em sua casa. A Santa Casa, que necessitava de recursos, não poderia dispensar favores a um hóspede são. 8- José Corrêa, entrou em 4 de janeiro com acessos intermitentes, teve alta a pedidos, não tendo tido repetições de acessos durante sua permanência no hospital. 9- José Antonio da Costa de 35 anos de idade, entrou em 5 de dezembro com diagnóstico de anemia simples. Permaneceu no hospital por vinte dias, em ociosidade perfeita. A moléstia requeria exercício corporal, foi dispensado facultado-se-lhe o medicamento para ser usado fora e recomendando-se-lhe o trabalho. 10- Manoel Antonio Dias, era marinheiro e entrou no hospital no dia 18 de dezembro de 1885 com diagnóstico de *blenhorrhagia*, dores articulares ligadas à sífilis inveterada. Teve 1 mês e 8 dias de hospitalidade, saindo em estado satisfatório. 11- Antonio Silvino, era italiano, cangueiro entrou no dia 5 de dezembro com bichos de pé. Foi convenientemente tratado e saiu limpo dos parasitas, não precisava estar no hospital que, entretanto, não negou-lhe admissão, ali permaneceu por 1 mês e 5 dias, saiu em 26 de janeiro completamente curado.

<sup>251</sup> GAZETA PARANAENSE. Ano X, n. 28, 6 fev. 1886. p. 3.

As justificativas apresentadas não convenceram o *Dezenove de Dezembro*, que acusou Leocádio José Correia de ter se pronunciado no jornal de maneira anônima para defender seu ato, considerado *desumano e altamente censurável*. O jornal manteve seu posicionamento contrário à atitude do médico desqualificando-o:

O que nos admira é a imprudencia com que esse homem fera pretende iludir o publico e a desfaçatez com que dirige insultos á esmo, como um louco que é, dando os motivos pelos quaes no mesmo dia e a mesma hora se põe fóra do hospital nada menos de onze doentes, dos dezesseis que alli existiam em tratamento!<sup>252</sup>

Por fim, declarava que não era contrário aos serviços prestados pela Misericórdia de Paranaguá, mas contra a atitude do médico que deveria ser coibido pela administração. Acusava-o de não cumprir com seu dever de assalariado, insinuava que não fazia as visitas diárias a que era obrigado e por esse motivo deu alta na mesma ocasião a onze doentes que não precisavam mais estar internados. Outra explicação além dessa era a maldade do médico, que não havia dado alta, mas na opinião dos opositores, *expulsou* os doentes:

Ou o medico não cumpria, como nunca cumprio, com os seus deveres, deixando de fazer as visitas diarias a que é obrigado, dando nessas occasiões as altas aos doentes que não devessem permanecer mais no hospital; ou se as fazia, o que negamos, foi o seu acto o requinte da maldade, o cumulo da deshumanidade e a prova do nenhum criterio com que desempenha a missão pela qual tem um salario, que lhe dá a irmandade. Quanto mais longa tivesse sido a permanencia desses infelizes no hospital, tanto maior seria o motivo para não obrigar-os ao triste espectaculo de sua expulsão, n'um só dia, á mesma hora, na presença do *gargalhar* malevolo de quem devêra por todos os principios evitar scena tão compungente.<sup>253</sup>

Neste caso, assim como no decorrer da epidemia de febre amarela, quando envolveu-se em outros conflitos, é impossível analisar se Leocádio José Correia agiu ou não corretamente e nem é este o nosso interesse, já que o papel do historiador não é o de julgamento dos personagens históricos. Entretanto, os casos tratados neste capítulo nos auxiliam na percepção de que Leocádio José Correia viveu intensamente o exercício da medicina em seu contexto, como médico envolveu-se com os doentes de sua clínica particular, prestou serviços ao poder público ocupando a função de Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá, atuou no momento de epidemia e foi médico da Santa Casa de Misericórdia de sua cidade. A inserção nas várias atividades que envolviam o saber médico de seu período não o tornaram uma unanimidade nem mesmo uma excepcionalidade durante sua vida. Continuaremos a tratar de alguns aspectos biográficos deste personagem no próximo capítulo, sobretudo das questões que contemplam seu envolvimento político e cultural.

<sup>252</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXXIII, n. 32, 10 fev. 1886. p. 2.

<sup>253</sup> Ibid., p. 2.



## 2 NAS ARTIMANHAS DA POLÍTICA E DA CULTURA

*O desenvolvimento physico e moral da humanidade, como a evolução natural do individuo, apresenta um connexo de phases e idades tão distintas que imprimem um cunho particular á sua transitória peregrinação pela historia.*

*Como o individuo, teve a humanidade a sua infância; como ele passou pela adolescencia, attingio o seo estado adulto, passou pela decrepitude, feneceo, e teve sua successão natural e ininterrupta!*

*Phases memoraveis que se nos mostram os adiantamentos do passado, assignalam o progresso do presente e prenunciam a perfectibilidade futura e relativa da mesma humanidade!*

*Phases memoraveis que, registradas no vasto jornal da Historia, tem prodigalisado ás gerações hodiernas ensinamentos uteis e perennes, nobres incentivos, pelo exemplo dos feitos e factos das gerações que se foram!*

*Phases memoraveis que, perlustrando a chronologia dos tempos, nos tem iluminado a escura noite da antiguidade, -fazendo-nos ver, em grato paralelo, os progressos que há alcançado o seculo em que vivemos!*

*A humanidade caminha!*

Leocádio José Correia

Discurso proferido no Club Litterario de Paranaguá, 15 de julho de 1882.

Além de médico e das funções públicas assumidas exclusivamente na área da saúde, Leocádio José Correia atuou na política, na cultura e a na educação. Por isso, pode ser considerado também um homem de letras. Na época, era comum engenheiros, médicos, advogados, administradores, professores e militares, além de suas funções profissionais, se dedicarem à produção intelectual, acompanhada de reflexões sobre o Brasil e desempenharem funções políticas e exercerem cargos públicos. Sua produção intelectual e suas reflexões sobre temas gerais ou assuntos científicos frequentemente eram publicadas em periódicos de circulação local ou regional. A crença nos ideais de progresso, na instrução e na civilização, também evidenciada na trajetória política e intelectual de Leocádio José Correia, era parte do pensamento do período. Civilização e progresso eram compreendidos como sinônimos e os doutores, bacharéis e *homens de letras* eram alvo de grande reverência pública pois materializavam o modo de vida considerado mais civilizado e a difusão desses ideais através da instrução. Instruir e se instruir tornaram-se um apostolado no período.<sup>254</sup>

Neste capítulo, o principal objetivo é refletir sobre a inserção de Leocádio José Correia no campo político e intelectual de seu tempo, levando em consideração que sua situação familiar e posição social estiveram diretamente ligadas às possibilidades e opções realizadas pelo personagem ao longo de sua trajetória.

<sup>254</sup> SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. p. 39-40.

## 2.1 A POLÍTICA, MAIS UM CAMPO CONFLITUOSO

O primeiro cargo político ocupado por Leocádio José Correia foi o de Deputado Provincial pelo Partido Conservador em duas legislaturas: 1876-1877 e 1878-1879, uma carreira muito breve, se levarmos em consideração que muitos deputados elegiam-se em muitas legislaturas buscando destacar-se e alcançar graus mais altos na escala política, como o de Presidente de Província, que era um cargo importante, por controlar a nomeação a diferentes cargos estratégicos na Província e garantir a vitória do governo nas eleições; Deputado na Assembleia Geral, podendo tornar-se Ministro; Senador e Conselheiro, que era a coroação da carreira política.<sup>255</sup>

Leocádio, ao contrário, parece ter feito um caminho inverso, não galgou postos mais altos, mas tornou-se nos anos posteriores Vereador na Câmara Municipal de Paranaguá e manteve-se em outras funções públicas locais, como a de Inspetor de Saúde e de Inspetor Paroquial de Escolas, não concorrendo mais ao posto de Deputado Provincial. Talvez pela sua morte precoce, aos 38 anos de idade, ou por não ter sido mais de seu interesse e de seus correligionários, ou ainda pelo enfraquecimento pelo qual passou o Partido Conservador ao final da década de 1870. Fato é que o jovem Deputado de 28 anos assumiu o cargo público num momento de renovação da Assembleia Provincial. Com oito deputados novos além dele, dos quais cinco atuaram somente em uma legislatura (1876-1877) e outros três além dele somente atuaram em mais uma, demonstrando grande rotatividade entre deputados conservadores e uma acirrada disputa pela vaga na Câmara Provincial.<sup>256</sup>

No Paraná Provincial, os dois principais grupos políticos que se opunham eram os ervateiros conservadores e os fazendeiros de gado, liberais. O Partido Conservador era comandado por dois dos mais poderosos exportadores de erva-mate da província: Manoel Antonio Guimarães, Barão e depois Visconde de Nacar e Ildefonso Correia, Barão do Serro Azul, respectivamente padrinho e primo de Leocádio José Correia, membros de famílias ilustres do litoral, ligadas por laços familiares. Apesar das ações empreendidas após a emancipação para enfraquecer os liberais, estes foram dominantes na maior parte do tempo na Assembleia Provincial, enquanto os conservadores possuíam a hegemonia econômica e, durante períodos maiores, o Poder Executivo.<sup>257</sup>

José Murilo de Carvalho aponta como principais diferenças entre os dois partidos – Conservador e Liberal – o fato de os conservadores defenderem maior fortalecimento do poder central, controle centralizado da magistratura e da polícia e o fortalecimento do poder moderador. Os liberais, por sua vez, lutavam por maior autonomia provincial, pela Justiça eletiva, pela separação da polícia e da justiça, pela redução das atribuições do poder moderador.<sup>258</sup>

<sup>255</sup> CARVALHO, 2013, p. 122-127.

<sup>256</sup> ALVES, 2014, p. 203.

<sup>257</sup> CORRÊA, 2006, p. 25-26.

<sup>258</sup> CARVALHO, 2013, p. 206.

Fossem membros de um ou outro partido, os principais políticos da segunda metade do século XIX estavam enredados em relações clientelísticas que iam desde o nível local até a mais alta cúpula do poder imperial. Richard Graham, em sua obra *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*, analisa como através das eleições se entrelaçavam dois tipos de clientelismo: a proteção de pessoas humildes por chefes políticos locais em troca de sua lealdade e também a ocupação de cargos governamentais, principalmente por pessoas da família. Em sua análise defende que a família – compreendida como uma ampla gama de relacionamentos consanguíneos, que iam muito além do núcleo pai, mãe e filhos – constituía o fundamento de uma estrutura de poder socialmente articulada. O líder local e seus seguidores se empenhavam para ampliar a rede de dependência e lealdade que se formava e sustentava o sistema de eleições.<sup>259</sup> Dessa forma, declara que nem os liberais nem os conservadores podiam ser descritos como pertencentes à classe média ou à burguesia, o sustentáculo de ambos os partidos eram homens de posses em suas localidades, contando com seus agregados, os membros da família extensa e outros dependentes.<sup>260</sup> Graham defende ainda que esses laços de lealdade eram mais importantes que a filiação ao partido político, sendo predominantes numa situação conflituosa. Mais do que convicções ideológicas ligadas a seus partidos de origem, a elite política buscava garantir sua posição através do acesso ao poder. Assim, acreditamos que as opções e a trajetória política de Leocádio José Correia como membro do Partido Conservador esteve diretamente relacionada a sua situação familiar.

No dia 12 de fevereiro de 1876, o *Dezenove de Dezembro* já havia anunciado a chegada de Leocádio José Correia na capital da Província para tomar assento na Assembleia Provincial.<sup>261</sup> Neste mesmo dia ocorreu a primeira sessão preparatória da 12ª Legislatura da Assembleia Legislativa Provincial. O Doutor Manoel Eufrásio Correia foi eleito presidente, o Doutor Tertuliano Teixeira de Freitas vice-presidente, o primeiro secretário foi Joaquim Antonio Guimarães e o segundo secretário Ricardo de Souza Dias Negrão.<sup>262</sup> Leocádio José Correia passou a fazer parte das comissões de Instrução Pública e Redação.<sup>263</sup> A sessão de encerramento dos trabalhos da Assembleia Provincial no ano de 1876 ocorreu em 15 de abril daquele ano.<sup>264</sup> Neste período ocorreram três sessões preparatórias, uma sessão de instalação e trinta e três sessões ordinárias no período entre 12 de fevereiro e 12 de abril. Num total de trinta e oito sessões que se efetivaram, Leocádio esteve ausente em quatorze delas, sua participação ocorreu efetivamente no período de 12 a 19 de fevereiro (8 sessões) e entre 8 e 30 de março (16 sessões). Houve ausência do deputado entre 21 de fevereiro e 7 de março, neste período ocorreram somente cinco sessões e outras nove deixaram de ocorrer por falta de número mínimo de deputados. As outras ausências ocorreram após o dia 2 de abril. Como a residência de Leocádio José Correia

<sup>259</sup> GRAHAM, 1997, p. 17.

<sup>260</sup> *Ibid.*, p. 232-233.

<sup>261</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIII, n. 1682, 12 fev. 1876. p. 3.

<sup>262</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIII, n. 1685, 16 fev. 1876. p. 3.

<sup>263</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIII, n. 1684, 19 fev. 1876. p. 2.

<sup>264</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIII, n. 1745, 4 out. 1876. p. 2.

permaneceu em Paranaguá, onde havia constituído família,<sup>265</sup> estabelecido seu consultório médico e onde também ocupava o cargo público de Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá, ele teve que se dividir entre as diferentes atividades, o que dificultava sua permanência por longos períodos em Curitiba, provavelmente o mesmo ocorria com os demais deputados, dado o número de sessões que não se realizava por falta de quórum.

Desde 7 de setembro de 1875 o Presidente da Província foi Adolfo Lamenha Lins. Político comumente citado como membro do Partido Liberal, era ao mesmo tempo chamado de *prestigioso chefe conservador*, nas páginas do jornal *O Paranaense* de 20 de abril de 1879. Fato é que esteve ao lado dos conservadores, já que governou durante um período em que o legislativo era dominado por essa vertente política e era apoiado por eles.<sup>266</sup> Durante o primeiro ano da legislatura de Leocádio José Correia, Presidente da Província e deputados sofriam reprimendas dos periódicos não conservadores, como era o caso do *Província do Paraná*, que se auto intitulava órgão democrático dedicado aos interesses da província. O jornal teceu duras críticas aos deputados da 12ª legislatura da Assembleia Legislativa que, em sua primeira sessão dirigiram-se ao palácio do governo para saudar o Presidente da Província. Tal ato foi reprovado, visto que o Poder Legislativo ocupava, em seu entendimento, uma esfera de poder superior ao Executivo e, portanto, não deveria se submeter ao Presidente da Província. Na ocasião, Manoel Eufrázio Correia em discurso ao Presidente elogiou suas ações em benefício da Província: reformas na estrada da Graciosa, estímulo à educação, criação de novas colônias e a construção de uma nova Igreja Matriz na capital.<sup>267</sup> As críticas prosseguiram em publicações subseqüentes com direito a resposta no *Dezenove de Dezembro*, o jornal então oficial, demonstrando um claro alinhamento entre Lamenha Lins e a Assembleia Provincial eminentemente conservadora. Exemplo claro do alinhamento entre as duas instâncias do poder governamental foi a aprovação de um empréstimo de 500\$000U000 (quinhentos contos de réis), na décima sessão da assembleia, ocorrida em 8 de março de 1876, para a realização de obras públicas, como a construção de estradas no interior da província e reforma de algumas outras, como a Estrada da Graciosa, assim como sanar dívidas do governo com os empregados públicos, que estavam com seus pagamentos atrasados.<sup>268</sup>

No ano de 1877, a primeira sessão preparatória da Assembleia Legislativa ocorreu em 13 de fevereiro. Neste ano foi eleito Presidente o senhor Tertuliano Teixeira de Freitas; vice-presidente o Padre Francisco José Correia Bittencourt; primeiro secretário o senhor José Lourenço de Vasconcellos Chaves e segundo secretário o senhor Ricardo de Souza Dias Negrão. Neste ano ocorreram duas sessões preparatórias, uma sessão de instalação, 32 sessões ordinárias,

<sup>265</sup> Leocádio José Correia casou-se no dia 29 de agosto de 1874 com a sua prima irmã Carmela Augusta Cysneiros, que passou a se chamar Carmela Cysneiros Correia. O casal teve três filhos: Leocádio Cysneiros Correia, nascido no dia 01 de dezembro de 1875; Lucídio Correia, nascido em 11 de agosto de 1877 e Clara Correia, nascida no dia 02 de fevereiro de 1880. Quando viajou para Curitiba para ocupar o posto de deputado nesta primeira legislatura, portanto, já havia nascido seu primeiro filho, que tinha pouco mais de dois meses de vida. (Fonte: Caderneta de anotações de Leocádio José Correia. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá).

<sup>266</sup> ALVES, 2014, p. 200.

<sup>267</sup> PROVÍNCIA DO PARANÁ. Ano I, n. 9, 27 fev. 1876. p. 3.

<sup>268</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIII, n. 1698, 8 abr. 1876. p. 3.

uma extraordinária e uma sessão de encerramento no intervalo entre 13 de fevereiro e 15 de abril, totalizando trinta e sete sessões. Neste intervalo de tempo dez sessões deixaram de ocorrer por falta de quórum. Leocádio José Correia esteve ausente nas sete primeiras sessões que ocorreram entre 13 e 21 de fevereiro, passou a frequentar as reuniões a partir da quinta sessão ordinária de 22 de fevereiro e permaneceu assíduo até a vigésima oitava sessão, do dia 7 de abril, com exceção da décima quinta sessão, de 9 de março e da vigésima quinta, do dia 4 de abril, às quais não compareceu. A partir de 10 de abril não esteve mais presente, período correspondente às seis últimas sessões. O médico permaneceu como membro das comissões de Instrução Pública e Redação.

O relacionamento dos deputados conservadores com o Presidente Lamenha Lins continuou amigável em 1877. Um dia antes da sessão de encerramento da Assembleia Provincial daquele ano os deputados dirigiram-se novamente ao palácio do governo para felicitar a administração da Província, principalmente no que concernia aos esforços para melhorar a instrução pública, as viações públicas e à criação de novos núcleos coloniais.<sup>269</sup>

Adolfo Lamenha Lins encerrou suas atividades como Presidente da Província do Paraná no dia 16 de julho de 1877 quando assumiu o cargo de Inspetor Especial de Terras e de Colonização, que ocupou até dezembro daquele mesmo ano, quando, com indignação o jornal conservador *O Paranaense* anunciava sua exoneração deste último cargo.<sup>270</sup> A exoneração do antigo Presidente transformou-se em uma grande polêmica que dividiu o Partido Conservador na Província. Nas páginas do periódico os conservadores da capital acusavam o Deputado Manoel Eufrásio Correia de ter ido até a Corte articular junto ao parente Senador, Manoel Francisco Correia, a exoneração de Lamenha Lins.

Conforme diversas edições do periódico, Lamenha Lins havia sido escolhido pelo grêmio conservador para concorrer à vaga de Deputado na Assembleia Geral. Inconformados, os representantes da família Correia teriam articulado sua exoneração. O grêmio manteve a candidatura do ex-presidente demonstrando que a vontade dos conservadores da capital se sobrepôs aos litorâneos, mas os representantes do Partido Conservador no litoral, Manoel Eufrásio Correia e o então Barão de Nácar, seu sogro, lançaram a candidatura de outro correligionário, o Doutor Bento Fernandes de Barros, e se empenharam para angariar votos em outras regiões da Província, o que gerou oposições dentro do próprio partido.<sup>271</sup> Naquele momento os conservadores tornaram-se, portanto, opositores de si mesmos, conforme podemos perceber na notícia publicada em 27 de janeiro de 1878, dia da eleição.

O eleitorado que constitue o collegio da capital acha-se reunido, e vae dentro em poucas horas decidir do pleito travado entre o partido conservador e os Srs. Corrêas. O povo paranaense sempre distinguiu-se pela independencia de character, nunca dobrando-se ás

<sup>269</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIV, n. 1800, 21 abr. 1877. p. 3.

<sup>270</sup> O PARANAENSE. Ano 1, n. 4, 30 dez. 1877. p. 2-3.

<sup>271</sup> O PARANAENSE. Ano 1, n. 6, 18 jan. 1878. p. 2-3.

imposições d'aquelles que julgam se senhores da provincia. Fica desde ja estabelecido o seguinte: se o eleitorado acompanhar o Sr. M. Eufrasio, guerrêa o Grêmio, e esposa a causa da ingratidão e do predomínio exclusivo de uma familia sobre o resto da provincia, se adopta a candidatura do Dr. Adolpho Lamenha Lins, assume a direção de seu próprio partido, recompensa o merito, e identifica-se com os seus correligionarios da capital. Decida o eleitorado: estamos certos de nossa victoria.<sup>272</sup>

O eleitorado decidiu, com muitas abstenções de conservadores por toda a Província, que certamente não quiseram se indispor com os Correias, mas que também não quiseram se opor à decisão do Partido. A vitória coube aos liberais que tiveram seu candidato, Manoel Alves de Araujo, eleito.

Para substituir Lamenha de Lins na presidência da província, Manoel Antonio Guimarães, o Barão de Nácar, assumiu o cargo em julho de 1877 até a chegada de Joaquim Bento Oliveira Junior, último Presidente conservador da década de 1870, que tomou posse em 17 de agosto de 1877 e deixou o cargo no dia 7 de fevereiro de 1878.<sup>273</sup> Este liderou o processo eleitoral para a 13ª Assembleia Legislativa do biênio 1878-1879, na qual se deu a segunda e última legislatura de Leocádio José Correia. Dos vinte membros eleitos para esta legislatura, somente três eram liberais, mantendo-se o caráter conservador da Assembleia Provincial, no entanto, a orientação política do Império havia mudado, o gabinete conservador liderado pelo Duque de Caxias caiu a 5 de janeiro de 1878 e assumiu o novo gabinete liberal o Visconde Sinimbu.<sup>274</sup>

No Paraná, o também liberal Dr. Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá foi nomeado Vice-Presidente da Província no dia 7 de fevereiro de 1878 e adiou o início da Assembleia Legislativa Provincial, que geralmente ocorria em fevereiro, para 8 de abril daquele ano, com a justificativa de não haver tempo hábil para se informar sobre os assuntos da Província e propor ações aos Deputados Provinciais. O segundo Vice-Presidente nomeado foi o Dr. Generoso Marques dos Santos e o novo Presidente da Província o Dr. Rodrigo Otávio de Oliveira Menezes, que tomou posse em 20 de fevereiro de 1878, sendo o Dr. Jesuino Marcondes nomeado Chefe de Polícia do Paraná.<sup>275</sup> A nova configuração política de predominância liberal e o conflito dos representantes da família Correia com os demais conservadores da Província explica em parte as dificuldades que identificamos em relação às atividades de Leocádio José Correia como Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá nos anos de 1878 e 1879 já evidenciadas no capítulo anterior.

A sessão de instalação da Assembleia Provincial no ano de 1878 ocorreu, conforme determinado pelo Dr. Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, em 8 de abril daquele ano, tendo as sessões preparatórias iniciado três dias antes. O presidente da Assembleia neste ano foi o conservador Antonio Ricardo dos Santos, o primeiro secretário o conservador Manoel de Souza

<sup>272</sup> O PARANAENSE. Ano I, n. 7, 27 jan. 1878. p. 3.

<sup>273</sup> ALVES, 2014, p. 208.

<sup>274</sup> Ibid., p. 214.

<sup>275</sup> Ibid., p. 215.



Dias Negrão e o segundo secretário o liberal José Joaquim Franco do Valle.<sup>276</sup> Durante todo o primeiro mês de trabalho da Assembleia Legislativa, cujos resumos de atas foram publicados no jornal *O Paranaense*, Leocádio José Correia esteve ausente, provavelmente por ser este o período de epidemia de febre amarela em Paranaguá, ao qual se dedicou como médico e Inspetor de Saúde.

No ano de 1879 o início dos trabalhos legislativos foi mais uma vez adiado para 1 de junho de 1879 e encerraram-se em 4 de agosto de 1879. O conservador Manoel Eufrásio Correia foi o presidente da Assembleia, se opondo aos liberais que estavam à frente da presidência da Província, o vice-presidente foi Joaquim José Belarmino de Bittencourt, o primeiro secretário Manoel de Souza Dias Negrão e o segundo secretário Ignacio Alves Correia Carneiro, todos conservadores.<sup>277</sup> O cargo de Presidente da Província foi assumido mais uma vez pelo Vice-Presidente Dr. Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, entre 31 de março de 1879 e 23 de abril de 1879, até a chegada do novo Presidente, o Dr. Manoel Pinto de Souza Dantas Filho, que permaneceu no cargo até 4 de agosto de 1880.<sup>278</sup>

Neste último ano de legislatura Leocádio José Correia também esteve na maior parte do tempo ausente das sessões da Assembleia Legislativa sendo sua presença registrada entre 5 e 10 de junho daquele ano, período no qual ocorreram três sessões extraordinárias e três sessões ordinárias. Na segunda sessão extraordinária do dia 6 de junho discursou contra o ex-Presidente da Província, Rodrigo Otávio de Oliveira Menezes e o médico Pedro Moreira, que havia sido designado pelo Presidente ao trabalho junto à Comissão de Saúde em Paranaguá durante período em que ocorreram casos de febre amarela. Leocádio acusava o médico de ser espião do Presidente da Província, que o havia enviado para controlar suas ações, conforme evidenciamos no subcapítulo que tratou sobre a epidemia de febre amarela em Paranaguá. Outro momento em que Leocádio José Correia esteve presente em Curitiba e tomou assento na Assembleia Provincial foi nos dias 16 e 17 de julho, sendo que no dia 17 mais uma vez discursou, desta vez respondendo a críticas que o médico Pedro Moreira publicou no jornal *Dezenove de Dezembro* em resposta a seu discurso do dia 6 de junho na Assembleia Legislativa Provincial.

Percebe-se, portanto, que nesta última legislatura as atenções de Leocádio José Correia estiveram muito mais voltadas à situação da saúde pública de Paranaguá e com sua própria reputação enquanto médico e Inspetor de Saúde do que à sua função de Deputado Provincial, talvez isso tenha contribuído para que não mais se candidatasse à Assembleia Legislativa Provincial e tenha se dedicado a cargos e funções públicas no âmbito do município de Paranaguá, como a Inspetoria de Saúde do Porto de Paranaguá, a Inspetoria Paroquial de Escolas e ao cargo de Vereador na Câmara Municipal.

---

<sup>276</sup> ALVES, 2014, p. 214.

<sup>277</sup> O PARANAENSE. Ano II, n. 57, 8 jun. 1879. p. 1.

<sup>278</sup> ALVES, 2014, p. 220.

Quanto à função de Vereador na Câmara Municipal de Paranaguá, foi eleito para um mandato de quatro anos entre 1877 e 1880, portanto, ao longo de três anos acumulou as funções de Deputado e Vereador. O primeiro registro que obtivemos de suas atividades enquanto Vereador foi a publicação de uma felicitação da Câmara de Paranaguá no jornal *O Paranaense* de 21 de novembro de 1878. A felicitação foi redigida na sessão ordinária de 14 de outubro de 1878 e assinada pelos vereadores presentes, entre eles Leocádio José Correia e era dedicada ao Conselheiro João Lins Vieira Cansansão de Sinimbu, que era na ocasião Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.<sup>279</sup>

Atribuía-se ao Conselheiro de Estado Sinimbu a decisão final a respeito da construção da estrada de ferro partir de Paranaguá até Curitiba e não de Antonina, como pretendia a elite política daquela cidade e após alguns anos de disputa entre representantes políticos das duas cidades litorâneas, conforme observamos no texto em homenagem a ele redigido pela Câmara de Paranaguá em 14 de outubro de 1878:

A camara municipal d'esta cidade em nome de seos municipales, intima e jubilosamente penhorada pela deliberação por V. Ex. tomada em relação à projectada via ferrea d'esta provincia, não pode deixar de render desde já as merecidas homenagens e patentear seos sinceros votos de reconhecimento a V. Ex. por tão plausivel e importante motivo.<sup>280</sup>

Além desta publicação, outros documentos que dizem respeito ao mandato de Vereador de Leocádio José Correia são as atas da Câmara Municipal de Paranaguá, no entanto, o livro de atas mais antigo disponível é o que teve início em janeiro de 1879, neste ano Leocádio José Correia foi eleito para fazer parte da comissão de papéis<sup>281</sup> entretanto os registros não evidenciam o comparecimento do médico a nenhuma das sessões da Câmara Municipal no ano de 1879, sendo substituído por outros vereadores na comissão ao longo daquele ano. No ano seguinte, foi eleito novamente para fazer parte da comissão de papéis<sup>282</sup> mas a única sessão na qual há registro de seu comparecimento foi a sessão extraordinária realizada no dia 16 de maio de 1880 também em homenagem ao Conselheiro Sinimbu. Nesta sessão um retrato do conselheiro foi colocado em lugar de honra na sala de sessões da Câmara Municipal, o Presidente da Câmara proferiu um breve discurso na abertura da solenidade e em seguida o Vereador Leocádio José Correia pediu a palavra e proferiu um longo discurso em honra ao homenageado, as palavras do Vereador expressavam a gratidão do povo paranaense e uma grande expectativa de progresso entre os paranguaras:

Para nós, parcella minima de nosso grande imperio, Sinimbu, tornou-se o idolo de respeito gratuito, e as letras desse nome, buriladas no coração de cada paranaense,

<sup>279</sup> O PARANAENSE. Ano I, n. 37, 21 nov. 1878. p. 2.

<sup>280</sup> Ibid., p. 2.

<sup>281</sup> ATA DA CÂMARA DE PARANAGUÁ. Folha 6, verso, 16 abr. 1879.

<sup>282</sup> ATA DA CÂMARA DE PARANAGUÁ. Folha 39, verso, 5 jan. 1880.

jamais deixarão olvidar o favor ingente que d'elle recebemos, e rememorarão em todo o tempo, a dívida insobrelável que transmittiremos aos posteros filhos da provincia. O echo desse nome, retumbando pelos nossos imensos valles, resoando pelas vastas campinas, transpondo os alcantis de nossas gigantescas montanhas, representara sempre pelas mais remotas regiões da provincia e todas ellas deporão o seo tributo de reconhecimento e respeito aos pés do benfeitor...<sup>283</sup>

Dois dias depois dessa homenagem o grupo de políticos da cidade de Paranaguá estaria mais uma vez envolvido em festejos e solenidades. Na ocasião, às seis e meia da tarde, desembarcou no porto de Paranaguá o Imperador Dom Pedro II acompanhado da Imperatriz Teresa Cristina. Leocádio José Correia fazia parte da comitiva que recepcionou os governantes, a bordo do vapor Iguazu, composta além dele, Vereador e Inspetor de Saúde, pelo Presidente da Província, pelo Barão de Nácar, pelo Presidente da Câmara Municipal, pelo Capitão do Porto, pelo Inspetor da Alfândega, além de outras autoridades, funcionários e cidadãos e três *das mais distintas senhoras daquela cidade*, das quais não foram citados os nomes. Em outro vapor, o Marumby, uma banda de música e mais de trezentos cidadãos também fizeram parte da recepção, enquanto no cais de desembarque a Câmara Municipal reunida deu as boas-vindas e ofereceu a chave da cidade ao Imperador.<sup>284</sup>

O casal imperial e sua comitiva dirigiram-se neste dia para a casa do Barão de Nácar, onde foram hospedados e na ocasião o Imperador definiu o itinerário de viagem pela Província. Várias festividades fizeram parte do roteiro do casal imperial na cidade de Paranaguá. No dia 19 de maio assistiram a um *Te-Deum* em sua homenagem mandado celebrar pela Câmara de Paranaguá e em seguida um baile oferecido também pela Câmara, já no dia seguinte prosseguiram a viagem encaminhando-se para outras localidades da Província, começando por Antonina e Morretes.

O retorno do casal imperial e sua comitiva a Paranaguá ocorreu no dia 5 de junho. Assim que o imperador desembarcou, recebido por grande número de pessoas e seguido pela população, encaminhou-se para o local de construção da estação ferroviária onde realizou-se a cerimônia de inauguração e a benção da pedra fundamental. Concluída a solenidade seguiram para o palacete do Barão de Nácar onde jantaram e logo em seguida, às quatro e meia da tarde embarcaram em direção à capital federal.<sup>285</sup> Nesta noite, a casa do Doutor Leocádio foi o cenário de um suntuoso baile onde a elite parnanguara comemorou a tão esperada inauguração dos trabalhos da estrada de ferro, com a presença do Presidente da Província, do Chefe de Polícia e outras autoridades. O jornal *Dezenove de Dezembro* assim noticiou o baile:

O baile correu animadissimo até alta hora da noite; sendo profuso e rico o serviço: e reinando a mais intensa alegria e amabilidade da parte de todos, que a porfia, requintavam já no distribuir os obsequios da hospitalidade, já em retribuilos, na mesma elevação.

<sup>283</sup> ATA DA CÂMARA DE PARANAGUÁ. Folha 65, 16 maio 1880.

<sup>284</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVII, n. 2049, 24 maio 1880. p. 1.

<sup>285</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVII, n. 2053, 9 jun. 1880. p. 1.

Mais uma vez a sociedade paranaguense exibiu-se com o brilhantismo costumado, podendo jactar-se de que a sua festa esteve no mais alto nível da educação, elegancia e civilidade.

O Dr. Leocadio e sua Exma. senhora fazendo as honras mais especialmente da casa, estiveram acima de todo elogio e sómente a par de si mesmos.<sup>286</sup>

As notícias publicadas no periódico *Dezenove de Dezembro* demonstram que Leocádio José Correia, seja como Vereador, seja como Inspetor de Saúde ou ainda como membro da família do Barão de Nacar esteve envolvido diretamente nas festividades de recepção do Imperador e sua comitiva para a inauguração dos trabalhos de construção da estrada de ferro tão esperada por Paranaguá. Verifica-se com este subcapítulo que a vida política do personagem esteve ligada ao Partido Conservador do qual eram chefes figuras políticas ligadas a ele através de laços familiares, sobretudo o então Barão de Nacar. Assim Leocádio José Correia despontava como um personagem político local, se não por sua participação nas sessões da Câmara Municipal ou da Assembleia Provincial, mas por sua presença nas celebrações públicas nas quais as habilidades de oratória deram certo destaque a sua imagem.

## 2.2 A FÉ, A INSTRUÇÃO E A LIBERDADE, UMA PLANTA BROTADA

Leocádio José Correia ocupou ainda mais uma função pública ao longo de sua vida, a de Inspetor Paroquial de Escolas do Município de Paranaguá. Sua primeira nomeação para este cargo foi no dia 25 de julho de 1877,<sup>287</sup> pediu demissão e lhe foi concedida em 26 de abril de 1879, quando assumiu o posto em seu lugar o Juiz de Direito da Comarca de Paranaguá, o bacharel Cesario José Chavantes.<sup>288</sup> Aparentemente esta era uma função política distribuída entre aqueles que tivessem algum título acadêmico, independente da área. Eram atribuições do Inspetor Paroquial de Escolas a visita às unidades escolares, momento em que se verificava a atuação dos professores, a frequência dos alunos, seu comportamento e desempenho em relação às áreas de conhecimento estudadas e até suas vestimentas, além das condições físicas da escola, cuja responsabilidade era dos professores, que alugavam casas onde funcionavam as escolas e deveriam mantê-las com subsídios do governo.

Podemos perceber que o período em que Leocádio foi Inspetor Paroquial de Escolas pela primeira vez coincide com o momento mais contundente da epidemia de febre amarela e que o personagem acumulou neste mesmo período as funções de Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá e a de Deputado Provincial. Naquele período, como já tratamos no capítulo anterior, houve um conflito entre Leocádio José Correia e o médico Pedro Moreira, acusado pelo Inspetor de ser espião do Presidente da Província Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes. Após seu retorno

<sup>286</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVII, n. 2053, 9 jun. 1880. p. 3.

<sup>287</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXIV, n. 1839, 5 set. 1877. p. 1.

<sup>288</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVI, n. 1973, 12 jun. 1879. p. 4.

a Curitiba ao abandonar a função na comissão de saúde em meio ao turbulento conflito com Leocádio, o médico Pedro Moreira foi nomeado Diretor Geral da Instrução Pública da Província. Em uma das sessões da Assembleia Provincial Leocádio José Correia levantava a suspeita de que ele havia insinuado em documento enviado ao Presidente da Província que o serviço de instrução pública de Paranaguá encontrava-se em estado de *anarquia e relaxação*. Ele então argumentava em defesa de sua atuação à frente da Inspeção Paroquial de Escolas:

Não desejo, Sr. Presidente, formar juízo precipitado sobre o que de bom ou de má possa existir no documento informativo, e aguardo do “alto”, na phrase predilecta e expressiva de meu accusador, os necessarios dados para melhor analysar esta questão que, parecendo de pequeno alcance, é, para mim, por mais de um titulo, considerada elevada, pelo zelo que sempre empreguei e interesse que sempre liguei ao progresso da instrucção publica de minha provincia, e muito especialmente de minha cidade natal como por mais de um administrador tem sido verificado e louvado, e, por mais de um director, devidamente apreciados esses serviços por mim prestados em pról da instrucção publica da provincia. [...] Não será pois o novo director que em seus arroubos de zelo suspeito me arrebatará as glorias colhidas no exercicio de meu cargo; e, para anteceder-me em minha defeza, declaro já á assembléa que, d’esde que a actual situação inaugurou-se, o meu primeiro passo foi solicitar a exoneração, e uma carta particular me foi dirigida pelo director geral da instrucção declarando ser impossivel acceder aos meus desejos, visto não poder dispensar-me do exercicio d’esse encargo, quando era o unico inspector que lhe auxiliava, e que melhor e mesmo com sacrificio se entregava á pratica dos deveres que lhe competiam. O director que, em Paranaguá esteve alguns dias, que desconhecia as escolas da cidade, as quaes nunca visitou; nem sabe onde existem, como era possivel avançar que o serviço da instrucção publica estava n’aquella cidade em completo estado de anarchia e relaxação?<sup>289</sup>

Percebe-se, assim, que as discussões envolvendo posicionamentos políticos não nos permitem avaliar a capacidade ou competência dos ocupantes de funções públicas, visto que os debates envolviam mais os desafetos pessoais decorrentes da situação política do que propriamente refletiam a realidade da atuação de seus ocupantes. Os correligionários sempre apoiavam e elogiavam a atuação de seus partidários, os jornais, que tinham orientação abertamente política, emitiam juízos de valor e opiniões sempre valorosas para com seus partidários e aos oponentes políticos restava as críticas, as denúncias de atitudes antiéticas, desumanas e incompetentes. Com Leocádio José Correia e Pedro Moreira não foi diferente. Neste momento específico, o *Dezenove de Dezembro*, que assumia uma posição de simpatia pelos liberais, publicou dias depois uma declaração de Pedro Moreira em sua defesa, enquanto n’*O Paranaense*, órgão do Partido Conservador, publicavam-se os discursos elogiosos a Leocádio José Correia.

Anos depois, em 23 de setembro 1885, Leocádio José Correia retornou ao cargo de Inspetor Paroquial de Escolas de Paranaguá.<sup>290</sup> Neste ínterim o médico não acumulava nenhuma outra função política, tendo em vista que em 1 de junho de 1884 entrou em licença do cargo de

<sup>289</sup> O PARANAENSE. Ano II, n. 58, 12 jun. 1879. p. 1.

<sup>290</sup> CORRESPONDÊNCIA à Câmara Municipal da cidade de Paranaguá. 29 set. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 1, frente.

Inspetor de Saúde dos Portos de Paranaguá com a justificativa de cuidar da própria saúde.<sup>291</sup> Segundo informações publicadas no Jornal *Dezenove de Dezembro* o médico encontrava-se com beribéri,<sup>292</sup> documentado como o primeiro caso desta doença na Província.<sup>293</sup> Provavelmente já recuperado, retornava aos assuntos políticos assumindo este cargo de Inspetor Paroquial de Escolas e pouco mais de um mês depois ocupava novamente o cargo de Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá, não sem os protestos do periódico *Dezenove de Dezembro*, que tecia duras críticas ao ato do governo, endossando a ideia de que a ocupação de tais funções eram ações eminentemente políticas:

Para nomear-se o sr. Dr. Leocádio José Correia inspetor de saude do Porto de Paranaguá, foi demittido o distincto dr. João Evangelista Espindola, que exercia com muito zelo aquelle cargo. O sr. Dr. Espindola não tem se envolvido com política, e portanto nem a razão partidária justifica o acto do sr. Mamoré. Mas o sr. Dr. Leocadio é *Correia*, e Paranaguá não admitte ali quem não fôr ou não se submeter ao domínio da familia.<sup>294</sup>

Leocádio José Correia parecia desempenhar a função com afinco, tendo registrado em suas correspondências a professores, ao Diretor Geral da Instrução Pública e ao Presidente da Província essas visitas e suas impressões.<sup>295</sup> Podemos perceber através dessas correspondências várias concepções que perpassavam a educação neste final do século XIX e como Leocádio José Correia individualmente as concebia. Cabe afirmar, por exemplo, que o personagem acreditava ser a educação um caminho para o progresso e sustentação da moral:

Crete que a instrução é o principal esteio de todo o progresso, assim como a solida base de todos os proventos moraes, sem os quaes o bem estar social necessario, encarado por todos os modos seria impossivel, empenho-me pela sua diffusão e desenvolvimento neste districto, onde ella tem sido tão desastradamente descurada, chamando em auxilio de meu empenho todas as forças que possuem e devão comcorrer para o desideratum, que não de hoje, aspiro.<sup>296</sup>

<sup>291</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXXI, n. 139, 12 jun. 1884. p. 1.

<sup>292</sup> Doença causada pela deficiência de vitamina B1 no organismo.

<sup>293</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXXI, n. 122, 22 maio 1884. p. 2.

<sup>294</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXXII, n. 248, 8 nov. 1885. p. 2

<sup>295</sup> Os professores de Paranaguá citados no arquivo de correspondência neste curto período em que Leocádio José Correia foi Inspetor Paroquial de Escolas foram: Maria Bernarda Pinto Cordeiro, professora da primeira cadeira do sexo feminino; Maria Julia da Silva, professora da segunda cadeira do sexo feminino; José Cleto da Silva, professor da primeira cadeira do sexo masculino; Honório Décio da Costa Lobo, professor da segunda cadeira do sexo masculino; Alfredo Alves da Silva, professor/diretor da aula noturna da cidade; Leocadia Basília da Costa Lobo, professora da escola promiscua; Joaquim Antunes Pimentel, que abriu em 16 de novembro escola particular mista de instrução primária e secundária; Maria Theodora dos Anjos, diretora de escola promiscua particular; Josephina dos Anjos Nepomuceno, professora da escola promiscua de Pyassaguera; Iphigenia de Negrão Bittencourt, professora do núcleo Alexandra a partir de 15 de fevereiro de 1886.

<sup>296</sup> CORRESPONDÊNCIA à Câmara Municipal da cidade de Paranaguá. 29 set. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 1, frente e verso.



Na difusão da instrução os professores eram as figuras centrais que assumiam papel de liderança e destaque na sociedade, o progresso dependia deste personagem que deveria, portanto, ser exemplo a seus discípulos, entre seus deveres, determinados pelo Regulamento da Instrução Pública da Província do Paraná, estava: portar-se com brandura e severidade, ensinar seus discípulos com amor e zelo, procurar inspirar os preceitos da moral e da religião, enunciar-se de modo a ser compreendido pelos alunos.<sup>297</sup> Dessa forma, os aspectos morais de conduta do professor estavam intrinsecamente ligados à instrução, como podemos perceber, por exemplo, nas conclusões do Inspetor ao visitar a escola noturna dirigida pelo professor Alfredo Alves da Silva: “Ainda jovem, como já disse, o professor, contudo, infunde aos alumnos, pela maior parte adultos, o respeito e a força moral, precisos para a bôa ordem, regularidade e moralidade necessaria.”<sup>298</sup>

Esses aspectos ficam ainda mais evidentes quando se tratava das professoras responsáveis pelas cadeiras do sexo feminino e pelas escolas promíscuas.<sup>299</sup> O exemplo de moralidade a ser dado por elas era o cumprimento ilibado dos papéis sociais de filhas, esposas e mães e delas dependia perpetuar essas concepções entre suas discípulas. No registro de sua primeira visita, realizada à escola primária da segunda cadeira do sexo feminino, cuja professora era Maria Julia da Silva, o Inspetor deixou transparecer a importância dada aos aspectos morais e exemplares que deveriam ser transmitidos às estudantes:

É difficil e melindrosa a missão de preceptora, e enorme a responsabilidade moral que sobre seus hombro pesa! Aquella que, imbuida de seus altos e sublimes deveres, consegue sahir victoriosa e illesa desse tirocínio espinhoso, torna-se o alvo de todo o respeito social e atrahi sobre si as benemerencias da patria, conquista por demais grandiosa, que tem sido já a partilha de tantas! Isto que acabo de expender patenteia-se demonstrativamente, mesmo no nosso pequeno centro de convivencia, em algumas matronas respeitáveis que ahi vivem acatadas, veneradas por aquellas que, revestidas hoje do papel de perfeitas mãis de familia, erão ainda hontem frageis e mimosas meninas que o menor sopro malefico poderia polluir e crestar, mas que, por ellas guiadas, bebendo d’ellas os salutaes conselhos, as imitando nos exemplos, por sua vez transmittem a herança recebida, enchendo de satisfação o lar doméstico, felicitando a familia, e moralizando a sociedade! ‘Filha, – Esposa, – Mãi’: tal a missão da mulher [...] Se a educação domestica tem seu quinhão de obrigações restrictas nesse solemne afan de resultados uteis, às preceptoras cabem tambem, – e principalmente – o dever de bem guiar e bem formar corações, – virgens de maior estimulos, – consolidar e firmar nelles os affectos nobres, inebriar enfim os ternos espiritos com os perfumes da pureza que só podem vivificar, exaltar, enobrecer e santificar aquelles que recebem suas purissimas emanações!<sup>300</sup>

<sup>297</sup> COLEÇÃO LEIS DA PROVÍNCIA DO PARANÁ. Regulamento orgânico da Instrução Pública da Província do Paraná. 16 jul. 1876. Art. 101.

<sup>298</sup> TERMO de visita feita a aula noturna de adultos da cidade de Paranaguá. 14 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 8, verso.

<sup>299</sup> As escolas promíscuas eram escolas mistas, ou seja, acolhiam crianças de ambos os sexos e também de diferentes estágios ou níveis de aprendizagem.

<sup>300</sup> TERMO de visita feita à segunda cadeira do sexo feminino da cidade de Paranaguá. 29 set. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 1, verso e folha 2, frente.

Em visita à escola da primeira cadeira do sexo feminino, administrada pela professora Maria Bernarda Pinto Cordeiro, percebe-se que essas concepções norteiam as considerações do Inspetor ao fazer sua análise do desempenho da professora e de suas alunas:

Visitando hoje inesperadamente a sua escola, notei, da parte da Professora, a mesma pontualidade e actividade, o mesmo zelo pelo aperfeiçoamento instructivo e moral de suas alumnas, e da parte destas o respeito necessario, a delicadesa attenciosa, e o comportamento exemplar, seguros indicios do bom exemplo e conselhos que a digna Professora tem sabido inculcar nos juvenis espiritos das educandas.<sup>301</sup>

A importância dada à moral estava intimamente relacionada neste momento à religiosidade católica, não só por esta ser a religião oficial do país, mas justamente porque os elementos da religião católica perpassavam aspectos da vida cotidiana familiar, da política e da educação. Enquanto Inspetor Paroquial, Leocádio José Correia deu grande importância aos aspectos religiosos católicos. Para ele, fé e instrução precisavam caminhar juntas para ser os sustentáculos da moral e da civilização:

O templo e a escola constituem os élos primos da cadeia da moral e da civilização; um significa a fé, outro representa a instrução: esta, sem aquella, abriria o caracter fatal do scepticismo, aquella, sem esta, seria a cegueira da consciencia, lynce interior, guia unico das ações do homem. A religião é tão necessaria ao espirito como o alimento ao corpo, se os seus, são exercicios foram desonrados por alguns maus professores, é tempo ainda de despertal-os, porque, sem os preceitos salutarees, que, della só emanão, a escola jamais attingirá seu fim, qual o de formar bons e exemplares cidadãos, prestantes membros sociais, convencidos de seus multiplos deveres, já em relação á si próprios, já em relação á familia, á sociedade e á pátria.<sup>302</sup>

Partindo desses pressupostos, Leocádio José Correia escreveu ao Vigário de Paranaguá, padre Marcello Annunziata, no dia 5 de outubro de 1885 comunicando-o que havia resolvido obrigar a população escolar a assistir a uma missa por semana, tendo escolhido para isso o sábado, por ser, segundo ele, o dia que os parnanguaras devotos consagravam à sua padroeira. A resolução do Inspetor estava de acordo com o Regulamento da Instrução Pública em vigor, que determinava que o ensino primário elementar compunha-se da instrução moral e religiosa, além de leitura e escrita, de noções gerais de gramática nacional, de elementos de aritmética e desenho linear, de prendas domésticas para o sexo feminino e de geografia e história.<sup>303</sup> O mesmo Regulamento afirmava que a instrução religiosa deveria ser dada em um dia da semana

<sup>301</sup> TERMO de visita feita à primeira cadeira do sexo feminino da cidade de Paranaguá. 30 set. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 3, frente.

<sup>302</sup> CORRESPONDÊNCIA ao Vigário da paróquia, padre Marcello Anunziata. 5 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 3, verso.

<sup>303</sup> COLEÇÃO LEIS DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, 1876, art. 9.

determinada pelo professor.<sup>304</sup> A obrigação foi instituída e era cobrada aos professores, como pudemos observar na correspondência enviada pelo Inspetor à professora da escola promíscua no dia 10 de outubro de 1885, na qual questionava sua ausência na missa daquele dia:

Tendo esta Inspeção feito observar verbalmente á V<sup>a</sup> Ere<sup>a</sup> como o fez aos demais professores publicos e particulares, a necessidade do ensino e exercicio religiosos, bases de toda a moral, e tão necessarios á infância, e tendo ao mesmo tempo feito vêr a resolução por ella tomada de tornar-se obrigatória a assistencia do santo sacrificio da missa, para o que, de combinação com o Rev<sup>m</sup>Parocho, ficou marcada a missa consagrada aos sabados á Parochia da Cidade, – haja V<sup>a</sup> Ere<sup>a</sup> de informar qual o forte motivo que a inibiu de assistir hoje á esse acto, tornando-se a excepção da resolução estabelecida.<sup>305</sup>

A preocupação com os aspectos religiosos na educação também fazia parte das observações do Inspetor ao visitar as escolas, como se pode observar mais objetivamente na visita feita à escola noturna da cidade, quando pontuou em seu termo de visita que o ensino da Doutrina Cristã era atendido e foi fortemente recomendado ao professor, a quem o próprio Inspetor iria fornecer os catecismos necessários para a instrução religiosa. A preocupação mais contundente ao ensino religioso nesta escola se devia, provavelmente, ao público de alunos que a frequentava: trabalhadores ingênuos,<sup>306</sup> livres e escravos.<sup>307</sup>

Observamos ainda, como alvo das atenções de Leocádio José Correia, a instrução pública dispensada à população mais pobre da cidade. A escola da cidade de Paranaguá que parecia concentrar maior número de crianças pertencentes a famílias das camadas sociais marginalizadas era a escola promíscua do Rocio. O Inspetor declarava ter defendido no passado a criação daquela escola e defendia em seu termo de visita a manutenção da mesma. Através de suas anotações, percebemos que a frequência das crianças nesta escola era mais baixa em relação às outras e em relação ao número de habitantes do bairro. O desempenho dos estudantes também não era o mais satisfatório. Leocádio José Correia atribuía à má vontade das famílias o impedimento de melhor aproveitamento das crianças do Rocio, declarava que os pais, por egoísmo ou por inconsciência queriam legar aos filhos a sua ignorância. Defendia assim, a continuação dos trabalhos da escola, como empenho civilizador por parte do governo para com essa população.<sup>308</sup>

Através dos registros de correspondência podemos concluir ainda, as impressões de Leocádio José Correia em relação à escravidão e o papel da educação no processo histórico

<sup>304</sup> COLEÇÃO LEIS DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, 1876, art. 29.

<sup>305</sup> CORRESPONDÊNCIA à professora da escola promíscua da cidade. 10 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 7.

<sup>306</sup> Crianças livres nascidas do ventre de escravas, a partir da Lei de 28 set. 1871.

<sup>307</sup> TERMO de visita feita a aula noturna de adultos da cidade de Paranaguá. 14 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 8, frente e verso.

<sup>308</sup> TERMO de visita feita à Escola Promíscua do Rocio. 9 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 5, verso; 6, frente e verso e 7, frente.

vivido por ele. Em visita à escola noturna da cidade, registrou que esta era destinada à instrução de artistas e *jornaleiros*. Havia 34 alunos matriculados, dos quais 6 eram escravos, 5 eram ingênuos e 23 livres. Chamava a atenção para o bom desempenho e esforço dos alunos, colocando-se totalmente favorável ao incentivo governamental para esta escola.<sup>309</sup> Suas ações corroboravam com os esforços por parte do poder público no final do século XIX para proporcionar a assimilação do escravo na sociedade através dos meios considerados menos danosos aos proprietários, o que passava pela necessidade de inculcar neste grupo os princípios do progresso e da civilização. A educação era vista, assim, como uma via de controle e disciplinarização.<sup>310</sup>

Para Leocádio José Correia, a escravidão era um mal que estava sendo combatido, a abolição era inevitável e uma questão de tempo para se concretizar definitivamente. Aparentemente partilhava da ideia de uma abolição gradual através das leis já proclamadas na época.<sup>311</sup> Neste processo, a educação serviria para inserir os escravos, ingênuos e ex-escravos na sociedade, garantindo-lhes a cidadania negada até então.<sup>312</sup>

As circunstancias singulares da actualidade reclamão de prompto providencias para os dias proximos que aguardão o paiz: uma lei liberrima e applaudida o tem enchido já dos filhos livres do escravo, bem como outra, de não menor alcance politico e humanitário, tende a, em breve expurgar a pátria e apagar esse nome do seu vocabulario civil e social. Ingenuos e ascendentes tem de ser, pois, legitimos cidadãos em um tempo que não está longe, e, convêm, com todos os recursos aproveitáveis do presente, preparar essa sementeira do futuro que pode ser abundante de fructos inestimaveis. [...] é preciso desde já ir preparando o terreno em que tem de medrar e crescer a planta brotada da liberdade, e se a queremos viçosa, abundante de seiva, rica de productos, seja a escola a estufa purificadora que a aqueça, a conserve e a aproprie para o transplante suave e proficuo.<sup>313</sup>

Percebe-se, assim, que Leocádio José Correia não era contrário à abolição, mas não a defendia de maneira imediata e sem a condescendência dos senhores de escravo, sendo sua postura muito próxima à do Partido Conservador, do qual fazia parte. Sua visão em relação à abolição se contrapôs, neste contexto, a de outro personagem muito conhecido em Paranaguá, o Professor José Cleto da Silva, com quem Leocádio José Correia – na posição de Inspetor Paroquial

<sup>309</sup> TERMO de visita feita a aula noturna de adultos da cidade de Paranaguá. 14 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folhas 7, frente e verso e 8, frente e verso.

<sup>310</sup> SILVA, Noemi Santos da. **O “batismo na instrução”**: projetos e práticas de instrução formal de escravos libertos e ingênuos no Paraná provincial. Dissertação. (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. p. 42.

<sup>311</sup> Lei Eusébio de Queirós, assinada em 1850, Lei Visconde do Rio Branco, assinada em 1871 e Lei Saraiva-Cotegipe, de 1885.

<sup>312</sup> Sobretudo naquele contexto em que a nova lei eleitoral de 1881 substituiu o sistema bifásico por eleições diretas, aumentou a renda mínima e instituiu a alfabetização como exigência aos eleitores, ao mesmo tempo que abria a possibilidade de libertos que cumprissem as exigências tornarem-se eleitores, o que a legislação anterior proibia. Cf. SILVA, 2014, p. 47.

<sup>313</sup> TERMO de visita feita a aula noturna de adultos da cidade de Paranaguá. 14 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folhas 7, verso e 8, frente.

de Escolas – teve também um atrito que demonstra, mais uma vez, como os posicionamentos políticos se sobrepunham à competência profissional dos personagens envolvidos.

O Professor Cleto, como era conhecido, nasceu em Paranaguá em 24 de outubro de 1843, filho de José Cleto da Silva e Maria Rosa da Silva. Teve uma infância pobre e envolveu-se com o trabalho desde cedo, carregando água e lenha ou vendendo tripas e miúdos de boi. Durante longo período de sua juventude trabalhou na Alfândega de Paranaguá. Chegou a ser tradutor-intérprete de comércio até 1867, quando foi nomeado professor da primeira cadeira de ensino primário, entrando em exercício no ano seguinte. Com apenas três anos de magistério o professor decidiu ensinar instrução básica aos escravos, tendo enviado em 1871 um ofício ao Diretor Geral da Instrução solicitando a permissão para tal fim. Foi um dos primeiros sócios do *Club Litterario* fundado em Paranaguá em 1872. Vinculado ao Partido Liberal, foi eleito Deputado Provincial em 1879 atuando na 14ª Legislatura (1880-1881). Como deputado liberal entrou em desavenças com políticos conservadores, tendo demonstrado em um de seus discursos preferências pela liberdade religiosa e ensino laico nas escolas.<sup>314</sup>

José Cleto da Silva envolveu-se diretamente com o movimento abolicionista, que ganhou forças na década de 1880. Uma das ações da campanha abolicionista era a divulgação de auxílio jurídico aos cativos que desejassem contestar sua condição escrava judicialmente, caso tivessem sido escravizados após a lei de 7 de novembro de 1831, que proibia o tráfico. Em 1883 o professor teria anunciado em um periódico denominado *Violeta* que se incumbia das ações de liberdade gratuitamente e estaria à disposição dos interessados diariamente das 3 às 6 horas da tarde em sua residência. Não foram encontrados exemplares deste periódico para consulta, mas sabe-se através do periódico *Itiberê* de 31 de maio de 1883, que o *Violeta* era publicado pela tipografia do *Club Litterario* de Paranaguá até meados de maio daquele ano, quando o então Presidente do *Club Litterario*, João Guilherme Guimarães interrompeu sua publicação naquela tipografia por ferir o artigo 4º do seu Regulamento, que proibia ataques à religião oficial do Estado, a corporações políticas ou administrativas ou ao governo constituído. Aparentemente artigos desta monta estavam sendo publicados por aquele periódico e o Professor Cleto saiu em defesa das publicações na *Gazeta Paranaense*, criticando a atitude da tipografia,<sup>315</sup> o que demonstraria algumas contrariedades entre o professor e alguns membros do *Club Litterario*. Neste mesmo período, sem citar o nome do professor, Leocádio Correia que era um dos redatores do *Jornal Itiberê*, órgão do *Club Litterario*, denunciava algumas atitudes do professor público no jornal, assim como um ato da Câmara Municipal que o havia nomeado Delegado de Polícia indevidamente, visto que o Regulamento da Instrução Pública proibia o acúmulo de empregos por parte dos professores. Era um prenúncio de um conflito que se intensificaria mais tarde, quando o médico voltou a ocupar o cargo de Inspetor Paroquial de Escolas.

<sup>314</sup> SILVA, 2014, p. 154-159.

<sup>315</sup> ITIBERÊ. Ano II, n. 66, 31 maio 1883. p. 2.

Em sessão de júri ocorrida no dia 15 de dezembro de 1885 na cidade de Paranaguá foi apresentado um processo de abuso de liberdade de imprensa para ser submetido a julgamento, no qual a firma Visconde de Nacar & Filho acusava o réu Fernando Machado de Simas, redator proprietário do periódico *Livre Paraná*<sup>316</sup> por crime de calúnia. A sessão não ocorreu naquela data porque grande parte dos jurados indicados pela defesa e acusação foram impedidos de atuar, em sua maioria por situações de parentesco com os envolvidos no caso. José Cleto da Silva foi um dos jurados impedidos, indicado pela defesa do réu, a justificativa do impedimento foi a alegação de sua sociedade com a tipografia, ele, porém, contestou alegando não ter sociedade com o jornal.<sup>317</sup>

Naquele mesmo dia o Inspetor Paroquial de Escolas de Paranaguá escreveu ao Juiz de Direito e Presidente do tribunal de júri dizendo que constava à Inspetoria que o professor Cleto havia afirmado em sessão de júri ser sócio da empresa Simas e Companhia e que era de seu interesse saber se a informação era verdadeira.<sup>318</sup> Apesar das informações contraditórias a respeito da suposta sociedade aí iniciou-se uma série de correspondências enviadas pela Inspetoria a diferentes autoridades da Província indicando o conflito entre os dois personagens.

Leocádio José Correia passou a acusar o professor Cleto de várias irregularidades enquadradas em diferentes artigos do Regulamento Geral da Instrução Pública. Em relação ao art. 102, parágrafo 1º que dizia ser incompatível ao professorado o exercício de profissão comercial ou indústria<sup>319</sup> o professor foi acusado de ser sócio da tipografia responsável pela publicação do *Livre Paraná*. Contra o parágrafo 2º do mesmo artigo, que proibia a acumulação de outros empregos que pudessem distrair os professores em suas horas de trabalho<sup>320</sup> o Inspetor o acusava de ter se apresentado como curador de escravos perseguindo politicamente os senhores proprietários de escravos e de ter se apresentado publicamente através de cartazes afixados nas esquinas como advogado ou solicitador.<sup>321</sup> Em relação ao parágrafo 4º do art. 103, que proibia os professores públicos de se ausentarem das escolas nos dias letivos, salvo sob licença dos agentes de inspeção,<sup>322</sup> o professor foi acusado de comparecer à Alfândega, no dia 21 de dezembro de 1885, antes do horário de encerramento das aulas sem a prévia licença da Inspetoria.<sup>323</sup> Além

---

<sup>316</sup> O *Livre Paraná* foi um jornal lançado no ano de 1883 na cidade de Paranaguá. Os redatores do periódico declaravam-se abertamente a favor do regime republicano, da abolição da escravidão e contrários à monarquia.

<sup>317</sup> GAZETA PARANAENSE. Ano IX, n. 429, 19 dez 1885. p. 2.

<sup>318</sup> Correspondência ao juiz de direito, presidente do tribunal de júri. 15 dez. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 15, verso.

<sup>319</sup> COLEÇÃO LEIS DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, 1876, art. 102, parágrafo 1º.

<sup>320</sup> *Ibid.*, art. 102, parágrafo 2º.

<sup>321</sup> CORRESPONDÊNCIA ao Professor Honório Décio da Costa Lobo. 24 dez. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 17, frente.

<sup>322</sup> COLEÇÃO LEIS DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, 1876, art. 103, parágrafo 4º.

<sup>323</sup> CORRESPONDÊNCIA ao Inspetor da Alfândega. 22 dez. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 16, frente e verso.



destas acusações, o Inspetor citava o art. 107, parágrafo 3º, alegando que o professor era desrespeitoso com ele no exercício de sua função e que era inadmissível um funcionário público atacar a pessoa do monarca e a Família Imperial, como fazia o professor, dando maus exemplos aos seus discípulos.<sup>324</sup>

A partir das acusações pautadas na legislação vigente Leocádio José Correia sugeria que o professor fosse punido conforme a determinação do art. 26 do Regulamento, que previa aos professores e diretores que dessem maus exemplos ou contrariassem de qualquer forma as leis e regulamentos provinciais da instrução serem multados pelo diretor da instrução e no caso de reincidência dissolver suas aulas ou estabelecimentos.<sup>325</sup> Além disso, negou-se a emitir o atestado que comprovava o exercício da profissão solicitado pelo professor, alegando que o mesmo não cumpriu com seus deveres e infringiu a lei.<sup>326</sup>

Ademais, em 26 de fevereiro de 1886 o Inspetor advertiu o professor Cleto por uma correspondência enviada por ele à Inspetoria contendo um requerimento de autenticação de mapa de alunos de sua escola, acompanhada do referido mapa e de um livro de registros, por ter sido entregue por terceiros sem estar envolvida por invólucro que garantisse o sigilo necessário aos documentos. Além disso, questionou a autenticidade de alguns alunos listados no mapa de matrículas, exigindo que o professor comprovasse suas identidades e que apresentasse a certidão de batismo de alguns deles. Dizia ainda que o livro de registros apresentava várias rasuras que o invalidavam, sugerindo inclusive que o professor teria arrancado páginas em que possivelmente outros Inspetores faziam advertências a ele<sup>327</sup> recusando-se assim, de autenticar o mapa de alunos do professor.

Diante das acusações, em 12 de fevereiro de 1886 o Professor Cleto escreveu ao jornal *Dezenove de Dezembro*, que neste período era um jornal declaradamente liberal, e solicitou o auxílio do órgão de imprensa na divulgação de alguns documentos que o professor enviava à folha e que ele considerava serem seus *títulos de glória*.<sup>328</sup> A partir da edição de 21 de fevereiro foram publicados no jornal os documentos enviados pelo professor, que supostamente depunham em sua defesa, as publicações ocuparam espaço em cinco números do periódico. O conjunto de documentos contemplava relatos e depoimentos de Presidentes da Província, Inspetores Paroquiais e pessoas ilustres, sempre em tons elogiosos ao desempenho do professor ao longo

<sup>324</sup> CORRESPONDÊNCIA ao Professor Honório Décio da Costa Lobo. 24 dez. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 17, frente e verso.

<sup>325</sup> COLEÇÃO LEIS DA PROVÍNCIA DO PARANÁ, 1876, art. 26.

<sup>326</sup> TELEGRAMA ao Diretor Geral da Instrução Pública. 17 dez. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 17, verso e 18, frente.

<sup>327</sup> CORRESPONDÊNCIA ao Professor José Cleto da Silva. 26 fev. 1886. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 18, verso e 19, frente.

<sup>328</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXXIII, n. 42, 21 fev. 1886. p. 2.

de sua carreira. Entre os documentos havia inclusive um assinado pelo próprio Leocádio José Correia, na posição de Inspetor Paroquial, datado de 16 de agosto de 1871.<sup>329</sup>

Leocádio José Correia, por sua vez, reuniu um conjunto de documentos com a intenção de comprovar as irregularidades do professor e em 28 de fevereiro de 1886, através de telegrama, afirmou ao Diretor Geral de Instrução Pública que iria suspender disciplinarmente o professor por suas graves infrações, declarava esperar sua absoluta aprovação, caso contrário solicitava sua exoneração imediata.<sup>330</sup> Após aparente recusa do Diretor Geral em acatar às punições sugeridas pelo Inspetor, este, em 2 de março, novamente reiterou seu pedido de exoneração do cargo, mesmo assim enviava a documentação comprovando as possíveis irregularidades e afirmava não estar perseguindo politicamente o professor, mas apenas exercendo sua função de Inspetor Paroquial:

Não entreveja V. Exa. nesta, talvez, rude fraqueza um movel de vindicta qualquer: não exerço vingança, aponto delictos graves; não quero sacrificar, desejo corrigir; não imponho pena, aspiro à sancção da lei, não me excita a paixão, demove-me o apaniguado abuso, que urge de vez ser cortado, não só para a harmonia do publico serviço, como para a paz politica e social já tão grandemente abaladas.<sup>331</sup>

As acusações de Leocádio José Correia contra José Cleto da Silva baseavam-se em leis e regulamentos, enquanto o professor utilizava documentos contendo discursos elogiosos em sua defesa. Ficou evidente que as averiguações feitas pelo Inspetor quanto a seus atos só começaram a ser realizadas a partir da sessão de júri em que Fernando Machado e Simas era réu acusado pela empresa Visconde de Nácar & Filho, provavelmente por alguma publicação em seu jornal. O fato de o Professor José Cleto da Silva ser indicado como jurado pela defesa do réu desencadeou todas as ações posteriores empreendidas pelo Inspetor Paroquial, que não por acaso tinha relações de parentesco e políticas com o Visconde de Nácar, o que nos move a afirmar que o conflito teve forte caráter de ordem política, evidenciados também pelos discursos do Inspetor Paroquial em suas correspondências, nas quais por várias vezes repreendia a suposta atitude do professor Cleto em atacar as autoridades políticas, a Família Imperial e o próprio Imperador, demonstrando por trás das denúncias ao professor as adversidades envolvendo conservadores e republicanos no contexto da década de 1880.

---

<sup>329</sup> Acreditamos que houve um erro na data publicada no jornal para este documento, tendo em vista que em 1871 Leocádio José Correia ainda era estudante de medicina no Rio de Janeiro. O documento original tratava-se de um relato de visita à escola do professor José Cleto da Silva na posição de Inspetor Paroquial, provavelmente se trata de um parecer do período em que Leocádio José Correia foi Inspetor Paroquial pela primeira vez, entre 25 de julho de 1877 e 26 de abril de 1879.

<sup>330</sup> TELEGRAMA ao Diretor Geral da Instrução Pública. 28 fev. 1886. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 19, frente e verso.

<sup>331</sup> CORRESPONDÊNCIA ao Diretor Geral da Instrução Pública. 2 mar. 1886. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folhas 19, verso; 20, frente e verso, 21, frente e verso; 22, frente e verso e 23, frente e verso.

A situação conflituosa entre o professor José Cleto da Silva e o Inspetor Leocádio José Correia só teve fim em 20 de março de 1886, quando o professor foi transferido da primeira cadeira do sexo masculino de Paranaguá para a segunda cadeira do sexo masculino de Curitiba, em seu lugar assumiu o professor da primeira cadeira do sexo masculino de Morretes. O jornal *Dezenove de Dezembro*, da capital da Província, se posicionou então sobre o caso, publicando em três números consecutivos a sua explicação sobre os fatos ocorridos, colocando-se abertamente contra as atitudes do Inspetor Paroquial e em defesa do professor, a quem considerava vítima de perseguição política:

Agora, porem, que, pela primeira vez em sua administração nesta provincia, o sr. Dr. Taunay, por um acto de energica justiça, que com prazer confessamos, arrancou a victima, seu adversario politico, das garras de ferozes perseguidores, armados pela situação do poder de supprimir os direitos de seus desaffectedos, não podemos deixar de levantar o véo que tem encoberto aos olhos do publico os clamorosos abusos com que pretendeu aquelle inspector inutilisar o digno professor.<sup>332</sup>

O jornal *Commercial*, de Paranaguá também se posicionou. Durante todo o caso as correspondências da Inspeção Paroquial de Escolas foram publicadas no periódico e quando o professor Cleto foi transferido para a capital os redatores noticiaram o fato em um texto intitulado *Graças a quem não merece*, no qual declarava que a graça concedida ao professor pelo Presidente da Província foi um *passo dado torto no caminho da justiça* ou então uma *esmola* não merecida:

Seja-nos prometido dizer q' o Snr. Cleto não merecia essa graça, nem mesmo por esmola, uma vez que tão indignamente portou-se na sublime missão de educador da infancia, durante a governança do seu partido. Elle esquecia suas obrigações de preceptor com o fito de ferir os homens de bem, - seus adversarios politicos, sem porem, nunca ponderar que o seu tempo de militar era ephemero<sup>333</sup>.

Em 26 de março, o Inspetor Paroquial de Escolas voltou a se corresponder com o Diretor Geral da Instrução Pública reafirmando seu pedido de exoneração, desta vez argumentando que reassumiu o cargo de Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá e pelo excesso de trabalho não poderia acumular as duas funções.<sup>334</sup> O pedido de exoneração ficou sem resposta até 5 de maio daquele ano, quando através de outra correspondência comunicou que estava exonerando-se do cargo<sup>335</sup>. Seria provavelmente sua última correspondência oficial, pois poucos dias depois, a 18 de maio, viria a falecer na cidade de Paranaguá.

<sup>332</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXXIII, n. 69, 27 mar. 1886. p. 1.

<sup>333</sup> COMMERCIAL. Ano I, n. 6, 27 mar. 1886. p. 1.

<sup>334</sup> CORRESPONDÊNCIA ao Diretor Geral da Instrução Pública. 26 mar. 1886. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 24, verso.

<sup>335</sup> CORRESPONDÊNCIA ao Diretor Geral da Instrução Pública. 5 maio 1886. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 25, verso.

### 2.3 A ILUSTRAÇÃO, O PÃO DO ESPÍRITO

O objetivo deste subcapítulo é demonstrar o quanto a vida de Leocádio José Correia envolveu e esteve envolvida por aspectos culturais e intelectuais de seu contexto, principalmente através de parte de sua trajetória enquanto membro do *Club Litterario* de Paranaguá. O personagem se destacou como um dos ilustrados da cidade, ocupando diferentes funções que envolviam o *Club*. É possível afirmar também que sua imagem de cidadão intelectualizado transcendia os limites da cidade de Paranaguá, visto que era comum desde 1879 encontrar notícias de doações feitas pelo médico à Biblioteca Pública do Paraná e ao Museu Paranaense e em 15 de outubro de 1883 foi nomeado agente do Museu Paranaense na cidade de Paranaguá pelo diretor da instituição, Agostinho Ermelino de Leão<sup>336</sup>, demonstrando a importância dada pelo médico e por seus contemporâneos à difusão da cultura letrada e a manutenção da vida culta das elites.

Assim que retornou à cidade de Paranaguá depois de formar-se médico, Leocádio José Correia associou-se ao *Club Litterario*. Foi seu Presidente entre janeiro e junho de 1875,<sup>337</sup> além de ter aí exercido diversas outras atividades como a de jornalista, professor, ator e orador leigo.<sup>338</sup> Sua atuação nesta associação nos permite conhecer parte de sua trajetória intelectual como partícipe de uma elite letrada.

O *Club Litterario* da cidade de Paranaguá foi fundado em 9 de agosto de 1872. Era uma associação composta de sócios contribuintes, honorários e beneméritos cuja finalidade declarada era “facilitar leitura amena e instrutiva a seus membros, e formar uma biblioteca composta das melhores obras de instrução e recreio em qualquer idioma, adicionando-lhe o maior número de jornais políticos, literários e comerciais, que seja possível obter-se, e ajudar mutuamente os sócios.”<sup>339</sup>

O estatuto do *Club* determinava também que suas reuniões aconteceriam todas as noites, das 6 às 9 horas, quando os sócios se ocupariam da aquisição de instrução através dos livros da biblioteca. Havia o cuidado de que os sócios não perturbassem uns aos outros durante esta atividade. Nas quintas-feiras e domingos as reuniões eram reservadas para palestras, além dessas, poderiam acontecer reuniões extraordinárias sempre que a diretoria julgasse necessário convocá-las, ou quando três sócios, em requerimento, demonstrassem sua necessidade.<sup>340</sup>

<sup>336</sup> Nomeação de Leocádio José Correia como agente do Museu Paranaense. Documento MP 310, sessão histórica do Museu Paranaense.

<sup>337</sup> RIBEIRO, 1972, p. 310.

<sup>338</sup> Cada chapa de presidência do *Club Litterario* tinha a presença de um orador oficial, a quem competia além dos discursos em solenidades, dar conhecimento aos sócios da disposição dos estatutos sobre qualquer assunto; acusar os sócios perante a Diretoria pelas faltas que houwerem cometido e dar seu parecer e explicações sobre dúvidas que lhe forem apresentadas pelos sócios em matéria de instrução. (Cf. Estatuto do *Club Litterario*. 1 de dezembro de 1872. Artigo 27º, *apud* RIBEIRO, 1972, p. 12.) Além dos oradores oficiais foi observada a atuação de diversos oradores leigos do *Club*, que se destacaram por sua capacidade de oratória e pelos discursos proferidos durante solenidades promovidas pela associação, foi o caso de Leocádio José Correia.

<sup>339</sup> Estatuto do *Club Litterario*. 1 de dezembro de 1872. Artigo 1º, *apud* RIBEIRO, 1972, p. 8.

<sup>340</sup> *Ibid.*, p. 10.

Percebe-se, através dos excertos do primeiro estatuto do *Club*, que o principal fim para o qual foi criado era a manutenção de uma biblioteca onde ocorriam as atividades de instrução e as assembleias literárias, quando se discutiam teses colocadas em debate. Ao longo dos anos, porém, a associação se envolveu com muitas outras atividades e tornou-se um importante centro cultural da cidade de Paranaguá onde circulava a elite letrada que fazia do espaço um importante local de sociabilidades. Apesar de o estatuto prever que pudessem se associar ao *Club* qualquer pessoa que tivesse “meios honestos de viver, boa educação e idade maior de 12 anos”,<sup>341</sup> o que se observou na prática é que a grande maioria dos associados eram membros das famílias mais abastadas da cidade. Podemos inferir que isso ocorreu, sobretudo porque essa também era a camada letrada da sociedade que buscava aprimorar sua instrução e promover atividades compatíveis com sua situação social, o que acabava se tornando mais um importante elemento de distinção social naquele contexto.

As sessões de comemoração do aniversário do *Club* ao longo do século XIX eram motivo de entusiasmo entre os membros, os oradores faziam longos discursos demonstrando sua erudição e a importância que aquela instituição assumia. Leocádio José Correia foi um dos oradores que faziam eloquentes discursos enaltecendo o *Club*, estes, podem demonstrar em partes a visão que a elite letrada sustentava da própria história naquele momento.

Seus discursos demonstravam, assim, uma perspectiva evolucionista e progressista da História da humanidade, apresentando os avanços ocorridos desde a antiguidade até o século XIX. Evidenciava grande erudição ao remeter-se a fatos e pensadores da antiguidade grega, considerada berço da civilização ocidental e romana, citada como grande império expansionista. Entre os marcos dessa caminhada rumo ao progresso apresentava a emergência do cristianismo entre os romanos como a pedra angular da civilização, que libertou a sociedade da ruína completa do paganismo. O período feudal era identificado como período de trevas que foi iluminado pelos avanços da imprensa e as luzes da razão. O século XIX, por sua vez, era apresentado como o topo da escala de evolução e progresso com seus grandes inventos e descobertas, como a locomotiva, o vapor e o telégrafo. A escola era comumente citada e defendida como a instituição onde era difundida a tendência progressista e civilizadora. Por fim, o próprio *Club Litterario* de Paranaguá costumava ser apresentado como espaço privilegiado da civilidade e da ilustração.

Os valores enfatizados pelo orador em seus discursos e que simbolizam ideais enaltecidos pelo *Club Litterario* expressavam coerentemente um conjunto de ideias que circulavam entre as elites cultas brasileiras da segunda metade do século XIX, período em que foram introduzidas no cenário brasileiro teorias até então desconhecidas como o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo, entretanto a difusão dessas doutrinas não significou uma única visão ou uma só interpretação, gerando, assim, múltiplas percepções<sup>342</sup>. No caso de Leocádio José Correia, por exemplo, pertencente a uma camada mais tradicional e conservadora da elite parnanguara,

<sup>341</sup> Estatuto do Club Litterario. 1 de dezembro de 1872. Artigo 1º, *apud* RIBEIRO, 1972, p. 9.

<sup>342</sup> SCHWARCZ, 1993.

podemos observar a fusão dessas ideias às crenças e valores do cristianismo católico, por exemplo, uma junção criticada por muitos intelectuais do mesmo período e que se baseavam nos mesmos ideais.

O *Club*, que foi fundado exclusivamente visando as atividades literárias, teve suas funções diversificadas ao longo do tempo. A primeira atividade diferenciada foi a criação do jornal *Echo Litterario* no ano de 1873.<sup>343</sup> O jornal de publicação semanal teve a colaboração de Leocádio José Correia, juntamente com Joaquim Soares Gomes<sup>344</sup> e Francisco José Machado da Silva<sup>345</sup> na comissão de redação.<sup>346</sup> Outros colaboradores do jornal foram Dr. Eugênio Gonçalves Rebelo, Dr. Manoel Eufrásio Correia, Manoel do Rosário Correia,<sup>347</sup> Albino José da Cruz<sup>348</sup> e Manoel Correia de Freitas.<sup>349</sup> Anos mais tarde, em 1882, o *Club Litterario* seria responsável pela publicação de outro periódico chamado *Itiberê* e Leocádio José Correia faria novamente parte da comissão de redação do periódico que circulou até meados de 1885, quando a tipografia responsável pela sua impressão foi vendida.<sup>350</sup>

Como membro da comissão de redação do jornal *Itiberê* Leocádio José Correia escreveu crônicas a respeito de diferentes assuntos, geralmente tratando do contexto local, tais como: críticas a decisões políticas, a exemplo da decisão por parte do governo provincial de cobrança de imposto de 1,5% sobre vendas no comércio; a defesa de continuidade do Curso Mercantil oferecido pelo *Club Litterario*; denúncias de acúmulo de cargos impróprios a um professor de Paranaguá, que provavelmente se tratava do professor Cleto; a defesa do Juiz de Direito da Comarca, Cesário José Chavantes, que havia sido injuriado em outro periódico; a defesa, incentivo e reivindicação de melhoramentos locais, tais como calçamento nas ruas, arborização de praças a construção de um novo cemitério, prolongamento do porto e matadouro público; o incentivo à industrialização na Província; o clamor pelo provimento de verbas à Santa Casa de Misericórdia e ainda o regozijo pela inauguração do Teatro Santa Celina em Paranaguá. Leocádio se dedicou também a homenagens póstumas a alguns personagens parnanguaras na ocasião de seu falecimento e à tradução e publicação de textos científicos, jornalísticos e literários na parte científica ou de variedades do jornal ou ainda em forma de folhetim. As traduções encontradas

<sup>343</sup> RIBEIRO, 1972, p. 33.

<sup>344</sup> De nacionalidade portuguesa, nasceu em 1833, residente e comerciante em Paranaguá. Foi maçom da Loja Perseverança, de Paranaguá. (Cf. MUSEU MAÇÔNICO PARANAENSE. Autoridades na maçonaria brasileira. **Joaquim Soares Gomes**. Disponível em: <[http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/Autoridades\\_PR/DELEG\\_872\\_Joaquim\\_Gomes.htm](http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/Autoridades_PR/DELEG_872_Joaquim_Gomes.htm)>. Acesso em: 6 maio 2015.) Foi jornalista e entusiasta republicano, tendo feito parte da redação do jornal “O Livre Paraná”. (Cf. VIANA, Manoel. **Paranaguá na história e na tradição**. Conselho Municipal de Cultura: Paranaguá, 1976. p. 146).

<sup>345</sup> Um dos fundadores do Club Litterario de Paranaguá, no ano de 1872.

<sup>346</sup> ECHO LITTERARIO. Ano II, n. 45, 1 ago. 1875. p.1.

<sup>347</sup> Irmão de Leocádio José Correia. Nasceu em Paranaguá em 6 de outubro de 1844. (Cf. HOERNER JUNIOR, Valério. **A vida do Dr. Leocádio**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, 2007. p. 25).

<sup>348</sup> Foi pároco da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá.

<sup>349</sup> Nasceu em Paranaguá no ano de 1853. Político abolicionista e republicano, participou da fundação do Club Litterario de Paranaguá, em 1872, do Clube Republicano de Paranaguá, em 1887 e do Partido Republicano de Santa Catarina. Foi Deputado Federal pelo Paraná entre 1909 e 1914. Morreu em 1932. (Cf. CORRÊA, 2006, p. 101-110).

<sup>350</sup> RIBEIRO, 1972, p. 40.



na pesquisa foram: Os insetos, por Bruno Amelay; Um dia de neblina em Londres; Desenlace de um drama; O quarto centenário de Lutero, por Emilio Castellar; O micróbio do croup; História do Mediterrâneo; Uma noite entre os mortos – aventuras de um vivo, por C. Debans.<sup>351</sup>

Outra diversificação das atividades do *Club* foram os cursos didáticos correspondentes ao ensino secundário oferecidos nas suas dependências. Em 30 de novembro de 1874, o Doutor Leocádio José Correia apresentou um projeto de criação de um curso noturno de Preparatórios, compreendendo o estudo de francês, inglês, história, geografia, retórica e poética. O curso passou a ser ministrado pelo próprio Doutor Leocádio e pelo Doutor Moura Rezende.<sup>352</sup> Através da Lei 678, de 25 de outubro de 1882, por sua vez, foi criado o Curso Mercantil, a cargo do *Club Litterario* e com subvenção anual de três contos de réis do governo. O curso contava com aulas de português; francês; caligrafia; matemática; escrituração mercantil, incluindo contabilidade comercial; geografia e história.<sup>353</sup>

A sessão de inauguração do curso, realizada meses antes da sanção da Lei, em 15 de julho de 1882, teve Leocádio José Correia como um de seus oradores. Em seu discurso podemos observar a importância dada pelo personagem e seus contemporâneos à concepção de progresso, representado pelos avanços materiais do século XIX, como as estradas de ferro, os navios a vapor e o telégrafo, que encurtavam distâncias e aceleravam o tempo. A instrução educacional, era também apresentada como propulsora do progresso da humanidade.

A humanidade caminha! O século XIX perpetuará a era soberba de seu mais célebre impulso!

Enquanto, rasgando o espaço, despertando a natureza virgem, a locomotiva aproxima as distâncias, acorda os ermos, povoa os desertos, e desfaz os estorvos que se opõem ao ímpeto de seu curso vertiginoso; – enquanto o vapor afrontando as ondas, rompendo os oceanos, vencendo a fúria dos mares, liga o Velho ao Mundo Novo; – e o telégrafo, maravilhando o Universo, leva em suas asas, quase tão rápido como o pensamento, o próprio pensamento; – a instrução, esteio sólido de toda a civilização, difundindo-se por sua vez, espanca as trevas da inteligência, iluminando os ínvios desertos da razão e estendendo suas produtoras raízes, novos horizontes descortina a outras grandezas superiores, e de dia para dia patenteia, demonstra que por ela e só por ela é que essa revolução da ordem física tem se manifestado nesses prodigiosos frutos da inteligência humana esclarecida!<sup>354</sup>

Em seu discurso pode-se observar ainda o quanto a ideia de progresso que se daria através da instrução estava associada diretamente à religião católica. Fé e ciência se uniriam no espaço escolar, considerado também um templo:

<sup>351</sup> Todos os assuntos citados foram expostos nos números de O Itiberê entre janeiro de 1883 e fevereiro de 1884, disponíveis para pesquisa no Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

<sup>352</sup> RIBEIRO, 1972. p. 41.

<sup>353</sup> MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck (Org.). **Coletânea da documentação educacional paranaense no período de 1854 a 1889**. Campinas, SP: Autores Associados; SBHE, 2000. p. 250.

<sup>354</sup> RIBEIRO, 1972, p. 44-45.

O templo e a escola! A fé e a instrução! A religião e a ciência! Síntese grandiosa e divina! Elo primo da cadeia da civilização! Fonte maravilhosa de sua sublime origem! A escola foi e será sempre o farol luminoso que guiará a humanidade ao segundo porto da redenção moral; – desprezar a luz que dele irradia é com certeza buscar o naufrágio do espírito nos turvos baixios da ignorância! Foi dos frutos colhidos na escola que a inteligência ilustrada produziu os cantos imortais que eternizaram os nomes de Homero e Virgílio! Foi dos frutos colhidos na escola que a inteligência ilustrada imaginou e levou a efeito essas máquinas prodigiosas que centuplicaram a fecundidade do trabalho! Foi dos frutos colhidos na escola que surdiu esse monstro de fogo que nos arrebata, rasgando a terra e devorando o espaço! A escola é tão necessária, a instrução tão preciosa, como o alimento que nos nutre! O espírito, como o corpo, carece de seiva para viver: o pão do espírito é a sua ilustração e as primeiras sementes desta só na escola são colhidas! É por isso, Senhores, que entre todos os povos atualmente, com uma unanimidade triunfante, as atenções são atraídas para a criação de escolas. Todos os governos, todos os pensadores dirigem suas vistas para a instrução popular, a aspiração sôfrega da era, a expectativa profética da humanidade, na frase eloqüente e expressiva de um vulto da tribuna brasileira! Como êle, seja-nos lícito dizer que atravessamos uma quadra em que a multidão ignorante corre pressurosa ao apelo de uma bandeira que a convoque para nova cruzada: remir a inteligência da escravidão da ignorância, assim como na idade média os brados da fé cristã convocavam as multidões para resgatarem o túmulo de Cristo do jugo dos infiéis. Como êle, digamos ainda: Instruamos o povo! Para o corpo de gigante que Deus deu à nossa nacionalidade americana, só falta uma alma condigna. Instruir é construir, disse o poeta do século; construamos pois a grandeza de nossa pátria! [...] <sup>355</sup>

Apesar do entusiasmo com que Leocádio José Correia defendia a criação e a manutenção do curso, que certamente também reflete a visão que outros indivíduos de seu contexto em relação à instrução, o curso tinha baixa frequência, conforme pudemos constatar em uma das crônicas do próprio Leocádio José Correia no periódico *Itiberê* de 5 de abril de 1883, ao responder a críticas de outro periódico, *Progresso*, que dizia ter o curso frequência nula. Leocádio admitia que a frequência fosse quase nula e atribuía isso à preferência que os habitantes da cidade de Paranaguá davam a outras atividades laborais deixando os estudos para segundo plano:

O periódico ‘Progresso’ em seu segundo numero, fallando do Curso Mercantil do Club Litterario, ostentou tanto entusiasmo, quanto pouco escrupulo, em avançar q’as aulas desse Curso nenhuma frequencia tinham.

Somos os primeiros a reconhecer que essa frequencia é relativamente nulla, não sendo difficil reconhecer-lhe as causas que a determinam: – a infancia, a juventude, e mesmo os adultos da localidade entendem preferivel entregar-se á outros labores do que ao estudo, base de certas funcções para as quaes, sem elle, não se póde bem marchar [...] <sup>356</sup>

João Guilherme Guimarães, à época presidente do *Club Litterario*, partiu também em defesa da continuidade do curso nas páginas do *Itiberê* de 3 de maio de 1883. O presidente apresentou os números de matriculados nos anos de 1882 e 1883 admitindo que o número de matrículas caiu de um ano a outro e que as frequências dos matriculados eram baixas. As condições ruins das instalações físicas do *Club Litterario*, onde ocorriam as aulas e a falta de vontade dos

<sup>355</sup> RIBEIRO, 1972, p. 46-47.

<sup>356</sup> ITIBERÊ. Ano II, n. 58, 5 abr. 1883. p. 2.

próprios matriculados em se instruírem eram as causas apontadas para a redução nas matrículas e na frequência. Ainda assim defendia a continuidade do curso argumentando que os membros do *Club* estavam cumprindo com seu dever de oferecer aos jovens de Paranaguá a oportunidade de acesso à instrução e justificava a continuidade do curso até que a nova sede estivesse concluída, se então a frequência permanecesse nula, segundo ele, o curso seria encerrado.<sup>357</sup>

Outra atividade à qual se dedicaram os membros do *Club Litterario* foi o teatro. Desde 1862 a Companhia Filo-Dramática atuava no palco do Teatro Paranaguense<sup>358</sup> e reunia apaixonados pelas artes cênicas e artistas amadores. Muitos de seus Diretores estavam ligados ao *Club Litterario*, entre eles Leocádio José Correia. Sob sua presidência, em 1875, foi constituída uma comissão de sócios integrada por Afonso Pereira Correia, João Guilherme Guimarães, João Eugênio Gonçalves Marques e Honório Décio da Costa Lobo com a finalidade de escolher peças dramáticas que seriam encenadas no palco do Teatro Paranaguense pelos associados do *Club*. A partir de 21 de dezembro de 1881, João Guilherme Guimarães e Manoel Francisco de Souza propuseram ao então Presidente Joaquim Soares Gomes a construção de um palco na sede social, para representações teatrais. A construção foi realizada em 1882, já na Presidência de João Guilherme Guimarães, nos altos do sobrado número 52 da rua da Imperatriz, local onde o *Club* esteve instalado por 11 anos, até começo de 1893.<sup>359</sup>

Com a ampliação das atividades culturais do *Club Litterario* em 1875 ao incorporar as atividades teatrais, alguns associados vislumbraram a oportunidade de pleitear a ampliação de suas atividades recreativas, que eram restritas aos homens. Assim, em 29 de abril daquele ano um grupo de sócios requereu que fosse convocada uma Assembleia Geral Extraordinária com o objetivo de debater modificações da vida social do *Club*. Sua principal pretensão era que fossem oferecidas às famílias dos associados atividades recreativas contemplando reuniões dançantes. Muitos associados colocaram-se contra a proposta com o argumento de que tais atividades não eram compatíveis às finalidades culturais da sociedade, mas os defensores da incorporação das atividades recreativas dançantes tiveram êxito.<sup>360</sup> Já no final da gestão de Leocádio José Correia o *Club* assumiu o compromisso de oferecer bailes, o que implicava em mudanças nas instalações físicas da sede social, com a necessidade de mais espaço para a instalação de um salão de bailes, mobiliários adequados, toailete e sala de estar para as senhoras e serviços de copa e cozinha.

A sede do *Club* foi transferida então para um sobrado na Rua Ipiranga em esquina com a Rua Paissandu,<sup>361</sup> número 94. As instalações permaneceram neste endereço até 1880.<sup>362</sup>

<sup>357</sup> ITIBERÊ. Ano II, n. 62, 3 maio 1883. p. 1.

<sup>358</sup> Primeira casa teatral de Paranaguá. Esteve em funcionamento entre 1839 e 1887. Seus fundadores foram Manoel Francisco Correia Junior, Manoel Antônio Guimarães, Manoel Francisco Correia, Manoel Antonio Pereira e João Antônio dos Santos. A primeira apresentação teatral realizada neste teatro foi na festa de páscoa de 1840. (Cf. SANTOS FILHO, Benedito Nicolau dos. **Aspectos da história do teatro na cultura paranaense**. Curitiba: Imprensa Universitária, 1979. p. 14).

<sup>359</sup> RIBEIRO, 1972, p. 50-51.

<sup>360</sup> Ibid, p. 55.

<sup>361</sup> Atualmente o endereço corresponde à rua Marechal Alberto de Abreu em esquina com a rua 15 de novembro.

<sup>362</sup> RIBEIRO, 1972, p. 56.

O primeiro baile, no entanto, ocorreu somente na noite de 16 de outubro de 1880, mas em 1876 já se tem notícia das chamadas *Festas de Arte*, que contavam com a presença das famílias dos sócios e em especial das mulheres. Tais festas iniciaram-se em 1876 com audições de piano de Dona Carmela Cysneiros Correia, esposa de Leocádio José Correia e Dona Maria Luiza da Silva Balster. Domingos Carneiro da Silva Braga teve participação com declamações.<sup>363</sup> Ainda durante a década de 1880 foram incorporadas mais atividades recreativas ao estatuto, como os jogos de bilhar. Havia na sede social uma sala de jogo para o bilhar onde também se praticavam outros jogos como o gamão e o xadrez.<sup>364</sup>

Em 1883 o *Club* se envolveria com outra atividade, desta vez de cunho político. No *Itiberê* de 27 de julho de 1883 foi publicado um convite assinado pelos membros, inclusive por Leocádio José Correia, aos interessados em participar da fundação da *Associação Emancipadora Paranaense*.<sup>365</sup> Não tivemos nenhuma outra notícia a respeito de tal associação e se foi realmente criada, mas segundo registro de Anibal Ribeiro Filho, no ano seguinte foi criada pelo *Club* a *Caixa Emancipadora Visconde do Rio Branco*, destinada a arrecadar fundos para a emancipação de escravos e na noite de 13 de agosto de 1884 foi realizado um festival abolicionista no Teatro Santa Celina<sup>366</sup> cuja renda foi revertida em benefício da caixa e após o espetáculo foi realizada uma passeata cívica pelas ruas da cidade.<sup>367</sup>

Neste mesmo período eclodiram sociedades abolicionistas na cidade de Paranaguá, algumas delas foram: a *Sociedade abolicionista 28 de setembro*,<sup>368</sup> a *Sociedade Redenção Paranaense*<sup>369</sup> e a *Sociedade Ultimatum*.<sup>370</sup> Além das sociedades, houve a fundação do jornal *Livre Paraná*, republicano e abolicionista, fundado em 1883 e já citado anteriormente quando nos referimos à atuação do Professor José Cleto da Silva no movimento abolicionista e suas discordâncias com relação à Leocádio José Correia.

Não há registros de que Leocádio José Correia tenha participado de alguma das sociedades abolicionistas de Paranaguá, o que nos leva a crer que sua atuação no movimento de libertação dos escravos dos anos 1880 se deu exclusivamente no âmbito de levantamento de recursos para alforria empreendidas pelo *Club Litterario* através da *Caixa Emancipadora Visconde do Rio Branco*. Já tivemos oportunidade anteriormente de refletir sobre a visão que

<sup>363</sup> RIBEIRO, 1972, p. 60.

<sup>364</sup> *Ibid.*, p. 66.

<sup>365</sup> ITIBERÊ. Ano II, n. 74, 27 jul. 1883. p. 2.

<sup>366</sup> Casa teatral inaugurada em Paranaguá no ano de 1884.

<sup>367</sup> RIBEIRO, 1972, p. 94.

<sup>368</sup> Fundada em 28 de setembro de 1883, seu presidente era um liberto chamado Rafael Simas, contava com outros ex-escravos entre seus participantes e também promoveu no Teatro Santa Celina uma reunião com discursos de vários oradores e posterior passeata pelas ruas de Paranaguá. (Cf. FREITAS, 1999, p. 345).

<sup>369</sup> Teve sua primeira reunião no dia 13 de setembro de 1884 no Teatro Santa Celina, seu presidente era o Padre Marcelo Anunziatta, vigário da cidade e participante do *Club Litterario*, esta sociedade teve a participação de muitos sócios do Club Litterario. (Cf. FREITAS, 1999, p. 345-346).

<sup>370</sup> Criada em 12 de junho de 1887, era uma sociedade secreta que teve a participação de Ildefonso Pereira Correia, Bento Munhoz da Rocha e Presciliano Correia, há notícias de que inclusive auxiliaram a fuga de escravos. (Cf. MARTINS, 1995, p. 388-389).

Leocádio José Correia tinha acerca da libertação dos escravos, seu posicionamento com relação ao movimento pode ser parcialmente explicado pela visão que o próprio *Club* defendia e parte dessas concepções podem ser acessadas em uma crônica publicada no *Itiberê* de 23 de agosto de 1883, na qual o narrador que assinava somente J. S. – provavelmente o Senhor Joaquim Soares Gomes – se opunha a certo posicionamento emitido pelos redatores do *Livre Paraná* na semana anterior.

O redator declarava através do jornal ser a favor da emancipação para combater a escravidão, compreendida como grande mal, mas defendia que a fortuna pública deveria ser preservada e o cidadão (entenda-se aqui os proprietários de escravos) não poderia sofrer com seus efeitos, tendo em vista que a fortuna havia sido construída por meios até então legítimos.

Somos pela emancipação, porque, como já o dissemos uma vez, entendemos que deve ser respeitada a fortuna pública, desde que foi ella constituida por meios legitimos e que as leis do paiz nunca reprovaram.

Se essas leis procedem de um erro do tempo, nem por isso o cidadão deve soffrer pelos seus deffeitos. O que convem, sem a menor duvida, é combater o grande mal que ellas auctorisam, mas de forma a destrui-lo sem um grande mal que abalo nos haveres publicos e quiçá sem uma subversão de alta gravidade nas circunstancias economicas do Estado.<sup>371</sup>

Assim, não defendia uma ruptura brusca com a escravidão, o que justifica as ações de arrecadação de fundos através de caixas emancipadoras para a compra de alforrias, que minoravam o mal da escravidão sem prejudicar os proprietários de escravos ou o estado. Entendemos ser essa a posição de muitos membros do *Club Litterario*, assim como a de Leocádio José Correia, frente à emancipação dos escravos, fazer os esforços possíveis para libertar os cativos sem ferir o direito de propriedade:

Logo, concluiremos por dizer q' se não são condemnaveis aquelles que perante a lei procuram justificar a liberdade de qualquer individuo escravo, tambem não se conforma com a razão censurar, nem condemnar aquelles que, respeitando direitos fundados nas leis do paiz, pugnam pela legitimidade da propriedade. Uns e outros estão cumprindo deveres.<sup>372</sup>

Ademais, para nosso personagem, como já nos referimos anteriormente ao tratarmos dos conflitos com o professor Cleto, a abolição do grande mal da escravidão era questão de tempo, tendo em vista que as leis abolicionistas sancionadas até aquele momento, em sua opinião, já estavam tratando de limpar essa *mancha*. Este posicionamento pode ser percebido através de parte de seu discurso na sessão magna do aniversário do *Club*, em 9 de agosto de 1882:

<sup>371</sup> ITIBERÊ. Ano II, n. 77, 23 ago. 1883. p. 1.

<sup>372</sup> Ibid., p. 1.



O ponto negro de sua história, como essas estrelas errantes que brilham um instante para logo apagarem-se, elle o apagou tambem, e em breve, uma geração nova atestarão ao mundo que o Brazil riscou de seu vocabulario o plural humilde – escravos – para substituil-o por outro mais nobre e elevado – cidadãos – que seos filhos são livres e tem iguaes direitos perante a patria e perante a lei.<sup>373</sup>

Há que se considerar ainda que o Doutor Leocádio foi também proprietário de escravos. Em 1880, havia em seu nome o registro de propriedade de dois escravos, a doméstica Faustina, branca, de 29 anos e Cesário, cozinheiro, preto, de 20 anos.<sup>374</sup>

FIGURA 2 – REGISTRO DE ESCRAVOS DO DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA EM 1880<sup>375</sup>

NÚMERO DE ESCRAVOS	NOME	NATURALID.	IDADE	ESTADO	SEXO	COR	OFFÍCIO	DA MATRICULA ESPECIAL				OBSERVAÇÃO		
								NÚMERO DE ORDEN	NÚMERO NA RELAÇÃO	LUGAR EM QUE FOI DADO A MATRICULA	DATA DA MATRICULA			
1	Faustina	Paranaguá	29a	Solteira	Feminino	Branca	Doméstica	107		Paranaguá	21.10.1880	111	52	
2	Cesário	Id.	20a	Id.	Masculino	Preto	Cozinheiro	111		Idem	20.10.1880	111	63	

Relação dos escravos pertencentes a Dr. Leocádio José Correia residente à rua do Paraná de Jacaré n.º 2

(Art. 2.º do Regulamento de 13 de Novembro de 1879 para execução da Lei n.º 2040 de 31 de Outubro do mesmo anno.)

Paranaguá 17 de Janeiro 1880  
Dr. Leocádio José Correia

Apresentado em 19 de Janeiro 1880  
Appt. em 19-1-80  
Doutor Correia

Possivelmente esses escravos tenham sido libertados em dezembro de 1884, quando o jornal *Gazeta Paranaense* informou que os senhores Visconde de Nacar, Leocádio Correia e João Guilherme Guimarães libertaram todos os seus escravos em regozijo pela vitória do Partido Conservador nas eleições.<sup>376</sup> Práticas como essa, de libertação de escravos durante comemorações, tornavam-se comuns nesse contexto, entretanto não é possível afirmar que a

<sup>373</sup> CORREIA, Leocádio José. *Discursos (1880-1885)*. Curitiba: Tipografia e litografia a vapor Impressora Paranaense, 1899. p. 37-38.

<sup>374</sup> Relação dos escravos pertencentes a Leocádio José Correia, 17 jan. 1880. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

<sup>375</sup> Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

<sup>376</sup> GAZETA PARANAENSE. Ano VIII, n. 326, 5 dez. 1884. p. 1.



alforria fosse concedida gratuitamente, pois os senhores de escravos costumavam evitar os prejuízos que poderia significar a libertação de seus cativos. Assim, é possível que várias dessas alforrias tenham sido estimuladas pelas caixas emancipadoras do período, os senhores libertavam seus escravos, porém, mediante a arrecadação de quantias correspondentes a seu valor monetário. Uma evidência que essas arrecadações estavam sendo feitas pode ser observada no ano de 1880, na ocasião em que o Imperador Dom Pedro II e a comitiva imperial visitaram a Província do Paraná para a inauguração dos trabalhos da estrada de ferro, ao longo da visita o casal imperial fez vários donativos em diferentes localidades, sendo que alguns deles eram direcionados a escravos, dos quais: 100\$000 para Cesario, escravo de Leocádio José Correia, 100\$000 para um escravo de Claro Americo Guimarães, 100\$000 para o escravo Manoel e 100\$000 para Paulina, escrava de João Guilherme Guimarães, todos os valores foram entregues ao Barão de Nacar.<sup>377</sup> Essas evidências justificam de forma mais coerente a ação de libertação de escravos no ano de 1884 por esses senhores, não como simples resultado de uma comemoração e da bondade desses proprietários, mas como resultado da arrecadação monetária, alinhada a suas concepções de como deveria ser a abolição da escravidão no Brasil.

Neste ponto encerra-se o segundo capítulo desta tese e com isso a primeira abordagem proposta neste trabalho, uma trajetória histórica de Leocádio José Correia elaborada com a intenção de demonstrar a complexidade de uma vida a partir de alguns campos nos quais ele teve inserção. No próximo capítulo propomos uma reflexão acerca da transformação da imagem de Leocádio José Correia de um personagem histórico a um personagem mitificado na memória coletiva. Esta passagem da vida para a memória envolveu processos seletivos de partilha de atos de memória coletiva, traços e lugares de memória que consolidaram Leocádio José Correia como um personagem ilustre, heroico e santificado.

---

<sup>377</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXVII, n. 2053, 5 jun. 1880. p. 3.

### 3 DA VIDA PARA A MEMÓRIA: REVISITANDO LEOCÁDIO

*Mas, Senhores, o Dr. Leocadio Correia, não morreu, porque a morte material isola somente a parte phisica: os feitos deste moço, que tanto soube elevar-se por seus merecimentos, são outros tantos pharões que vão alumiar a sua nova e infinita existencia. Elle desde hoje revive para a patria, para a familia e para os seus amigos: a sua estatura mais e mais se elevará a medida do espaço que for decorrendo dessa nova separação toda provisoria; e a sua memoria na terra será tão duradoura quão lusente seria o rastro da sua passagem para a eternidade.*

João Eugenio

Commercial, 22 de maio de 1886

Neste capítulo o principal objetivo é analisar o processo de construção memorialista pelo qual passou a imagem do personagem Leocádio José Correia após o seu falecimento e apreender as principais representações construídas nesse processo a partir da análise de alguns discursos de cunho biográfico. Inicialmente analisaremos publicações difundidas na imprensa local de Paranaguá e da Província do Paraná de maneira mais ampla, que noticiaram as homenagens e rituais fúnebres realizados em memória do personagem, tais rituais foram classificados por nós como *atos de memória coletiva*, compartilhados por pessoas *próximas* a Leocádio José Correia. Ao ficarem registrados, tais *atos de memória coletiva* foram revisitados alguns anos depois sendo utilizados como *traços* para a continuidade da transmissão memorialista na produção das primeiras biografias do personagem produzidas no início do século XX, estas serão objeto de análise na segunda parte do capítulo.

#### 3.1 RITUAIS FÚNEBRES E ATOS DE MEMÓRIA COLETIVA

Os ritos, como afirmou Bourdieu, contribuem para construir simbolicamente os papéis e lugares sociais. As sociedades, ao criar ritos e nomeações, demonstram que as relações sociais são constantemente apreendidas como lugares de representações.<sup>378</sup> A morte é um interessante objeto de ritualização e nomeação, que singulariza a figura do morto na sociedade, criando lugares sociais específicos ao morto e seus familiares. As cerimônias, homenagens, discursos componentes de rituais fúnebres permitem vislumbrar o papel ocupado na sociedade pelo indivíduo homenageado durante sua vida, as representações que determinados grupos sociais construíram deste indivíduo, assim como o novo lugar ocupado agora pelo personagem morto, a quem são geralmente direcionados sentimentos de pesar.

Leocádio José Correia faleceu em Paranaguá, no dia 18 de maio de 1886, vítima de febre pernicioso algida.<sup>379</sup> No dia seguinte, ocorreu seu funeral, registrado nas páginas do jornal

<sup>378</sup> BOURDIEU, 1996, p. 82-83.

<sup>379</sup> O diagnóstico é o apresentado no atestado de óbito do personagem, disponível na Cúria Metropolitana de Paranaguá. No período em questão, as febres eram compreendidas não como sintomas de determinadas doenças, mas como a

*Commercial*, dias depois. Às quatro horas da tarde apresentaram-se à câmara ardente os párocos de Paranaguá e Antonina, acompanhados da Irmandade da Misericórdia, de São Benedito, Sacramento e Rosário. Após uma breve oração, houve um desfile fúnebre pelas ruas Visconde de Nácar, Sete de Setembro, Imperador e Rosário, até a Igreja Matriz onde ocorreu a cerimônia fúnebre.

O periódico demonstra o clima de consternação que se abateu sobre a cidade afirmando que o desfile fúnebre teria sido acompanhado por cidadãos de todas as classes sociais, meninos escolares, aprendizes menores e grande número de escravos e libertos, integrantes da Câmara Municipal na qual foi vereador, do *Club Litterario*, do qual era orador e membros da Loja Maçônica Perseverança,<sup>380</sup> que o tinha em seu quadro,<sup>381</sup> além de membros das irmandades citadas

---

própria enfermidade, descritas com um quadro sintomatológico complexo, cuja elevação anormal da temperatura corporal era a principal característica. Na sexta edição do Dicionário de Medicina Popular e Ciências Acessórias, do Doutor Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, publicado em 1890, mas que teve sua primeira edição no Brasil em 1842, a febre álgida era descrita como um estado em que o doente sentia um frio glacial e contínuo e classificada como um dos tipos de febre intermitente perniciososa. O adjetivo *intermitente* caracterizava o fato de a febre aparecer e desaparecer sucessivamente por intervalos mais ou menos longos, durante os quais não existia vestígio algum de atividade febril. Todo o acesso de febre intermitente compunha-se de três períodos: o frio, que se prolongava em média, de meia a uma hora em que o doente apresentava bocejos, calafrios, tremores, pele fria e pulso pequeno e frequente; o calor, ocorria após cessar os tremores, a pele tornava-se quente, o rosto corado, o pulso frequente e a sede excessiva; por fim o suor, no qual a pele até então seca cobria-se de suor abundante. Embora sejam apresentados esses três estágios, nem sempre os mesmos ocorriam juntos ou na mesma ordem apresentada. O adjetivo *pernicioso*, por sua vez, indicava que os sintomas eram considerados tão graves e violentos que frequentemente terminavam com a morte do indivíduo. Nesse tipo de febre era detectado um ou mais órgãos prejudicados, como o estômago, o coração, o cérebro etc., os quais manifestavam dores atrozes. Por vezes o doente sofria vômitos e desmaios, com fraqueza do pulso e desfiguração profunda do rosto. A morte costumava ocorrer durante o segundo ou terceiro acesso de febre, quando o cérebro estava afetado, ocorriam convulsões e outros sintomas nervosos. (Cf. CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias** [...] (Volume 1 – A F). Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. p. 1085-1101. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/4>> Acesso em: 18 maio 2015. O Doutor em medicina Theodoro J. H. Langgaard, em 1865, também apresentou em seu Dicionário de Medicina Doméstica e Popular as características da febre perniciososa álgida: a febre álgida era apresentada como uma das formas de febre intermitente pernicioso, estas eram acessos febris provenientes de “acidentes” nos principais órgãos e que colocavam o doente em risco de morte. (Cf. LANGGAARD, Theodoro J. H. **Dicionário de medicina domestica e popular** [...] (volume II – E-L). Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865. p. 233).

<sup>380</sup> A Loja Maçônica Perseverança foi fundada em Paranaguá no dia 5 de maio de 1864.

<sup>381</sup> Esta breve citação da presença dos membros da Loja Maçônica Perseverança no funeral de Leocádio José Correia acompanhada da informação que ele pertencia ao quadro de membros da Loja foi a única fonte encontrada ao longo de toda a pesquisa de uma possível aproximação do personagem com a maçonaria. Em pesquisa realizada na cidade de Paranaguá e conversa com um dos membros atuais da Loja Perseverança a informação que tivemos é que não há nenhum registro de que o personagem era maçom ou membro desta Loja, seu nome também não consta no sítio do Museu Maçônico Paranaense, que é um site que traz informações históricas sobre a maçonaria no Paraná e cita o nome de membros de cada Loja Maçônica do Estado, conforme registros documentais encontrados. Foi, portanto, com certa surpresa que recebemos esta informação através do periódico *Commercial*. Por não ter encontrado mais registros que pudessem comprovar a informação optamos por não desenvolver na biografia do personagem um texto a respeito da maçonaria e dos valores defendidos por esta instituição no período, visto que a presença de maçons da Loja Perseverança no funeral de Leocádio José Correia, por si só não indica que ele fosse maçom e membro desta Loja, tendo em vista que alguns dos membros eram também integrantes do Club Litterario, por exemplo, ou seja, os indivíduos cultos circulavam em diferentes meios e instituições e poderiam manter relações entre si. Também não encontramos registros da participação dos principais membros do Partido Conservador nesta Loja Maçônica, o que pode indicar uma possível seleção ou aproximação desses membros a partir de seus ideais políticos no período, assim se explicaria ausência dos conservadores nos quadros da Loja Perseverança. Corroboram com esse indicativo o fato de terem sido membros desta Loja Maçônica os fundadores do Partido Republicano em Paranaguá, indicando um alinhamento político com o republicanismo, ideal não defendido pelos membros da família Correia em Paranaguá. Em contrapartida, o que pode parecer um contrassenso, o nome de Manoel do Rosário Correia, irmão de Leocádio, está entre os membros da Loja. Entre os personagens citados nesta tese, outro integrante da Loja Maçônica Perseverança foi Eugênio Guimarães Rebello, médico Sergipano que atuava em Paranaguá quando Leocádio José Correia se estabeleceu na cidade após o término do curso de medicina em 1874 e com quem teve alguns conflitos

anteriormente. O pátio da Igreja encontrava-se lotado pela população que para lá se deslocou. Após a cerimônia fúnebre na Igreja Matriz, onde o corpo foi encomendado pelo vigário, Padre Marcello Annunziata, foi feita a última oração fúnebre no cemitério pelo mesmo padre e os senhores Arthur de Abreu e João Eugênio, membros do *Club Litterario*, discursaram prestando homenagem ao morto.

Através do discurso do Senhor João Eugênio, publicado no jornal, pode-se perceber o tom de pesar dos que lhe eram *próximos* e a vontade de enaltecer algumas características da vida do amigo falecido como o de cidadão exemplar, ativo nas áreas da educação, cultura e medicina sem descuidar dos aspectos familiares:

Quero cumprir um dever civico perante os restos do cidadão que, nobilitando seu nome e o de sua familia nas conquistas do talento, assás honrou sua terra e á sociedade de que era bello ornamento.

Hontem, o anjo das multidões, na phrase de illustre pensador, pousava sobre a fronte desse homem ainda joven, e essa fronte brilhava de inspiração e talento; e a palavra que lhe cahia dos labios, arrebatadora e entusiasta, tocava os espiritos e provocava applausos.

Hontem, o amigo do povo, devotado á causa da instrucção juvenil, vinculado a numerosos affectos, erguia bem alto o nome das sociedades litterarias e theatraes, de que era incansavel cultor, e constituia-se nas escolas o estimulo e o entusiasmo da infancia.

Ainda hontem o illustre paranaguense, apostolo da sciencia medica, elevado ás mais gradas posições, que soube sempre honrar com esclarecida competencia, arrebatava á morte muitos enfermos, mitigava muitas dores e enxugava muitas lagrimas!

Eis o que era o Dr. Leocadio José Correia!

No meio de tantos triumphos, aquelle anjo que o inspirara, trazia uma corôa de crepe para coroal-o como heróe; mas a energia do moço dizia-lhe – ainda não! Palavras mudas, imperceptíveis aos que eram presa da sympathica presença, dos dotes do coração ou da pujante eloquencia que pendia de seus labios!

Hoje, a fatidica visão, desprendendo seo vôo envolta em negro sudario, consumou sua obra sinistra; e tanta vida, tanta affeição, tanto estudo e tanta abnegação, estão aparentemente representados nestes restos inermes, simples involucro daquella grande alma e pallida sombra de uma individualidade que desaparece da terra!

38 annos! Rodeado da terna esposa e trez innocentes fructos do amor que votára desdes verdes annos á ditosa joven, eil-o que deixa na orphandade entes tão queridos e vai cumprir a lei da consumpção terrestre!<sup>382</sup>

---

citados no primeiro capítulo. Por fim, encontramos também entre os membros da Loja alguns dos primeiros espíritas de Paranaguá tais como Carlos Eugenio de Souza, Honório Décio da Costa Lobo (este, professor e membro do Club Litterario), José Cechelero, Manoel Antonio de Souza e Victor Lopes de Oliveira Baptista, indicando uma possível aproximação de ideias entre maçonaria e o movimento espírita neste contexto, assim como ocorreu em outras localidades do Brasil no final do Império e início da República, quando maçonaria e espiritismo se uniram em favor do anticlericalismo, por exemplo. Não é possível, portanto, evidenciar que Leocádio José Correia compartilhasse desses ideais, ao contrário, no segundo capítulo podemos perceber o quanto valorizava e defendia a Igreja Católica e sua união com o Estado, ao posicionar-se em defesa do ensino religioso enquanto foi Inspetor Paroquial de Escolas. Por outro lado, sendo um intelectual, falante e leitor da língua francesa e tendo circulado inclusive na capital do Império no período em que foi estudante de medicina, o mesmo período em que o espiritismo se difundiu no Brasil, é praticamente impossível que nunca tenha ocorrido algum contato com obras, periódicos e pessoas espíritas, entretanto se manteve católico e defensor desta doutrina.

<sup>382</sup> COMMERCIAL. Ano 1, n. 141, 22 maio 1886. p. 2-3.

O jornal relatava ainda o luto que se abateu sobre a cidade nos dias subsequentes: parentes e amigos fecharam suas casas e estabelecimentos comerciais e de recreio e não houve som de piano vindo das residências; a Capitania do Porto, a Escola de Aprendizes, a Câmara Municipal e demais repartições públicas conservaram-se em luto oficial; escolas públicas e particulares permaneceram fechadas. O luto se estendeu à capital da província, onde o vice-presidente mandou fechar sua secretaria e fizeram o mesmo as repartições superiores de instrução pública.<sup>383</sup>

Os relatos do funeral remetem a um grande acontecimento na cidade, que deve ter mantido na memória dos participantes, por bastante tempo, as marcas do evento, que se constituiu enquanto um ritual simbólico de grande importância devido ao tratamento dispensado ao personagem Leocádio José Correia, enquanto personalidade pública de expressão intelectual, política e social local. Pode ser considerado um primeiro evento memorialístico na medida em que aí são construídas as primeiras representações do personagem após seu falecimento.

Além dos rituais fúnebres, outros atos de memória coletiva remetendo ao personagem Leocádio José Correia produzidos após seu falecimento serão analisados neste capítulo. Trata-se de diversos enunciados produzidos com a principal intenção de homenagear o morto, alguns produzidos exclusivamente para a publicação em jornais da Província do Paraná, outros, elogios fúnebres pronunciados durante os rituais funerários, mas que também foram reproduzidos nos periódicos consultados.

Consideramos essas primeiras narrativas comemorativas em homenagem a Leocádio José Correia publicadas, assim como os rituais fúnebres e atos comemorativos, como *atos de memória coletiva* compartilhados por diferentes grupos naquele momento histórico. Tais *atos de memória* foram construídos por indivíduos que tiveram algum tipo de relação com o personagem e após sua morte construíram narrativas a respeito de sua vida a partir de sua experiência pessoal com o biografado, assim, avaliamos que houve um processo de transformação das *memórias propriamente ditas* em *metamemórias* que passaram a ser compartilhadas por determinados grupos e possivelmente rejeitadas por outros.

Um dia depois do falecimento do personagem, o jornal *Gazeta Paranaense*, de Curitiba, publicou um texto noticiando o fato e homenageando o falecido na segunda página do jornal. O texto ocupava quase que totalmente a página, das cinco colunas que a dividiam, três e meia foram preenchidas com o texto que lamentava a perda precoce do jovem médico de apenas 38 anos e transmitia a sensação de desamparo pela sua ausência:

O vácuo aberto pelo adeus final d'essa vida que apenas começava a dar-nos os primeiros fructos do talento e do trabalho, não será facilmente preenchido para aquella pobre população q'o procurava, animada e crente nos momentos angustiosos em que os trucidados pela moléstia eram o pai, a mãe, o filho, o parente, o amigo.<sup>384</sup>

<sup>383</sup> COMMERCIAL. Ano 1, n. 141, 22 maio 1886. p. 2.

<sup>384</sup> GAZETA PARANAENSE. Ano X, n. 110, 19 maio 1886. p. 2.

Ao longo da publicação, podemos observar diferentes facetas do personagem e quais representações acerca de sua imagem foram transmitidas pelo enunciador do texto: a do médico humanitário e portador de conhecimento científico extraordinário, que deixava com a morte abandonados os doentes e os pobres que dele dependiam e o cidadão ativo e ilustrado que ocupou diversas funções intelectuais nos clubes da cidade e cargos políticos de confiança do governo.

No mesmo dia da publicação anteriormente mencionada, o periódico *Dezenove de Dezembro*, também de Curitiba, foi outro a noticiar o falecimento de Leocádio José Correia. Embora a notícia tenha saído na primeira página, apenas oito linhas traziam a informação de maneira bastante objetiva e prestava condolências ao cunhado do falecido, Constante de Souza Pinto.<sup>385</sup>

Observou-se uma grande diferença entre as duas publicações da mesma data, enquanto a primeira trouxe um texto comovente e que enalteceu a figura do morto e nos proporciona até mesmo a possibilidade de perceber algumas representações do personagem, a segunda simplesmente noticiou um fato, citando que o falecido era Inspetor de Saúde da cidade de Paranaguá. Essas questões ligadas à materialidade discursiva podem ser melhor esclarecidas nos remetendo a condições de enunciação como autoria, lugar e cena enunciativa.

Nenhuma das duas publicações traz informações de sua autoria, característica muito comum no período, o que nos leva a atribuir as publicações ao editorial do periódico. Na ocasião da morte de Leocádio José Correia, portanto, atribuímos as poucas linhas dedicadas a noticiar seu falecimento e a ausência de qualquer homenagem ao morto no *Dezenove de Dezembro* ao panorama político instaurado desde anos anteriores. O jornal se opôs aos conservadores, à família Correia e especificamente ao personagem em várias situações já citadas nos capítulos anteriores, o mesmo periódico silenciou qualquer referência positiva à sua biografia na ocasião de sua morte, dirigindo-se ao cunhado Constante de Souza Pinto, de quem era possivelmente simpatizante.

Identificamos aqui o silenciamento do jornal como uma possível estratégia para levar ao esquecimento, acreditamos ser essa estratégia o que Eni Pulcinelli Orlandi denominou de *silêncio constitutivo*, como parte de uma política de silenciamento. O silêncio constitutivo pertence à ordem de produção de sentido no discurso, sua característica é dizer algo, que é o sentido a ser destacado, para deixar de dizer outras tantas informações, que seriam os sentidos a serem descartados.<sup>386</sup> Nesse caso, o jornal não poderia deixar de dar a informação da morte de Leocádio, mas o fez de maneira breve e não destacou os aspectos de sua biografia conforme fizeram os outros periódicos consultados e citados. Ao fazê-lo, destacou somente sua posição de Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá e deu destaque a outra figura: o cunhado Constante de Souza Pinto, retirando de cena o personagem principal.

---

<sup>385</sup> Foi casado com Francisca Correia de Souza Pinto. Foi agente do correio na cidade de Paranaguá, membro do Club Litterario da mesma cidade e capitão da Guarda Nacional da Comarca de Curitiba.

<sup>386</sup> ORLANDI, 2007, p. 73-74.



O Jornal *Gazeta Paranaense*, por sua vez, passou a ser publicado em 1876 como Órgão do Partido Conservador da Província. Atribuímos a essa característica a presença das constantes publicações elogiosas aos conservadores e em sua defesa no caso de sofrer acusações por parte dos periódicos liberais. Entre essas publicações acompanhamos as constantes defesas a Leocádio José Correia nos casos já citados da Santa Casa de Misericórdia e do Professor Cleto, assim como as homenagens fúnebres publicadas na folha até um ano depois de seu falecimento.

Além dos periódicos publicados em Curitiba de circulação por toda a província, podemos citar ainda um periódico local, publicado em Paranaguá, como outro importante meio de difusão discursiva memorialista, trata-se do jornal *Commercial*,<sup>387</sup> do qual extraímos a descrição do ritual fúnebre do personagem presente na abertura deste capítulo. A aproximação entre o periódico, ou pelo menos, entre seu editor proprietário e Leocádio José Correia era evidente e foi assim também na ocasião de seu falecimento, quando duas páginas foram dedicadas a noticiar os eventos funerais e os discursos realizados sobre o túmulo do médico, além de outras homenagens póstumas. No dia 22 de maio de 1886, por exemplo, o *Commercial* trouxe um texto exclusivo em homenagem ao Doutor Leocádio José Correia assinado por seu proprietário, Manoel M. Marinho, no qual atribuía ao morto as características de homem dedicado à ciência médica e à caridade, além de pai de família exemplar e portador de inteligência e ilustração extraordinários.

A morte é assim desapiedada!

Ella mata o corpo, mas não o nome de sua victima; Ella mata a vida, mas não os serviços, a fama e os lauréis do homem! Como Dr. em medicina não podia o inditoso finado prestar melhores serviços á sua terra natal, pois a caridade refulgia em sua frente de apóstolo da sciencia e em seu coração de adepto da religião de Christo. E essa virtude se aninha somente nos corações bem formados e religiosos.<sup>388</sup>

As comemorações a Leocádio José Correia prosseguiram em momentos posteriores a sua morte, e assim como algumas homenagens anteriores, extrapolaram os limites da cidade de Paranaguá atingindo outras regiões da Província. Na semana seguinte ao falecimento os familiares, entre eles a esposa Carmela Cysneiros Correia, agradeciam através da imprensa àqueles que acompanharam o funeral e convidavam para a missa de sétimo dia que se realizou no dia 24 de maio, às oito horas da manhã, na Igreja da Ordem Terceira, em Paranaguá.<sup>389</sup> Da mesma forma, os familiares de Curitiba divulgaram através dos jornais a realização de uma

<sup>387</sup> Este periódico começou a ser publicado em 20 de fevereiro de 1886 na tipografia do proprietário Manoel M. Marinho, este, membro do *Club Litterario* e muito provavelmente amigo pessoal de Leocádio José Correia. O jornal de publicação semanal dedicava uma parte da publicação aos interesses comerciais da província, além de sessões dedicadas a notícias locais de Paranaguá e publicações de textos pessoais, literários e correspondências. Seu proprietário defendia também o caráter de imparcialidade política do periódico, a despeito disso, encontrava-se em diversos números elogios voltados a políticos conservadores do litoral e no caso do conflito entre o professor José Cleto da Silva e Leocádio José Correia, ocorrido em 1885, o periódico colocou-se abertamente a favor do inspetor paroquial de escolas e publicou em suas páginas todas as correspondências oficiais do inspetor no intuito de demonstrar sua competência e idoneidade no decorrer do episódio.

<sup>388</sup> COMMERCIAL. Ano 1, n. 14, 22 maio 1886. p. 1.

<sup>389</sup> Ibid., p. 3.

missa de sétimo dia na Igreja Matriz de Curitiba, que ocorreu às oito e meia da manhã do dia 24 de maio.<sup>390</sup> Na cidade de Castro também houve homenagem póstuma a Leocádio José Correia, através de uma missa de sétimo dia encomendada pelo amigo Comendador Manoel Jacintho Dias,<sup>391</sup> que era capitão honorário do exército, comendador da Ordem da Rosa e provavelmente correligionário do Partido Liberal.<sup>392</sup>

No dia 4 de junho a *Gazeta Cananéa*, da localidade de Cananéa também publicou uma homenagem assinada por Virgílio Vianna prestando condolências à família do finado, esta foi reproduzida posteriormente pelo *Commercial* e qualificava Leocádio José Correia como uma alma benfazeja, um cidadão distinto, amigo dedicado, pai extremo e esposo exemplar, trabalhador dos adiantamentos modernos, companheiro sincero nas lutas partidárias e protetor da infância desvalida.<sup>393</sup>

Em 8 de junho, para celebrar 20 dias da morte do parnanguara, mais um texto em tom dramático foi escrito e publicado no jornal *Commercial* de 16 de junho. Ao falecido eram atribuídas as características de uma personalidade superior, que mesmo tendo contendedores (provavelmente se referia a contendas políticas) não deixava de destacar-se por suas boas qualidades, as quais destacava a imparcialidade, a modéstia, o cavalheirismo, a sinceridade e a abnegação:

Pela modéstia, pelo cavalheirismo e sinceridade deve antes ser considerado aquelle character bondoso que levou deste mundo com as bênçãos dos pobres a gratidão dos remediados.

Quantas vezes aos seus trabalhos clínicos deu elle somenos importância! Quantas! ... Podia ter levantado uma fortuna, e não passou nunca de certa abastança que se nivelava a ter com que preencher as palpitantes necessidades da vida.

A sua melhor apologia está no facto de não ter enriquecido, porque foi um abnegado.

[...]

Viveu mais pelo ideal, destacando-se pela grandeza d'alma e sempre e em tudo por cima de mediocridades.<sup>394</sup>

Neste mesmo dia, às oito horas houve uma missa em homenagem a Leocádio José Correia e à noite uma sessão fúnebre nas dependências do *Club Litterario* com a participação de grande número de sócios e outros concidadãos. Nesta solenidade foi montada uma mesa presidencial, à sua direita a tribuna estava coberta de luto e foram expostos diferentes objetos que constituíam o brasão do finado, além das publicações realizadas por ele e seu retrato encerrado pelo luto. Após uma marcha fúnebre, o orador oficial, Doutor Spindola, relatou algumas realizações do falecido de maneira comovente. Em seguida, discursaram os senhores Theodorico Julio dos Santos, João

<sup>390</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXXIII, n. 114, 23 maio 1886. p.3; GAZETA PARANAENSE. Ano X, n. 113, 22 maio 1886. p. 3.

<sup>391</sup> COMMERCIAL. Ano 1, n. 15, 29 maio 1886. p. 2.

<sup>392</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXX, n. 82, 22 dez. 1883. p. 3.

<sup>393</sup> COMMERCIAL. Ano 1, n. 17, 16 jun. 1886. p. 3.

<sup>394</sup> Ibid., p. 1.

Regis, Manoel Fellipe, Arthur de Abreu e João Eugenio. O discurso de encerramento ficou a cargo do padre Marcelo Anunziatta com o qual a sessão foi encerrada às dez horas da noite.<sup>395</sup>

Os discursos lamentavam mais uma vez a perda precoce do jovem médico e enalteciam aspectos de sua biografia, entre os quais sua inserção no mundo das letras com o qual teria contribuído em Paranaguá:

Era o Dr. Leocadio um denodado athleta da litteratura!  
 Talhado aos mais sublimes commettimentos, o seu nome apparecia sempre em tudo que dizia respeito ao progresso instructivo.  
 Figurou por longo tempo na imprensa, onde, com a penna possante, soube conquistar o nome heroico de intrepido jornalista!  
 Como inspector parochial, cargo que por varias vezes exerceo com tanta competencia, incutio preciozo estímulo não só na juventude, que aprende, mas tambem no professorado que ensina!  
 Em uma palavra: o Dr. Leocadio, era um dos grandes homens que enobrecem o gloriozo ról das illustrações paranaenses!<sup>396</sup>

É possível observar também o aspecto da caridade, mais uma vez articulada ao seu ofício de médico, quando os oradores dedicaram especial atenção a destacar que a população pobre tinha muito a lamentar o desaparecimento do médico:

Bastante razão tem a pobreza de assim prantear a morte do Dr. Leocadio; por quanto, elle, dotado como era dos mais puros sentimentos de generosidade, salvou a vida a muitos infelizes, enxugando d'ess'arte muitas lagrimas, sem que, por um momento pensasse na recompensa aos seus serviços!  
 E com que desvêlo dispensava gratuitamente aos pobres os recursos de sua profissão!  
 Era admiravel a paciencia unida á competencia com que cuidava de um enfermo!  
 [...]  
 O Dr. Leocadio José Correia era, enfim, um dos filhos mais dilectos de Paranaguá... um medico altamente illustrado... um protector... um pae da pobreza e um amigo fiel dos seus amigos!<sup>397</sup>

Na celebração pelos trinta dias de falecimento, outros discursos reafirmando as qualidades de Leocádio José Correia seriam publicados. Um deles, sem informações de autoria, somente com a informação de que fora produzido em Paranaguá, foi publicado na sessão *a pedidos* da *Gazeta Paranaense*, o que evidencia que algum concidadão de Leocádio José Correia pagou ao jornal de Curitiba para ter seu texto publicado. Neste, além de lamentar novamente a perda do parnanguara, exaltava as homenagens prestadas pelo vigário Marcelo Anunziatta, tanto

<sup>395</sup> COMMERCIAL. Ano 1, n. 17, 16 jun. 1886. p. 2.

<sup>396</sup> DISCURSO pronunciado por Manoel F. De Araujo na Sessão Fúnebre celebrada no Club Litterario da cidade de Paranaguá, a 8 de junho de 1886 em homenagem à memória do Dr. Leocadio José Correia falecido a 18 de maio de 1886. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1901. p. 12.

<sup>397</sup> DISCURSO..., 1901, p. 13-14.

durante o ritual fúnebre quanto na sessão solene organizada pelo *Club Litterario* dias antes. Neste discurso, a qualidade mais destacada pelo enunciador foi a atuação do personagem no campo educacional da província, ao evidenciar seu alto grau de ilustração e os possíveis esforços do médico com relação à instrução pública:

Por si só, n'esse campo que seus pulsos valentes desbastaram, elle fez o que humanamente lhe era dado fazer, levantando o móvel da instrução derramando o estímulo e galardoando o mérito.

Parecia, n'esse terreno que escolhera para medir a tensão de suas forças, o emissário da Província, ganhando incruentas batalhas e abrindo rasgados horizonte aos espíritos de aspirações limitadas. Um homem como elle, que de coração almejava a gloria pelo saber da mocidade, que, em ondas de luz, espalhára a verve fecunda de sua imaginação scintillante, na conversação e nos escriptos, não sonhava, com certeza, com desapareição tão próxima.<sup>398</sup>

Enquanto os periódicos *Gazeta Paranaense* e *Commercial*, mais alinhados a Leocádio José Correia continuavam a homenageá-lo e registrar as qualidades positivas do personagem o *Dezenove de Dezembro* permaneceu silenciado a seu respeito, tendo somente registrado a pequena nota que noticiou seu falecimento e pequenos anúncios de missas de sétimo dia, estes, provavelmente pagos pela família. Até que seu número 182, de 16 de agosto de 1886, rompeu com o silêncio e voltou a se remeter a Leocádio José Correia, não para homenageá-lo mas para opor-se a ele, mesmo não citando seu nome, o que também faz parte da estratégia componente do silêncio constitutivo, pois dizer o nome seria fazer lembrar, mesmo que fossem destacados na notícia aspectos que prejudicariam a imagem do personagem. Mesmo após sua morte o periódico fazia acusações de que o médico, no exercício do cargo de Inspetor de Saúde teria inventado uma epidemia de febre amarela naquele mesmo ano em navios que atracaram no Porto de Paranaguá, isso colocava em dúvida a probidade do Inspetor de Saúde, que teria se aproveitado financeiramente da fictícia epidemia. A nota publicada no jornal dizia o seguinte:

A intitulada – febre amarella – em Paranaguá custou ao governo mais de dez contos de réis!

O enterro de um indigente, intitulada victima da tal febre amarella, custou cerca de quinhentos mil réis!

Um reboque dado por ocasião da imaginaria e inventada epidemia custou 500\$000!  
Com semelhantes economias em pouco tempo o Erario estará transbordando...<sup>399</sup>

Como por várias vezes ocorreram ao longo de sua vida, o caso gerou polêmica, evidenciada por publicação em defesa do médico no *Commercial* de 23 de agosto daquele ano. O jornal paranguara convidava o médico da cidade, Doutor João Evangelista Espíndola, que substituiu Leocádio José Correia durante sua enfermidade, a se manifestar em defesa do

<sup>398</sup> GAZETA PARANAENSE. Ano X, n. 134, 18 jun. 1886. p. 3.

<sup>399</sup> DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXXIII, n. 182, 16 ago. 1886. p. 1.

médico falecido. Indagava se não era verdade que o médico esteve a serviço da epidemia e fez requisições de medicamentos à farmácia Simas durante a enfermidade do inspetor. A intenção do *Commercial* era limpar a memória do médico, que havia sido maculada, em sua opinião, pelo jornal curitibano: “O Dezenove pretendeu ferir a memoria respeitavel do inditozo Dr. Leocadio Correia, errou porem o golpe, que ha de ser rebatido com vantagem pelo Dr. Espindola, o qual felizmente existe ainda entre nós.”<sup>400</sup>

Aparentemente o caso não se estendeu pelos números seguintes, mas evidencia que a morte não foi capaz de apagar nem as divergências políticas, nem as amizades pessoais alavancadas pelos interesses intelectuais ou políticos. Assim, as aproximações e distanciamentos mantidos pelo personagem durante sua vida continuaram evidentes após seu falecimento. É o que podemos inferir a partir das homenagens prestadas pelos *amigos* e pelo silêncio do *Dezenove de Dezembro*, brevemente quebrado neste caso acusatório.

No ano seguinte, 1887, observamos ainda algumas manifestações de homenagens a Leocádio José Correia. O *Commercial* lembrou a passagem de um ano de seu falecimento noticiando que houve missa por sua alma na capela do Senhor Bom Jesus dos Perdões.<sup>401</sup> Já a *Gazeta Paranaense*, em 2 de abril daquele ano publicou um texto escrito por Leocádio José Correia a respeito da Semana Santa, este já havia sido publicado cinco anos antes no *Jornal Itiberê* e foi retomado nesta publicação, que evidenciou mais uma vez a representação de médico caridoso e desinteressado e destacou sua moral ligada à religiosidade católica:

É uma homenagem que prestamos ao amigo sempre lembrado, ao comprovinciano distinto, ao cidadão illustre e ao medico que fez da sciencia uma religião sublime que enxugou muitas lagrimas da pobreza e deu conforto a muitas almas nos transes angustiosos de dolorossimas enfermidades.<sup>402</sup>

Em 18 de maio o periódico voltou a homenagear o finado personagem com uma publicação especial pela passagem de um ano de seu falecimento. A referida homenagem foi uma publicação que ocupou toda a primeira página do jornal, no qual um texto pesaroso em formato de uma cruz envolta por uma caixa de texto, no topo da página estava o nome de Leocádio José Correia em letras garrafais e rodeando a caixa que carregava o texto cinco palavras: Deus, Pátria, Justiça, Liberdade e Família. Nesta homenagem percebemos o esforço do autor em remeter à tristeza que se abateu sobre a cidade de Paranaguá, tristeza da qual ainda não havia se recuperado, após a morte do personagem ilustre.

Há um anno que falleceu em Paranaguá o Dr. Leocadio Correia, e tão intensa foi a dor que então sentio a população d'aquella cidade que parece que ainda hoje sangra vivamente a ferida aberta por tão inesperado golpe.

<sup>400</sup> COMMERCIAL. Ano 1, n. 26, 23 ago. 1886. p. 2.

<sup>401</sup> COMMERCIAL. Ano 2, n. 65, 21 maio 1887. p. 2.

<sup>402</sup> GAZETA PARANAENSE. Ano XI, n. 71, 3 abr. 1887. p. 2.







dos mais ilustres cidadãos e defensor das causas parnanguaras, como se não houvesse nenhum outro como ele, apresenta-o como um personagem singular ainda chorado pelos concidadãos pelos benefícios que representava à cidade, pela sua ilustração e suas habilidades de oratória, um verdadeiro vulto paranaense e parnanguara:

Com elle como que partio tambem uma grande parte da alma d'essa lendaria Paranaguá, que hoje vive mais das recordações do seu faustoso passado do que das glorias do seu presente, e que acostumou-se a ver na pessoa d'aquelle seu filho estremecido o incentivo de todos os seus grandes empreendimentos, o arauto de todas as suas grandes alegrias, a luz de todas as suas grandes festas e a palavra consoladora, repassada de uma suprema unção christã, em todos os seus transes afflictivos e dolorosos. Nunca uma dôr mais sincera enlutou aquella popullação inteira, nunca repercurtiu com tanta amargura o dobre lugubre de finados no coração d'aquelle povo do que ha um anno, quando para sempre desaparecia do numero dos vivos aquelle que por sua dedicação aos seus semelhantes, dedicação que tocava as raias do sacrificio, tocava a vida ephemera da terra pela vida eterna dos bemaventurados. [...] Lembramo-nos d'aquelles imponentes festins litterarios, dos quaes, talvez, Paranaguá seja até hoje o unico lugar da provincia que tenha logrado a suprema ventura de ser theatro, quando na tribuna o seu vulto sympathico crescia como o de um semi-deus nos luares da mythologia, quando os seus gestos largos e eloquentes tinhao a grave accentuação dos antigos oradores romanos e quando o seu verbo vivido e fluente, sonoro e terso, erão o porta-voz das alegrias serenas d'aquelle povo que delirava ao influxo magico de sua palavra maravilhosa e arrebatadora.<sup>405</sup>

Encerrando essa série de rituais e discursos em homenagem ao personagem, encontra-se ainda a proposta de lei apresentada à Câmara Municipal de Paranaguá na sessão extraordinária de 13 de junho de 1887 pelo vereador João Guilherme Theodorico de Souza, que propôs a mudança de nome da Rua da Misericórdia para Rua Dr. Leocádio:

A exemplo das nações civilisadas que consagrão sempre os nomes d'aquelles cidadãos que se elevarão no conceito social pelas suas sciencias e virtudes e que figurão no numero de suas glorias e nos parecendo que o nosso finado conterrâneo Dr. Leocadio José Correia foi um paranaense que muito honrou a terra de seu nascimento pela illustração e serviços humanitários prestados como medico, proponho que se ligue o nome d'aquelle cidadão para sempre a este município, dando-se a actual rua da Misericordia o nome – Dr. Leocadio<sup>406</sup>

A proposta foi aprovada pela Câmara e até a atualidade a rua Dr. Leocádio permanece com este nome. Mais uma vez percebemos um esforço, desta vez por parte do poder público municipal, de manter o nome do médico presente na memória dos parnanguaras através de um local ligado ao personagem e é bastante significativo que a rua que passou a levar seu nome tenha sido a Rua da Misericórdia, instituição ligada à saúde e à caridade, dois valores que se associaram ao personagem. Nessas últimas duas homenagens citadas percebemos uma característica que será acentuada nos anos seguintes: às representações do personagem como médico caridoso, pai

<sup>405</sup> GAZETA PARANAENSE. Ano 11, n. 109, 18 maio 1887. p. 1.

<sup>406</sup> COMMERCIAL. Ano 2, n. 73, 16 jul. 1887. p. 3.

e marido exemplar e amigo prestativo se alia a do cidadão ilustre, seja pelo exercício da profissão como a de um sacerdote, seja pelas atividades intelectuais e políticas às quais esteve ligado.

Consideramos os rituais citados anteriormente, como *atos de memória coletiva*<sup>407</sup> envolvendo o personagem Leocádio José Correia, pois foram os primeiros rituais e discursos realizados em sua homenagem após seu falecimento e tiveram uma importante função de compartilhamento de representações acerca da imagem deste personagem e contribuíram para o estabelecimento de um imaginário em torno dele. Entendemos os *atos de memória coletiva* como marcos memoriais comuns a indivíduos de um mesmo grupo ou vários grupos, que compartilharam representações memoriais acerca do personagem. Vimos que ao compartilhar determinadas representações, outras, não muito auspiciosas a uma imagem positiva que se pretendia propagar, foram silenciadas e aos poucos foram relegadas ao esquecimento, assim ocorreu com as polêmicas envolvendo a vida do personagem enquanto médico e detentor de cargos políticos na província do Paraná.

É importante perceber ainda a importância de um nível intermediário entre a memória individual e a memória coletiva, ao qual Paul Ricoeur chamou a atenção, que são os *próximos*.<sup>408</sup> As pessoas próximas a Leocádio José Correia, indivíduos que constituíram eles mesmos suas representações do personagem de maneira subjetiva, a partir de suas próprias experiências pessoais com o falecido, foram as mesmas responsáveis, através dos diferentes atos de memória coletiva, como a participação nos rituais e as diferentes elaborações discursivas, a propagar essas representações compartilhando-as e dando assim um caráter coletivo a suas experiências individuais. Podemos supor que essas representações transformadas em discursos puderam ser apropriadas por outros indivíduos que construíram, assim, novas imagens do personagem.

### 3.2 DE ATOS DE MEMÓRIA COLETIVA A TRAÇOS: AS PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES BIOGRÁFICAS

As primeiras biografias de Leocádio José Correia foram publicadas ainda no final do século XIX, a primeira, em 1899, assinada por Nestor de Castro, e a segunda, em 1900, assinada por Leite Junior. Alguns anos depois, em 1919 duas revistas publicadas na cidade de Paranaguá – *Cruzada* e *O Itiberê* – novamente publicaram biografias de Leocádio José Correia. Essas quatro biografias têm em comum o fato de terem sido produzidas em um período no qual alguns indivíduos *próximos* a Leocádio José Correia, que tiveram algum tipo de convívio com o personagem, ainda viviam. Encerrando o capítulo citamos rapidamente a publicação de uma biografia publicada anos depois no Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, que embora se distancie temporalmente das anteriores, mantém em comum com as publicações das

<sup>407</sup> CANDAU, 2012, p. 35.

<sup>408</sup> RICOEUR, 2007, p. 141-142.

revistas parnanguaras de 1919 a associação da memória do personagem considerado ilustre com uma época considerada áurea da cidade de Paranaguá.

O objetivo nesta etapa do trabalho é identificar os elementos constitutivos dos discursos biográficos construídos, tendo em vista que parte dos elementos pode ser oriundo das próprias lembranças, enquanto outros serão apropriações das memórias construídas a partir dos primeiros atos de memória coletiva, analisados no subcapítulo anterior. Buscaremos demonstrar também que os *atos de memória coletiva* construídos e vivenciados pelos contemporâneos de Leocádio José Correia no momento de sua morte ou logo após seu funeral, portanto, enquanto ainda havia a presença do que Joël Candau denominou de *memória propriamente dita* foram sendo transformados em *traços*.

Os *traços* foram definidos por Fernando Catroga como campos de objetivação e transmissão de suportes de memória, tais como a linguagem, as imagens, as relíquias, os lugares, a escrita e os monumentos.<sup>409</sup> É um conceito que se assemelha ao de *atos de memória coletiva*, entretanto, nesta tese utilizamos os dois conceitos de maneira diferenciada, tomando-os como categorias para analisar o fenômeno que buscamos demonstrar. Para nós, *atos de memória coletiva* foram elementos compartilhados enquanto ainda haviam contemporâneos do personagem compartilhando *metamemórias* que se ancoravam em *memórias propriamente ditas*. Em momentos posteriores, pensamos haver a vontade de transmissão dessas memórias que já eram esparsas e estavam na iminência de desaparecer, nesse contexto os elementos utilizados para a transmissão de memórias são chamados de *traços*.

Em nossa concepção, as biografias aqui analisadas foram construídas a partir de determinados *traços* e *biografemas* e elas mesmas tornaram-se *traços* para a escrita posterior de outras biografias do mesmo personagem. Nossa intenção é avaliar quais são os elementos constitutivos dos discursos biográficos citados, os quais chamamos de *traços* e *biografemas* e como estes contribuíram para a construção de determinadas representações de Leocádio José Correia ao longo do tempo.

### 3.2.1. O espartano

A primeira biografia de nossa análise foi publicada em 1899 pela tipografia Correia e Companhia, mais conhecida como Imprensa Paranaense<sup>410</sup> cujos proprietários eram a Baronesa do Serro Azul, Manoel F. Ferreira Correia e Leocádio Cysneiros Correia. Fez parte do livro *Discursos pelo Dr. Leocádio José Correia (1880-1885)*, no qual foram publicados cinco discursos proferidos pelo médico: Discurso de inauguração das escolas do *Club Litterario*, em 15 de julho de 1882; Discursos em três sessões magnas de aniversário do *Club Litterario* no dia

<sup>409</sup> CATROGA, 2001, p. 48-49.

<sup>410</sup> A Imprensa Paranaense era a antiga Tipografia Lopes, que fora a primeira da Província do Paraná, foi adquirida pelo Barão do Serro Azul durante sua vida.

9 de agosto dos anos de 1882, 1883 e 1884; e o discurso feito durante o ato solene de distribuição dos prêmios aos alunos das escolas primárias de Paranaguá, em 19 de dezembro de 1885, quando era Inspetor Paroquial de Escolas.

O livro foi publicado em homenagem a Leocádio José Correia pelo filho, Leocádio Cysneiros Correia, conforme expressa na folha de rosto da obra: “Atirando a publicidade este livro, nada mais quero do que prestar uma homenagem de amor filial, saudade e profundo respeito, á memoria d’Aquelle que em vida foi o Pae extremoso e soube inocular em minha alma as fulgidas noções do Bem.”<sup>411</sup>

Na segunda página, encontra-se um retrato do personagem, enquanto da página 3 a 19 está a biografia de Leocádio José Correia, servindo como uma espécie de prólogo aos discursos.

FIGURA 4 – RETRATO DE LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA<sup>412</sup>



Nestor de Castro é o autor que assina este texto biográfico. Natural de Antonina, nasceu em 18 de maio de 1867 e faleceu em 14 de agosto de 1906, em Curitiba. Completou os estudos das primeiras letras em Antonina, daí seguiu para São Paulo, onde frequentou o Seminário, mas abandonou-o e completou os estudos no Colégio Moretzsohn. Retornou a Antonina em 1886 onde tornou-se negociante, mas logo encerrou suas atividades comerciais. Casou-se em 23 de novembro de 1887 com Arminda Pinheiro, com quem teve doze filhos, dos quais em 1927 só havia quatro vivos. Em 1887 foi para Curitiba onde iniciou sua carreira jornalística profissional na redação do *Dezenove de Dezembro*, em 1888 iniciou na *Galleria Illustrada*, jornal

<sup>411</sup> CORREIA, 1899, p. 1.

<sup>412</sup> Ibid., p. 2. Disponível na Biblioteca Pública do Paraná.

de tendência republicana que circulou em Curitiba em 1888 e 1889; em 1896 passou a escrever na *Gazeta do Povo*, *Órgão do Partido Republicano* e, em 1902, passou a dirigir e redigir o *A República*. Participou das rodas literárias do fim do século XIX e início do século XX na capital paranaense, tendo convivido com Emiliano Pernetta, Leôncio Correia, Euclides Bandeira, Jayme Ballão, Santa Ritta Junior, Ismael Martins, Dario Vellozo, Generoso Borges, Alfredo Coelho, Julio Pernetta e Sebastião Paraná.<sup>413</sup>

Leocádio Cysneiros Correia, que fez parte dessa mesma geração de intelectuais, foi amigo pessoal de Nestor de Castro, o que ficou explícito em uma homenagem póstuma feita por ele em 7 de maio de 1922 nas dependências do *Casino Coritibano* num evento chamado *Página do Sarau*.<sup>414</sup> Fica evidente pelas datas apresentadas anteriormente que Nestor de Castro não pode ter convivido com Leocádio José Correia, tendo em vista que no ano de sua morte estava retornando de São Paulo para Antonina. Desta forma, podemos presumir que a iniciativa da escrita da biografia que antecedeu os discursos de Leocádio José Correia publicados pela Imprensa Correia e Companhia foi um esforço pessoal do filho Leocádio Cysneiros Correia, que possivelmente pediu ao amigo que usasse de seu talento jornalístico para homenagear o pai, trata-se, portanto, de um texto encomendado.

No início de sua narrativa já fica evidente o caráter exemplar da biografia escrita por Nestor de Castro, ao dedicar a seu biografado adjetivos positivos e deixar claro que pretendia fazer uma homenagem ao personagem, considerado ilustre:

Ao traçarmos hoje, com a mais reverente piedade, os perfis biographicos deste paranaense illustre, tão digno das lagrimas e do amor dos seus compatriotas, vimos prestar um sincero tributo de saudade á sua memoria, deixando ao mesmo tempo impressos os feitos do seu formosissimo talento e as suas grandes virtudes.

Escrever a historia de uma vida que teve os sinceros applausos do povo, é tarefa de facil execução, porque a propria consciencia publica fornece subsidios para a orientação dessa historia. Mas a biographia do illustre paranaense, tão cêdo arrebatado ás glorias do seu espirito e ás affeições que o rodeavam, tem uma psychologia especial, que reclama seria e detida analyse; visto que, alem de cidadão distinctamente dedicado ás causas nobilitantes do seculo, o Dr. Leocadio Correia foi um homem de sumptuoso espirito superior, que se manifestou em bellas lucubrações de intelligencia.<sup>415</sup>

O autor divide sua narrativa em duas partes, correspondentes a perfis com os quais define Leocádio José Correia: o do cidadão e o do intelectual. A primeira parte se estende da página 4 à 11, a segunda parte, na qual se dedica aos aspectos intelectuais e ao perfil de homem de talento, se estende da página 11 à 16. Por fim, da página 16 à 19 se dedica aos lamentos da morte do personagem.

<sup>413</sup> KARAM, Paulo Roberto. **Nestor Pereira de Castro**: biografia e antologia. Mimeo, 1991.

<sup>414</sup> LEMBRANÇA da 3ª. “Página do Sarau” dos dominicaes nos salões do Casino Coritibano em a noite de 7 de maio de 1922. In: CORREIA, Leocadio. **Nestor de Castro**. Mimeo.

<sup>415</sup> CASTRO, Nestor de. Biographia do Dr. Leocadio José Correia. In: CORREIA, Leocádio José. **Discursos** (1880-1885). Curitiba: Tipografia e litografia a vapor Imprensa Paranaense, 1899. p. 3.

Nesta biografia, além do caráter exemplar, é possível perceber o que Pierre Bourdieu chamou de *ilusão biográfica*, ou seja, atribuir ao biografado desde o início de sua vida, as características que seriam supostamente determinantes em sua fase adulta, esse caráter é perceptível quando o autor trata de sua infância e vida escolar:

Como todos os predestinados, manifestou elle, desde a sua mais tenra infancia, decidida vocação para o estudo.

Seus paes souberam comprehender as tendencias e as aspirações que o impelliam para o dominio glorificante das lettras, proporcionando-lhe todos os recursos escolares reclamados por sua ardentissima dedicação aos livros.<sup>416</sup>

A possível propensão de Leocádio José Correia às letras desde a sua infância é mencionada para explicar a escolha dos pais ao mandá-lo para os estudos no Seminário de São Paulo e sua posterior escolha pelo curso de medicina no Rio de Janeiro, tratado como outro apostolado abraçado pelo personagem:

Seus progenitores, reconhecendo essa espontanea propensão e observando os progressos que elle fazia nos estudos de latim, mandaram-n'o para o Seminario de S. Paulo, onde o esforçado paranaense se aperfeiçoou de modo saliente em humanidades.

Justamente na epocha destinada á primeira uncção sacerdotal, uma nova resolução veio desviar o joven paranaense da carreira quasi concluida.

Entendeu que devia abraçar outro apostolado e foi matricular-se na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, onde firmou definitivamente o seu plano de instrução superior.<sup>417</sup>

Quando tratamos da vida de Leocádio José Correia no primeiro capítulo desta tese pudemos perceber que os seminários eram uma das principais opções de instituição educacional no Brasil do século XIX, grande parte dos alunos matriculados nesses estabelecimentos, entretanto, não se tornava sacerdote, mas partia para exames preparatórios para frequentar uma das poucas faculdades existentes no Brasil da época. Este foi o caminho traçado também por Leocádio José Correia. Através desse excerto, entretanto, percebe-se que o autor não problematizou essa trajetória educacional, mas apresentou as informações como forma de demonstrar um destino já traçado ao personagem primeiramente ao mundo das letras e posteriormente ao sacerdócio, tendo rejeitado este segundo, partiu então para outra atividade considerada também como um sacerdócio: a medicina. Nesse ínterim, não foi mencionado nem nesta nem nas biografias que foram escritas posteriormente, que antes de matricular-se no curso de medicina eram necessários vários exames admissionais e que antes de tê-los completado Leocádio José Correia foi estudante do curso de farmácia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, provavelmente por ser um curso de menor exigência admissional. Assim, apresentando a trajetória educacional como se

<sup>416</sup> CASTRO, 1899, p. 4.

<sup>417</sup> Ibid., p. 4



na infância, adolescência e juventude o personagem já estivesse predestinado à grandiosidade que a medicina representava, esta biografia corroborou para formar uma imagem exemplar do personagem ao apresentá-lo como um excepcional estudioso.

Esse caráter foi intensificado quando o autor buscou demonstrar que Leocádio José Correia se destacou entre seus colegas estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Para tanto, mencionou uma passagem do estudante, enquanto frequentava aulas regidas pelo Doutor João Vicente Torres Homem. Na ocasião, Leocádio José Correia tomou notas das aulas e apresentou ao professor um resumo fiel das lições sobre a febre amarela transmitidas por ele durante as aulas, as lições foram publicadas a partir do registro de Leocádio José Correia, fato que o Doutor Torres Homem destacou no prefácio de sua obra, cujo excerto Nestor de Castro transcreveu em seu texto.

Formado médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 20 de dezembro de 1873, o autor destacou outra característica marcada na trajetória do personagem e já anunciada anteriormente: a do médico caridoso, já que exercia a medicina como um sacerdócio ou mesmo um apostolado, característica constantemente vinculada à atuação médica no século XIX:

Feito Apóstolo, trazendo a sagração escolastica para o bulicio da vida pratica, da encenação real da existencia, o Dr. Leocadio Correia soube ter um coração e um espirito fartamente illuminados pelos clarões amplissimos da caridade.

Foi medico na extensão verdadeira da palavra: quasi todas as enfermidades que assolam a nossa especie lhe passaram pelos olhos, e elle, dando balsamos ás dôres alheias, extirpando chagas, chegou a uma invejavel altura de conceito profissional, circumdado da apotheose das benções e dos louvores publicos.<sup>418</sup>

Ao demonstrar a benevolência com que Leocádio José Correia exercia a medicina, o autor deixava transparecer que essa característica fazia parte do imaginário popular estabelecido acerca do personagem, transparecidos em relatos cotidianos acabaram por servir de base e tornaram-se um dos *traços* para a escrita desta biografia:

Verdadeiras anedoctas se levantaram em torno do benemerito paranaense, anedoctas que corroboram os elevados sentimentos altruisticos do nosso biographado.

Destas, para não occuparmos longamente a attenção dos que nos leem, apenas citaremos uma:

Contam os paranaguenses, e até muitas pessoas residentes fóra d'alli, que o Dr. Leocadio costumava frequentar diariamente as casas dos seus clientes pobres, embora não tivesse enfermos a tratar; tornando-se-lhe habito chegar de manhã á porta dessas moradas e perguntar: *Ha alguma cousa de novo?*

Se a resposta era affirmativa, elle entrava, via o que era necessario fazer e sahia depois de haver praticado um beneficio. Se era negativa, o digno medico retirava-se, declarando estar prompto a voltar, caso fossem precisos os seus serviços.

E assim deslisava aquella vida, santificada pela philantropia!

<sup>418</sup> CASTRO, 1899, p. 6.

Um dia, o santo humanitarista chegou a um desses lares... Viu a enfermidade zombar, inclemente, da existencia de uma infeliz mãe de familia... Receitou, mas... o chefe da casa não tinha dinheiro para ir à pharmacia...

O Dr. Leocadio n'um apunhalamento de dôres, com duas lagrimas a rorejarem-lhe os olhos, suspirou, dizendo: Os remedios hão de vir... hão de vir... Depois de ter salvo tão chara existencia, o preclaro clinico foi consultado sobre a importancia que devia ser paga pelo tratamento.

- Nada, respondeu.

- Então a importancia dos medicamentos?

- Nada, insistiu elle, e para que não fosse atalhado por novas perguntas, concluiu:

- Tudo consegui gratuitamente do boticario; agradeçam a elle e não a mim, que apenas cumpri o meu dever.

E retirou-se com a convicção de ter commetido uma acção generosa.<sup>419</sup>

Do imaginário popular para o registro escrito, causos como este serviram para consolidar a imagem de médico caridoso que colocava a vida humana em primeiro lugar e vivia sua profissão como o verdadeiro e esperado sacerdotio. Podemos supor assim, que a escrita biográfica auxiliou na consolidação dessa imagem e sua cristalização na memória coletiva.

Ainda enaltecendo a trajetória de Leocádio enquanto cidadão, o autor citou sua atuação como Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá e médico da Santa Casa de Misericórdia de Paranaguá, Inspetor Paroquial de Escolas e Deputado Provincial, cargo ao qual ascendeu, segundo o biógrafo, devido aos seus “fulgurantes predicados, estas scintillações d’alma” e no qual se dedicou principalmente à Instrução Pública da Província.

A biografia abordou ainda, o envolvimento de Leocádio José Correia com o movimento abolicionista, destacando que prestou serviços relevantes a essa causa:

Já na tribuna, já na imprensa patriótica, com toda a pujança do seu temperamento, o venerado obreiro da civilização pelejou denodadamente em favor dos captivos quando no Brazil se agitava o magno problema que dêu em resultado a Lei de 13 de Maio.

Muitas das caixas de socorro estabelecidas por aquella occasião nas cidades do littoral, receberam o seu obulo, emquanto o esplendido patriota, no calor entusiastico dos comicios, proclamava a necessidade da emancipação como elemento de felicidade nacional.<sup>420</sup>

Com esse conjunto de biografemas Nestor de Castro deu por encerrada a primeira parte da narrativa com a qual construiu o perfil biográfico de Leocádio José Correia. Ao final dessa etapa transcreveu integralmente o artigo da *Gazeta Paranaense* de 19 de maio de 1886, com o qual o jornal noticiou a morte do personagem biografado e prestou-lhe homenagem. Assim, o autor deixou transparecer mais um conjunto de *traços* que o auxiliaram para a construção do personagem com o qual provavelmente não conviveu. O texto citado, em especial, reconstituiu

<sup>419</sup> CASTRO, 1899, p. 7-8.

<sup>420</sup> Ibid., p. 9.

brevemente a vida do personagem no intuito de homenageá-lo na ocasião de sua morte, o que evidencia que serviu como uma das principais fontes de informação para o jornalista construir sua própria narrativa, acrescida dos relatos de contemporâneos, que podem ou não ter convivido com Leocádio José Correia, mas que de alguma maneira tiveram contato com as narrativas sobre ele.

O autor, ainda, debruçou-se de maneira mais demorada sobre o perfil intelectual de Leocádio José Correia, tecendo-lhe grandes elogios por sua atuação:

Nascido á luz benefica de um ceu inspirador, o Dr. Leocadio Correia foi um espirito de eleição – um verdadeiro artista, que teve sempre, em todos os banquetes da intelligencia, logar proeminente entre os mais notaveis intellectuaes desta terra.

Na poesia, a sua Musa dava-lhe grandes emoções e extraordinarios arrebatamentos de imaginação; na prosa, elle se revelou um castiço e attraente burilador; na tribuna, onde tantas vezes fulgiu o seu verbo de ouro, o illustre cidadão tornou-se de uma notoriedade digna dos mais raros oradores do nosso tempo.<sup>421</sup>

As áreas de atuação cultural de Leocádio José Correia citadas por Nestor de Castro foram a poesia humorística, a sátira, a oratória, o jornalismo e o teatro, discorreu sobre esses aspectos ao longo de cinco páginas em tons sempre elogiosos. Para reforçar seu discurso utilizou nesta parte do texto uma citação do jornal *Gazeta Paranaense* de 18 de maio de 1887, no qual o jornal fazia homenagem pela passagem de um ano de falecimento do parnanguara e à qual Nestor de Castro atribuiu autoria a Leôncio Correia, além de uma publicação do próprio Leocádio José Correia no jornal *Itiberê* de 9 de agosto de 1883, edição comemorativa pela passagem do aniversário do *Club Litterario* de Paranaguá.

Nas últimas quatro páginas o autor se dedicou exclusivamente à morte de Leocádio José Correia, transcreveu nesse espaço a homenagem que lhe fez o periódico *Livre Paraná*, de Paranaguá, em 22 de maio de 1886, destacando a afeição com que o jornal tratou a situação, mesmo sendo de oposição política, pois tinha orientação republicana, e tendo o personagem morto rompido relações com o redator (por conta do caso de conflito com José Cleto da Silva citado no segundo capítulo deste trabalho). Redigiu ainda a homenagem pelos três anos de falecimento do personagem publicada no periódico *Treze de Maio*, no ano de 1889. Além de uma publicação no *Almanach Luzo Brasileiro*<sup>422</sup> de 1888, ainda lamentando a perda de Paranaguá. Com essas transcrições fica evidente a intenção do autor em demonstrar a grande perda que Paranaguá e o Paraná tinham sofrido com a morte de Leocádio José Correia e para reforçar o tom de lamento com que ele terminaria sua narrativa, coroou o personagem como um herói espartano:

<sup>421</sup> CASTRO, 1899, p. 11.

<sup>422</sup> Acreditamos tratar-se do Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro, que foi publicado regularmente durante os anos de 1851 e 1932 e tratava-se de uma publicação ultramarina que publicava textos enviados de Portugal, da Madeira, dos Açores, do Brasil e das colônias portuguesas na África e na Ásia. Cf. ESQUINA DO TEMPO. 'Almanaque lembranças luso-brasileiro'. Disponível em: <<http://brito-semedo.blogs.sapo.cv/294295.html>>. Acesso em: 26 dez. 2015.

Morto!

Aos trinta e oito annos, quando todos os carinhos lhe vinham borboletear nos recessos d'alma; quando um glorificado presente lhe desnudava um futuro cheio de apothéoses, foi ahi que a morte, barbara desafiadora de destinos, lhe imprimio nos labios o gelido suspiro da paralyção eterna.

E elle era ainda tão moço!

Caminhou na vida como um espartano: heroico. Cheio de rasgos de singular altruismo, pondo a intelligencia ao lado das palpitações do seu sensibilissimo coração; no entanto, esse espartano, que foi digno de bençãos e de affectos, não teve occasião de ir além, porque, quando caminhava para mais alto, desfaldando o labaro dos Bons e dos Uteis, sentiu cahir-lhe aos pés a petala da sua existencia, onde, por fim, sepultaram-se as suas aspirações!<sup>423</sup>

Esta mesma biografia de Nestor de Castro, apenas com o acréscimo de uma citação de parte de um dos discursos de Leocádio José Correia, foi publicada mais uma vez pelos mesmos editores. Desta vez fez parte do *Almanach Paranaense* do ano de 1900, publicado em 01 de outubro de 1899, organizado por Manoel F. Ferreira Correia e Leocádio Cysneiros Correia. Era o quinto ano de publicação do almanaque, que trazia informações sobre administração, comércio e indústria de 28 municípios do estado. Na capa e contracapa do almanaque fora anunciado que trazia o retrato e a biografia do Dr. Leocádio José Correia além de diversas ilustrações e matérias de utilidade pública. O retrato e a biografia ocuparam as primeiras páginas do almanaque, logo após uma breve introdução escrita pelos organizadores da publicação. Entre as páginas 239 e 244, compondo a parte de *litteratura e recreio* foi exposto ainda o texto intitulado *A Semana Santa* de autoria de Leocádio José Correia.

### 3.2.2 O apóstolo do bem

Em 20 de maio de 1900 no número 19 do periódico *O Sapo*, do qual era redator junto a Leocádio Cysneiros Correia, Leite Junior assinava outra biografia do Doutor Leocádio José Correia, o periódico lembrava a passagem do 14º aniversário da morte do personagem que ocorrera dois dias antes, homenageando-lhe com o texto biográfico e a publicação de sua foto. O texto repetia o tom de consternação das homenagens anteriores:

Profundamente consternado ficou o Paraná inteiro ao ver desaparecer nas trevas do tumulo o envolvero venerado desse espirito de Luz, desse devotado Apostolo da Bondade Suprema.

E assim, emparedando-o nos estreitos limites d'um sepulchro, a Morte, na sua implacabilidade eterna, encarcerou o Pensamento fecundo e robusto d'um predestinado da Gloria.<sup>424</sup>

<sup>423</sup> CASTRO, 1899, p. 19.

<sup>424</sup> O SAPO. Ano III, n. 19, 20 maio 1900. p. 1. CORREIA, Leocádio José. **Dois páginas sobre o drama da redenção pelo Dr. Leocádio José Correia.** Curitiba: Correia & C.<sup>a</sup>, 1901. p. V.

Esta mesma biografia foi publicada em 1901 pela impressora Correia e Companhia, servindo de prólogo para os textos *A Semana Santa* e *O sacrifício do Golgotha*, ambos escritos por Leocádio José Correia e tratando do episódio da paixão de Cristo. O primeiro texto, escrito em 1886 e publicado na imprensa, fora também publicado no *Almanach Paranaense* de 1900 por iniciativa dos mesmos editores, a publicação em sua totalidade foi intitulada *Dois páginas sobre o drama d'a redempção, pelo Dr. Leocadio José Correia*. A obra soma-se, portanto, às outras publicações já citadas anteriormente e simbolizam o esforço de Leocádio Cysneiros Correia para homenagear e manter viva a memória do pai: “À sagrada memória de meo Pae, esta lembrança de profundo respeito.” É o que se lê na folha de rosto da obra.

Quanto ao autor da biografia, trata-se de João Ferreira Leite Junior, que era empregado público e morador de Curitiba, tinha 28 anos na ocasião desta publicação. Seu nome figurava na imprensa local na virada do século XIX para o XX, fazia parte de um grupo atuante de artistas e intelectuais do período ao lado de Romário Martins, Julio Pernetta, Emiliano Pernetta, Lucila Bastos, Theophilo Soares Gomes, Cyro Correia, Cyro Velloso, Dario Vellozo, Nestor de Castro, Iphigenio Lopes, Barbosa Leal, entre outros. Era sócio do *Club Coritibano*, onde foi orador. No *Grêmio Musical Carlos Gomes*, foi secretário. Também foi secretário da *Sociedade Tertúlia Paranaense*. As notícias demonstram uma vida artística e intelectual ativa no período, em que era participante e promotor de saraus dramáticos, comédias, compositor musical e escritor em periódicos como a revista *Victrix*, criada em 1902, revista *Electra*, onde eram publicados vários artigos de propaganda anticlerical e do periódico *O Sapo*, literário e humorístico, este, fundado em 1898 por ele junto a Leocádio Cysneiros Correia, Gabriel Ribeiro e Thales Saldanha.

Essa atuação artística e intelectual bastante próxima a Leocádio Cysneiros Correia explica, portanto, a autoria desta biografia. Tudo indica que esta, assim como a biografia de Nestor de Castro, trata-se de uma encomenda de Leocádio Cysneiros Correia a um amigo, redator de *O Sapo*. Leite Junior deixa transparecer que sua narrativa não seria fruto de uma memória construída a partir da convivência com o biografado, já que vivia a infância quando aquele faleceu, mas a partir de outros traços disponíveis do passado:

Mas... que indiscriptivel ousadia conduz a nossa pena a traçar o perfil biographico desse extraordinario vulto, cujo talento superior começava a attingir a culminancia da Gloria que o esperava – braços amplamente abertos – quando nós ainda eramos adormecidos dentro d'um sonho infantil.<sup>425</sup>

Um desses traços é a biografia anterior, escrita por Nestor de Castro, o autor o cita para justificar sua própria escrita biográfica:

<sup>425</sup> LEITE JUNIOR. Doutor Leocadio José Correia. In. CORREIA, Leocádio José. **Dois páginas sobre o drama da redempção pelo Dr. Leocádio José Correia**. Curitiba: Correia & C.<sup>a</sup>, 1901. p. VI-VII.

Digamos com o Sr. Nestor de Castro, não em idênticas condições às nossas, mas traçando também a biographia do pranteado morto:

‘Escrever a historia de uma vida que teve os sinceros applausos do povo, é tarefa de facil execução porque a propria consciencia publica fornece subsidios para a orientação dessa historia.’<sup>426</sup>

Embora seja a única vez ao longo do texto que autor cite Nestor de Castro diretamente, identificamos que quase toda a estrutura narrativa da biografia segue o mesmo padrão da escrita de Nestor de Castro, com exceção da parte introdutória e da parte final do texto. Ao contrário de Nestor de Castro, Leite Junior lamentou a morte de Leocádio José Correia já no início de sua narrativa, provavelmente fez essa opção devido ao fato desse texto ter sido escrito em homenagem a passagem de 14 anos da morte do personagem biografado. O tom de lamento segue o padrão das narrativas anteriormente apresentadas:

E assim, emparedando-o nos estreitos limites d’um sepulchro, a Morte, na sua implacabilidade eterna, encarcerou o Pensamento fecundo e robusto d’um predestinado da Gloria.

Ah! A Morte! ...

Elle que tantas vezes a escarnecera confiado no seu valor scientifico; elle que tantas vezes a perseguira do albergue do miseravel e do palacio do opulento rico, com a intuição d’um verdadeiro Archanjo do Bem! Ah! A Morte! ... a precursora das lagrimas! ... a incognita e pthysica Rainha que prezide os funebres festins da Humanidade, onde se farta de sangue e de carne, n’um osculo de gelo, collou seos labios para todo o sempre, fazendo parar-lhe no peito o grande coração!

Era o dia 18 de maio de 1886.<sup>427</sup>

A sequência narrativa não só segue o mesmo padrão de Nestor de Castro ao apresentar os mesmos biografemas, como ainda cita os mesmos traços que servem de base para o acesso a informações, demonstrando que a principal base para a escrita biográfica foi o texto anterior. Quanto aos biografemas, segue a sequência de informações sobre o nascimento e origens familiares, os estudos em Paranaguá, a ida para o seminário, a escolha pela Faculdade de Medicina, a formatura, o casamento com a prima irmã Carmela Cysneiros Correia e a morte prematura. Destaca ainda seu talento como orador, escritor, jornalista, poeta e ator, além de político e abolicionista. Quanto aos traços que se repetem de uma narrativa a outra, para atestar as raras aptidões de Leocádio José Correia para a medicina o mesmo texto do Doutor Torres Homem no prefácio das lições sobre a febre amarela citado anteriormente por Nestor de Castro é mais uma vez transcrito nesta biografia, da mesma forma que o texto publicado pela *Gazeta Paranaense* de 19 de maio de 1886 é citado para atestar a grande perda que significou a morte de Leocádio José Correia para o Paraná. A transcrição segue a seguinte elucubração que o apresenta como médico talentoso e caridoso:

<sup>426</sup> LEITE JUNIOR, 1901, p. VII.

<sup>427</sup> *Ibid.*, p. VI.



Ao Dr. Leocadio Correia quanto deve o Paraná, pela magnanimidade do seu coração, espontaneamente aberto a todos os expatriotas da ventura; pelo seu privilegiado talento conduzido pelas mais nobres intuições; pelo seu extranho affecto á humanidade soffredora; e, finalmente, por todos os altruisticos principios de philanthropia?!<sup>428</sup>

A última parte de sua biografia Leite Junior, diferentemente de Nestor de Castro, dedica à esposa e aos filhos de Leocádio José Correia, atribuindo à primeira as qualidades necessárias para a educação dos filhos, que na ocasião da morte do pai tinham apenas iniciado sua educação:

O golpe violento vibrado pela fatalidade no coração da Patria com a morte do Dr. Leocadio Correia, conduziu sua digna consorte, D. Carmela, a uma viuvez desoladora. Porem, atravez da magna dor que lhe enlutava a alma, não lhe falleceo a coragem de viver. Oh! Ella era mãe e tinha de entregar ao mundo filhos que honrassem a sagrada memoria de seu pae.

A educação delles estava apenas iniciada. Era mister, pois, desenvolvê-la e concluir-a. Ainda hoje ella os anima com os seus santos preceitos maternas.<sup>429</sup>

A biografia de Leocádio José Correia e o esforço e dedicação maternal de Carmela Cysneiros Correia servem, assim, para explicar e enaltecer a descendência citada por Leite Junior na sequência: Clara Correia de Araújo, casada com Hyppolito Araujo, segundo o autor, reunia “em si, a par de bellos ornamentos phisicos, inestimaveis dotes de nobilitante moral”; Leocádio Cysneiros Correia, casado com Anna Erichsen Correia, se distinguiria entre os paranaenses ilustres como comerciante, como integrante da firma Correia e Companhia ou como homem de letras; Lucídio Correia como “socio da conceituada firma Leão, Correia & C<sup>a</sup>, amigo leal e dedicado dos seus amigos, educado na escola da honra e do dever, é também um digno herdeiro das glorias do seu saudoso pae”.<sup>430</sup>

Assim, esta biografia de Leocádio José Correia o coroava como homem virtuoso e prezava pela manutenção de sua memória enaltecendo sua importância para o Paraná nas diversas áreas em que atuou, como um grande político local. Essa celebração a sua memória, no periódico *O Sapo* de 20 de maio de 1900, veio acompanhada de uma homenagem ao Barão do Serro Azul, Ildefonso Pereira Correia, morto seis anos antes. Enquanto na primeira e na segunda página o periódico trouxe a biografia de Leocádio José Correia, na segunda e terceira página publicou uma homenagem acompanhada da biografia do Barão escrita por Leocádio Cysneiros Correia. Assim, Barão do Serro Azul e Leocádio José Correia, membros da mesma família, tinham suas memórias cultuadas no mesmo periódico.

Manter a memória de Leocádio José Correia como uma figura de importância para o Estado ao lado da figura do Barão do Serro Azul era enaltecer o papel de toda a família Correia

<sup>428</sup> LEITE JUNIOR, 1901, p. XI.

<sup>429</sup> Ibid., p. XV.

<sup>430</sup> Ibid., p. XV.

e justificar sua importância num contexto político e social que não era mais o mesmo do século XIX, em que a família representava a força do Partido Conservador no litoral do estado. Agora, num país sem mais barões ou viscondes, restava enaltecer aspectos de bondade e abnegação no intuito de demonstrar sua grandiosidade, tal como fez Leite Junior ao findar sua narrativa:

Si é certo que além deste Mundo existe um outro, onde os Apostolos do Bem vão gosar a Bem aventura eterna e receber o premio das duas virtudes, a alma do Dr. Leocadio Correia, n'um vôo recto, attingio-o desde o instante em que a luz da vida extinguiu-se em seos olhos.

Hosannas! á sua memória veneranda.<sup>431</sup>

Observamos, assim, que as biografias escritas por Nestor de Castro e Leite Junior fazem parte de um escopo maior de traços memorialísticos organizados e difundidos principalmente por Leocádio Cysneiros Correia. Tendo em vista que não é possível a existência de uma memória coletiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados entre indivíduos de um grupo através de reavivamentos da memória, conforme afirmou Fernando Catroga,<sup>432</sup> e tendo em vista que somente os traços do passado são capazes de produzir esses suportes e provocar reavivamentos, pensamos que essas iniciativas de reunir em dois livros alguns discursos proferidos por Leocádio José Correia e os textos literários sobre a Semana Santa e a Paixão de Cristo, além de dedicar-lhe notoriedade no *Almanach Paranaense* de 1900 e no periódico *O Sapo*, demonstram a vontade de manter a memória de Leocádio José Correia viva entre seus contemporâneos, ou mesmo reavivá-la, assim como transmitir a imagem de homem culto e letrado, além de outras representações difundidas através das biografias: médico caridoso, humanitário, cidadão ilustre, político dedicado, defensor da causa da instrução pública e do abolicionismo, pai e esposo exemplar.

No ano de 1901, foram publicados pela mesma tipografia, Imprensa Paranaense, os discursos pronunciados na sessão fúnebre celebrada no *Club Litterario* da cidade de Paranaguá no dia 8 de junho de 1886 em homenagem a Leocádio José Correia. Aparentemente os discursos foram reunidos pelo Padre Marcelo Annunziata, que além de vigário da Igreja Matriz de Paranaguá era presidente do *Club Litterario* no ano da morte de Leocádio José Correia e responsável pelas homenagens. É possível ler na abertura da publicação de 1901 uma dedicatória do padre à viúva de Leocádio José Correia datada de 19 de maio de 1887:

Este precioso ramalhete de saudades, colhidos na sessão fúnebre, celebrada a oito de junho de 1886, no salão do *Club Litterario* desta Cidade, á memória dos eminentes dotes que em vida prendaão o sempre pranteado Doutor Leocadio José Correia, digno esposo que foi de V. Exa. e extremecido pai, com o coração cortado de dor resigna nas mãos de V. Exa. O amigo extremoso do finado e de V. Exa.<sup>433</sup>

<sup>431</sup> LEITE JUNIOR, 1901, p. XVI.

<sup>432</sup> CATROGA, 2001, p. 48-49.

<sup>433</sup> DISCURSOS pronunciados na Sessão Funebre celebrada no Club Litterario da cidade de Paranaguá, a 8 de junho de 1886 em homenagem à memória do Dr. Leocádio José Correia, fallecido a 18 de maio de 1886. Curitiba: Typ. E lith. a vapor Imprensa Paranaense, 1901. p. 3.

Esta publicação juntamente com as outras demonstra o esforço feito para tornar presente a memória de Leocádio José Correia, sobretudo pelo filho Leocádio Cysneiros Correia. Desta forma, essas produções constituem-se enquanto traços produzidos voluntariamente e socializados através da imprensa e de livros, no entanto, como procuramos demonstrar, esses procedimentos de vivificação memorialística só foram possíveis ao lançar mão de outros traços, constituídos anos antes: os escritos originais de Leocádio José Correia, assim como os discursos produzidos durante os rituais de funeral e homenagens póstumas difundidos pela imprensa, o que demonstra o caráter dinâmico dos processos de construção, objetivação, reavivamento e transmissão memorialística. Anos depois outras biografias de Leocádio José Correia, que em nosso ver constituem outros conjuntos de traços, continuariam a ser produzidos por diferentes autores e difundidos em diferentes meios, o que caracteriza intencionalidades diferentes na produção discursiva.

### 3.2.3 Um ilustre cidadão parnanguara

O número quatro, de outubro de 1919 da *Revista Cruzada* trazia na capa o retrato de Leocádio José Correia, abaixo de sua fotografia e de seu nome pode-se ler o subtítulo: “Medico humanitario e glorioso detentor intellectual de Paranaguá na phase historica de seu renascimento litterario”. A revista mensal de artes, letras e actualidades, foi fundada pela agremiação *Cruzada Cívica*, que contava então com 126 sócios. Seus redatores eram Roberto Barrozo e João Vianna e tinham como redatores auxiliares Sampaio Barreto, Maia Junior e Manoel Pedro do Nascimento, além de diversos outros colaboradores.

O primeiro número de *Cruzada* foi publicado em julho de 1919 na cidade de Paranaguá, no qual se lê que a agremiação “se propoz levantar o sentimento esthetico e o amor pelas lutas da intelligencia na nossa cidade, de tradicções tão soberbas”. O foco principal das publicações envolvia a reprodução de textos literários de autores locais, nacionais ou estrangeiros:

Está na nossa norma reproduzir os trechos primorosos, contudo, das letras nacionaes e portuguezes, ou mesmo de autores originarios de outros paizes quando as producções estejam no nosso idioma, para que intensifique-se melhor o amor pelos livros entre nós, na variedade das idéas e dos estylos.<sup>434</sup>

Além dos textos literários trazia regularmente as seções: *Os Factos do Mez, as promessas e os boatos*, em que se informava os acontecimentos recentes do município; *Paranaguá e o seu passado, apontamentos históricos*, na qual o autor Joaquim Mariano de Ferreira Juneor discorria sobre fatos e publicava documentos históricos da cidade, além de seções de propaganda do comércio local. A capa das revistas sempre trazia o retrato de algum personagem histórico de

<sup>434</sup> CRUZADA: Revista mensal de letras, artes e actualidades. Ano I, n. 1, jul. 1919. p. 1.

Paranaguá, cuja biografia era desenvolvida na publicação. Além de Leocádio José Correia, outras personalidades parnanguaras biografadas pela *Cruzada* no primeiro ano da revista foram: Fernando Amaro de Miranda, considerado o primeiro poeta parnanguara; Manoel Francisco Correia Junior; José Cleto da Silva; Fernando Machado Simas, farmacêutico e jornalista; Manoel Francisco Correia, o Velho; Visconde de Nacar; Leocádio Pereira da Costa; Agostinho Ermelino de Leão; Brazilio Itiberê da Cunha, musicista e embaixador do Brasil na Alemanha e Manoel Euphrasio Correia. Como se pode observar, todos os personagens foram contemporâneos de Leocádio José Correia, nascidos em Paranaguá no século XIX, considerada época áurea para a cultura e sociedade parnanguara.

Fica evidente que a revista pretendia elevar Paranaguá enquanto cidade de alto desenvolvimento intelectual e cultural e berço do estado do Paraná e buscava em seu passado histórico, ou na tradição, elementos que corroborassem essa ideia, seja através dos fatos históricos ou dos personagens considerados ilustres. Isso fica claro no número 2 da revista, quando se discorreu sobre a importância da seção *Paranaguá e o seu passado, apontamentos históricos* assinada por Joaquim Mariano Ferreira Juneor, para a comarca de Paranaguá:

As tradições do nosso povo constituem um orgulho para a terra paranaense. Descoberto o littoral pelos paulistas, daqui irradiou o desenvolvimento, invejável, desta privilegiada região do paiz. Aqui se edificaram as primeiras casas que os primeiros homens habitaram. Os primeiros pensamentos de evolução aqui se manifestaram; daqui saíram as mais vigorosas iniciativas, as mais arrojadas conquistas do engenho fecundo dos exploradores.

Paranaguá é a Vera-Cruz do Paraná e a Cotinga o Monte Paschoal. Pertence-nos a gloria de ser o berço, luminoso do nosso Estado.

Rasgamos o seio virgem das florestas virgens e fizemos a pá e a picareta entoarem nestas plagas os primeiros hymnos do trabalho. A aurora do porvir do Paraná aqui despontou. Aqui desabrocharam os primeiros sonhos e as primeiras desillusões; o primeiro sorriso, a primeira alegria, dos civilizados aqui nasceram, como nasceram aqui as primeiras lagrimas e as primeiras dôres...

Eis as glorias que vamos diffundir, ufanos, ás mancheias!<sup>435</sup>

As glórias do passado parnanguara que os conterrâneos procuravam disseminar através da revista pareciam contrapor com o que os mesmos pensavam do momento em que viviam. As representações que faziam do presente, daquele primeiro quartel do século XX, parecia contrapor-se ao passado glorioso que propagavam nas páginas da mesma revista, é o que podemos evidenciar através de outro texto, escrito para registrar a passagem do 42º aniversário do *Club Litterario* daquela cidade:

Nesta cidade vegeta-se tristemente, mergulhados no tédio mais atroz, envolvidos pela inercia, pela falta de energia, numa abstracção, numa indiferença e num pasmo horrorosos.

<sup>435</sup> CRUZADA: Revista mensal de letras, artes e actualidades. Ano I, n. 2, ago. 1919. p. 4.

Não existe aqui onde se possa espairer as preocupações de uma existencia atribulada. São os cafés, as esquinas, as praças, os pontos unicos para se dar expansão a graça, a satisfação e a alegria.

Por isso, quando se anuncia uma festa, o jubilo se estampa em todos os semblantes e todos os rostos demonstram claramente o mais acentuado entusiasmo.<sup>436</sup>

É no bojo desse olhar para o passado como forma de demonstrar sua grandiosidade e escapar da estagnação cultural do presente que as biografias de ilustres são redigidas e publicadas na revista, entre elas a de Leocádio José Correia. A *Cruzada* parecia pretender a fuga da inércia literária, cultural e social e da baixa evidência dedicada à Paranaguá de então e buscavam projetar-se a um futuro tão glorioso quanto o passado que demonstravam através de suas publicações ter vivido na cidade. Assim, as biografias de ilustres transparecia a vontade e o esforço de reavivar a memória de tempos considerados gloriosos a partir de alguns indivíduos em particular, foi essa a principal intenção ao tornar pública a biografia de Leocádio José Correia:

Infelizmente estamos numa phase de absoluto abandono – e os nomes insignes do nosso passado fulgurante jazem sob a poeira do olvido numa dormencia que será, mais tarde, o despontar da nossa evolução intellectual.

Outras fossem as nossas condições e a lembrança do dr. Leocadio José Correia seria o fogo sagrado alimentando o nosso progresso nas lides da intelligencia.<sup>437</sup>

Enaltecer os talentos dos biografados no intuito de demonstrar que a cidade havia sido o berço de grandes personalidades parece ser a outra intenção desses perfis. Ao traçar a biografia de Leocádio José Correia, o redator de *Cruzada*, Roberto Barrozo manteria esse padrão:

A Cruzada, depois de haver estampado nas capas dos seus primeiros numeros Fernando Amaro de Miranda, Manoel Francisco Correia Junior e José Cleto da Silva – sente-se acanhada para fallar desse grande filho de Paranaguá, o dr. Leocadio José Correia, cujo perfil o frontespício da revista ostenta hoje.

Não queremos, com isto, minorar os merecimentos dos tres illustres patricios que o antecederam; manda, porem, a verdade historica, que confessemos ter sido elle o mais brilhante talento nascido nesta terra e talvez o coração mais delicado que aqui se formou.<sup>438</sup>

Ao evidenciar esses talentos os biografemas destacados eram a aproximação do biografado com a vida intelectual da cidade, seu envolvimento com a área cultural e o mundo das letras, principal foco da revista:

<sup>436</sup> CRUZADA: Revista mensal de letras, artes e actualidades. Ano I, n. 3, set. 1919, p. 5.

<sup>437</sup> CRUZADA: Revista mensal de letras, artes e actualidades. Ano I, n. 4, out. 1919, p. 1.

<sup>438</sup> Ibid., p. 1.

Artista da Forma, era o dr. Leocadio o escultor maravilhoso e predestinado que, fazendo da penna o rude cinzel, creava, na palavra escripta, aos soberbos pedestaes do pensamento em busca da gloria immortal.

A sua inspiração, impulsionando a cultura do seu espirito, inegavelmente erudito, tinha a belleza empolgante do sol da meia noite e o arrebatamento dos phantasticos voos dos arrojados condores.

[...]

Elle foi o revolucionador litterario do littoral e conseguiu, pelo seu esforço syntillante, pelos seus conhecimentos e pelo seu apostolado ás bellas letras uma phase de resurgimento que orgulha a nossa cidade tradicional.<sup>439</sup>

A biografia, que ocupou duas páginas da revista, era composta de um texto introdutório que justificava a escolha do personagem biografado, demonstrando suas qualidades, conforme pudemos observar nos excertos acima destacados, extraídos desse texto introdutório; um texto com os principais biografemas apresentados de maneira resumida e objetiva, se considerarmos o espaço destinado na revista para a apresentação da vida dos biografados; no encerramento desse texto apresentava os principais familiares do biografado e sua descendência, citando o nome dos irmãos, filhos, netos e seus respectivos cônjuges. Por fim, ainda foi publicada uma carta do filho do biografado, Leocádio Cysneiros Correia, respondendo ao redator da revista, Roberto Barrozo, o que demonstra que este redator procurou aproximação com ele para solicitar as informações necessárias para a escrita biográfica.

Em sua resposta Leocádio Cysneiros Correia oferece ao redator o livro de Discursos de Leocádio José Correia, publicado por ele em 1889 e cujos discursos foram antecidos por biografia de Nestor de Castro, já comentada no subcapítulo anterior. Esta biografia e os discursos, portanto, parecem ter sido os principais traços disponíveis a Roberto Barrozo para a escrita do perfil biográfico de Leocádio José Correia, o que ficou evidente em parte de seu texto introdutório:

Nestor de Castro – outro formoso cavalleiro – traçou, em paginas magnificas, a biographia do fino estheta paranaguense e se a exiguidade do espaço não nos perseguisse implacavelmente – o que tanto deploramos – agasalhariamos agora esse estudo onde é realçado o valor de expoente do emerito prosador.<sup>440</sup>

Ao apropriar-se da biografia anteriormente escrita para escrever o perfil publicado na revista, o redator Roberto Barrozo reforçou algumas das representações anteriormente construídas acerca do personagem. Aspectos como o de médico humanitário, intelectual e abolicionista cada vez mais foram sendo consolidados na memória coletiva:

<sup>439</sup> CRUZADA: Revista mensal de letras, artes e actualidades. Ano I, n. 4, out. 1919. p. 1.

<sup>440</sup> Ibid., p. 1.



A sua clinica era humanitaria. No tempo do dr. Leocadio não havia pobre sem este dedicado e desinteressado profissional à sua cabeceira, deixando de receber em paga de seus serviços qualquer retribuição dos menos favorecidos da sorte.

Jornalista e orador, collaborou no 'Itiberê' e em outras folhas daquela epoca e muito contribuiu para o esplendor do Club Litterario.

Abolicionista, combateu a escravatura pela imprensa e pelos comicios na praça publica, concorrendo com o seu donativo nas listas de libertação de escravos.<sup>441</sup>

O mesmo texto biográfico publicado pela primeira vez na *Cruzada*, foi reproduzido três anos depois na revista *O Itiberê* de setembro de 1922, numa seção intitulada *Vultos do Passado*, com exceção somente da parte introdutória, que foi suprimida. *O Itiberê* foi a primeira revista ilustrada da cidade de Paranaguá. Publicação mensal mantida pelo *Club Litterario* de Paranaguá. Seu primeiro número data de maio de 1919, sob a direção de Francisco Accioly, João Regis, Maia Junior e Zenon Leite. Deixou de ser publicada no ano de 1930. O foco da revista era a publicação de diversos estilos de textos literários, para isso contava com colaborações de diferentes autores, compondo o maior número de páginas publicadas. Além dessas publicações, o *Club Litterario* utilizava o espaço do mensário para a divulgação de notícias do próprio clube e anúncios comerciais. Entre as seções recorrentes nos primeiros anos, embora não fossem publicadas em todos os números da revista, estavam: *Pagina Feminina*, direcionada às mulheres; *O Itiberê Junior*, seção humorística; *Ephemerides Paranaguenses*, que descrevia acontecimentos do passado da cidade; *Fatos do mez*, que noticiava os acontecimentos da cidade nos meses anteriores ao da publicação e *Galeria Nobre*, que trazia perfis biográficos de diferentes personagens parnanguaras considerados importantes para a história local.

São muitas as semelhanças editoriais entre as revistas *Cruzada* e *O Itiberê*. A vontade de consolidar determinadas memórias através do olhar para o passado local fica evidente nas duas revistas, seja através das publicações de acontecimentos passados ou das biografias de personalidades ilustres, geralmente ligadas às principais famílias da elite parnanguara, que remontavam ao período colonial e imperial. Essa atitude retrospectiva era seletiva, como qualquer atitude de rememoração, desta forma, os locais, acontecimentos e personagens expostos ao olhar do público através da imprensa devem ser percebidos como parte dessa seleção de acontecimentos que aqueles clubes responsáveis pela edição tanto de *O Itiberê*, quanto de *Cruzada*, julgavam dignos de serem cristalizados na memória local como parte da história da cidade.

A publicação da revista *O Itiberê*, por exemplo, foi realizada pelo *Club Litterario* como um ato de continuidade à sua tarefa civilizadora de levar ilustração à cidade na tentativa de fazê-la sair da situação de declínio cultural em que se encontrava. As referências a um passado de glórias contrapunham-se nas publicações a um presente de estagnação, sobretudo no âmbito cultural:

<sup>441</sup> CRUZADA: Revista mensal de letras, artes e actualidades. Ano I, n. 4, out. 1919. p. 1-2.

Na verdade, não podemos deixar-nos impassíveis ante o declínio que se apodera de nossa sociedade, centro, outr'ora, de muito liberalismo e de vida intelectual, nem vel-a sumir-se á Luz, pela sombra projectada da indifferença litteraria, do repudio aos nobres testamens, e da escassez de elementos de cultura nas sciencias e nas letras, para se entregar tão somente ás recordações, ao passado digno, e nelle, á feição do poeta, ir buscar, enfraquecida, tremula, o segredo da existencia.<sup>442</sup>

No intuito de contrapor-se ao declínio, portanto, os membros do *Club Litterario* procuraram promover, através da revista, o progresso e o desenvolvimento intelectual que acreditavam ser a função do clube. Percebe-se que os redatores contrariavam a ideia de olhar para o passado irrefletidamente, numa atitude de mostrar de maneira saudosista o passado digno da cidade, como podemos inferir através da crítica ao título de cidade “do já tivemos” atribuído a Paranaguá naquele período:

Ha pouco tempo, alguém que conhece a fundo a nossa evolução e involução, num momento retrospectivo, com fundadas saudades, tristezas e lamentos, foi desenrolando um longo roزاریo do que temos possuído e do que nos falta, salvo o ponto de vista do progresso material em certos serviços publicos, e terminou dando á nossa cidade a denominação de terra ‘do já tivemos’, como a exprimir, na ironia fina, o quanto hemos perdido com o abandono de quasi todos os meios que nos legaram os paranaguenses destacados no exercicio superior e nobolissimo da litteratura, do jornalismo, das artes, das sciencias, na vida política, no alto commercio, e na propria industria que, hoje, se nullifica. Queremos, com a humildade do nosso trabalho, com a força de boa vontade, oppor obstaculos a esse enlaguescimento ou frouxidão de almas, vindo á procura da resurreição do antigo meio social, do destaque e nobreza pelas virtudes e pelo cultivo, pela moral e pelo saber, na vanguarda de consciente aptidão democratica, base e sustentaculo dos principios republicanos, ainda mal comprehendidos, em nosso Paiz.<sup>443</sup>

Ainda que declarassem procurar fugir dos lamentos e do sentimento saudosista que remetia às perdas de posições culturais, políticas e sociais pelas quais a cidade passou ao longo do tempo, o olhar nostálgico para o passado era um importante elemento da revista, que acabou por promover uma espécie de tradicionalismo paranguara, junto a outros periódicos da imprensa local, pois com esse olhar retrospectivo era possível afirmar-se no presente como herdeiros intelectuais das glórias e talentos de outrora. O próprio nome da revista fazia referência à antiga publicação do mesmo clube no século XIX, o jornal *Itiberê*, demonstrando que se buscava uma ancoragem do presente com o passado e que este novo órgão de imprensa criado em 1919 pretendia uma continuidade com a publicação de 1883.

As conclusões da pesquisadora Bruna Scheifer em sua dissertação de mestrado intitulada *Paranaguá, cidade portuária: entre a cidade sonhada e a cidade real*,<sup>444</sup> corroboram com nossas constatações ao analisar os dois periódicos acima em que foram veiculadas biografias de Leocádio José Correia. A autora se dedicou à pesquisa em periódicos publicados em Paranaguá

<sup>442</sup> O ITIBERÊ. Ano I, n. 1, maio 1919, p. 1.

<sup>443</sup> Ibid., p. 1.

<sup>444</sup> SCHEIFER, 2008.

neste contexto do início do século XX, sendo sua principal fonte a revista *O Itiberê*. Através de sua pesquisa demonstra como a cidade perdeu o título de cidade mais importante do Paraná, processo iniciado quando Curitiba foi escolhida para ser a capital da recém-criada Província do Paraná, em 1853, e se intensificou ao longo do tempo. Passou a partir daí a ser representada como *Princesa do Litoral*, afirmando-se como cidade portuária, no entanto, um contexto de crise econômica gerado pela Primeira Guerra Mundial aliado à falta de interesse do poder público em realizar investimentos, sobretudo na área de infraestrutura, teria levado Paranaguá a um contexto de estagnação. Diante desse quadro, a autora demonstra através da análise da imprensa local, a emergência de um discurso que passou a identificar Paranaguá como a cidade do *já teve, cidade das belas tradições*.

O discurso que construiu Paranaguá como a cidade do *já tivemos*, pode ser percebido mais uma vez na publicação do Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense do ano de 1972, sob a direção de Luis Carlos Pereira Tourinho, no qual comemorava-se o sesquicentenário da Independência do Brasil com uma edição especial sobre Paranaguá intitulada: *Gente e Fatos de Paranaguá*. Esse discurso identificado por nós como o principal propulsor da elaboração de biografias de ilustres paranguaras e inserindo entre eles Leocádio José Correia não se limita, portanto, ao primeiro quartel do século XX, mas atravessa os limites temporais e espaciais. A publicação remeteu-se à Paranaguá como o berço do estado do Paraná, onde sua história havia iniciado e por isso a escolha dessa cidade pela passagem dos 150 anos da Independência do Brasil. Para encerrar a publicação, na página 173 publicou-se a biografia de Leocádio José Correia, antecedida pelo seu retrato, vinculando mais uma vez o personagem à história e tradição gloriosa de sua cidade natal:

Este Boletim, comemorativo do sesquicentenário da independência do Brasil, dedicado inteiramente a Paranaguá, berço da civilização paranaense, não poderia ter melhor fêcho que esta homenagem que se presta a um cidadão, que pelas suas virtudes morais e intelectuais, transcendeu ao seu próprio período de vida.<sup>445</sup>

A biografia, que não trazia assinatura, demonstra muitas semelhanças com as duas outras citadas anteriormente, de modo que podemos afirmar que serviram de base para a escrita desta última. Somente uma nova informação foi inserida em meio à narrativa: a de que Leocádio José Correia teria feito parte do grupo de republicanos históricos de Paranaguá, informação que identificamos ser incorreta: “Republicano histórico, pertenceu ao grupo de Rocha Pombo, Albino Silva, Lúcio Pereira, Correia de Freitas e outros.”<sup>446</sup> A narrativa foi finalizada com a inserção mais uma vez de Leocádio José Correia como representante da Paranaguá ideal que se pretendia difundir através da publicação:

<sup>445</sup> INSTITUTO Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Dr. Leocádio José Correia. **Boletim do Instituto Histórico, geográfico e Etnográfico Paranaense**, v. XVII, 1972. p. 373.

<sup>446</sup> INSTITUTO..., 1972, p. 373.

O dr. Leocádio morreu em 1886, na flor da idade, com apenas 38 anos de idade. Seu sepultamento foi uma consagração. É bem o espelho do espírito paranaguense – humanitário, simples, compenetrado, sem ambições e até tímido no disputar os cargos públicos e as distinções honoríficas – que formou a mentalidade do Paraná de hoje.<sup>447</sup>

No próximo capítulo continuaremos analisando outras três biografias de Leocádio José Correia, que se distanciam temporalmente dos primeiros textos analisados neste capítulo, mas que mantêm em comum a produção de uma memória do personagem. Fazendo uso de biografemas muito semelhantes aos encontrados nas primeiras representações biográficas nossa proposta é demonstrar a continuidade da construção do personagem Leocádio José Correia como uma figura mítica que passará por um processo de apropriação pelo movimento espírita.

---

<sup>447</sup> INSTITUTO..., 1972, p. 373.

#### 4 “ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU”: MEMÓRIAS REVIVIDAS

*Um homem muito piedoso, cuja vida foi simplesmente edificante e que foi santificado depois da morte, muito se surpreenderia se voltasse à vida e pudesse ler sua própria lenda – composta com a ajuda de lembranças preservadas como um tesouro e redigidas com fé pelas pessoas do ambiente em que decorreu a parte de sua vida que estão contando. Neste caso, é possível que o santo não reconheça muitos fatos acolhidos na memória, que talvez não tenham realmente ocorrido.*

Maurice Halbwachs

A memória coletiva

Neste capítulo buscamos dar continuidade às análises de biografias de Leocádio José Correia inseridas em um processo de construção memorialista. Enquanto no capítulo anterior buscamos reunir biografias escritas e publicadas em momentos nos quais ainda poderia haver o contato com pessoas que efetivamente viveram no mesmo período do personagem biografado, e, portanto, as construções e representações da memória ainda poderiam ancorar-se em *memórias propriamente ditas*, neste capítulo a intenção é analisar um conjunto de biografias nas quais essas memórias tornavam-se cada vez mais esparsas até o ponto de não haver mais a possibilidade de acessar indivíduos do mesmo espaço-tempo no qual viveu o personagem.

Para isso, nos apropriamos do conceito de *lugares de memória* discutido por Pierre Nora. Segundo o autor, se as memórias ainda fossem habitadas pelos sujeitos, não seria necessário criar tais lugares de memória.<sup>448</sup> Assim, os lugares servem para fazer reviver memórias que estariam desaparecendo, ou já desaparecidas. É nesse sentido que as biografias se tornam nesta análise nossos lugares de memória. Para sua escrita, entretanto, demonstraremos que os discursos anteriormente analisados, das celebrações comemorativas no momento da morte de Leocádio José Correia, assim como, as biografias mais antigas, serviram de *traços* para a transmissão memorial e continuaram passando por um processo de *apropriação* discursiva.

Além desse aspecto, reunimos neste capítulo três biografias que passaram, de alguma maneira, por um processo de *apropriação* pelo espiritismo, tendo em vista que a primeira delas foi publicada pela editora Mundo Espírita, da Federação Espírita do Paraná (FEP); a segunda teve uma edição publicada por outra instituição espírita com sede na capital do Paraná, a Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE), a quem os direitos autorais da obra foram cedidos pelo autor e a terceira, foi escrita por um médium espírita, Rubens Corrêa, mesmo que o texto se limite à vida do biografado sem inserir referências a sua trajetória pós morte. Uma das questões que nortearam este capítulo e um dos objetivos desta tese foi, portanto, compreender de que forma a biografia de um indivíduo como Leocádio José Correia foi apropriada pelo movimento espírita e quais representações do personagem interessaram ao espiritismo.

Desde o princípio da historiografia ocidental a biografia foi considerada um gênero popular, impuro com relação à história, a não ser quando permitia uma modelização da experiência

<sup>448</sup> NORA, 1993, p. 8-9.

ou lições gerais à sociedade, tal como realizou Plutarco em sua obra *Vidas dos homens ilustres*. Esse caráter de exemplaridade das biografias foi associado à História como mestra da vida – *Magistra vitae* – assim, nessa concepção que com rearranjos se impôs até o século XVIII, a biografia deixou de ser um gênero impuro e se tornou um pretexto para apreender uma lição válida para todos os tempos.<sup>449</sup>

A este regime de historicidade<sup>450</sup> está associada a *idade heroica*, elencada por François Dosse, em sua obra *O Desafio Biográfico* entre três modalidades de abordagem biográfica ao longo da história (a idade heroica, a idade modal e a idade hermenêutica). Ao tratar da idade heroica, Dosse apresenta casos de escritas biográficas desde a Antiguidade até a época moderna que tiveram como objetivo construir valores *heroicos* na Antiguidade, valores *religiosos* com a emergência da cristianização e ao longo da Idade Média chegando até a modernidade, quando emergiu a figura pública do *grande homem*, com a qual buscou-se o distanciamento tanto do herói belicoso, quanto do santo cristianizado. Esses três modelos – o herói, o santo e o grande homem – foram, em suma, resultado de construções narrativas que tinham como intenção principal a criação de vidas exemplares.<sup>451</sup>

Embora ligado ao regime de historicidade associado à História como mestra da vida, que teria se estendido da antiguidade ao século XVIII, percebemos que o caráter de exemplaridade está muito presente nas escritas biográficas até a atualidade. No capítulo anterior, por exemplo, pudemos observar sua presença na produção de biografias do personagem Leocádio José Correia realizadas por diferentes autores ao final do século XIX e início do século XX, neste capítulo perceberemos que esta característica continuou presente nas biografias escritas posteriormente, ao longo da segunda metade do século XX. Apesar das diferentes intencionalidades envolvidas nas escritas biográficas de Leocádio José Correia e da distância temporal entre várias dessas

<sup>449</sup> REVEL, 2010, p. 238-239.

<sup>450</sup> O termo Regime de historicidade foi utilizado por Jacques Revel em seu texto intitulado *A biografia como problema historiográfico*, na obra *História e historiografia: exercícios críticos*. Nela o autor busca relacionar a escrita biográfica e a escrita historiográfica como pertencentes a regimes de historicidade distintos, assim, seria possível verificar diferenças a cada regime, na forma de viver, perceber e escrever a História, assim como na forma de escrever biografias, ideias das quais nos apropriamos neste trabalho. A expressão, entretanto, foi cunhada por François Hartog, para este, os regimes de historicidade são categorias criadas como uma forma de um desprendimento do que denominou de “presentismo” – a busca do ganho imediato, a tirania do instante e a estagnação de um presente perpétuo. O instrumento do regime de historicidade, em sua concepção, auxilia o historiador a criar distância, seria uma maneira de engrenar o passado, presente e futuro ou de compor um misto das três categorias. Afirmou o autor: “Conforme domine a categoria do passado, do futuro ou do presente, a ordem do tempo resultante não será evidentemente a mesma. Por essa razão, certos comportamentos, certas ações, certas formas de historiografia são mais possíveis do que outras, mais harmônicas ou defasadas do que outras, desatualizadas ou malogradas. Como categoria (sem conteúdo), que pode tornar mais inteligíveis as experiências do tempo, nada o confina apenas ao mundo europeu ou ocidental. Ao contrário, sua vocação é ser um instrumento comparatista: assim o é por construção.” (Cf. HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: autêntica Editora, 2013. p. 13.). Assim, um primeiro regime de historicidade associado à História como mestra da vida, que teria se estendido da antiguidade até a segunda metade do século XVIII, propunha a existência de uma continuidade entre o presente e o passado. Um novo regime de historicidade, foi marcado pela aceleração provocada pelos tempos modernos e pelo corte irredutível entre passado e presente e a proeminência do futuro através da ideia de progresso. Por fim, um novo regime que eclodiu a partir dos anos 1980 seria marcado pela proeminência do chamado “presentismo”.

<sup>451</sup> DOSSE, 2009, p. 123.



produções biográficas, o personagem construído se aproxima dos modelos do herói, do santo ou do grande homem.

A representação do herói espartano emergiu na primeira narrativa biográfica, de Nestor de Castro, e foi continuamente replicada entre os outros biógrafos. Leocádio José Correia é retratado como um herói de origem nobre, de uma das famílias mais importantes do Paraná, que, tal como um espartano, segue na vida disciplinado e incansável, despojado de bens materiais desnecessários, como quem luta continuamente contra inimigos, estes, no caso do médico, poderiam ser simbolizados pela ignorância, pela escravidão (já que é representado como abolicionista), pela doença e pela pobreza.

É representado também como um homem ilustre, entre outros contemporâneos ilustres, por vezes foi apontado como personagem principal em situações políticas chave no Paraná Provincial, em evidentes exageros por parte dos biógrafos: é aquele que luta pela educação da Província enquanto Deputado, o que luta contra as doenças mais severas, o que oferece uma caneta de ouro ao Imperador na ocasião da assinatura da inauguração das obras da estrada de ferro, o que faz discursos brilhantes no *Club Litterario*, na Câmara de Vereadores, enfim, é letrado e orador eloquente.

As biografias acabam, enfim, por “santificar” Leocádio. É um *apóstolo do bem*, como o nomeou Leite Junior já no final do século XIX. A chave da santificação se dá principalmente pela filantropia, pela medicina que exerce como um sacerdócio ou mesmo um apostolado, pela renúncia de prazeres mundanos em troca do trabalho excessivo em favor dos que necessitam de sua ajuda, pelos sacrifícios feitos na área política, educacional e principalmente na medicina. Mas é após sua morte que os elementos de santidade foram mais evidenciados, sobretudo nas narrativas presentes no imaginário popular e publicadas a partir dos anos 1970 pelo bisneto Valério Hoerner Junior, conforme analisaremos neste capítulo, aí Leocádio emerge quase como um milagreiro, pessoas de diferentes períodos e localidades recorrem à sua ajuda, orações são feitas ao pé de seu retrato, flores são depositadas em seu túmulo e seu nome é dado a crianças como forma de agradecimento por alguma ajuda recebida.

Embora não possam ser classificadas como hagiografias, já que Leocádio não é formalmente um santo, vários elementos da estrutura do discurso hagiográfico, elencados por Michel de Certeau podem ser identificados nessas narrativas. Primeiramente a origem nobre que é frequentemente atribuída aos santos é também encontrada nas narrativas de vida de Leocádio José Correia, como forma de demonstrar a heroicidade de suas virtudes.<sup>452</sup> Outro elemento presente nessas narrativas é o fato de postularem que “tudo é dado na origem com uma ‘vocação’, com uma ‘eleição’ ou como nas vidas da Antiguidade, com um *ethos* inicial”.<sup>453</sup> Este elemento se aproxima do que Pierre Bourdieu denominou *ilusão biográfica* e tem nas narrativas hagiográficas importância central para a construção da santidade do personagem. Nas

<sup>452</sup> CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015. p. 297.

<sup>453</sup> *Ibid.*, p. 297.

suas biografias, Leocádio José Correia foi sempre apresentado como um predestinado, às letras e ao sacerdócio, abandonado por outra espécie de sacerdócio – a medicina, exercida de maneira desinteressada e caridosa, enfim, sua predestinação era para com a bondade e a abnegação.

Certeau relata ainda que num número expressivo de hagiografias a vida do santo se divide como em um relato de viagem, entre uma partida e um retorno. Um tempo de *ascese*, que contém a sua iluminação, é o tempo em que inicialmente surge a vocação que o faz exilar-se da cidade para conduzi-lo ao deserto. Posteriormente vem o tempo da *epifania*, é o período de milagres e conversões, nesse itinerário ele é levado novamente à cidade ou conduzido a várias cidades.<sup>454</sup> Novamente aqui podemos traçar um paralelo entre as narrativas da vida de Leocádio José Correia e o modelo hagiográfico. Sua vida também é contada a partir da lógica da suposta descoberta da vocação ao sacerdócio, de uma partida na qual é exilado da cidade e conduzido ao deserto do seminário. Posteriormente descobre-se médico, o que não o faz abandonar sua vocação original, que era a da ajuda aos necessitados nos momentos de maior sofrimento, segundo os textos biográficos. Ocorre então seu tempo de retorno à cidade natal onde não há, propriamente, milagres, mas o que pode ser considerado sua glorificação, a atuação como um médico caridoso, humanitário, abnegado.

Entre os modelos de herói, santo e grande homem emergem as representações de Leocádio José Correia que serão, ao longo desse processo apropriadas pelo movimento espírita, mesmo que somente as três biografias apresentadas neste capítulo – de Dirceu de Lacerda, Valério Hoerner Junior e Rubens Corrêa – tenham tido uma aproximação maior do espiritismo kardecista, muito mais por terem sido publicadas por editoras espíritas ou, no caso da última, escrita por um espírita, do que propriamente por seus conteúdos, os quais apresentaram a vida do biografado, que não teve conexão com o espiritismo, pelo contrário, era católico.

Uma questão que podemos colocar relaciona-se às motivações de produção dos textos biográficos. Por que biografar Leocádio José Correia? Desde as primeiras produções, incentivadas e difundidas pelo filho, Leocádio Cysneiros Correia, que aparentemente tomou como uma das razões de sua vida a manutenção da memória do pai, morto ainda durante sua infância; passando pelas produções difundidas pelas revistas e rádio parnanguaras como grande vulto local e pelo campo médico como eminente esculápio, até as últimas, mais diretamente apropriadas pelo espiritismo, pensamos que Leocádio José Correia era considerado digno de ser biografado por ser um indivíduo cujo nome e aspectos biográficos já eram conhecidos antes mesmo das publicações.

Um dos meios cujo nome do biografado já circulava antes das produções biográficas era certamente o campo religioso e mais especificamente o campo espírita, visto que data ainda do final do século XIX as notícias que vinculavam a presença de Leocádio José Correia, como espírito superior e guia espiritual, no movimento espírita no litoral sul do Brasil. No ano de 1895 (somente 9 anos após a sua morte), sabemos através do periódico *A Fé Espírita, orgam do centro*

<sup>454</sup> CERTEAU, 2015, p. 303.

*spirita “consolo dos afflictos”*, da cidade de Paranaguá, que naquele ano havia sido fundado na cidade de São Francisco do Sul, Santa Catarina, o *Centro Espírita Caridade de Jesus*. O fundador deste centro espírita, o mais antigo de Santa Catarina, além de ser um dos mais antigos do Brasil, foi Antonio Simplicio da Silva<sup>455</sup> e quem deu a notícia ao periódico através de carta foi Honório Décio da Costa Lobo, já citado nesta tese por ter sido professor do município de Paranaguá e membro do *Club Litterario*, contemporâneo e amigo de Leocádio José Correia. Através desta publicação podemos concluir que foi também espírita, provavelmente um dos pioneiros do movimento espírita de Paranaguá:

Centro ‘Caridade de Jesus’ em S. Francisco

De uma carta recebida do nosso confrade Honorio Decio da Costa Lobo, sabemos ter o nosso confrade Antonio Simplicio da Silva, fundado na cidade de S. Francisco um centro com titulo acima, **em que é guia do centro Dr. Leocadio**, protectores Padre Juliani, Padre Benjamim e outros; vellador S. Thomé. Nella já tem diversos mediuns escreventes, porém poucos desenvolvidos. As sessões têm sido feitas com o auxilio de trez mediuns fallantes, que são ao mesmo tempo videntes. Apareceu alli uma mediumnidade que se manifesta por gesticulação phisionomica, dando os defeitos de encolhimento de uma perna, encarangamento de uma mão, arcado como um velho, etc., dando o metal da voz os costumes da terra, o modo como fallavão e outras tantas minudencias, que têm o seu de physiologicos.

Nessa mediumnidade appareceu um mudo filho da Bahia que fallou por mimica, porém com muita limpidez, com muita clareza, que todos o comprehenderão perfeitamente. Tem alli havido sessões grandiosas e na de 21 de fevereiro muito concorrida, orou pelo medium fallante o espirito de Maria Magdalena. Diz ainda o confrade Simplicio que tem apparecido tanta maravilha que elle se acha por isso como achatado sob o pezo de tanta grandeza que deslumbra, e que nem sabe como agradecer a Deus esse beneficio alli derramado para bem de seus patricios.<sup>456</sup>

A notícia é emblemática, por ser o mais antigo registro encontrado a respeito das manifestações de Leocádio José Correia no campo espírita, como espírito protetor, guia do centro espírita recém fundado. Emblemática também, por demonstrar particularidades da inserção da doutrina de Kardec no campo religioso brasileiro, mais especificamente no litoral sul.

Além desta notícia, as publicações de autoria de Valério Hoerner Junior que divulgaram depoimentos de contemporâneos de Leocádio José Correia, objeto de análise neste capítulo, demonstrarão que logo após o falecimento do personagem pessoas próximas a ele, como alguns escravos, familiares e outros doentes a quem atendia, já relatavam terem visto o médico ou terem sido atendidos por ele em momentos de necessidade pouco tempo após a sua morte, demonstrando que já fazia parte de um imaginário popular certos tipos de manifestação deste personagem, ligando-as a experiências de religiosidade mesmo sem ter aproximação com o

<sup>455</sup> Antonio Simplicio da Silva foi também um dos fundadores e primeiro presidente do Centro Espírita Allan Kardec, fundado em 31 de agosto de 1903, na cidade de Paranaguá. Cf. A DOCTRINA. Órgão da Federação Espirita do Paraná. Ano IV, n. 32, 1 dez. 1903. p. 11.

<sup>456</sup> A FÉ SPIRITA, organo do centro spirita “consolo dos afflictos”. Ano II, n. 9, 15 maio 1895. p. 3. Grifo nosso.

espiritismo kardecista. Supomos assim, que houve um crescente processo de *apropriação* deste personagem pelo movimento espírita.

Outra das hipóteses que apresentamos para a importância que as biografias de Leocádio José Correia podem ter tido para os espíritas é que, mesmo sendo católico, a vida do personagem era considerada exemplar para os espíritas, por suas virtudes aproximarem-se dos ideais de religiosidade difundidos pelo movimento espírita ao longo de seu percurso de inserção no Brasil. Um indício disso é, por exemplo, o rol de espíritos considerados superiores apresentados na mesma publicação citada anteriormente. Leocádio José Correia é apresentado como guia espiritual do centro espírita recém fundado, mas estaria acompanhado dos protetores Padre Juliani e Padre Benjamin, do velador São Thomé e do espírito de Maria Madalena, que é também citado por ter se manifestado em uma das reuniões, na qual orou pelo *médium falante*.

Bens simbólicos determinantes para o catolicismo passam assim, a ser apropriados pelo espiritismo. A notícia citada, longe de representar uma exceção, apresenta uma situação aparentemente comum para o espiritismo, sobretudo no contexto de difusão da doutrina: a manifestação de espíritos que em sua passagem pela terra foram padres, santos ou figuras bíblicas. Tais situações estiveram presentes na história do espiritismo desde a codificação, quando Allan Kardec teria recebido de espíritos superiores as mensagens que originaram as cinco obras básicas do espiritismo. Vários desses espíritos já eram figuras associadas ou reverenciadas pelo catolicismo, tais como: São Luís, Santo Agostinho, o apóstolo Paulo, além de algumas figuras que ocuparam postos na hierarquia católica, como bispos e cardeais.

Simbolicamente, essas manifestações são bastante interessantes para a compreensão de como o espiritismo passa a reivindicar a legitimidade que era dispensada ao catolicismo, religião hegemônica. Assim, o espiritismo além de se enquadrar na categoria de doutrina cristã, reivindica ainda a posição de *Terceira Revelação*, sendo que a *Primeira Revelação* teria sido dada através de Moisés e a *Segunda Revelação*, trazida por Jesus Cristo. Na categoria de *Terceira Revelação* o espiritismo jamais negou as verdades anteriores presentes na bíblia, mas se colocou como doutrina mais evoluída, revelada, inclusive, pelos que eram cultuados no catolicismo como santos, estiveram presentes na revelação cristã ou na difusão do próprio cristianismo como apóstolos ou até mesmo membros dos quadros da Igreja Católica. Justificava-se assim a presença desses personagens no rol da espiritualidade superior, na medida em que ao *desencarnarem* puderam perceber a verdade que em suas encarnações anteriores lhes era negada, agora contribuiriam para revelar a verdade aos homens.

No Brasil, manifestações como estas, sobretudo no momento de inserção da doutrina, ao final do século XIX e início do século XX, parecem ter sido bastante comuns, é o que se pode depreender a partir da pesquisa em periódicos espíritas deste período. Esses personagens, considerados espíritos de luz, passavam a ser patronos ou guias espirituais de novos centros espíritas que eram fundados e poderiam receber seus nomes, exemplo disso é o anúncio de 1895

do *Centro Spirita Religioso*, no Rio Grande do Sul, cujo protetor era São José<sup>457</sup>, ou ainda, um centro espírita fundado em 1906 em Tomazina, no norte do estado do Paraná, que tinha como patrono “o iluminado espírito de Agostinho, o grande bispo de Hyppona, denominando-se *Santo Agostinho*.”<sup>458</sup>

Relatos de clérigos que após a morte passavam a manifestar-se espiritualmente também eram recorrentes, sobretudo em contextos de conflito entre espiritismo e Igreja Católica, era mais uma tentativa de reivindicar legitimidade religiosa ao demonstrar que a voz autorizada do catolicismo atestava a partir de então a autenticidade da crença espírita. Neste contexto, podemos citar, por exemplo, o relato de supostas visitas feitas por um sacerdote de Liège, chamado Perron, a dois amigos após seu falecimento, para comprovar a eles a continuidade da vida após a morte.<sup>459</sup>

Outros relatos de manifestações espirituais de padres, parecidos com este último, eram publicados em tom de denúncia, como o de um padre, que havia cometido vários tipos de crime durante sua vida e ao *desencarnar* tornou-se um espírito obsessivo<sup>460</sup> que em uma sessão espírita se manifestou e deu seu relato, concluindo:

Meus irmãos, a doutrina mais pura e consoladora é essa que professaes. Ficae certos de que nada mais aproxima as creaturas do Creador do que a pratica do bem, mas com certesa, essa pratica não é observada por aquelles que se dizem representantes de Deus e successores dos Apostolos.<sup>461</sup>

Tais casos revelam algumas especificidades da inserção da doutrina espírita no Brasil. Originalmente pensada por Allan Kardec como ciência, filosofia e doutrina religiosa, no Brasil o espiritismo passou por um processo de reinterpretação adquirindo maior ênfase religiosa e desenvolveu-se entre tensões e aproximações tanto com o catolicismo, quanto com expressões religiosas de matriz afro-brasileira. No texto *Espiritismo, República e Progresso no Brasil*,<sup>462</sup> Artur Cesar Isaia expõe que o contexto no qual se desenvolveu o espiritismo no Brasil era diverso do francês na segunda metade do século XIX. Longe de ser um movimento de massas sua importação para o Brasil e o cultivo de suas ideias dava-se a partir de uma elite letrada nucleada em Salvador e após no Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX. Diferente da França, onde teve que lutar contra a Igreja e o materialismo, aqui o espiritismo teve que conviver

<sup>457</sup> A LUZ. Orgão do Centro Spirita de Curityba. Ano VI, n. 128, 30 abr. 1895. p. 8.

<sup>458</sup> A DOCTRINA. Orgão da Federação Espírita do Paraná. Ano VII, n. 11, nov. 1906. p. 102.

<sup>459</sup> A LUZ. Orgão do Centro Spirita de Curityba. Ano VI, n. 132, 30 jun. 1895. p. 7.

<sup>460</sup> São chamados de espíritos *obsessores* os espíritos sofredores, tais como os de suicidas, homicidas, malfeitores, vampirizadores etc., acredita-se que acompanham indivíduos que sofrem com sua presença podendo até mesmo apresentar sintomas físicos de doenças. Cf. CAVALCANTI, 1983, p. 113-114.

<sup>461</sup> A DOCTRINA. Orgão da Federação Espírita do Paraná. Ano IV, n. 23, 1 ago. 1903. p. 10.

<sup>462</sup> ISAIA, Artur Cesar. *Espiritismo, República e Progresso no Brasil*. In. HOMEM, Amadeu Carvalho; SILVA, Armando Malheiro da; ISAIA, Artur Cesar (Coord.). **Progresso e religião: a República no Brasil e em Portugal 1889-1910**. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra; Uberlândia: EDUFU, 2007.

com a crença de alguns grupos africanos e lutar contra sua equiparação para com eles, assim como adaptar-se à hegemonia do imaginário católico.

Esta análise segue uma perspectiva já sugerida anteriormente por Sandra Jacqueline Stoll, que associou a rápida disseminação que a nova doutrina teve no país, a partir do final do século XIX, ao estabelecimento de certas continuidades com o que considera ser a *tradição religiosa brasileira*. Assim, sendo uma religião importada, o espiritismo se difundiu no Brasil confrontando-se com uma cultura religiosa já consolidada e hegemônica – o catolicismo, ao mesmo tempo que teve sua difusão facilitada pelo fato de as práticas mediúnicas estarem socialmente disseminadas há longa data no âmbito das religiões afro-brasileiras, apesar disso distanciou-se dessas práticas, elegendo elementos do universo católico que auxiliaram na sua aceitação, sobretudo a noção de santidade: “O Espiritismo brasileiro assume um ‘matiz perceptivelmente católico’ na medida em que incorpora à sua prática um dos valores centrais da cultura religiosa ocidental: a noção de santidade.”<sup>463</sup>

Ao analisar a literatura mediúnica de Chico Xavier, ou seja, aquela ditada pelos espíritos através do médium psicógrafo, Stoll identifica um conjunto de virtudes valorizadas pelo espiritismo e abordadas principalmente nos romances psicografados como modelos de exemplaridade a serem seguidos. Identificou também ser esta uma especificidade da literatura espírita brasileira, já que este foi um tema pouco desenvolvido nas obras de Kardec, ou seja, na literatura que deu origem à doutrina.<sup>464</sup>

Stoll argumenta que enquanto a vida dos santos, apresentadas nas hagiografias, trata de personagens excepcionais a serem imitadas nas suas qualidades morais, a literatura mediúnica de Chico Xavier retrata pessoas comuns, cujos erros são tidos como exemplares, ao servirem de modelo às avessas. Ainda assim, esse recurso literário tem como referência a noção cristã de santidade, tendo como objetivo promover padrões e modelos de conduta, o que a leva à conclusão de que é a partir desta que o espiritismo constrói um “discurso de virtudes” próprio.<sup>465</sup> Assim, a autora defende que pessoas virtuosas e sofredoras representam o modelo ideal de religiosidade espírita, encarnado pelos personagens da literatura mediúnica apresentados como espiritualmente superiores.<sup>466</sup>

Ao tratar da trajetória do médium Francisco Candido Xavier no Brasil, a antropóloga identificou que sua história de vida foi contada e recriada a partir da lógica de uma escrita hagiográfica, na qual se ressaltaram os elementos do sofrimento, do sacrifício e da renúncia, características responsáveis por criar em torno de sua figura a noção de santidade, o que conferiu ao espiritismo no Brasil um caráter religioso integrante do *ethos* nacional católico, um modelo de conduta a ser seguido:

<sup>463</sup> STOLL, 2003, p. 61.

<sup>464</sup> Ibid., p. 104.

<sup>465</sup> Ibid., p. 92.

<sup>466</sup> Ibid., p. 103.



Esse modo católico de ser espírita, concretizado por Chico Xavier através do exemplo de vida, parece ser responsável, em larga medida, pela transformação dessa que era que uma doutrina estrangeira em religião integrante do *ethos* nacional. Da moda de salão, da atividade de cunho terapêutico, o Espiritismo passou a integrar o imaginário brasileiro.<sup>467</sup>

O antropólogo Bernardo Lewgoy, que também se dedicou ao estudo do espiritismo kardecista em sua tese de doutorado, em um dos capítulos preocupou-se com a relação entre a cultura letrada espírita (principal objeto de sua tese) e a ascensão de um modelo mítico de espírita exemplar, representado pela biografia do espírita Chico Xavier. Suas conclusões vão ao encontro da abordagem de Sandra Jacqueline Stoll, na medida em que a vida e obra do médium foram consideradas à luz de um modelo exemplar, construído a partir de um código cultural que buscou sintetizar os modelos paradigmáticos do *santo* e do *caxias*. Ao analisar a narrativa biográfica de Chico Xavier como mito exemplar que envolve a constituição de uma santidade, salientou a acomodação do espiritismo ao ambiente cultural brasileiro num processo de sincretismo com o que chamou de *cultura católica-brasileira* e também com a movimentação nacionalista dos anos 1930 em diante.<sup>468</sup>

Num primeiro eixo de abordagem, o autor discutiu a relação sincrética com o catolicismo, Lewgoy afirma categoricamente que não há elementos na vida de Chico Xavier que não possam ser apropriados numa chave mítica hagiográfica, visto que os elementos de sacrifício, renúncia e glória, encontrados em sua biografia caracterizam um típico modelo de santidade.<sup>469</sup> Ao modelo do personagem *santo*, Lewgoy identifica ainda um acúmulo com o modelo de personagem *caxias*, identificando nele a composição entre a vertente da ordem, da autoridade, dos discursos, das regras e das formalidades com uma vertente do outro mundo, das renúncias, do sagrado, do nivelamento diante dos valores do *mais alto*.<sup>470</sup>

Como elemento representativo dessa disposição sincrética, o autor comenta a relação de Chico Xavier com seu mentor espiritual, Emmanuel, evidenciando que a essência deste outro personagem como *espírito de luz* está ligada à absorção das características de diversas de suas *encarnações*, dadas ao conhecimento do público através de obras psicografadas através do médium Chico Xavier. Assim, as características evidenciadas são a nobreza, como senador romano Publius Lentulus, os valores cristãos e o martírio, numa *encarnação* seguinte como escravo romano, e o caráter apostólico e fundador da nacionalidade, como o padre jesuíta Manoel de Nóbrega, que o liga também aos valores militares, à disciplina, à obediência e ao mérito, já que a Companhia de Jesus foi uma espécie de ordem religiosa militarizada. Emmanuel é mais uma vez associado ao militarismo por ser uma espécie de comandante de uma *falange de*

<sup>467</sup> STOLL, 2003, p.196.

<sup>468</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os espíritos e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 154.

<sup>469</sup> Ibid., p. 166.

<sup>470</sup> Ibid., p. 185.

*espíritos de luz*, assim como por estar subordinado a Ismael, patrono espiritual do Brasil, este, por sua vez, subordinado ao próprio Cristo, governador espiritual da Terra, conforme a versão veiculada na obra *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*, publicada pela primeira vez em 1938, ditada pelo espírito Humberto de Campos e psicografada também por Chico Xavier.<sup>471</sup>

Assim, o estudo de Bernardo Lewgoy também torna-se significativo para nossa abordagem, na medida em que não somente o médium Chico Xavier apresentava em sua biografia os elementos que o aproximam a um modelo de santidade, mas o espírito que o acompanhou durante sua vida, seu mentor espiritual, teria também uma série de qualidades que aproximam ambos os personagens de um modelo religioso que Lewgoy qualificou como um sincretismo católico-kardecista e que em sua opinião foi o principal responsável pela popularização do espiritismo a partir de 1940. Buscamos demonstrar, portanto, que Leocádio José Correia, assim como Emmanuel em suas passagens pela Terra, não havia sido espírita, entretanto, também encarna, em suas diversas versões biográficas – desde as já apresentadas no capítulo anterior e com continuidade nas que serão apresentadas a seguir – modelos que se aproximam dos ideais de religiosidade espírita.

A tese principal defendida por Bernardo Lewgoy em seu trabalho, entretanto, é a de que o espiritismo é uma religião do livro, da leitura e do letramento. Do livro, por basear-se num conjunto de textos explicativos e normativos que anunciam o que se considera ser a *Terceira Revelação* após os livros bíblicos. Além disso, há uma profusão imensa de livros ditados por espíritos e psicografados por médiuns que trazem aspectos da doutrina em contextos diferentes, trata-se da literatura mediúnic, que no Brasil tem em Chico Xavier seu expoente máximo.<sup>472</sup> É também uma religião da leitura e do letramento, pois a prática de leitura e estudo desses textos está no cerne da religiosidade espírita, que tem sua expressão ritual na tríade mediunidade, caridade e estudo, conforme as constatações da antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti.<sup>473</sup>

Desde o período de sua inserção no Brasil o espiritismo difundiu-se entre grupos da camada média da população, que compunham uma elite letrada, já que seu acesso era por meio de livros originalmente escritos na língua francesa. Mesmo com as traduções das obras de Kardec para o português e a profusão de obras psicografadas ao longo do tempo no Brasil, conforme aponta Lewgoy, o caráter letrado permaneceu como uma marca dessa religiosidade, de modo que os adeptos do espiritismo são obrigatoriamente leitores.

Por ser uma religião letrada e intelectualizada, a valorização de intelectuais faz parte de sua cultura religiosa e um aspecto que identificamos ser bastante simbólico neste sentido é a associação da característica do letramento aos espíritos considerados superiores que se manifestam através dos médiuns para trazer mensagens orais, mas sobretudo as escritas, psicografadas.

<sup>471</sup> LEWGOY, 2000, p. 174.

<sup>472</sup> Ibid., p. 10.

<sup>473</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O que é espiritismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 19.

Existem espíritos anônimos, desconhecidos ou que preferem não se identificar, que trazem ensinamentos através da palavra escrita. Mas existe uma ampla variedade de manifestações de intelectuais letrados conhecidos, desde as obras de Kardec, nas quais encontramos nomes como Sócrates, Platão ou Fénelon.<sup>474</sup>

No Brasil este aspecto também esteve presente, como exemplo emblemático podemos citar mais uma vez o caso do médium Chico Xavier e as obras psicografadas por ele, um simples escriturário que completou com dificuldades o ensino primário no interior de Minas Gerais, a despeito disso o primeiro livro que psicografou foi uma coletânea intitulada *Parnaso de Além-Túmulo*, no qual conhecidos escritores portugueses e brasileiros mortos, agora figuravam entre espíritos ilustres que davam suas contribuições poéticas do além. Entre estes estavam, por exemplo, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Cruz e Souza, José do Patrocínio, Olavo Bilac. Humberto de Campos é outro nome ilustre que esteve entre os psicografados pelo médium, rendendo-lhe inclusive um processo judicial movido pela viúva do escritor, que reivindicava os direitos autorais da obra que levava o nome do marido morto.

Com esses exemplos pretendemos demonstrar que para além da noção de santidade, presente nas biografias de espíritas ou trajetórias de seus mentores espirituais um outro aspecto que remete ao cidadão culto e letrado é constantemente reforçado e presente na literatura mediúnica. Os mentores espirituais e espíritos que ditam obras psicografadas por médiuns são constantemente nomes conhecidos e que em sua trajetória de vida estiveram ligados à intelectualidade. Assim, podemos presumir que o espiritismo kardecista associa o letramento à elevação espiritual.

Como demonstramos anteriormente, Leocádio José Correia teve aspectos exemplares abordados nos textos biográficos que o aproximaram por vezes de um herói, de um santo ou de um grande homem. Aspectos que inicialmente não teriam nenhuma relação com a doutrina espírita ou com as notícias de manifestações espirituais que já circulavam no momento das publicações. Entretanto, o que buscamos demonstrar é justamente a valorização que o espiritismo kardecista dispensou ao longo de sua trajetória de inserção no Brasil a perfis biográficos como o de nosso personagem.

Ao explorar os trabalhos desenvolvidos pelos antropólogos Sandra Jacqueline Stoll e Bernardo Lewgoy, nossa pretensão foi demonstrar que alguns dos elementos destacados por eles na maneira como foi contada a vida do médium brasileiro Francisco Candido Xavier, conhecido como Chico Xavier, que o aproximaram de um ideal de santidade valorizado pelo espiritismo, também podem ser observados na maneira como a vida de Leocádio José Correia foi abordada em suas biografias.

---

<sup>474</sup> Nome literário do escritor Francês François Salignac de La Mothe, nascido no castelo de Fénelon, em Périgord, a 6 de agosto de 1651.

Apesar de Leocádio José Correia nunca ter sido médium espírita como foi o caso Chico Xavier, o ideal de santidade está presente nas suas narrativas biográficas, o que justifica sua presença no rol de espíritos elevados do espiritismo. Assim, o sofrimento dos doentes aos quais atendia, muitas vezes foi retratado como seu, dividia com eles as dores que não podia aliviar, além do próprio sofrimento vivido com a doença que o levou à morte; o sacrifício e a renúncia também eram parte do cotidiano do médico, que conforme as biografias, colocava a vida de seus doentes acima do próprio bem-estar, vivia para o trabalho e para as atividades intelectuais do clube literário, abdicando de momentos de lazer e de convívio com os familiares, era descrito como alguém que dormia pouco, que muitas vezes não se alimentava adequadamente, não descansava; por fim, há o elemento da glória, vivida, em nossa leitura, após o seu retorno a Paranaguá, onde se destacou principalmente pela prática da medicina. Esses elementos, já presentes nas primeiras produções biográficas analisadas no capítulo anterior, continuarão sendo apropriados e evidenciados nas biografias descritas neste capítulo.

#### 4.1 MÉDICO, ARTISTA E SONHADOR

Dirceu Pacheco de Lacerda foi o autor de mais uma das biografias de Leocádio José Correia. Natural da cidade da Lapa, nasceu em 29 de dezembro de 1902. Mudou-se para Curitiba para completar seus estudos no Colégio Júlio Teodorico, ingressou mais tarde na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, onde formou-se em 1938. Defendeu na mesma universidade a Tese para Livre Docência da cadeira de Higiene intitulada *Sugestões para a arborização de Curitiba* e passou a lecionar nas faculdades de medicina, farmácia e odontologia. Como médico, atuou ainda na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba durante, aproximadamente, trinta anos. Foi também jornalista e poeta, tendo sido atuante por muitos anos em diversos periódicos da capital do Paraná. Faleceu em 14 de dezembro de 1961.<sup>475</sup>

A biografia escrita por Dirceu de Lacerda é bastante significativa, já que dois campos sociais se fundem em sua trajetória e se encontram com a trajetória de Leocádio José Correia: o campo médico e o campo intelectual, ambos os indivíduos tiveram uma participação social parecida nesse sentido, o que provavelmente tenha motivado e estimulado uma escrita biográfica envolta por uma grande admiração do biógrafo pelo biografado. A trajetória do biógrafo também explica a difusão de seu texto em diferentes meios, o que contribuiu para a construção da memória do biografado entre diferentes grupos sociais e a consolidação de representações que passaram a constituir a memória coletiva desses diferentes grupos de maneira mais ampla. Nesse processo, visualizamos mais uma vez o caráter de exemplaridade que a vida de Leocádio José Correia assumiu.

---

<sup>475</sup> LIMA, Eduardo C.; SUPPLY, Hamilton L. (Org.). **Dirceu Pacheco de Lacerda**: cronista, poeta, médico-sacerdote. Curitiba: Scientia et Labor: Fundação Santos Lima, 1988. p. 13.

O primeiro campo em que a biografia foi difundida foi o campo médico, tendo em vista que a biografia foi escrita para a Revista Médica do Paraná e publicada pela primeira vez em seu número 8, ano XI, de agosto de 1943. É bastante simbólico que um médico, professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, portanto, voz autorizada em seu meio, tenha escrito sobre outro médico, ato simbólico que, em nossa análise, instituiu Leocádio José Correia como médico respeitável de seu tempo, figura digna de ser conhecida pelos profissionais da medicina da primeira metade do século XX, a quem se dirigia a publicação.

No ano de 1988 uma vez mais a biografia foi publicada, desta vez em um livro que reuniu a produção intelectual do autor, com o título *Dirceu Pacheco de Lacerda: Cronista, poeta, médico-sacerdote*, organizado por Eduardo Corrêa Lima e Hamilton Lacerda Suplicy. No livro as produções do autor foram reunidas em três diferentes blocos: os textos médicos, os poéticos e os jornalísticos. A biografia de Leocádio José Correia junto a outras biografias de médicos foi inserida na seção de escritos poéticos, reunidas sob o título de *Vultos médicos do passado*.

Outro campo em que mais uma vez Leocádio José Correia seria representativo era o campo intelectual paranaense e mais especificamente parnanguara. Ainda no ano de 1943 a revista Prata da Casa, propriedade de Leocádio Cysneiros Correia, editou a mesma biografia. Alguns meses depois, no dia 28 de janeiro de 1944, às 19 horas iniciava-se o décimo programa *Coisas Nossas*, na Difusora ZYC-5 de Paranaguá. Como era de costume, o programa teve início com a parte musical, com a intérprete Eucáris Arzua Ferreira, que interpretou ao piano a composição *Horas de Núpcias*, de autoria de José Itiberê de Lima. A segunda parte foi dedicada ao estudo biográfico “do grande vulto parnanguense, Dr. Leocádio José Correia, humanitário esculápio e brilhante homem de letras do nosso passado”.<sup>476</sup> Era a mesma biografia publicada na Revista Médica do Paraná, de autoria de Dirceu de Lacerda, com algumas adaptações para o rádio.

O programa havia sido idealizado no ano de 1943 pelo então prefeito de Paranaguá, Paulo Cunha Santos, que sugeriu a criação de um programa radiofônico para a Difusora ZYC-5, cuja finalidade seria a divulgação de histórias, acontecimentos e personagens locais. Os diretores da emissora acolheram a ideia do então prefeito e no dia 26 de novembro de 1943 o programa foi inaugurado, no auditório da ZYC-5 com a presença de literatos, músicos, diretores, funcionários, técnicos e populares.

Batizado de *Coisas Nossas* por seu diretor e apresentador, Ginés Gebran, o programa foi ao ar durante seis anos, todas as sextas-feiras, às 18h45 (horário posteriormente alterado para às 19h), com duração média de trinta minutos. Era dividido em duas partes: a primeira, musical, com a irradiação de peças compostas por compositores e intérpretes de Paranaguá; a segunda, literária, versando sobre temas exclusivamente parnanguaras, para isso contava com a colaboração de intelectuais locais, sobretudo ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, que havia sido fundado em 1931.

<sup>476</sup> COISAS NOSSAS: Paranaguá em seus diversos aspectos: histórico, cultural, folclórico, poético, anedótico. Paranaguá, 1966. v. 1. p. 27.

Vinte e três anos depois, em 1966, outro prefeito municipal de Paranaguá, Nelson de Freitas Barbosa, além de prefeito, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, tomou a iniciativa de transformar em livro os textos que compunham o conjunto da programação radiofônica de *Coisas Nossas* que haviam sido encaminhados para arquivamento no Instituto. Seis volumes foram publicados, um para cada ano de programa, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá em parceria com a Prefeitura Municipal de Paranaguá. A biografia de Leocádio José Correia foi então publicada em seu primeiro volume, de julho de 1966.

Difundido pelo rádio, podemos supor que o programa tenha atingido um amplo número de habitantes da cidade de Paranaguá, ainda assim, ao privilegiar artistas, jornalistas e intelectuais locais, presume-se que seriam os maiores consumidores da programação da rádio. Esse mesmo público intelectualizado seria também o foco das publicações da programação de *Coisas Nossas* em livros, sobretudo os indivíduos ligados ao Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, responsáveis diretos pela publicação.

Esta difusão da biografia de Leocádio José Correia escrita por Dirceu de Lacerda pelo programa *Coisas Nossas* o insere mais uma vez como personalidade símbolo da cidade, a exemplo de outras produções de biografia pela imprensa local no início do século XX analisadas no capítulo anterior. A difusão da biografia buscou demonstrar o quanto sua trajetória foi importante para o município de Paranaguá ao mesmo tempo que destacava a cidade enquanto lugar de grande importância para o estado do Paraná e para o Brasil. Podemos, assim, verificar que o olhar para um passado exemplar não se limitou ao primeiro quartel do século XX, conforme evidenciamos no capítulo anterior, mas que esses esforços de demonstrar a grandiosidade de Paranaguá através do discurso da cidade do *já tivemos* permaneceu forte ao longo do século, sobretudo a partir de algumas instituições como o *Club Litterario* e o Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, lugares onde circulavam esses intelectuais.

Por fim, a biografia de Leocádio, além do campo médico e intelectual, foi considerada representativa para o campo religioso. A FEP, na pessoa de seu presidente, João Ghignone, recorreu à família de Dirceu de Lacerda, já falecido, solicitando permissão para publicar a biografia para distribuição gratuita. A publicação foi realizada em janeiro de 1967 pela Editora Mundo Espírita, de propriedade da FEP, com o principal intuito de atender a frequentes pedidos de dados biográficos do Doutor Leocádio José Correia que eram feitos à FEP por pessoas que tinham conhecimento do personagem através do meio espírita, mas não tinham informações de sua biografia:

Na ausência de um trabalho que encerre traços da vida post mortem do espírito que animou a personalidade do Dr. Leocádio José Correia, hoje grandemente conhecido no meio espírita brasileiro e até mesmo no exterior, damos a publicidade desse Perfil Biográfico na certeza de que o mesmo satisfaz plenamente a procura que há de dados biográficos dos que o conhecem por sua atuação no ambiente mediúnico espírita. Pois o trabalho retrata em forma sobeja sua vida intelectual, moral, pública e profissional, o bastante para inferir-se de sua justeza de caráter e de homem de bem, tal qual os



predicados que revela aos que tem a ventura de conhecê-lo apenas, através da legítima mediunidade.<sup>477</sup>

Partiremos então, para a análise da narrativa com que Dirceu Pacheco de Lacerda construiu seu personagem e uma memória acerca dele. Ao iniciá-la evoca a representação do espartano, citando parte do texto de Nestor de Castro, já analisado anteriormente, e complementa:

Nunca a síntese de uma frase disse tanto. Leocádio Correia caminhou na vida como um espartano. Médico e artista, viveu dentro desse grande sonho, que é a Beleza imortalizada pelos gregos. E viveu tão pouco! Mas, não passou em vão. Ficou a luz do relâmpago. Um esplendor de luz!<sup>478</sup>

Essa prévia já demonstra que a biografia teve um tom bastante poético e enalteceu a imagem do personagem biografado. Dirceu de Lacerda demonstra que se utilizou de textos anteriormente produzidos sobre seu personagem, mas faz uso também de liberdade literária e da própria imaginação para criar sua narrativa. Percebemos, na sequência, que novamente o elemento da ilusão biográfica está presente na narrativa, ao tratar o personagem como um predestinado, desde a mais tenra infância dedicado às letras, como se o fim conhecido de sua trajetória – o de médico e intelectual – pudesse explicar a sua infância, provavelmente desconhecida pela ausência de documentação e levando-se em consideração a distância temporal que impedia os relatos de contemporâneos do personagem:

Leocádio Correia, peralta, foi sempre um bom estudante.  
 Dividia bem o tempo: hora certa para estudo e hora certa para travessuras...  
 Na classe primária, não vacilava nas arguições.  
 E naquele tempo, o ensino era acompanhado por uma palmatória odiosa...  
 Leocádio Correia ia avançando.  
 No curso secundário, surpreendia os mestres.  
 A literatura o fascinava.  
 E o estudo do latim o enlevava.<sup>479</sup>

O texto foi dividido em vários subtítulos, que constituem, para nós os biografemas através dos quais se construiu o personagem através do discurso biográfico, além do primeiro biografema, que foi a infância do personagem. Em *Quasi sacerdote* o autor aborda a fase da vida do biografado em que ingressou no Seminário de São Paulo, pois a família teria percebido certos pendores para a vida eclesiástica, mas próximo ao dia da unção o jovem teria sentido que o

<sup>477</sup> GHIGNONE, João. Explicação Necessária. In: LACERDA, Dirceu. **Perfil biográfico do Dr. Leocádio José Correia**. Curitiba: Edição Mundo Espírita, 1967. p. 3.

<sup>478</sup> LACERDA, Dirceu. **Perfil biográfico do Dr. Leocádio José Correia**. Curitiba: Edição Mundo Espírita, 1967. p. 7.

<sup>479</sup> *Ibid.*, p. 8.

sacerdócio não era seu caminho. *Em busca de uma esmeralda* remete à trajetória do estudante de medicina na Faculdade do Rio de Janeiro. Afirmo o autor, em seu livre exercício de imaginação:

Estamos em 1867.  
 Leocádio Correia é acadêmico de medicina.  
 Não esconde as emoções que se sente, ao penetrar numa casa de ensino superior.  
 Faz amizades e se faz respeitado.  
 Estuda e põe tôda a alma nos livros.  
 Avança no curso como um espartano.  
 É o mesmo menino, brioso, que Paranaguá viu brincar nas suas ruas.  
 Surpreende, também, os grandes Mestres da Medicina.  
 As aulas que escuta ficam na memória, como si fossem gravadas com burril.  
 Torres Homem, Mestre entre os Mestres se empolga pelo discípulo.<sup>480</sup>

O autor fez uso do prefácio da obra do Doutor Torres Homem, no qual o médico fazia referência a seu discípulo Leocádio José Correia, mesmo texto já explorado anteriormente por outros biógrafos. Trata também da noite de formatura do então estudante e lança o próximo subtítulo: *Na sua velha Paranaguá*. Neste, explora o estabelecimento do jovem médico na cidade, onde teria se tornado incansável no amparo de todos os que necessitavam de atendimento médico:

Leocádio Correia se instala na terra natal.  
 Abre consultório.  
 E não há mais descanso.  
 É a luta de tôdas as horas.  
 É o sofrimento que pede alívio.  
 É o consolo, que só chega com o médico.  
 Leocádio Correia atende a todos, porque a dôr não faz escolhas...<sup>481</sup>

Os cargos públicos ocupados pelo biografado foram citados e a dedicação que tinha aos pobres que necessitavam de atendimento médico, mas não tinham dinheiro para o pagamento do profissional e dos medicamentos para o tratamento foi reafirmada. Neste trecho fica mais uma vez evidente o quanto a narrativa de Nestor de Castro se tornou base para a escrita biográfica de Dirceu de Lacerda ao reproduzir a mesma história que provavelmente circulava no meio popular nos tempos de Nestor de Castro, e, portanto, um traço memorialista para a consolidação de um imaginário e de um discurso fundador em torno do personagem:

<sup>480</sup> LACERDA, 1967, p. 9.

<sup>481</sup> *Ibid.*, p. 10.

A pobreza passou a fazer parte cotidiana das suas preocupações.  
 Percorria os casebres mais humildes, independente de chamado.  
 Abria as portas e indagava:  
 - Há alguma coisa de novo?  
 - Não, doutor. Muito obrigado. E que Deus o ajude!  
 E, assim, na população paupérrima da cidade, a figura de Leocádio Correia se elevou num ídolo.  
 Só na população paupérrima?  
 Não.  
 Era, também, ídolo dos ricos.<sup>482</sup>

Em *Os adversários políticos* trata como se fosse uma fatalidade inevitável um médico envolver-se com a política naquele contexto histórico. Admite que Leocádio José Correia fez adversários políticos, mas destacou que as atitudes que tomou sempre foram com elegância e que nunca deixou de atender um adversário no momento de doença. Também apresentou o médico como um abolicionista: “A escravatura era uma ignomínia? O seu verbo incendiado seria, na tribuna e na imprensa, um grito contra a página, que manchava a nossa história.”<sup>483</sup> Destacou ainda o seu envolvimento com a educação e que teria contribuído muito com reformas no ensino enquanto Deputado Provincial, em *O problema do ensino* e à participação ativa do biografado na área cultural, no subtítulo *Jornalista e teatrólogo*.

Em *Alguns fatos pitorescos*, Dirceu de Lacerda se dedicou a descrever algumas situações que supostamente teriam acontecido no decorrer da vida de Leocádio José Correia, provavelmente consolidadas no imaginário social. Um deles é o caso já citado anteriormente por Nestor de Castro a respeito do casal a quem Leocádio teria prestado atendimento médico, mas não tendo condições de pagar, providenciou-lhes os remédios necessários, sem aceitar nem mesmo os agradecimentos do marido, dizendo que o boticário havia se responsabilizado pela confecção do remédio.

Tratou de alguns biografemas mais no subtítulo *E viveu tão pouco*, como data de nascimento e falecimento, o casamento com a prima Carmela e os filhos advindos da união matrimonial. Dedicou-se mais cuidadosamente à morte do médico e do funeral, que teria envolvido Paranaguá e as localidades vizinhas, buscando assim demonstrar a importância do personagem para a cidade, através do carinho da população:

Tinha apenas 38 anos, quando a morte o arrebatou.  
 A cidade, golpeando a surpresa, quase descrendo do brutal desenlace, se cobriu de luto na mais emocionante das homenagens.  
 O dia 15 de maio foi o comêço do fim.  
 O médico deixou de atender os clientes e ardia em febre.  
 Era uma forma gravíssima do impaludismo.

<sup>482</sup> LACERDA, 1967, p. 11.

<sup>483</sup> *Ibid.*, p. 12.

Três dias apenas e tudo estava consumado.  
 Os seus funerais falaram alto do ídolo que tombava.  
 Milhares de pessoas, vindas do município e das cidades mais próximas, acompanharam  
 o seu corpo até o último leito.  
 Era a gratidão transformada na mais enternecedora apoteose.<sup>484</sup>

O autor dedicou a última parte de sua narrativa ao que acreditamos ser sua contribuição maior, na posição de médico consagrou Leocádio José Correia enquanto grande médico de seu tempo. Com o subtítulo *Relatórios Valiosíssimos*, fez uma análise dos relatórios enviados por Leocádio José Correia ao Presidente da Província entre os anos de 1876 e 1880, na posição de Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá. Acentuava que os relatórios eram estudos profundos sobre entidades mórbidas do período e afirmava: “Se não deixou obras de Medicina, os seus relatórios bastam para consagrá-lo.”<sup>485</sup> E ainda uma vez mais: “Se escrevesse sobre medicina os seus trabalhos seriam tão valiosos quanto a sua tese de doutoramento sobre Litotricia. É um trabalho escrito em linguagem castiça e de alto saber científico.”<sup>486</sup>

Lacerda encerrou sua biografia lamentando o fato de Paranaguá ter dedicado ao ilustre cidadão somente o nome de uma rua e nada mais para homenagear o homem que, durante treze anos, viveu inteiramente para sua cidade como médico e como artista.

Leocádio Correia!  
 13 anos de Medicina e de Arte.  
 Médico e sonhador!  
 Sonhador.  
 A medicina é bem um sonho.  
 É a ânsia da perfeição.  
 A perfeição de Deus.  
 Deus, na síntese eterna da Beleza!<sup>487</sup>

#### 4.2 PAI, IRMÃO, AMIGO: UMA BIOGRAFIA EM FAMÍLIA

Outro biógrafo de Leocádio José Correia foi Valério Hoerner Junior. Nascido na cidade de Curitiba em 29 de junho de 1943 e falecido na mesma cidade em 27 de abril de 2015, era filho de Valério Kormann Hoerner e Maria de Lourdes Correia Hoerner. A mãe, era uma entre os dez filhos do casal Graça Saldanha e Lucídio Cysneiros Correia, filho de Leocádio José Correia. Portanto, Valério Hoerner Junior era bisneto de seu biografado. Formado em Direito pela Universidade Federal do Paraná em 1969, Valério Hoerner Junior foi, além de advogado,

<sup>484</sup> LACERDA, 1967, p. 18-19.

<sup>485</sup> Ibid., p. 21.

<sup>486</sup> Ibid., p. 22.

<sup>487</sup> Ibid., p. 24.

professor universitário na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, jornalista e escritor. Iniciou suas atividades jornalísticas em 1962, na *Gazeta do Povo*. Em 1981 tornou-se membro da Academia Paranaense de Letras, onde ocupou a cadeira 40. Sua produção bibliográfica conta com 37 livros e aproximadamente 700 artigos jornalísticos, muitos deles voltados para temas ligados à história de sua cidade natal.<sup>488</sup>

Assim como identificamos no início do século XX um esforço por parte de Leocádio Cysneiros Correia em manter viva e forte a memória do pai, nos anos 1970 mais uma vez viria à tona este esforço, por parte de um de seus familiares. Leocádio Cysneiros Correia, faleceu no ano de 1963 sem deixar descendentes, tinha em seu poder grande quantidade de documentos que guardou por toda a vida a respeito de seu pai. Livros, cartas, bilhetes, manuscritos de discursos, brasões de família, árvores genealógicas das famílias Pereira e Correia, foram deixados aos cuidados de sua sobrinha, Léa Correia Alves de Araújo, filha de sua irmã Clara com Hippolito Correia de Araújo. Léa, por sua vez, entregou a documentação de família, tratada como herança, ao filho de sua prima, Valério Hoerner Junior, e incentivou-o a reunir as informações em livro. Léa faleceu em 1977 sem ver o trabalho concluído. Provavelmente o fato de Valério ter se dedicado ao jornalismo e fazer parte da descendência de Leocádio José Correia foram motivos que a encorajaram a entregar-lhe a documentação, outro fator de motivação talvez seja o fato de Léa ter dedicado grande parte de sua vida à SBEE, instituição espírita na qual Leocádio José Correia figura como um dos espíritos fundadores e mentores espirituais, assim, além de descendente Léa era possivelmente uma admiradora do antepassado e o considerava-o um espírito de grau superior.

Com a posse da documentação, Valério Hoerner Junior passou a dedicar-se à memória de seu bisavô, inicialmente publicando textos a respeito de sua biografia no *Jornal Correio de Notícias*, de Curitiba, numa série intitulada *A vida do Dr. Leocádio Correia*. A primeira publicação foi realizada no dia 12 de junho de 1977 no suplemento Caderno de Domingo, no qual semanalmente ocorreram as demais publicações ao longo de 54 semanas. Eram textos curtos, sempre ocupando menos de uma página do periódico no qual era exposta parte da vida do biografado.

Em entrevista ao *Correio de Notícias* em 26 de fevereiro de 1978, Valério Hoerner Junior declarava: “A minha intenção, no princípio, foi simplesmente escrever sobre a vida do Dr. Leocádio, sobre o médico, sobre a família, sobre a cidade de Paranaguá, munido que estava de documentos de extraordinária valia. E foi como começou.”<sup>489</sup> No decorrer da série, entretanto, ocorreria uma mudança significativa no andamento das publicações, relatadas ainda pelo autor:

Através das páginas do *Correio de Notícias*, lá pela décima semana, comecei a receber telefonemas de pessoas que estavam acompanhando a história mas não se interessavam

<sup>488</sup> ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS. *Cadeira 40 – vazia*. Patrono. Cícero Marcondes França (1884-1908). Disponível em: <<http://www.academiapr.org.br/academicos/cadeira-40/>> Acesso em: 17 ju. 2015.

<sup>489</sup> CORREIO DE NOTÍCIAS. 26 fev. 1978.

propriamente por ela e aguardavam a minha referência a respeito da influência do Dr. Leocádio depois de morto. Referência esta que eu não possuía, embora não deixasse de achar interessante a idéia. Foi quando chegou-me a primeira estória. A princípio não dei importância porque não havia sequer formulado uma possibilidade de publicação. Ou colocação junto à matéria histórica. Aí chegou-me uma segunda estória. Interessante, pelas razões já mencionadas, aquelas da convicção com que vinha o interlocutor contar. Com absoluta tranquilidade, com absoluta certeza. Uma vez, tive a infelicidade de me dirigir a um deles com ares de pouca convicção, com ares de dúvida. Isso, a respeito de um caso que contava. Parece-me que foi aquele relativo à deficiência da esposa no que diz respeito à concepção. Finalmente, com a ajuda do Dr. Leocádio ela teve uma filhinha loira e assim por diante. Eu entrevistando. No momento em que pareceu que eu duvidava da narrativa praticamente quase fui colocado pra fora da casa, tamanha ofensa entendeu ser aquela minha atitude. Tudo isso fui, mais e mais, achando interessante e procurando um meio de situar então esse lado da questão. Foi quando me ocorreu o termo DEPOIMENTO, que na verdade era exatamente isso.<sup>490</sup>

Assim, explica-se que a partir de 4 de setembro de 1977, na décima terceira semana de publicação da coluna jornalística tenha aparecido junto ao texto biográfico o primeiro depoimento entre outros que seriam publicados até o final da série. Os depoimentos haviam sido colhidos pelo próprio autor na forma de entrevistas ou mesmo relatos de experiência de indivíduos envolvendo o Doutor Leocádio após seu falecimento. Demonstravam assim, além da importância atribuída ao personagem durante sua vida, no século XIX, sua presença no imaginário e na memória coletiva também no decorrer do século XX, a partir dos relatos de manifestações espirituais do médico.

Interessante perceber que este contexto da década de 1970 caracterizou uma considerável expansão do espiritismo na mídia televisiva. A década iniciou com duas importantes entrevistas do médium Chico Xavier no programa Pinga-Fogo, da extinta TV Tupi, nos dias 28 de julho e 21 de dezembro de 1971. Na ocasião o médium já tinha certa incursão na mídia e aproximadamente 100 obras espíritas publicadas. Poucos anos depois, em 1975, foi ao ar na mesma emissora a primeira novela brasileira com temática espírita – *A Viagem*, baseada em duas obras psicografadas pelo médium Chico Xavier – *Nosso Lar*, de 1944, *E a vida continua*, de 1968. No cinema o filme *Joelma 23º andar* foi lançado na mesma década, no ano de 1979, baseado em outra obra de Chico Xavier, *Somos Seis*. Essa expansão das temáticas espíritas na mídia pode ter sido um dos fatores que contribuíram para a popularidade dos fenômenos mediúnicos e podem ter justificado o interesse pela biografia de um espírito em um jornal paranaense, não só por um público espírita, mas também por parte de um público mais amplo que possivelmente apresentavam curiosidade sobre o assunto.

É possível, assim, que as histórias de manifestações espirituais de Leocádio José Correia no final do século XIX e ao longo do século XX, tenham despontado como um grande motivador da continuidade das publicações a respeito da vida do personagem. Mesmo que o autor tenha, desde os primeiros textos, procurado separar a biografia e seus aspectos históricos dos aspectos espirituais no século XX, a vida do personagem parecia emergir como uma justificativa para os

<sup>490</sup> CORREIO DE NOTÍCIAS. 26 fev. 1978.



acontecimentos posteriores à morte, ou seja, a bondade, abnegação, companheirismo, caridade, enfim, sentimentos e ações benévolas de Leocádio José Correia durante sua vida, atestada por um de seus descendentes e comprovada através de documentos legítimos serviam para justificar a ação de um espírito da mesma forma caridoso e benevolente, o qual Valério Hoerner Junior, já na abertura desta coluna jornalística qualificou como pai, irmão e amigo dos necessitados. Afirmava o autor na ocasião da primeira coluna jornalística:

Daí porque, ao dar-se início hoje à já referida série de comentários à respeito deste homem de bem, fica bem fundamentada uma proposição de falar livremente sobre sua vida, obra e legados. Não há em absoluto pretencionismo em estabelecer relação entre o que foi em vida e o que representa hoje como condutor de pessoas, através de seu espírito de luz. Por isso foi dito acima que hoje Leocádio representa o pai, o irmão, o amigo. Que fundamentalmente, é ocorrência em função de algo inexplicável, inatingível pela compreensão humana.<sup>491</sup>

A série jornalística do *Correio de Notícias* teve fim em 17 de junho de 1978. O total de 54 semanas da coluna contava a vida do médico paranguara, dentro dos limites que os documentos propunham, e traziam os depoimentos de pessoas que diziam ter vivido experiências envolvendo o médico após sua morte. As publicações de Valério Hoerner Junior não se limitaram ao espaço do jornal. Ainda enquanto ocorria a divulgação da série jornalística, foi publicado no início de 1978 o livro *O morto vivo*. A obra foi dividida em duas partes: a primeira, trouxe treze depoimentos relatados ao autor. A segunda parte, era de *outros depoimentos*, definidos como as histórias, pequenos clichês da vida do médico, algumas facetas de seu temperamento e de sua maneira de agir que foram sendo transmitidos a cada geração descendente e chegaram até ele através de relatos orais de contemporâneos. Foram, então, selecionadas oito histórias que, em sua opinião, poderiam contribuir para a construção da imagem do médico durante sua vida.

Valério expôs que sua intenção não era a de comparar o homem ao espírito do homem, apesar disso, a associação entre os dois aspectos do personagem é inevitável, tendo em vista que o livro se compunha dessas histórias que traziam justamente as duas facetas de Leocádio José Correia, o homem e o espírito. No próprio texto de abertura dessa obra o autor relaciona o comportamento de desprendimento material de Leocádio José Correia durante sua vida a uma possível missão que o manteria entre os vivos ainda naquele momento:

Realmente, é muito difícil descobrir uma hora vaga na vida do Dr. Leocádio. Principalmente porque tudo que fazia era bem feito e o comportamento do médico, de talentos tão profusos e diversos, comportamento esse calcado em desprendimento material a ponto de fazer de sua profissão mais a obrigação do que o meio de seu próprio sustento, previa então ter uma presença permanente entre nós, dado que a personalidade e caráter iguais estão reservadas certas missões sobre as quais ainda não nos foram explicados os porquês.<sup>492</sup>

<sup>491</sup> CORREIO DE NOTÍCIAS. Ano I, n. 17, 12 jun. 1977. p. 5.

<sup>492</sup> HOERNER JUNIOR, Valério. **O morto vivo**. Curitiba: Imprensa Tamoio, 1978. p. 9-10.

No prefácio da obra, escrito pelo professor Octavio Melchiades Ulyssaea,<sup>493</sup> este deixava explícito que a obra não deveria ser acolhida com fim doutrinário-religioso, tampouco como uma obra ficcional. Acabou por qualificar o livro no campo do transcendental:

O autor na sua inerente sinceridade nunca se considerou espírita, apesar de jamais haver negado o fenômeno. Procurou sempre ser fiel aos fatos que lhe haviam sido relatados, considerando-os todos depoimentos que mereciam crédito, apesar do caráter de transcendentalidade. O que, na verdade, fez o autor, foi vesti-los, dando-lhes um toque de graça e agrado, aproximando, desta maneira, a sua obra da categoria de um verdadeiro ensaio metafísico.

A intenção, por certo, mais profunda dessas narrações excepcionais, foi a de oferecer subsídios à reflexão, visto que se vinculam ao transcendental.<sup>494</sup>

Em entrevista já citada ao jornal Correio de Notícias às vésperas do lançamento do livro é possível perceber que Hoerner Junior corroborava com a classificação dos depoimentos publicados no campo do transcendental, fazendo questão de explicitar que o transcendente não estaria vinculado essencialmente a uma única denominação religiosa. Ao ser questionado se acreditava nos fatos narrados pelos depoentes o autor respondeu:

Sei perfeitamente que são fatos invulgares. Mas, têm de ser observados sob dois aspectos: primeiramente, que são depoimentos fornecidos por pessoas que atestam a veracidade da narrativa, que acreditam no que aconteceu, que discutem, que lutam pela manutenção dessas verdades, em face é lógico, de seus entendimentos pessoais. E em segundo lugar temos que considerar que o transcendental em si não é novidade nenhuma, não é privilégio da doutrina espírita. O próprio catolicismo, que condena o espiritismo, traz em seu bojo inúmeros, incontáveis fatos transcendentais. Aparições de Nossa Senhora, os fatos relativos a Santo Antonio de Pádua, as chagas e a força mental de São Francisco de Assis, e ainda nos dias de hoje o caso de Thereza Neumann. O espiritismo em seu contexto, além de definir os fatos transcendentais, explica-os em função de sua filosofia, evidentemente. Ai sim seria o caso de acreditar ou não acreditar porque em jogo estaria o fim e não o meio.<sup>495</sup>

De maneira perspicaz, percebe-se que o autor desvinculava a sua obra de qualquer orientação religiosa, sobretudo da doutrina espírita ou do campo das religiões mediúnicas, nas quais o Doutor Leocádio figurava, já naquele momento, como um dos principais personagens, considerado um espírito iluminado por todos os seus feitos, sobretudo após a morte:

---

<sup>493</sup> Nascido no dia 2 de março de 1931 em Laguna-SC, faleceu em 11 de junho de 2009. Foi esportista, militar e funcionário público. Graduado em História, Geografia, Sociologia Política e Administração Pública, mestre em Orientação Educacional e em Sociologia, começou a lecionar em 1961. Foi professor da Universidade Federal do Paraná durante 24 anos, onde era titular da cadeira de Sociologia Brasileira. Também atuou no Colégio Militar do Paraná e, no Ensino Superior, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville, na Faculdade de Artes do Paraná e na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Fundou e foi diretor da Faculdades Integradas Espírita, em Curitiba. (Cf. ASSOCIAÇÃO DE DIVULGADORES DO ESPIRITISMO DO PARANÁ (ADE-PR). **Morre o professor Octávio Melchiades Ulysséa, diretor-geral e fundador das FIES**. jul. 2009. Disponível em: <<http://www.adepr.org.br/?pagina=jornal&id=158>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

<sup>494</sup> HOERNER JUNIOR, 1978, p. 12.

<sup>495</sup> CORREIO DE NOTÍCIAS. 26 fev. 1978.

Agora há pouco nos referimos ao caráter de transcendentalidade de inúmeras coisas, tanto ocorrentes no catolicismo, como no espiritismo. Tanto é que existe um número incontável de gente que se enquadra no conceito católico-espírita, porque se por outro lado existem pessoas que se vangloriam gratuitamente dizendo que não acreditam nisso e naquilo, salvo raras exceções, no fundo estão mentindo, uma vez que no mínimo possuem uma forte dose de desconfiança quanto aos fatos transcendentais.<sup>496</sup>

Vinte e dois anos depois esse posicionamento sofreria algumas mudanças. Os treze depoimentos acrescidos de uma das histórias que em *Morto vivo* fazia parte da seção de *outros depoimentos* foram publicados por uma editora espírita, da SBEE, com o título *Dr. Leocádio José Correia: médico do corpo e da alma*.<sup>497</sup> Na abertura desta nova obra há uma apresentação de Maury Rodrigues da Cruz, presidente da referida sociedade, que qualificava os depoimentos relatados como experiências espirituais:

Nesta obra de Valério Hoerner, Leocádio José Correia – médico do corpo e da alma, estão retratados alguns pedaços da brilhante história de vida do médico, político, ator e escritor nascido em Paranaguá, uma importante cidade do litoral paranaense, no século 19. Pedaços que ainda não tinham sido encontrados em sua biografia. Pedaços retirados do depoimento vivo de seus familiares e de descendentes de seus contemporâneos. Inclusive, com pedaços que descrevem a atuação espiritual do médico incansável, em plantão permanente no auxílio ao próximo, eventos contados ao autor por quem vivera a experiência concreta da cura.<sup>498</sup>

Também de autoria de Valério Hoerner Junior foi publicado em 1979 pela Prefeitura Municipal de Paranaguá, *A vida do Dr. Leocádio Correia*, um ano depois da publicação de *O morto vivo*. Nesta obra, o autor organizou todas as publicações realizadas ao longo das 54 semanas no jornal *Correio de Notícias* em 191 páginas, divididas em dezessete capítulos que contavam a vida do médico parnanguara. Abordava os biografemas já conhecidos e alguns novos elementos encontrados na documentação: suas origens familiares, os estudos no seminário e posteriormente na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a volta à Paranaguá depois de tornar-se médico, o casamento, a morte dos pais, o nascimento dos filhos, sua atuação como médico, político, e intelectual e sua morte, funeral e homenagens póstumas. Publicou parte do inventário e um conjunto de discursos de Leocádio José Correia em ocasiões especiais.<sup>499</sup> Da mesma forma que o primeiro livro, os direitos deste foram repassados à SBEE, que em 2007 a publicou em nova edição, com pequenas alterações, sob o título *A vida do Dr. Leocádio*.

<sup>496</sup> CORREIO DE NOTÍCIAS. 26 fev. 1978.

<sup>497</sup> É possível que os outros depoimentos não tenham sido reproduzidos nessa nova obra por terem sido incorporados à biografia do médico.

<sup>498</sup> HOERNER JUNIOR, Valério. **Leocádio José Correia**: médico do corpo e da alma. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, 2000. p. 6

<sup>499</sup> Cinco discursos foram publicados nesta edição. Na reedição de 2007, feita pela editora da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas permaneceram três deles.

No prefácio da primeira versão da obra, escrito por Annibal Ribeiro Filho<sup>500</sup> em 1979, encontramos reafirmadas mais uma vez as memórias construídas e representações acerca de valores da vida de Leocádio José Correia para os que dela tomariam conhecimento através da biografia. Emerge mais uma vez, como já observamos nos outros textos biográficos, o caráter de exemplaridade que sua vida tomou, a predestinação a fazer o bem através da medicina, considerada um sacerdócio e a caridade e bondade, consideradas suas principais marcas:

A vida do Dr. Leocádio reveste-se de acontecimentos tão expressivos em todas as suas fases, que comovem o leitor; e a maneira como ele soube viver a própria vida pondo em prática as virtudes que possuía, constitui um dignificante exemplo.

O Dr. Leocádio José Correia veio ao mundo predestinado a grandes realizações, e ele as cumpriu fielmente nas várias atividades que exerceu, porém sua mais nobre missão, aquela que marcou a tônica de sua curta existência foi a caridade e o acendrado amor aos seus semelhantes.

Alma inclinada ao bem, sensível ao sofrimento e às necessidades alheias, moldou suas ações de acordo com a formação espiritual e intelectual que recebeu nos Seminários de São Paulo e do Rio de Janeiro, quando se destinava ao sacerdócio, e depois, na Escola de Medicina onde completou os estudos universitários.

Esse humanismo tão arraigado, essa compreensão dos deveres do homem para com o próximo, esse apostolado desenvolvido em vida em benefício dos necessitados foram tão marcantes que perduraram, após sua morte, até os dias atuais, como um halo de bondade e virtudes cristãs que dele fizeram um símbolo de amor e caridade.<sup>501</sup>

A reedição da obra pela SBEE em 2007 reafirmaria esses valores e embora na biografia Hoerner não se reportasse às experiências pós-morte do médico paranguara, como havia feito na obra anterior, é possível identificar certa intenção de continuidade entre as ações do médico ao longo de sua vida e suas manifestações espirituais, conforme ficou explícito no prefácio da segunda edição escrito pelo advogado e intelectual curitibano René Ariel Dotti:<sup>502</sup>

O livro em torno da passagem terrena e da obra missionária de Leocádio José Correia nos estimula a compreender a existência e a condição humana como partes de um legado espiritual. É através desse inventário do passado que a vida, a paixão, a morte e o ressurgimento aparecem como elos de uma mesma corrente. São os pontos cardeais de uma infinita viagem pelos mundos da natureza e dos valores do ser humano e do cenário que o envolve.<sup>503</sup>

<sup>500</sup> Médico, poeta e historiador paranguara. Nasceu em 7 de fevereiro de 1906 e faleceu em 10 de outubro de 1988.

<sup>501</sup> HOERNER JUNIOR, Valério. **A vida do Dr. Leocádio Correia**. Paranaguá: Prefeitura Municipal de Paranaguá, 1979. p. 11.

<sup>502</sup> Nasceu em Curitiba no dia 15 de novembro de 1934. Formou-se pela Faculdade de Direito da UFPR, da qual é professor titular de Direito Penal. Foi magistrado do TRE-PR. É coautor do projeto de reforma da Parte Geral do Código Penal brasileiro e também da Lei de Execução Penal do Brasil (Leis no 7.209 e 7.210, de 11.07.1984) além de relator do anteprojeto da nova Lei de Imprensa. Foi Secretário de Estado da Cultura entre 1987 e 1991. Desde 14 de setembro de 1992 ocupa a terceira cadeira na Academia Paranaense de Letras.

<sup>503</sup> HOERNER JUNIOR, Valério. **A vida do Dr. Leocádio**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, 2007. p. 15.

É possível identificar um amplo conjunto documental ao longo da narrativa biográfica, são conteúdos de cartas, bilhetes e telegramas do biografado aos familiares, anotações de um caderno de registros pessoal, recibos de pagamentos, além de suas produções intelectuais como a tese que escreveu para obter o título de doutor em medicina, os relatórios médicos à frente da função de Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá e os relatórios de visita e avaliação a escolas de Paranaguá, quando ocupou o cargo de Inspetor Paroquial de Escolas, discursos, entre outros. O conteúdo desse corpo documental compôs a narrativa biográfica tecida por Valério Hoerner Junior muitas vezes entremeada por outros elementos textuais próprios do campo literário, tais como as inferências do contexto histórico provenientes de pesquisa ou da imaginação. O próprio autor, no encerramento da série jornalística que deu origem aos livros, comentou o processo de produção narrativa que deu origem à biografia:

A coluna ‘A vida do Dr. Leocadio Correia’ apresentada neste jornal nessas 54 semanas consecutivas, além de representar para mim uma incursão pelos difíceis caminhos da biografia, fez que, estudando, o escritor conhecesse uma personalidade verdadeiramente fantástica e o cronista, nos momentos que a vida do biografado exigia a crônica, o cultivo desse gênero que nunca foi na verdade sua especialidade. Um pouco de imaginação, um tanto de galhofa e muito de sinceridade nas eventualidades da crônica.<sup>504</sup>

É possível identificar essas características em vários momentos da narrativa, tais como no que transcreveremos abaixo, no qual o autor tratava da viagem do jovem Leocádio de Paranaguá ao Rio de Janeiro, na ocasião em que iria iniciar seu curso de medicina. Neste excerto, o autor poderia ter se inspirado em cartas do jovem estudante a familiares ou exclusivamente em elementos de sua própria imaginação. Certo é que elementos da crônica jornalística contribuíram para dar o tom literário ao texto:

O vapor continuava a distanciar-se, vagorosamente. Tão devagar que pareceu a Leocádio durar a viagem uma eternidade. Pela vez primeira observava com nitidez as margens da baía. Toda a extroversão, peculiar de seu temperamento, parecia ter mergulhado no oceano. Ou então covardemente se escondia, enfiada na sacola que lhe pesava nas mãos. Estava triste. Como parnanguara dócil, via sua Paranaguá ficar para trás e do convés assistia o casco da proa a rasgar impiedosamente o verde-escuro do mar.<sup>505</sup>

Certamente o autor também teve acesso aos demais textos biográficos já apresentados anteriormente, os quais classificamos como um conjunto de traços memorialísticos, e os utilizou para construir, junto aos documentos e depoimentos, sua própria imagem do personagem. Sutilmente esses elementos transparecem no texto embora não sejam citados diretamente. É o caso, por exemplo, do título *O caminho da Esmeralda*, atribuído no jornal Diário de Notícias aos textos que tratavam do período em que o personagem era estudante de medicina. Provavelmente

<sup>504</sup> CORREIO DE NOTÍCIAS. 17 jun. 1978.

<sup>505</sup> HOERNER JUNIOR, 2007, p. 55.

este título parafraseava o de Dirceu de Lacerda – *Em busca de uma esmeralda* – em sua biografia já exposta por nós.

Na biografia, o autor atribuiu um estatuto de verdade aos fatos narrados, já que possuía um conjunto de documentos que permitiam o conhecimento inclusive de detalhes acerca de fatos curiosos, ou mesmo de sensações e sentimentos. Diferenciou esses acontecimentos, que poderiam ser comprovados através de documentos, de outros narrados por desconhecidos ou transmitidos pela tradição oral, que inicialmente compuseram a parte de *outros depoimentos* do livro *O morto vivo*, sendo que muitas dessas narrativas foram posteriormente incorporadas à biografia. A diferenciação entre a vida de Leocádio José Correia e os depoimentos em torno de sua ação pós-morte deu-se principalmente por esse critério da possibilidade de comprovação dos fatos: “Nada foi ficção. O que foi história está provado na papelada em meu poder. O que pareceu fantástico, ficou registrado naqueles depoimentos sinceros daquela gente boa.”<sup>506</sup>

É possível perceber também na biografia o caráter de predestinação atribuído ao personagem, evidenciado sobretudo quando o autor se dedica a narrar sua infância, período do qual não dispunha de documentação vasta, conforme podemos inferir através da leitura do texto: “Leocádio era um avançado, um “intelectualzinho”. Prova disso é que, aos dez anos, foi autor de versos tão perfeitos em métrica e rima que os entendidos da época lhe auguraram rica carreira literária.”<sup>507</sup>

Tanto a biografia quanto os depoimentos, sejam os relatos de ações de Leocádio José Correia durante sua vida, passados de geração em geração, seja os que envolveram a experiência com o médico após a morte, contribuíram para reforçar as representações até então construídas a respeito do personagem e presentes na memória coletiva. A representação do médico bom e humanitário, que vivia a medicina como um sacerdócio, atendia aos pobres sem cobrar e distribuía remédios gratuitamente, está presente nesta produção, assim como nas anteriores:

O Dr. Leocádio era tão procurado em sua clínica quanto o vigário na igreja. Muita gente o achava com as mesmas funções, porque ao despedir-se beijavam-lhe as mãos com mesuras exageradas. O pagamento? Ora, então não bastava um muito obrigado? Leocádio ria. Gente simples. Isso quando não recebia a título de pagamento pelos serviços uma ou duas galinhas, um leitão a ponto de panela, leite, queijos.

– Deixe estar. Se a senhora não pode pagar Deus paga pela senhora. E não esqueça de vir buscar o remédio amanhã.

O Dr. Leocádio ia ao boticário mandar aviar sua própria receita. Pagava pelo aviamento. No dia seguinte, entregava à mulher, que saía mais uma vez pensando que era química feita pelo próprio médico.<sup>508</sup>

<sup>506</sup> CORREIO DE NOTÍCIAS. 17 jun. 1978.

<sup>507</sup> HOERNER JUNIOR, 1979, p. 24.

<sup>508</sup> Idem, 2007, p. 113-114.



O depoimento de Jovino Borges também reforça esta representação. Nascido em 1917, ouvia de seu pai, nascido em 1886, as histórias que sua avó contava a respeito das visitas que o Doutor Leocádio fazia à sua casa, muito pobre, nas proximidades do porto de Paranaguá para examinar as crianças que sofriam de verminoses e barriga d'água. Além desse aspecto que envolve a vida do médico, a narrativa apresenta uma possível atuação pós-morte, pois o depoente contou que após uns vinte dias sem aparecer para as visitas diárias, souberam da morte do médico, mas os remédios continuaram sendo entregues até aproximadamente dois meses após sua morte, quando as crianças melhoraram. O desfecho da história reforça ainda o aspecto mágico:

Contava ainda minha mãe que, nem uma nem duas vezes, aconteceu de os vidrinhos, já com seu conteúdo no fim, amanhecerem cheios. Nunca faltaram os remédios. Desde aquele dia minha mãe passou a colher as flores mais bonitas que encontrava e ia no cemitério enfeitar o túmulo do Dr. Leocádio. Isso tornou-se para ela quase uma religião, seguida com carinho e ternura, até o dia de sua morte. Os filhos criados e trabalhando, dona Florinda já velhinha, momentos antes de cerrar os olhos para sempre, recomendou a meu pai, o mais moço e o mais dócil, que jamais esquecesse de levar flores ao Dr. Leocádio.

Meu pai prometeu. E cumpriu a promessa.<sup>509</sup>

Percebe-se nesta narrativa a intenção de continuidade entre a bondade do médico durante sua vida e as ações atribuídas a ele após a morte. Esses mesmos elementos narrativos identificamos no depoimento de Natal Cordeiro e Silva, que teve os pais internados no Sanatório São Roque, em Piraquara. Pai e mãe adquiriram lepra do irmão, que esconderam em casa durante a doença, alguns meses após a morte do mesmo verificaram os sintomas. O depoente relatou que durante as visitas aos pais no sanatório, a mãe falava-lhe do espírito de um homem que vivera há muitos anos e que ajudava aos doentes internos, o Doutor Leocádio:

Certa vez, novamente visitando os velhos, um domingo, minha mãe veio com esta: meu filho, estou muito assustada; o Dr. Leocádio apareceu pra mim na capela quando eu punha flores nos vasos e disse que eu ia sair logo daqui mas que seu pai vai morrer bem depressa; disse que estão precisando dele...

Acalmei como pude a velhinha. Eu também não conhecia essas coisas, não sabia até que ponto podia acreditar. Na verdade, não dei importância. Ela melhorava bastante, não há dúvida, mas o velho não estava tão mal assim. Realmente piorava o seu estado, mas quase que imperceptivelmente. Afinal, iam-se quatro anos já.

Uma semana depois recebo da direção do sanatório a notícia do falecimento de meu pai: insuficiência cardíaca. Uns três meses depois minha mãe obteve licença para morar comigo. Sua doença não era mais transmissível. E comigo viveu um bom tempo. Morreu faz quase dois anos. Dormindo. Não sentiu nada a pobrezinha...<sup>510</sup>

Antes de iniciar este relato sobre o Sanatório São Roque, Valério Hoerner Junior, relatou que durante sua vida Leocádio José Correia fazia frequentes visitas a uma comunidade

<sup>509</sup> HOERNER JUNIOR, 1978, p. 18-19.

<sup>510</sup> Ibid., p. 38-39.

de leprosos que viviam em uma colônia e entregava-lhes comida e remédios. As visitas eram realizadas todas as vezes que o médico ia a Morretes, Antonina ou Guaraqueçaba. Ao vincular os dois relatos deu o caráter de continuidade às possíveis ações do médico junto aos leprosos, durante a vida e em espírito, após a morte. Este mesmo relato, compôs posteriormente a biografia do médico, demonstrando que elementos que iam além das informações documentais disponíveis foram incorporados ao texto biográfico:

Conta-se que, de quando em quando, tendo por objetivo Antonina, a fim de efetuar vistorias no porto, ao invés de optar pela viagem de barco pela baía, preferia fazê-lo por terra, pois gostava de visitar alguns núcleos à beira dos caminhos. Gente pobre, viviam à margem das estradas carroçáveis. Os clientes de Morretes e de Porto de Cima eram conhecidos da família do médico. Havia uma pequena colônia de leprosos às Margens do Nhundiaquara. Distante duas léguas de Morretes, viviam isolados. Quando partia de Paranaguá, seu carro ia carregado de mantimentos e remédios. Eram quatro ou cinco dias de peregrinação pelos fundões do sopé da serra. Deixava a cada necessitado um pouco de cada coisa, mas sua atenção maior era para os leprosos. Viviam numa comunidade fechada. Não eram muitos, mas quem entrava não saía mais e definhava até morrer sob os cuidados de quem se encontrava na mesma situação. Famílias inteiras, muitas vezes, tratavam-se um ao outro, como podiam, sob cuidados apenas de quem deles se lembrava. Depois de cumprido esse itinerário retornava a Paranaguá, coração aberto, alegre, desprendido, atirando-se ao trabalho, ao Club Litterario, ao O ityberê, ao consultório e à clientela de Paranaguá.<sup>511</sup>

Outra representação que podemos identificar na leitura da biografia é a do envolvimento de Leocádio José Correia com as causas abolicionistas, a imagem do homem bom foi então vinculada à de um protetor e amigo dos escravos ou ex-escravos, tanto durante a vida quanto após a morte. Em algumas passagens da biografia o autor deu a impressão de que Leocádio José Correia era um abolicionista obstinado, como no trecho a seguir, no qual, ao relatar as primeiras aproximações do jovem às ideias abolicionistas, ainda quando era estudante de medicina na corte, declarou que naquele momento o estudante concordava com a postura do Imperador em relação a este assunto, mas tempos depois exaltaria o abolicionismo: “Leocádio Correia, que mais tarde viria a exaltar o abolicionismo com verve quase radical, preferia naquele momento concordar com o imperador. Endossava sua prudência. Admirava sua serenidade.”<sup>512</sup>

Posteriormente, entretanto, relativizaria a posição do personagem no contexto da época, esclarecendo que se tratava de um monarquista e que seu posicionamento quanto às causas abolicionistas se alinhavam aos interesses do Império:

O movimento abolicionista ganhava corpo e o Dr. Leocádio, sem se atirar desmedidamente à causa, era um abolicionista. A idéia republicana ameaçava a atingir as raias da subversão e dentro da maçonaria começava a existir um primeiro esboço para a criação de um clube, que naturalmente seria denominado Clube Republicano. O médico porém não era nem seria um deles, pois sempre fora leal à monarquia. A

<sup>511</sup> HOERNER JUNIOR, 2007, p. 241-242.

<sup>512</sup> Ibid., p. 72.

república não o seduzia por mera questão de formação. Seduzia-o, isto sim, a justiça presente no padrão abolicionista, embora ele possuísse escravos.

[...]

A abolição da escravatura poderia vir naturalmente, não havia necessidade alguma de mudar-se o regime político como condição para que se configurasse a libertação. Esta estaria ligada mais a um sentido humano, embora tivesse certeza de que, abolida a escravidão, não teria ele um escravo sequer que o abandonasse. Tratava-os bem e disso todo mundo sabia. Gostava deles e tinha-os como iguais. Mas não desconhecias as consequências econômicas que uma lei áurea iria causar.<sup>513</sup>

Ainda assim, o tratamento dispensado por Leocádio José Correia aos *agregados*, ou seja, aos escravos da família, era supervalorizado. O autor sempre procurou deixar explícito que o médico dispensava aos escravos um tratamento humano, como se fossem da família.

Costumavam ser tratados com distinção filial. Este tipo de tratamento não podia ser considerado comum. Sabia-se que na casa vizinha os escravos eram tratados a farinha de milho, mandioca, pão e água e caso cometessem algum deslize diante do senhor da casa a punição cantava de relho... Manoel José Correia nunca fora assim. Procurava infundir nos filhos que o negro era um ser humano... Leocádio, desde pequeno, conseguiu compreender o que o pai lhe ensinara a esse respeito. Nas reuniões provocadas pela intelectualidade da época, o médico mantinha posição inabalável em favor da abolição da escravatura.<sup>514</sup>

Relatos como esses foram reforçados com três depoimentos publicados em *O morto vivo*, demonstrando a amizade, admiração e aproximação que os escravos e ex-escravos tinham por Leocádio José Correia. O primeiro desses depoimentos refere-se a Emília, ou *vovó Emília*, que era criança ainda quando Leocádio José Correia faleceu, fora filha de escravos da casa do Visconde de Nácar e ingênua, ou seja, beneficiária da Lei do Ventre Livre, foi levada à casa de Leocádio e Carmela para fazer companhia ao filho mais velho do casal. Segundo Valério Hoerner Junior, era tratada como filha também. Teria ido para Curitiba acompanhando Carmela, quando esta mudou-se com os filhos para a capital, após a morte do marido. Lá casou-se e teve filhos. Morreu no início da década de 1950, com aproximadamente oitenta anos e na velhice recebia os descendentes de Leocádio José Correia, entre eles o próprio Valério, para visitas semanais. Em muitas dessas ocasiões contava-lhes histórias do tempo em que vivia em Paranaguá, como a reproduzida pelo autor. Nesta, contou que certa vez o Doutor Leocádio chegou em casa muito cansado, descalçou as botinas e atirou-se na rede. Próximo dele estava Emília, brincando com Leocadinho e Lucídio, então o médico pediu que ela trouxesse seus chinelos. O relato continua da seguinte forma:

<sup>513</sup> HOERNER JUNIOR, 2007, p. 198-199.

<sup>514</sup> *Ibid.*, p. 132.

Distraída, embora tenha ouvido o pedido, não o atendeu. Como não havia nenhuma serviçal por perto, era justo que pedisse a Emília, tirando-a do natural folguedo. Estava ali pertinho...

Emília então ouviu o pedido pela segunda vez. Novamente, fez que não ouviu.

Então, a terceira:

- Os meus chinelos, sua negrinha!

Emília, depois do susto, saiu voando à cata dos benditos chinelos. Trouxe-os num pulo, calçando os pés do senhor da casa, que a contemplava com ar de zanga. Ao mesmo tempo disfarçava o riso. Emília, os olhos esbugalhados, cumprida a ordem, correu para dentro.

- Emília, venha cá.

Voltou, cabisbaixa e medrosa. O médico passou-lhe as mãos na cabeça, como se desejasse desmanchar a carapinha. Em seguida, deu uma sonora gargalhada.

- Vá brincar, minha filha.<sup>515</sup>

Com o relato, o autor buscava demonstrar o temperamento alegre do personagem, da mesma forma que parecia ser severo, por desejar que as coisas fossem feitas corretamente. Naquele momento, portanto, o correto seria pedir os chinelos à Emília, por ser filha de escravos e a única *agregada* da casa que estava naquele local. Do mesmo modo que o autor buscou demonstrar o caráter de igualdade de tratamento dispensada à Emília, por brincar junto aos filhos do médico, acabou por deixar explícito um caráter bastante desigual: seria natural Emília deixar as brincadeiras de criança para servi-lo e zangar-se com ela por não tê-lo atendido. Demonstra também o medo da criança, em resposta à severidade do senhor da casa, medo certamente natural entre os escravos. Ainda assim, o comportamento do médico era tido como de bondade para com os escravos, talvez por não maltratá-los fisicamente. Provavelmente os abolicionistas não aprovariam inteiramente essa e outras atitudes como demonstração de bondade.

Os outros dois relatos, diferentemente do de Emília, referem-se a experiências com Leocádio José Correia após sua morte. Um deles, referia-se a Cesário, escravo de Leocádio José Correia que permaneceu com seu irmão, Afonso, desde sua morte até 1888. Promulgada a Lei Áurea, Cesário saiu da casa do senhor e não se soube mais dele, até 1894, quando apareceu na casa de Maria José, a quem chamavam de Nhá Coca, a baronesa do Serro Azul. Ildefonso Correia nesta época estaria preso, dias depois foi fuzilado e Cesário dizia ter ido até sua casa orientado por Leocádio José Correia, a quem ouvia falar-lhe:

- Por onde andou todo esse tempo, homem de Deus?

- Eu nem devia contar mas 'Sinhozinho' me mandou. Fugi de tudo e andei fazendo até coisa que não devia. Sofri muito, dona. Nem comida muitas vezes eu tinha. E ninguém dava não. Até chumbo de trabuco levei no lombo.

- Por que não ficou com o Afonso, Cesário? Ele queria tanto... – ponderou Nhá Coca, com pena do negro.

- Isso é tarde pra falar, dona. Faz uns dois anos que eu acordo de manhã com o 'Sinhozinho' do meu lado. Eu não vejo ele mas sei tudo que ele me disse. Nesse tempo todo ele anda me dizendo pra voltar, que todo mundo ia me querer de volta, que eu era

<sup>515</sup> HOERNER JUNIOR, 2000, p. 16-17.

da família... Ele continua bom pra mim, dona. Juro por tudo que é santo do céu que o ‘Sinhozinho’ está sempre comigo. Faz três dias, dona Sinhá, que ele me disse que Nhá Coca andava triste, precisando de ajuda, me disse do marido de Nhá Coca e que era muito grave a situação. Estou aqui, Nhá Coca, faço o que o ‘Sinhozinho’ manda.

- Ora, Cesário, Deus que tenha piedade, meu irmão está morto...

- Todo mundo diz isso, dona, mas eu que sei, eu que escuto. Ele me trouxe até aqui, não perguntei pra ninguém onde morava Nhá Coca...<sup>516</sup>

O outro relato envolve um escravo chamado Justino, alforriado por Manoel Antonio Guimarães (Visconde de Nácar). Após a alforria o negro teria passado por muitas dificuldades, estabelecido às margens do rio Itiberê, onde vivia do conserto de canoas e da pesca. Leocádio José Correia, segundo o relato, o havia ajudado com a compra de uma canoa e também pouco antes de sua morte, num caso de doença de sua mulher, que haveria contraído febre amarela. Justino compareceu ao velório do médico estarecido, relatando ao irmão de Leocádio, Manoel do Rosário, que o médico havia feito uma visita a ele e à esposa na noite anterior:

- Eu só soube hoje, de manhã, ‘seo’ Maneco – falou Justino, voz engasgada.- Não pude acreditar, falei com ele ontem...

- Ora, Justino, ele não saía de casa quase há quinze dias...

- Eu sei ‘seo’ Maneco, faz todo esse tempo que ele nem vai lá em casa, mas foi ontem à noite, a mulher já está boa...

- Que estória é essa, Justino? ... – disse, Manoel do Rosário, quase sem paciência.

- Foi sim. Estava lá de noitinha, viu a lua cheia, me perguntou se dava peixe em noite de lua...

- Ora Justino...

Manoel do Rosário sentou-se novamente em seu canto. Não adiantava conversar com o negro. Ele era inculto e estava claro que delirava ante a surpresa da morte do amigo, o seu ‘doutor’.

Nem podia ser diferente mesmo porque o Dr. Leocádio falecera antes das seis horas da tarde...<sup>517</sup>

Além dos relatos anteriormente, *O morto vivo* e, anos depois, *Dr. Leocádio José Correia: médico do corpo e da alma* trariam histórias de pessoas que teriam sido assistidas pelo espírito do médico em momentos de dificuldades com relação à saúde, alguns deles muito tempo depois de sua morte. Vislumbramos também nesses relatos uma continuidade entre algumas passagens de sua vida, relatadas e reforçadas ao longo do tempo pelos vários biógrafos – e mais uma vez retomadas por Valério Hoerner Junior – e as possíveis atuações do espírito.

A Santa Casa da Corte via-o, mesmo quando não era seu dia ou hora, a prestar assistência pessoal aos enfermos que se encontravam sob seus cuidados. Esse comportamento se verificaria mais tarde quando, clinicando em Paranaguá, não costumava esperar o

<sup>516</sup> HOERNER JUNIOR, 1978, p. 22-23.

<sup>517</sup> Ibid., p. 70-71.

chamado, ocorrendo vezes em que abria a porta de um casebre conhecido – Ó de casa! –, perguntando se não havia novidade para ele, Dr. Leocádio.<sup>518</sup>

Na passagem, anterior, por exemplo, Leocádio ainda como estudante de medicina foi representado como alguém que estava sempre presente junto aos doentes sob seus cuidados, mesmo quando não era necessário. A noção de continuidade foi dada para explicar que anos depois, atuando como médico em Paranaguá, ia à procura dos doentes, inclusive os mais pobres, mesmo quando não era chamado. Nos relatos de experiências com seu espírito após a morte a representação seria novamente a de um bondoso socorrista, que surgia em momentos de desespero, espontaneamente ou evocado através de pedidos ou orações. Um dos relatos era de um marido, Evilásio Mena, que conhecera Leocádio José Correia em sua infância:

Fazia, lembrava bem, a imagem do doutor como um homem rico e para ele, todo o rico era distante no convívio. Era difícil o aconchego. Não acontecia o mesmo com o Dr. Leocádio: lembrava Evilásio que algumas vezes vira o doutor com as mãos nos ombros de seu pai, a caminhar lentamente pela praça. Seu pai era um homem humilde, sem cultura, que vivia de ferrar burros e cavalos, dos poucos fregueses que possuía. Um dos fregueses era o doutor, que quando por ele passava, ele meninote, sentia as mãos do Dr. Leocádio a esfregar-lhe a cabeça, espalhando-lhe os cabelos. E depois que o doutor morreu começaram a contar coisas sobre ele, tudo fazendo crer que, embora morto, não havia deixado sem cuidados aqueles que em vida dele precisavam. A cada ano que passava, desde sua morte, mais gente e mais histórias apareciam. No cemitério, seu túmulo era cultuado, tendo até o padre alertado os paroquianos do erro a que estavam sendo conduzidos por ditos populares. Uma heresia!<sup>519</sup>

Evilásio lembrou dessas passagens num momento de desespero com o estado de saúde de sua mulher Leonice. Deixou o quarto onde a mulher ardia em febre e, na varanda de sua casa, suplicou que não morresse.

Parece que cochilou. Entre o sono e a lucidez, então, sentiu que alguém pos-lhe a mão no ombro. E naquele estado de lucidez longínqua deu com um homem de bigodes grossos e cavanhaque farto que lhe dizia:

- Está tudo bem, meu amigo. A Leonice nos pregou um susto.

Evilásio despertou assustado. Estava de pé. Como poderia ter dormido? Tentou dar nitidez ao que havia visto. Ou sonhado.<sup>520</sup>

Momentos depois, um médico chegou para examinar Leonice, que estava sem febre e dormia tranquilamente. Evilásio concluiu:

<sup>518</sup> HOERNER JUNIOR, 1978, p. 81.

<sup>519</sup> Ibid., p. 49.

<sup>520</sup> Ibid., p. 50.



Tinha certeza. Aquele homem... a barba... ele vira o Dr. Leocádio, ele vira, ele vira... Era dele a mão que sentira no ombro, a voz que falara de Leonice. Era o Dr. Leocádio. Evilázio tinha certeza. Era verdade então o que se falava...<sup>521</sup>

Outros três depoimentos envolviam o sofrimento de pais e mães à cabeceira de camas onde encontravam-se crianças muito doentes. O primeiro, identificado como um fato ocorrido em 1938 relatava o caso de doença de um menino de doze anos, que já sem forças, no quarto de um hospital fora diagnosticado de sarampo e somente murmurava palavras inaudíveis das quais só se ouviam o fim: ina... ina... ina. Os pais estavam no corredor do hospital quando despontou a figura de um médico:

O marido sorria para o médico. Ninguém falava. Ante a seriedade da mulher, o médico puxou-a pelo braço, fazendo-a entrar no quarto. Olhando o menino inerte praticamente disse:

- Amanhã será tarde diagnosticar a escarlatina. Tentei me comunicar através dele – apontando o menino. – Mas ele não tem mais forças para falar. Tive que vir pessoalmente...

- Doutor...

- Meu nome é Leocádio. Não se preocupe. Ele está em boas mãos. Ele tem muito a fazer no futuro...

Saindo do quarto, ainda deu uns três passos antes de começar a transformar-se numa figura esfumaçada, como uma nuvem que é levada pelo vento. E desapareceu.<sup>522</sup>

Com o diagnóstico de escarlatina e o tratamento correto o menino estava melhor depois de quinze dias, tornou-se um notório advogado de Curitiba, que, segundo o autor, não acreditava no que foi relatado. Outro relato, sem identificação de data, teria ocorrido na favela do Capanema, conhecida nos anos 2000 como Vila Pinto, em Curitiba. A mãe, acompanhada de mais seis crianças, no barraco feito de tábuas e latas de querosene arrecadados pelas ruas, aguardava o desfecho da vida de um dos filhos. Na parede o retrato de um homem de aspecto austero, cavanhaque longo, presente de uma vizinha que havia recomendado que fosse colocado ali, dizendo-lhe tratar-se do Dr. Leocádio.

Nisso, três pancadas leves à porta. Sob a luz das estrelas, um homem e uma maleta preta.

- Gente doente, dona? Eu quero dar uma olhada.

A mulher não estava em condições de negar. Sem esperar o convite o homem foi empurrando a porta mal enjambada, de forma até brusca. Aproximou-se do catre, abaixando-se para ficar bem próximo do doente. Abriu a maleta. Mexeu e remexeu o semi-morto. Deu-lhe alguma coisa de beber. Depois, alguns vidros em cima do caixote, que fazia de mesinha, todos rotulados à mão, com a posologia escrita. Fechou a maleta e dirigiu-se à porta, cuidando para não bater a cabeça em algum vigote do teto.

Já fora de casa, voltou-se para a mulher, mãe do menino:

- Ele vai ficar bom. A senhora tem é que dar aqueles remédios como eu mandei. Está tudo escrito.

<sup>521</sup> HOERNER JUNIOR, 1978, p. 50-51.

<sup>522</sup> Ibid., p. 28.

A claridade das estrelas iluminou-lhe a face.  
Incrível! O homem do retrato. O tal de Dr. Leocádio...<sup>523</sup>

Por fim, outro relato envolvendo uma criança, este, com um desfecho não tão promissor. O menino, carinhosamente chamado de Alvinho, diagnosticado com leucemia após muito tempo de incertezas quanto à doença. Um amigo disse ao pai que procurasse o doutor Leocádio Correia... o pai, que havia procurado até a umbanda, respondeu que o filho estava hospitalizado, mas o amigo insistiu dizendo que tivesse fé e mentalizasse o desejo. O menino piorava cada vez mais, até que um dia...

A porta do quarto se abriu. Entrou um moço. Desconhecido, tanto para o pai, como para a mãe. E inclusive um tio do menino, que diariamente comparecia ao hospital da Cruz Vermelha. Mais para confortar. O moço pediu licença. Chegou perto da cama em que placidamente o paciente dormia. Muito magro. Parecia que dava para ver os ossos. A pele estava quase transparente de tão branca.

- O senhor é médico? Perguntou a mãe em voz quase sumida.

- Sim. Eu quero ver o menino. Vocês devem ter coragem. Sei que é difícil.

Nem sequer tocou-o. Ficou a olhá-lo de maneira firme. Ao cabo de alguns minutos balançou a cabeça e disse em voz baixa e grave:

- Ele estará bem. Nós cuidaremos dele. Mas não aqui.

- Mudar de hospital, doutor?

- Não, não precisa. Vocês me entenderão. Hoje ainda ele estará muito bem.

Dirigiu-se à porta.

‘Uma visita esquisita...’ – pensaram todos.

A mãe saiu atrás do médico. Pegou-o ainda no meio do corredor.

- Doutor, por favor, nos ajude um pouco...

- Não posso. Não há mais nada a fazer.

- Como é o seu nome, doutor?

- Leocádio. E não há mais o que fazer.<sup>524</sup>

Os três relatos, assim como todos os outros, apresenta Leocádio José Correia surgindo como ponto alto da narrativa no momento de dor e apresentando a resolução para os problemas de saúde anunciados, sendo que na maioria dos casos o problema era solucionado com a melhora física do indivíduo e somente no último caso, de Alvinho, a cura não seria realizada da forma como era esperada por todos. Entre eles, no entanto, há uma sutil diferença. No primeiro Leocádio aparece espontaneamente, sem ser evocado, pelo menos a narrativa de Valério Hoerner Junior não apresenta qualquer referência a orações, preces ou evocações dirigidas diretamente ao personagem. No segundo relato, há a referência ao retrato, presente de uma vizinha, e, portanto, orações estariam sendo direcionadas àquele médico cujo retrato fora colocado na parede. No último caso, um amigo propõe ao pai do menino que procure o Doutor Leocádio, indicando a

<sup>523</sup> HOERNER JUNIOR, 1978, p. 31.

<sup>524</sup> Ibid., p. 43.

existência de um local específico onde o médico poderia ser consultado quanto ao problema do filho, ao que o pai responde que não seria possível, já que o garoto estava hospitalizado. Os relatos indicam, portanto, diferentes práticas e representações envolvendo a figura do médico falecido, sendo que o último relato provavelmente fazia referência a práticas ligadas ao espiritismo ou espiritualismo, onde, em diferentes centros e sociedades espíritas o espírito era (e é ainda hoje) procurado para atendimentos relacionados à saúde.

Outros dois relatos publicados apresentam casos semelhantes de mulheres que desejavam ter filhos e não conseguiam. A primeira era Verena, casada com Inácio Velho Coimbra há trinta anos e moradores da rua Dr. Leocádio em Paranaguá no ano de 1956, já tinham tentado de tudo para ter um filho. A vizinha, *já madura*, conforme registra o autor, teve uma menina que recebeu o nome de Leocádia. Verena então perguntou sobre a escolha do nome e a vizinha explicou-lhe que seu marido era espírita e a escolha era uma homenagem ao Doutor Leocádio que fora médico e devia ter vivido ali, já que o marido frequentemente levava flores ao seu túmulo. Nesse ponto da narrativa foi feita uma interessante relação entre Leocádio José Correia e o espiritismo:

Verena, o que conhecia do Dr. Leocádio era justamente naquela dimensão. Houve até um padre que criticava muito os fiéis dados a espiritismo, sabe lá mais o quê. Para ela, pelo que se falava, na sua simplicidade, espiritismo era fora da lei, não queria nem saber. Não gostava sequer do nome da rua em que morava, porque o padre vivia dizendo aquele nome associado às críticas ao espiritismo.<sup>525</sup>

Na narrativa exposta, Verena não foi à procura de um centro espírita, mas sem falar a ninguém, foi ao cemitério e colocou flores no túmulo do médico carregando a esperança de ainda engravidar. Na mesma noite sentiu uma forte cólica e ao dormir sonhou que o doutor Leocádio batia à porta da sua casa e ao atendê-lo, dizia-lhe que teria o que desejava. Dois dias depois teria voltado ao túmulo do médico e encontrado as mesmas flores que tinha deixado, como se ninguém tivesse mexido e como se tivessem sido colhidas naquele mesmo dia. Pouco tempo depois Verena seria mãe, seu filho recebeu o nome de Leocádio da Costa Coimbra.

Outro casal, em Curitiba, já nos anos 1970 eram Lucia e Carlito. Após doze gravidezes interrompidas, uma noite, num baile de debutantes de uma prima no Círculo Militar, receberam de um casal de estranhos a sugestão de procurar o Doutor Leocádio. Tempos depois tiveram um casal de gêmeos chamados Maria Leocádia e Mauro Leocádio. Sem detalhes sobre o contato do casal com o médico, a narrativa deixa nas entrelinhas a possibilidade desta procura ter sido feita em algum local específico, talvez um centro espírita.

Por fim, há depoimentos que discorrem sobre a experiência de trabalhos de partos em que as mulheres receberam a ajuda do médico. O primeiro deles, mais de vinte anos depois da morte do médico, era uma das histórias de família passadas das gerações anteriores para o autor do livro. Celina, a segunda mulher de Manoel do Rosário Correia (irmão de Leocádio), já não tinha

<sup>525</sup> HOERNER JUNIOR, 1978, p. 45.

mais idade para engravidar quando passou a sentir mal-estares. Seu médico receitava-lhe muitos medicamentos julgando ser doença dos nervos, mas ela não melhorava, até que certa noite viu na sua frente o cunhado morto dizendo-lhe: “Celina, quer matar seu filho?” Conforme o relato, dias depois a gravidez foi atestada pelo médico da família. Nove meses depois, durante a noite, entrou em trabalho de parto, o marido saiu para buscar uma parteira, mas quando retornaram, meia hora depois, ela só teria tido o trabalho de cortar o cordão umbilical, a criança estava acomodada entre as pernas da mãe. Celina afirmava que Leocádio esteve com ela o tempo todo.

Outra mulher, no ano de 1958, estava num trabalho de parto difícil, no Hospital Victor do Amaral. O médico deu ao marido a notícia de que a criança estava morta, talvez há vários dias, aguardavam a expulsão espontânea. A mulher, sem saber de nada, sofria as dores do parto na enfermaria do hospital. Na mesa de cabeceira ao lado da cama havia um retrato de Leocádio José Correia deixado por sua mãe, que em casa, rezava junto a um retrato idêntico ao deixado no hospital. Em meio aos sofrimentos houve um momento de estranho silêncio da parturiente, que sorria tranquilamente. Uma das pacientes ao lado, julgando estranha as atitudes da mulher, chamou a enfermeira, que afastando as cobertas encontrou a criança movendo-se, estava viva. A mãe, agradecia: “Obrigada, doutor...”, indicando que via o médico que foi ajudá-la. A criança recebeu o nome de José Leocádio Simeão.

Por fim, há o depoimento do casal Maria Assumpção Vieira e Reinoldo Vieira. Após o nascimento do segundo filho o casal afirmava que a mulher foi auxiliada pelo Doutor Leocádio em sua recuperação, após procurá-lo no Bacacheri.<sup>526</sup> Dois médicos, no hospital e no posto de saúde, e o próprio Leocádio José Correia afirmaram que ela não deveria mais engravidar, pois correria risco de morrer. Mas ocorreu a terceira gravidez. Os médicos indicavam que a gravidez deveria ser interrompida, então, o casal mais uma vez procurou pelo Doutor Leocádio. Neste relato, tudo indica que a procura pelo médico se deu em um centro espírita:

Fomos falar com o Dr. Leocádio. Ele não aparece de barba como nas fotografias. É um homem diferente, o senhor sabe, ‘seo Valério’, ele já morreu faz tempo, é só o espírito dele que baixa ali que ninguém diz que não porque ele entende do ‘riscado’... ficou tão brabo com a gente... Disse que tinha prevenido, que não era pra acontecer isso. Mas que ia ver no que podia ajudar, ia fazer o possível, coisa e tal. Que era pra Maria esperar, ver como ficavam as coisas. Mandou ir lá toda a semana. Controlava tudo direitinho. Um dia disse que podia ficar descansada que tudo estava bem. Que ia ter o filho direito, sem problemas. E nesse dia ainda perguntou se a gente não achava que estava na hora de vir uma menina... Está aí a Maria que não me deixa mentir. Então, Maria – dirigindo-se à mulher -, na saída ele não deu uma risadinha com o canto da boca como se soubesse que você tinha uma menina na pança?<sup>527</sup>

<sup>526</sup> Pela localização, acreditamos tratar-se da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, localizada no bairro Bacacheri, em Curitiba, que dispõe de trabalhos públicos de consulta com Leocádio José Correia.

<sup>527</sup> HOERNER JUNIOR, 1978, p. 56-57.

O trabalho de parto acabou acontecendo em casa, pois ocorreu muito rápido e a mulher não sentiu dores, uma parteira foi chamada, Dona Sizena, mas quando chegou a criança já havia nascido, conforme dona Maria, com ajuda do Doutor Leocádio, a quem o casal procurou quinze dias depois do parto, quando ele teria perguntado: “Como vai a loirinha?”, sem nunca ter visto a criança, a quem o casal deu o nome de Maria Leocádia.

Os relatos publicados inicialmente em jornal e posteriormente em livros, como se pode perceber, reforçam a representação do médico bondoso e sempre pronto a auxiliar nos momentos de maior necessidade, mesmo após sua morte. Os elementos presentes nas narrativas permitem-nos vislumbrar, em diferentes temporalidades, a presença do médico no imaginário popular. Algumas das narrativas, como demonstramos, apresenta elementos que nos permitem vislumbrar práticas relacionadas ao espiritismo, outras, no entanto, demonstram que a crença ia além de uma doutrina ou denominação religiosa, estava associada a práticas de religiosidade popular, tais como as visitas ao túmulo do médico no cemitério municipal de Paranaguá, as orações associadas ao retrato do médico, difundidos quase como o de um milagreiro, as aparições do médico após evocações através de preces ou sem ser evocado e as homenagens de gratidão feitas ao médico, ao colocar-se homônimos em filhos nascidos através de sua ajuda. Em um dos relatos Valério Hoerner Junior refere-se a reprimendas da Igreja Católica a essas crenças, ao associá-las ao espiritismo.

Além dos elementos associados à religiosidade popular e ao espiritismo, que certamente impulsionaram as publicações realizadas por Hoerner Junior, já que, provavelmente o seu antepassado era mais conhecido pelos seus feitos pós-morte do que pela própria vida, acreditamos que as publicações dos depoimentos servem para reforçar o imaginário em torno do médico, manifestam as representações sociais e uma memória coletiva existentes a seu respeito, seguindo um padrão de continuidade entre supostas ações de sua vida e os relatos de experiências pós-morte.

#### 4.3 O ESPÍRITO PELO ESPÍRITA

Por fim, neste subcapítulo analisamos a biografia de Leocádio José Correia cujo título é: Doutor Leocádio, médico de homens e de almas publicada em 1988 e reeditada em 1995 com o título Dr. Leocádio – História de uma vida, da coleção Brumas do Passado. O autor, Rubens Corrêa, nasceu em Paranaguá no dia 13 de janeiro de 1939 e faleceu em Curitiba em 16 de julho de 2013. Viveu em Paranaguá até os dezenove anos de idade, quando mudou-se para Curitiba para cursar o nível superior. Graduou-se em Direito no final dos anos 1960 e exerceu a profissão de advogado em Curitiba. Rubens Corrêa foi espírita e enquanto médium atuou sob orientação de Leocádio José Correia. Desenvolveu inicialmente suas habilidades mediúnicas no *Centro*

*Espírita Paz e Luz*,<sup>528</sup> de Paranaguá. Ao mudar-se para Curitiba, frequentou a *Sociedade Espírita Leocádio José Correia*,<sup>529</sup> um Grupo de Estudos da FEP e a *Sociedade Espírita Os Mensageiros da Paz*.<sup>530</sup>

Embora o livro não tenha se proposto a uma história religiosa na vertente espírita, pensamos que o fato do médium ter biografado Leocádio José Correia seja bastante representativo para compreender a importância dada ao personagem pelos adeptos dessa religião. A apresentação da obra é significativa nesse sentido, escrita por Maury Rodrigues da Cruz, outro advogado e professor universitário de Curitiba e também médium espírita conhecido por ser intermediário em manifestações mediúnicas do espírito Leocádio José Correia.

Em sua apresentação Maury Rodrigues da Cruz enfatizou as representações recorrentes do personagem biografado que seriam encontradas nas páginas seguintes e que já haviam sido reforçadas ao longo de mais de um século de construção memorialista: “cidadão probo, íntegro, espartano; chefe de família exemplar; profissional incansável, dedicado, competente, justo e caridoso, com acentuada discrição.”<sup>531</sup> Ao finalizar, salientou o quanto a obra contribuiria como fonte documental aos interessados pela vida e obra do *ilustre* personagem, bem como àqueles que se dedicavam à manutenção de sua memória, especialmente seus descendentes e ainda aos que o respeitavam como *Espírito Superior* e criam “na imortalidade da alma, como um processo natural evolutivo”.<sup>532</sup> Dava assim indícios de que a obra trazia contribuições e seria bem recebida entre os adeptos do espiritismo e crentes nas manifestações de Leocádio José Correia como espírito superior.

A despeito desses indícios, que evidenciam a inserção dessa biografia no campo religioso, não é como médium espírita que Rubens Corrêa se identifica na publicação, mas como integrante do Centro de Letras do Paraná, o que demonstra o caráter literário que envolveu a publicação da obra. Nesse sentido, é notória a extensa pesquisa histórica que envolveu o período de vida do biografado.

Nas cinco páginas iniciais que introduzem o romance o autor faz o convite de um retorno ao passado, narrando ligeiramente aspectos da vida cotidiana paranguara nos tempos de Leocádio José Correia. É possível perceber o caráter exemplar atribuído ao personagem e a admiração com que o biógrafo se reporta a ele:

<sup>528</sup> Centro Espírita fundado na cidade de Paranaguá no dia 14 de fevereiro de 1909, filiou-se à Federação Espírita do Paraná em 12 de janeiro de 1913, localizada no centro histórico.

<sup>529</sup> A Sociedade Espírita *Leocádio José Correia* foi fundada em 3 de maio de 1954 e, a partir desta data, filiada à Federação Espírita do Paraná, foi fundada por um pequeno grupo de espíritas que se reuniam na residência da *Sra. Lídia Kuster Schützler* desde o ano de 1936, localiza-se no bairro Santa Quitéria, em Curitiba.

<sup>530</sup> A Sociedade Espírita *Os Mensageiros da Paz* foi fundada em Curitiba em 11 de abril de 1913 e filiada à Federação Espírita do Paraná em 11 de julho de 1915.

<sup>531</sup> CRUZ, Maury Rodrigues da. Apresentação. In: CORRÊA, Rubens. **Brumas do passado**: Dr. Leocádio – médico de homens e de almas. Curitiba, Editora IPES, 1995. p. 6.

<sup>532</sup> *Ibid.*, p. 11.



Foi justamente, neste período que viveu em Paranaguá uma plêiade de homens notáveis, espíritos de escol<sup>533</sup> e, entre eles, destaca-se o médico Leocádio José Correia, o mais importante de todos, em todos os tempos, quem sabe, até mesmo da Província. Afilhado do Visconde de Nácar. Contudo, foi a grandeza de seu espírito e do seu caráter que marcou para sempre, indelevelmente, a memória do seu povo.<sup>534</sup>

A obra foi dividida em 47 capítulos curtos nos quais o autor tratou dos biografemas já conhecidos a respeito da vida de Leocádio José Correia: sua infância, a passagem pelo seminário, o período em que estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, seu retorno definitivo a Paranaguá após a formatura, o noivado e casamento com a prima Carmela, aspectos de sua vida profissional, familiar, política e cultural no período em que viveu em Paranaguá e seu falecimento, intitulado neste livro de *desenlace*.<sup>535</sup>

O diferencial desta biografia, é a riqueza de detalhes e causos curiosos com que o autor descreve o cotidiano do personagem. Por ser classificada como um romance biográfico e de ficção a obra não tem compromisso total com a verdade dos fatos, assim, o autor teve liberdade de criação a partir de fatos já conhecidos das biografias escritas anteriormente, de pesquisa histórica, com a qual preenche a narrativa dando ao leitor a oportunidade de conhecer o cenário local da Paranaguá do século XIX, assim como do Brasil no contexto do Segundo Império, unindo-os a elementos de sua própria imaginação.

Assim, a fatos históricos já conhecidos do período de vida do personagem como a Guerra do Paraguai, a epidemia de febre amarela que assolou o litoral paranaense na década de 1870 e a construção da estrada de ferro que ligou Paranaguá a Curitiba, são incorporados fatos que dificilmente poderiam ser comprovados em documentos e bibliografia especializada, tais como a compra de nove escravos acidentados em um acidente no Porto de Paranaguá, que foram libertados pelo próprio Leocádio José Correia, que deu-lhes ainda lugar para viver, tudo isso feito com o dinheiro proveniente da venda de dobrões de ouro entregues a ele por um paciente, escravocrata da região, que morreu de cancro; ou uma revolta de escravos que supostamente ocorreu na Ilha dos Valadares após serem ali segregados e deixados para morrer durante a epidemia de febre amarela, sob os protestos do médico.

A narrativa tem início com a infância do personagem, é apresentado um possível cotidiano infantil acompanhado de irmãos, primos, colegas de infância e familiares adultos, muitos dos quais nomes conhecidos da história local, tais como Ildfonso Pereira Correia e Manoel Francisco Correia Junior. O menino Leocádio, em sua infância, muito provavelmente imaginada, foi apresentado como muito arteiro e travesso, envolvido em constantes traquinagens com as outras crianças. Apresentou-se também a propensão aos estudos e sua inclinação à vida

<sup>533</sup> Termo constantemente utilizado pelos espíritas para designar os espíritos mais elevados.

<sup>534</sup> CORRÊA, Rubens. **Brumas do passado**: Dr. Leocádio – médico de homens e de almas. Curitiba, Editora IPES, 1995. p. 15.

<sup>535</sup> Termo mais adequado para os adeptos do Espiritismo do que *morte* ou *falecimento*. Para os espíritas, a morte não existe, nada mais é do que a separação do Espírito de seu corpo físico, portanto, um *desenlace*, ou uma passagem deste Espírito para uma outra dimensão.

religiosa, atribuindo ao personagem desde a infância as características que explicariam sua ida ao seminário e posterior ingresso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro: “Leocádio era o mais travesso mas também o melhor aluno de sua reduzida turminha de estudantes da casa paroquial. Destacava-se pelos seus conhecimentos precoces nas aulas de religião, que ele muito bem conhecia.”<sup>536</sup> Insinua-se também, desde a infância, uma aproximação afetiva entre Leocádio e a prima Carmela, que viria a se intensificar durante a juventude, nos anos em que foi estudante de medicina na corte.

O caráter da predestinação envolvendo a vida do biografado, característica da ilusão biográfica, é evidente na narrativa também no que tange às suas possíveis tendências abolicionistas. Sua compaixão pelos negros escravizados é apresentada desde a infância, quando supostamente acobertou no quintal de sua casa um escravo fugitivo. A discordância em relação à instituição da escravidão é também apresentada na narrativa biográfica como fator determinante para sua desistência do sacerdócio e ingresso no curso de medicina. Assim, numa possível conversa entre o seminarista Leocádio e o sacerdote Cônego Mendes de Paiva, o jovem desenvolve a seguinte elucubração:

- Sabe Cônego Paiva, venho tendo pensamentos que não consigo dominar e por mais que peça a Deus entendimento da questão não consigo aquietar-me. Não posso calar minha consciência. É lícito a um sacerdote opor-se à ordem estabelecida?

[...]

- Aí é que está o cerne da questão. Eu rezo para que Deus tenha compaixão da alma do pobre negro e continuo aceitando a escravidão como um direito de propriedade dos brancos? Aonde está a justiça divina em tudo isto? Não, não consigo aceitar a passividade da igreja neste assunto. Um tal procedimento é hipocrisia a meus olhos. Que Deus me perdoe, mas não consigo pensar diferente.<sup>537</sup>

O jovem Leocádio, por sua vez, é apresentado como um líder nato entre seus colegas, estando presente nas principais decisões que envolveram os estudantes de medicina do Rio de Janeiro de seu tempo, o autor faz questão de associar sua estadia no Rio de Janeiro aos debates abolicionistas do período, sobretudo os liderados pelos estudantes da Faculdade de Direito, que faziam Assembleias periódicas para discutir esta e outras questões do período, como a Guerra do Paraguai. Dentro desse perfil apresentou a publicação da obra contendo as lições de Torres Homem sobre a febre amarela, que teria contado com o auxílio do aluno.

O estudante foi também representado como generoso e bondoso, preocupado com o bem-estar dos mais necessitados e de seus colegas, teria financiado a estadia de um dos colegas da faculdade em sua pensão, pois o mesmo não tinha condições de pagar, assim como teria tido a iniciativa de providenciar doações periódicas à viúva de um dos bedéis da faculdade, que

<sup>536</sup> CORRÊA, 1995, p. 59.

<sup>537</sup> Ibid., p. 82.

teria falecido no período em que foi estudante. A bondade continuaria sendo a marca do jovem médico, após seu retorno a Paranaguá:

Naquela manhã, Leocádio chegou muito cedo no consultório. Dentre outras pessoas o aguardava uma mulata negra, de feições humildes, cabelo em desalinho, trazendo no colo, franzina criancinha. Leocádio compadeceu-se.

- Que tem a menina?

- Ela tosse muito, está muito quente e caidinha não tem vontade de nada respondeu a mulher com voz trêmula.

A criança ardia em febre e foi a primeira a ser atendida. Parecia ser um grande resfriado com complicações de garganta. Após ter sido atendida a mulher começou a desembulhar um pequeno rolo de papel de embrulho onde guardava o dinheiro. Julgava-se no dever de pagar o atendimento; o doutor fora tão bom. Leocádio ficou em silêncio mesmo que alguns réis nenhuma falta lhe haveriam de fazer; que eram alguns réis para ele? Muito mais falta fariam à pobre mulher. Não podia cobrar daquela pobre criatura.

- Guarde lá seu dinheiro minha boa mulher. Cuide bem de sua filha. A menina vai ficar boazinha. Vá buscar o remédio na farmácia, vai custar bem pouco. Que Deus as acompanhe.

A mulher saiu chorando emocionada. Nunca ninguém a tratou com tanto carinho e, ele, um doutor, nem sequer quis cobrar. Era um homem Santo.<sup>538</sup>

É possível observar como a religiosidade do próprio autor contribuiu para a construção dessa trajetória ao atribuir ao personagem diálogos e pensamentos que talvez fossem improváveis no seu contexto, através de um vocabulário que sutilmente expressa o vínculo ao espiritismo, mas que também o caracteriza como uma figura santificada, despojada de ambições materiais e muito mais interessado nas vidas que socorria do que na retribuição financeira. Podemos identificar esses aspectos em alguns excertos, tais como na elucubração imaginada pelo autor quando o médico teria ido atender escravos que haviam sido degredados na Ilha dos Valadares, durante a epidemia de febre amarela:

Sentia mesmo, era um grande prazer no fundo de sua alma, por nesses momentos, ser apenas médico. Como tal, podia sentir-se mais à vontade entre aqueles negros cativos. Estava ali para atender aos padecimentos do corpo daquelas criaturas mas nada o impedia de voltar-se às suas necessidades espirituais. Era um verdadeiro médico de homens e de almas.<sup>539</sup>

Ou quando ouvia as últimas revelações de um de seus pacientes no leito de morte:

Ao vê-lo morto Leocádio murmurou uma prece comovida:

- Pobre homem, que sua confissão chegue até a misericórdia divina pois já não pertence a este mundo de provações. Que Deus perdoe os crimes e o encaminhe à espiritualidade. Não me cabe julgá-lo.<sup>540</sup>

<sup>538</sup> CORRÊA, 1995, p. 155-156.

<sup>539</sup> Ibid., p. 280.

<sup>540</sup> Ibid., p. 288.

O engajamento de Leocádio José Correia às causas abolicionistas e sua bondade são as principais representações desenvolvidas na biografia. Desde a infância até o término de sua trajetória as situações e diálogos são apresentados de forma a demonstrar como o personagem colocava o bem-estar de toda a população acima dos interesses pessoais e da própria família, o que justificaria que sua memória fosse reverenciada depois de seu falecimento e que fosse lembrado por seus feitos, mesmo após a passagem de mais de um século. Justifica-se assim, também, as manifestações mediúnicas com intervenções pelo bem-estar daqueles que o procuram ainda na atualidade:

Assim foi Leocádio. Mais de um século já se passou desde a sua morte e, até hoje, é cultuado e reverenciado na memória do seu povo, principalmente, pelos mais humildes e sofredores.

Testemunham-se aos milhares a sua intervenção do plano espiritual no sentido de promover o bem dos que recorrem a sua memória e a sua intervenção. Leocádio, ou o 'Dr. Leocádio' como é carinhosamente conhecido e chamado pelo povo, viverá para sempre na lembrança de sua gente.<sup>541</sup>

Para que fosse considerado um espírito elevado e mentor espiritual de diversos médiuns e instituições espíritas as características abordadas em suas biografias foram essenciais para justificar suas manifestações e sua presença no movimento espírita, nesse sentido, nossa hipótese é que as biografias reforçaram a apropriação de Leocádio José Correia no movimento espírita como espírito superior. No próximo capítulo nos dedicaremos especificamente à presença de Leocádio José Correia no espiritismo. A partir de depoimentos de médiuns e adeptos desta religião, nossa intenção é demonstrar como as representações deste personagem por parte daqueles que creem no fenômeno das manifestações espirituais legitimam diferentes práticas através de médiuns em instituições espíritas, buscando verificar as aproximações e distanciamentos entre essas práticas.

---

<sup>541</sup> CORRÊA, 1995, p. 403.

## 5 LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA E AS APROPRIAÇÕES MEDIÚNICAS: DO MUNDO DOS ESPÍRITOS PARA O MUNDO DOS HOMENS

*Não basta se interrogue um Espírito para conhecer-se a verdade. Precisamos, antes de tudo, saber a quem nos dirigimos; porquanto, os Espíritos inferiores, ignorantes que são, tratam frivolamente das questões mais sérias. Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem, para que, no mundo espírita, se ache de posse da soberana ciência. Só a virtude pode, purificando-o, aproximá-lo de Deus e dilatar-lhe os conhecimentos.*

Allan Kardec

O Livro dos Médiuns

Nos capítulos três e quatro esforçamo-nos para demonstrar um processo de construção memorialista do personagem Leocádio José Correia que foi empreendido em diferentes contextos por meio de discursos biográficos que acabaram por construir representações desse personagem, sendo que algumas delas tornaram-se discursos fundadores constantemente reproduzidos até a atualidade. Em meio a esse processo de construção memorialista e de representações que se consolidaram no imaginário popular, ocorreram paralelamente processos de apropriação da imagem de Leocádio José Correia em diferentes campos sociais, sendo um desses campos o das religiões mediúnicas. Procuramos demonstrar no capítulo quatro como algumas dessas apropriações ocorreram por meio de textos biográficos que podem ter contribuído para consolidar a imagem de Leocádio José Correia como um espírito superior, a partir das representações de herói, santo e homem ilustre.

Ainda nos apoiando no conceito de apropriações, neste capítulo buscaremos demonstrar a presença de Leocádio José Correia no campo das religiões mediúnicas a partir da representação de um espírito superior que tem uma missão junto ao mundo material, a partir de práticas relacionadas à sua formação de médico. Com esse intuito, apresentaremos ligeiramente a trajetória de seis médiuns que, em diferentes contextos, tiveram em comum o fato de se declararem orientados por Leocádio José Correia, considerado seu mentor espiritual. As trajetórias desses médiuns foram acessadas a partir de depoimentos orais nos quais partimos da metodologia da História Oral em uma perspectiva temática, complementados por textos publicados em periódicos ou sites espíritas na internet descrevendo aspectos da vida ou de atividades mediúnicas de alguns deles. Tanto os depoimentos quanto os textos são abordagens de indivíduos que acreditam no fenômeno mediúnico e na manifestação espiritual de Leocádio José Correia através desses médiuns. Procuramos descrever os aspectos abordados conforme foram relatados nos textos ou depoimentos, já que a principal intenção foi perceber quais representações esses indivíduos fazem do personagem Leocádio José Correia a partir de algumas concepções do espiritismo. Nesse sentido, a tese se propõe também a uma contribuição para a área de História das Religiões e Religiosidades, mais especificamente aos estudos das religiões mediúnicas no Brasil a partir

de uma perspectiva historiográfica que leva em consideração a compreensão que os próprios agentes históricos fazem de sua vivência religiosa, compreendida como uma construção cultural.

Como mentor espiritual, Leocádio José Correia é apresentado como espírito de maior grau evolutivo que se manifesta através de médiuns enquanto médico, combinando conhecimentos e técnicas do mundo material e do mundo espiritual para auxiliar pessoas necessitadas, sejam portadoras de doenças físicas ou das denominadas doenças espirituais. Assim como o médico que teria sido durante a vida, o *Doutor Leocádio* é descrito como um incansável espírito que se manifesta através de médiuns, também incansáveis, aplicando diferentes técnicas de cura em benefício dos necessitados.

Nossa opção inicial foi por entrevistar os próprios médiuns que declaram ser orientados por Leocádio José Correia e desenvolvem periodicamente alguma prática terapêutica a partir das concepções do espiritismo. O primeiro médium do qual tivemos conhecimento, pela sua atuação ainda hoje no campo espírita paranaense, foi Maury Rodrigues da Cruz. Outro caso, acessado por meio de pesquisas na internet, foi o da senhora Ledir Avani Machado Volpi, que também desenvolve suas práticas mediúnicas na atualidade.

No percurso da pesquisa tivemos acesso, por meio de indicações dos próprios entrevistados ou mesmo de outros indivíduos que se propuseram a colaborar com a pesquisa, aos casos dos outros quatro médiuns citados na tese, já falecidos – Balduína Maria Lobo de Andrade, Lídia Kuster Schützler, Rubens Corrêa e Ana Fernandes dos Santos – assim, pudemos acessar parte de suas experiências através de relatos de outros médiuns ou familiares que conviveram com eles. Certamente haveria outros médiuns e instituições espíritas no Paraná e de outras localidades do Brasil que poderiam ser citados, assim como outras abordagens possíveis para esta pesquisa, como, por exemplo, a coleta de relatos orais de pessoas que já procuraram por atendimentos do médico Leocádio José Correia através desses médiuns, mas os limites que uma pesquisa de doutorado impõe fizeram com que tivéssemos que encerrar nossa abordagem dentro das possibilidades apresentadas aqui. Assim, reafirmamos que o breve mapeamento de médiuns realizado nesta tese não contempla a totalidade das experiências mediúnicas desenvolvidas a partir das representações do personagem Leocádio José Correia, mas apenas algumas experiências que foram possíveis mapear dentro dos limites de nossa pesquisa.

Nas trajetórias apresentadas a seguir, poderemos identificar alguns elementos básicos para a compreensão da categoria *mediunidade* e sua importância para o espiritismo. A comunicação espiritual entre os espíritos, habitantes do mundo invisível, e os homens, habitantes do mundo visível, depende da compreensão de que cada ser humano é considerado um mediano na relação com os espíritos desencarnados, capaz de comunicar-se com eles, ou seja, é potencialmente um *médium*:

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio



exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns.<sup>542</sup>

Nas conclusões de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti,<sup>543</sup> a pessoa é o ponto de convergência de todo esse sistema, é o lugar no qual e através do qual Mundo Invisível e Mundo Visível se conectam. Cada indivíduo *encarnado* é, na concepção do espiritismo, formado por três elementos: o espírito, o corpo físico e o perispírito. A cada encarnação, ou seja, a cada existência, um espírito, que é considerado o princípio inteligente de um indivíduo, reveste-se temporariamente de um corpo, que é considerado um invólucro material grosseiro. O espírito encarnado em um corpo físico é chamado de alma. A ligação entre o espírito e seu corpo físico se faz através do terceiro elemento, chamado de perispírito, um envoltório fluídico semimaterial.<sup>544</sup> O perispírito é compreendido não só como um invólucro do espírito, mas um conector que leva as informações e sensações recebidas pelo corpo físico até o espírito. É através dele também que ocorrem as comunicações entre espíritos desencarnados e encarnados:

O perispírito, para nós outros Espíritos errantes, é o agente por meio do qual nos comunicamos convosco, quer indiretamente, pelo vosso corpo ou pelo vosso perispírito, quer diretamente, pela vossa alma; donde, infinitas modalidades de médiuns e de comunicações.<sup>545</sup>

A mediunidade, ou seja, a capacidade de comunicação entre desencarnados e encarnados, é realizada através do pensamento e vontade de um espírito, que imprime vibrações sobre o *fluido universal*,<sup>546</sup> que é o principal veículo de contato entre Mundo Invisível e Mundo Visível: “De fato, nós nos comunicamos com os espíritos encarnados dos médiuns, da mesma forma que com os Espíritos propriamente ditos, tão só pela irradiação do nosso pensamento.”<sup>547</sup>

O exercício da mediunidade depende, portanto, da crença na existência de espíritos desencarnados e de médiuns que lhes sirvam de intérpretes. Os primeiros podem comunicar-se com os humanos através dos últimos, estes são, portanto, os personagens centrais no Mundo Visível, que transmitem a mensagem que os desencarnados trazem. Na literatura espírita, os médiuns são descritos como meros instrumentos que os espíritos escolhem, conforme suas habilidades, para a transmissão das mensagens:

<sup>542</sup> KARDEC, Allan. **O livro dos médiuns, ou guia dos médiuns e dos evocadores**: espiritismo experimental. 81. ed. Brasília: FEB, 2013. p. 171.

<sup>543</sup> CAVALCANTI, 1983.

<sup>544</sup> KARDEC, 2013, p. 65.

<sup>545</sup> Ibid., p. 59-60.

<sup>546</sup> O fluido universal é considerado o princípio elementar de todas as coisas, é o elemento que anima a matéria, Cf. KARDEC, 2013, p. 78.

<sup>547</sup> Ibid., p. 234.

Façamos uma comparação: um músico muito hábil tem ao seu alcance diversos violinos, que todos, para o vulgo, são bons instrumentos, mas que são muito diferentes uns dos outros para o artista consumado, o qual descobre neles matizes de extrema delicadeza, que o levam a escolher uns e a rejeitar outros, matizes que ele percebe por intuição, visto que não os pode definir. O mesmo se dá com relação aos médiuns. Em igualdade de condições quanto às forças mediúnicas, o espírito preferirá um ou outro, conforme o gênero da comunicação que queira transmitir.<sup>548</sup>

A escolha dos médiuns para determinadas funções é feita com base em afinidades existentes entre o espírito desencarnado e esse médium utilizado como instrumento. Há uma infinidade de tipos de mediunidade que os médiuns podem desenvolver para transmitir a mensagem dos espíritos. O mais comum é que cada médium tenha uma habilidade específica de destaque que deve desenvolver e que será utilizada pelo espírito desencarnado na sua tarefa junto ao Plano Terreno:

Todas estas variedades de médiuns apresentam uma infinidade de graus em sua intensidade. Muitas há que, a bem dizer, apenas constituem matizes, mas que, nem por isso, deixam de ser efeito de aptidões especiais. Concebe-se que há de ser muito raro esteja a faculdade de um médium rigorosamente circunscrita a um só gênero. Um médium pode, sem dúvida ter muitas aptidões, havendo, porém, sempre uma dominante. Ao cultivo dessa é que, se for útil, deve ele aplicar-se.<sup>549</sup>

Os médiuns, são, por fim, os intérpretes dos espíritos nas mensagens que estes vêm transmitir aos homens. A mediunidade é compreendida como um dom orgânico de que todos podem ser portadores, mas alguns, de maneira especial, são incumbidos em algum momento de sua vida de uma missão, de uma tarefa especial dada por espíritos superiores. Nesse momento é necessário o desenvolvimento da mediunidade que esteve, muitas vezes, adormecida ou despercebida.

A descoberta da mediunidade entre indivíduos que não são espíritas é geralmente descrita como uma experiência dolorosa, muitas vezes associada à incompreensão, à perturbação ou à loucura. É por meio dessa experiência, que gera sofrimento, que muitas pessoas descobrem o espiritismo e há o momento de iniciação na doutrina, quando esses indivíduos desenvolvem suas habilidades a partir dos conhecimentos transmitidos por pessoas já iniciadas nas práticas mediúnicas. Outros há, no entanto, que já vêm de famílias espíritas ou que entram em contato com o espiritismo através da curiosidade ou de pessoas próximas que lhes apresentam essa forma de religiosidade.

O desenvolvimento da mediunidade coloca pessoas, que, em sua maioria, não eram espíritas e não conheciam nenhum de seus preceitos, em contato com o conhecimento doutrinário que aborda aspectos que se pretendem filosóficos, científicos e morais. A mediunidade é

---

<sup>548</sup> KARDEC, 2013, p. 205.

<sup>549</sup> Ibid., p. 205.

compreendida a partir dessa vertente tríplice, sendo que não bastaria a um médium ter esse dom e a presença de um ou mais espíritos que se comunicassem com ele, fenômenos explicados, conforme mencionamos anteriormente, a partir de aspectos que os espíritas ao longo do tempo procuraram comprovar experimentalmente. É necessário, além disso, o estudo constante dos preceitos doutrinários presentes na literatura espírita e o desenvolvimento de aspectos morais considerados indispensáveis para a formação dos médiuns.

Entre os aspectos morais mais marcantes está a compreensão do desenvolvimento da mediunidade como uma missão, dada a determinado médium por espíritos superiores por razões diversas, muitas vezes desconhecidas. A missão a ser desenvolvida pelo médium na companhia de espíritos superiores que o orientam geralmente está associada à prática da caridade, a virtude mais valorizada no meio espírita. Assim, o médium deve, ao longo de toda a sua trajetória, viver constantemente em uma espécie de vigília moral, se autorregular procurando cada vez mais a melhora de seus aspectos morais e compreender sua mediunidade como um dom que recebeu gratuitamente e que deve ser utilizado para a prática da caridade junto às pessoas necessitadas que irão procurar por seus serviços. Estes devem ser oferecidos sempre gratuitamente, sendo amplamente criticados aqueles que, por ventura, cobrem ou recebam alguma recompensa material:

Os médiuns modernos – pois os apóstolos também tinham mediunidade – igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, e não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, visto que não são fruto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique deserdado dela e possa dizer: não tive fé, porque não pude pagá-la; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição daqueles que choro, porque sou pobre. É por isso que a mediunidade não é um privilégio e se encontra por toda parte. Cobrar por ela seria, pois, desviá-la do seu objetivo providencial.<sup>550</sup>

Nas trajetórias dos médiuns apresentados neste capítulo evidenciaremos a forma como ocorreu a iniciação desses indivíduos no espiritismo e, no caso das duas últimas médiuns, sua transição para a umbanda. Ao acessar a trajetória desses médiuns, foi possível conhecer não só suas representações acerca de Leocádio José Correia como mentor espiritual e espírito superior e sua compreensão acerca do fenômeno mediúnico, mas ter acesso a um conjunto de práticas desenvolvidas por eles. Tais práticas ocorreram em espaços considerados privilegiados para o fenômeno mediúnico, sua missão enquanto médiuns orientados pelos espíritos e, especificamente, nesse caso, por Leocádio José Correia, envolvia espaços considerados aceitáveis a partir de suas orientações. O lugar considerado mais adequado pelos kardecistas para a prática da doutrina em sua totalidade é o centro espírita, da mesma forma, para os umbandistas o terreiro é o espaço

<sup>550</sup> KARDEC, 2013, p. 205.

privilegiado para suas práticas rituais. São os espaços privilegiados para a mediação entre o Mundo Visível e o Mundo Invisível.<sup>551</sup>

A criação de centros espíritas ao longo da história de inserção e consolidação do espiritismo no Brasil, geralmente, esteve associada a grupos de médiuns que passavam a se reunir inicialmente na casa de um deles, orientados por um ou mais espíritos de grau elevado, muitos centros espíritas e terreiros de umbanda passaram a ser criados, assim, nas dependências da casa dos próprios médiuns. Posteriormente, passava-se por uma tentativa de organização maior, quando o próprio grupo sentia a necessidade de aquisição de uma sede para dar lugar às suas práticas ou, mesmo, construía-se essa sede junto à casa do médium fundador.

Atualmente, esse processo vem ocorrendo cada vez menos. A partir de pesquisas empíricas, nota-se que a fundação de novos centros cada vez mais se dá através da dissidência de um grupo de um centro espírita já existente ou da necessidade desse centro se expandir em núcleos filiados, mas raramente o desenvolvimento da mediunidade ocorre, como nos primórdios da inserção da doutrina espírita no Brasil, a partir da residência de médiuns.

Embora não seja possível, somente a partir da trajetória dos seis médiuns, traçar uma história do espiritismo em suas matrizes kardecista e umbandista, pensamos que seja possível, entretanto, conhecer e observar algumas das nuances e especificidades da inserção dessas formas de religiosidade no Brasil, mais especificamente no estado do Paraná, onde viveram os médiuns apresentados. Em nossa busca pelos médiuns apresentados neste capítulo nos deparamos com diferentes instituições nas quais se inseriram, ou mesmo fundadas por eles, nas quais desenvolveram diferentes práticas a partir das características de sua mediunidade e das orientações recebidas por Leocádio José Correia. Em alguns casos, observaremos ainda um esforço de organização e institucionalização do movimento espírita.

Tais práticas tinham em comum as representações que cada um desenvolveu a respeito do personagem e do próprio espiritismo, que tem sua expressão ritual na tríade mediunidade, caridade e estudo, conforme as constatações da antropóloga Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Assim, todo centro espírita baseia suas atividades com foco nessas três modalidades, havendo as reuniões públicas dedicadas ao estudo e iniciação à doutrina, as reuniões privadas destinadas ao desenvolvimento e exercício da mediunidade e as atividades assistenciais, que podem englobar uma gama de atividades voltadas à educação, saúde ou a doações materiais a pessoas necessitadas.<sup>552</sup> No caso dos dois centros que desenvolveram práticas umbandistas citados neste capítulo, observamos uma continuidade em relação a essa tríade, provavelmente pelo fato de as duas médiuns fundadoras terem inserção no kardecismo anteriormente.

As práticas mediúnicas relatadas apresentam alguns pontos de distanciamento conforme as concepções de cada médium ou grupo, mas apresentam em comum as representações de Leocádio José Correia como um espírito de grau elevado de evolução espiritual, que pode,

<sup>551</sup> CAVALCANTI, 1983, p. 43.

<sup>552</sup> Idem, 1985, p. 19.

por isso, ser um guia ou mentor espiritual. Todas as práticas têm em comum, ainda, o fato de apresentarem alguma inserção no campo médico, pois Leocádio José Correia, enquanto espírito que tem uma missão junto ao plano terreno, apresenta-se como médico do plano espiritual. Assim, as práticas apresentadas têm em comum o cuidado com a saúde e a cura a partir da intervenção desse espírito através dos médiuns e são compreendidas como uma das modalidades da prática da caridade.

Observamos, assim, que esse personagem, considerado pelo movimento espírita como um ser de luz, foi ao longo do tempo apropriado como *bem simbólico* por inúmeros médiuns e grupos, dos quais destacamos os seis apresentados neste capítulo. Tal processo de apropriação refletiu em diferentes práticas que representam a diversidade de práticas mediúnicas no Brasil. Cada centro espírita ou terreiro de umbanda, ainda que esteja submetido a um órgão regulador de suas atividades, como são as federações espíritas e de umbanda, possui determinado grau de autonomia, que expressa a pluralidade de modos de ser espírita.

## 5.1 LEOCÁDIO NA INTIMIDADE E NA FEDERAÇÃO ESPÍRITA

Neste subcapítulo abordaremos a trajetória de três médiuns a partir de narrativas que expressam o desenvolvimento da mediunidade, assim como o processo de consolidação da doutrina espírita no Brasil e a institucionalização de centros espíritas com base nas concepções de Kardec. No período inicial de inserção da doutrina kardecista no Brasil, as sessões mediúnicas eram realizadas nas casas dos próprios médiuns. Ao longo do tempo, principalmente com a consolidação da Federação Espírita Brasileira (FEB) como um órgão regulador das atividades espíritas entre seus núcleos filiados, a orientação foi sendo cada vez mais a do afastamento das sessões mediúnicas dos lares, instituindo-se um lugar privilegiado para tais práticas. Nas casas de famílias espíritas, orienta-se que seja realizado somente o culto do *Evangelho no Lar*, que é uma reunião que consiste na realização de uma prece, leitura e estudo de um trecho do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, geralmente esse trecho é escolhido ao acaso, abrindo-se uma página qualquer do livro. Essas instruções parecem ter sido incorporadas por vários agrupamentos espíritas kardecistas, mesmo aqueles que não estão filiados à FEB ou que se afastaram dela ao longo do tempo.<sup>553</sup> A trajetória de Balduína e Lídia como médiuns demonstra, em parte, esse contexto de inserção, já a trajetória de Rubens expressa um momento em que o espiritismo já apresentava maior organização e institucionalização em torno de um órgão regulador.

A FEB foi organizada em janeiro de 1884 na cidade do Rio de Janeiro. Antes dela, outros grupos espíritas já haviam surgido, estimando-se que em 1889 havia cerca de 35 grupos espíritas no Rio de Janeiro. Seu objetivo inicial não foi o de representatividade ou unificação

<sup>553</sup> CAVALCANTI, 1983, p. 43.

do movimento espírita brasileiro congregando em torno de si instituições afiliadas. A iniciativa da fundação da instituição ocorreu a partir de um grupo ligado ao fotógrafo Elias da Silva, proprietário do jornal Reformador, que era publicado desde janeiro de 1883 com o objetivo de propagandear o espiritismo, era este também o objetivo inicial da FEB: a propaganda da nova doutrina importada da França.<sup>554</sup>

Nos primeiros anos do século XX, entretanto, ocorreu uma reorientação de seus objetivos, conforme os estudos do antropólogo Emerson Giumbelli, essa reorganização esteve ligada aos efeitos do Código Penal de 1890 sobre as práticas mediúnicas.<sup>555</sup> O Código Penal criminalizou o espiritismo e os estudos do antropólogo demonstram que nos anos subsequentes ao seu surgimento a FEB passou a ser uma entidade fortalecida como um núcleo em torno do qual outros grupos espíritas encontravam apoio institucional com o oferecimento de seu espaço físico para reuniões e estudo, orientações legais e acompanhamento no caso de perseguição a espíritas. O ano de 1895 parece ser o marco divisor desse caráter modelizador do espiritismo assumido pela FEB, foi nesse ano que seu presidente, Bezerra de Menezes, propôs que a FEB fosse o “centro em torno do qual se agregue a massa espírita, formando um todo harmônico e estável” e convidou grupos de todo o país a enviarem delegados para uma reunião que deveria ser realizada no final daquele ano no Rio de Janeiro.<sup>556</sup>

A reunião não ocorreu, pois a FEB teve seus planos conturbados pela ação de outro grupo, denominado União Espírita de Propaganda do Brasil (USPB), com o qual teria, a partir de 1896, um confronto declarado, tratado por vários historiadores do espiritismo no Brasil como uma luta entre a FEB, presidida por Bezerra de Menezes, para quem o estudo e a divulgação do Evangelho e a prática da caridade deveriam ser o cerne do espiritismo, sendo assim chamados de religiosos e a USPB, que acusava Bezerra de Menezes e a FEB de negar a ciência e defender a religião, o que consideravam ser uma deturpação, pois em sua visão o espiritismo deveria ser uma filosofia social e um culto a Deus, estes foram chamados de científicos.<sup>557</sup>

No ano de 1901, sob a presidência de Leopoldo Cirne, a FEB elaborou um novo estatuto no qual eram pela primeira vez solicitados o envio de estatutos ou programas de trabalho como requisitos necessários para a filiação de grupos. A filiação dava ao grupo o direito de ser defendido pela FEB em caso de ações judiciais e implicava o compromisso de não se utilizar da doutrina espírita para fins materiais. Assim, com três objetivos declarados – estudo e propaganda, filiação de grupos e promoção da caridade – a FEB tornava-se cada vez mais uma instituição modelar do espiritismo no Brasil.<sup>558</sup>

---

<sup>554</sup> GIUMBELLI, 1997, p. 61-63.

<sup>555</sup> Ibid., p. 106.

<sup>556</sup> Ibid., p. 111.

<sup>557</sup> Ibid., p. 113.

<sup>558</sup> Ibid., p. 125.



Em 3 de outubro de 1904 foi comemorado em todo o mundo o centenário de nascimento de Allan Kardec, nessa ocasião reuniram-se no Rio de Janeiro cerca de dois mil espíritas de vários estados brasileiros, quando foi apreciado e aprovado um documento que passou a orientar a organização espírita no Brasil a partir da FEB, as Bases de Organização Espírita. Neste, preconizava-se a criação de uma federação estadual na capital de cada estado que se responsabilizaria pela filiação de centros e associações espíritas estaduais.<sup>559</sup>

No Paraná, essa instituição havia sido fundada em 1902, a Federação Espírita do Paraná (FEP), demonstrando que nesse estado já havia um esforço por parte dos espíritas em propagandear a doutrina, assim como de institucionalizar o movimento:

Aos vinte e quatro dias do mês de Agosto de mil novecentos e dois, reunidos na sala de redação da 'A Doutrina', rua América número nove, às dez horas da manhã, os abaixo assinados, convidados pela mesma redação para o fim de tratar-se da fundação da Federação Espírita do Paraná, ahi, de commum accôrdo, resolveram o seguinte: 1.º – Fundar nesta cidade de Curityba, capital do Estado do Paraná, uma Sociedade Espírita para o estudo e propaganda da doutrina: 2.º – Formular as bases para a organização da projectada Sociedade: 3.º – Dar á mesma o título de Federação Espírita do Paraná, tendo por fim principal o disposto no parágrafo 1.º, e unir pelos laços da federação todos os Grupos Espíritas existentes neste Estado, formando uma só comunhão como único meio de recorrer para suster a decadência da propaganda espírita.<sup>560</sup>

Passemos, assim, à trajetória da primeira médium. Balduína Maria Lobo de Andrade era conhecida em Paranaguá como Dona Baduca e foi uma das primeiras médiuns através de quem Leocádio José Correia teria feito suas manifestações mediúnicas nesse contexto de institucionalização do espiritismo em torno da FEB. A trajetória dessa médium foi apresentada através do depoimento de uma de suas netas, Euricléia Pereira Lobo, que tinha somente sete anos incompletos quando a avó faleceu, portanto, alguns desafios se fazem presentes quando abordamos sua trajetória: a distância temporal faz com que sejam quase inexistentes as *memórias propriamente ditas* a respeito da vida da médium, aproximando esses relatos ao que Michel Pollak denominou de *acontecimentos vividos por tabela*, na medida em que a memória que a depoente tem de sua avó é formada muito mais pelo que outros lhe contaram do que pelas vivências que realmente teve para dar base a suas lembranças.<sup>561</sup> Temos consciência de que muitas informações transmitidas pela depoente são provenientes do que outros familiares lhe contaram ao longo de sua vida, mas ainda assim foi possível acessar algumas informações interessantes a respeito da médium e puderam ser apreendidas as representações da categoria mediunidade e

<sup>559</sup> Cf. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (FEB). **Início do século XX**. 26 jul. 2012. Disponível em: <[www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/inicio-do-seculo-xx/](http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/inicio-do-seculo-xx/)>. Acesso em: 10 nov. 2015.

<sup>560</sup> ATA de Fundação da Federação Espírita do Paraná. In: FUCKNER, Cleusa Maria. **Lar Escola Dr. Leocádio José Correia**: história de uma proposta de formação na perspectiva educacional espírita (1963-2003). Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. p. 147.

<sup>561</sup> POLLAK, 1992, p. 201-202.

da prática mediúnicamente envolvendo o personagem Leocádio José Correia e sua importância para o espiritismo, que foram nossos principais objetivos com a realização da entrevista.<sup>562</sup>

Baduca nasceu em 16 de abril de 1884, em Paranaguá. De família católica, foi depois do casamento com Celmiro Décio da Costa Lobo, que ocorreu quando tinha dezessete anos de idade (ou seja, no ano de 1901), que se tornou espírita. Celmiro Décio da Costa Lobo, como o sobrenome indica, provavelmente pertencia à família de Honório Décio da Costa Lobo, professor e amigo pessoal de Leocádio José Correia, além de espírita atuante na cidade, um dos pioneiros no movimento espírita local.

FIGURA 5 – FOTOGRAFIA DE BALDUÍNA MARIA LOBO DE ANDRADE (“DONA BADUCA”)<sup>563</sup>



Não tivemos detalhes dos primeiros sinais de mediunidade de Baduca, mas tudo indica que essa aproximação familiar foi determinante para o desenvolvimento de sua mediunidade, que ocorreu nos primeiros anos do século XX, na cidade de Paranaguá, em atividades mediúnicas que ocorriam na própria casa onde moravam, localizada ao lado da Igreja Matriz de Paranaguá, no centro histórico da cidade. O que podemos inferir desse período de consolidação do kardecismo na cidade é que os espíritas costumavam reunir-se nas casas de famílias espíritas, onde realizavam práticas de comunicação espiritual de cunho experimental. Aparentemente eram atividades que envolviam outras pessoas além do círculo familiar, já que Euricléia cita um senhor chamado Ramiro,<sup>564</sup> que foi fundador de um centro espírita chamado Miguel Arcanjo,

<sup>562</sup> LOBO, EURICLÉIA PEREIRA. Entrevista em 10 de julho de 2014, Paranaguá. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

<sup>563</sup> Sem informações de data e autoria. Museu Nacional do Espiritismo (Munespi).

<sup>564</sup> Trata-se do senhor Ramiro de Jesus, fundador do Centro Espírita Miguel Arcanjo em 11 de setembro de 1900.

entre os frequentadores da casa. Foi certamente após ter iniciado suas atividades no espiritismo que Balduína teve os primeiros contatos com o espírito do médico que vivera na mesma cidade somente alguns anos antes, o Doutor Leocádio.

A médium viveu em um contexto no qual a doutrina de Kardec estava sendo inserida no Brasil, sobretudo a partir de grupos letrados, ainda sem a presença de um órgão regulador e normatizador, como se tornaria paulatinamente a FEB e suas afiliadas estaduais, como é o caso da FEP. Foi nesse contexto de transição entre reuniões ocorridas nas casas de espíritas e a fundação de centros e sociedades espíritas, com posterior filiação à FEP, que viveu Balduína. Ao longo de sua trajetória como espírita, Baduca frequentou o *Centro Espírita Paz e Luz*, localizado muito próximo de sua residência, no centro histórico da cidade. O centro foi fundado no dia 14 de fevereiro de 1909<sup>565</sup> e filiado à FEP alguns anos depois, em 12 de janeiro de 1913.<sup>566</sup> Mas, mesmo após frequentar o centro espírita, Baduca continuou a realizar atividades em sua própria residência, sobretudo as que envolviam manifestações espirituais do Doutor Leocádio.

Alguns anos após Balduína iniciar suas atividades espíritas e após a fundação do Centro Espírita Paz e Luz, o jornal *Diario do Commercio*, de Paranaguá, noticiou uma comunicação espiritual no referido centro espírita, dada pelo Doutor Leocádio através de um médium. Não foi especificado o nome do médium ou de que forma o espírito teria se manifestado, mas a nota publicada no periódico evidencia que as manifestações eram notícia na cidade naquele período. Na comunicação, Leocádio se manifestava como portador do saber médico e dava recomendações a respeito de uma moléstia de disenteria que preocupava a população e o poder público local, pois provocava óbitos na cidade:

A moléstia reinante não é mais que um calor excessivo nos intestinos, produzido pela inconstante temperatura, que faz despertar os microbios que se acham adormecidos em um somno tranquillo, e assim polularem no ar que se respira, introduzindo-se por esse meio nos organismos mais aptos para sua localização. É necessário, por isso, que as habitações sejam bastante arejadas e desinfectadas para que esses habitantes não deixem encontrar moradas nos organismos enfraquecidos e aptos para recebê-los. Devem também lembrar-se que a maior parte dos habitantes possuem fossas sem a menor norma de hygiene, fazendo com que ressurgem dessas mesmas fossas e pantanos, esses habitantes tão impertinentes no organismo humano. Trate-se da hygiene da cidade, que o mal desaparecerá. Leocádio<sup>567</sup>

Poucos anos depois, em 1917, um órgão católico com o título *O vigilante*, também da cidade de Paranaguá, propagava a doutrina católica e atacava a doutrina espírita em suas

<sup>565</sup> Este centro espírita foi fundado na residência do senhor Victor Lopes de Oliveira Baptista com a presença dele e de Carlos Eugenio de Souza, Manoel Antonio de Souza, Manoel Gonsalves Maia Jr., Hercílio Guimarães, Savas Joanidis, José Cechelero, João Azevedo da Silveira, Sallustio Lamenha Lins de Souza e Antonio Simplicio da Silva, este último foi também o fundador do Centro Espírita Caridade de Jesus, em São Francisco do Sul e do Centro Espírita Allan Kardec, em Paranaguá. O que demonstra que esses indivíduos circulavam no meio espírita e um de seus esforços era a fundação de centros espíritas neste período. Cf. CASA ESPÍRITA PAZ E LUZ. **História**. Disponível em: <[www.cepazeliz.blogspot.com.br/p/historia.html](http://www.cepazeliz.blogspot.com.br/p/historia.html)>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>566</sup> Cf. <[www.feparana.com.br/topico/?topico=2090](http://www.feparana.com.br/topico/?topico=2090)>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>567</sup> DIARIO DO COMMERCIO. Ano II, n. 566, 4 dez. 1913. p. 2.

páginas, demonstrando os conflitos presentes no campo religioso. Num de seus números, numa seção chamada de *Cartas, meu bom amigo*, a polêmica se deu em torno da figura de Leocádio José Correia, o jornal desqualificava as notícias de manifestação espírita do parnanguara, deslegitimando as práticas espíritas que provavelmente ocorriam naquele contexto:

Então crês piamente que o espirito do Dr. Leocadio, se possível fosse, andasse a attender a quanto centro mambembe, de gente boçal e ignorante que se dá a praticas espiriticas? Ora meu ingenuo, é tão impossivel o espirito de um morto vir a terra quanto infringir as leis determinadas pelo Creador.

Depois a mentira é tão bem engendrada que não vêem os proprios espiritas a contradicção flagrante em que se incorrem com a sua propria doutrina.

Segundo a seita os espiritos desencarnados mantem-se com sua feição espiritual, com as luzes e a sciencia terrena até outra encarnação. Ora, o dr. Leocadio era medico allopatha odiava a homeopathia como sciencia empirica; depois religiosamente professava o catholicismo que não renegou até o ultimo suspiro.

Como se explica vir agora o seu espirito receitar por uma sciencia que não era a sua e escrever artigos anti-clericaes em jornaes, desfazendo a religião que amou e professou com o caracter que lhe era typico? Só porque assigna nas confusas communicacões: ‘Dr. Leocadio’?<sup>568</sup>

Como se pode perceber, o jornal travava de uma importante disputa simbólica em torno do nome do personagem, reivindicando que durante sua vida professou a religião católica e foi médico alopata, justificavam ser impossível que ele se manifestasse receitando homeopatia e escrevendo artigos anticlericais. Embora a notícia não apresente os nomes dos espíritas ou mesmo do jornal que publicava artigos sob a assinatura de “Dr. Leocadio”, esses fatos estavam ocorrendo no mesmo período em que a médium Balduína receitava homeopantias sob a orientação do Doutor Leocádio.

No jornal *O Vigilante*, o espiritismo era classificado como seita associada ao satanismo ou mesmo como um conjunto de práticas charlatães, dessa forma, buscava-se deslegitimar sua posição no campo religioso. A presença do jornal de propaganda católica e de repetidas seções combatendo o espiritismo demonstram, a despeito disso, sua presença e difusão crescente, o que ameaçava o catolicismo de alguma forma:

Deduz se por ahi que campeis a exploração de um nome respeitavel e que por occultos mysterios da tenebrosa seita, vae servindo de bandeira de aliciamento aos papalvos.

Infelizmente não é só o nome do Dr. Leocadio que serve de escudo moral a certos antros de corrupção e perdição, vemos tambem: “Centro S. Antonio” Centro S. José” – “Centro Jesus de Nazareth”.

É a santidade jangida ao escarneio de praticas impias, supersticiosas, grottescas e que degeneram tantas vezes, na mais sordida libidinagem.<sup>569</sup>

<sup>568</sup> O VIGILANTE, orgam de propaganda catholica. Ano III, n. 33, fev. 1917. p. 2.

<sup>569</sup> Ibid., p. 2.

Mesmo pela vertente católica de ataque à ameaça que representava o espiritismo, podemos inferir que o nome de Leocádio José Correia era um bem simbólico apropriado pelo espiritismo, assim como outros nomes citados pela carta, de santos católicos e até de Jesus de Nazaré, que batizavam instituições espíritas.

No ano de 1916, o marido de Baduca faleceu. Viúva aos 32 anos de idade, era a única responsável pela educação e o sustento de seis filhos, passou, então, a costurar e fazer doces que eram vendidos para as famílias da cidade. Baduca não voltou a se casar após o falecimento do marido e nunca mais vestiu outras cores além do preto e do azul-marinho com estampas de bolinhas ou flores brancas. A neta relata o respeito que todos tinham na cidade pela *Dona Baduca*, seja por suas atividades como doceira, na qual atendia às principais famílias da cidade, seja pela sua atuação como médium, na qual atendia a todos os que a procurassem nos momentos de necessidade. Além dos atendimentos realizados no centro espírita e na própria casa, Euricléia lembra que a avó era chamada para realizar atendimentos aos presos na delegacia da cidade, ou na zona de prostituição, onde atualmente se localiza a rua Pêcego Junior, nunca se negando a ir a qualquer lugar onde fosse chamada para prestar auxílio.

Em sua residência, Balduína atendia as pessoas que a procuravam no caso de algum problema de saúde, todas às quintas-feiras no período da manhã, as pessoas se dirigiam ao local ou outras pessoas iam até lá e deixavam o nome e alguns dados da pessoa doente. Na sala da casa, Balduína colocava-se posicionada em uma mesa coberta com uma toalha branca, na qual ficava uma jarra com água, alguns copos, lápis e folhas de papel. Era médium receitista, ou seja, através dela o espírito do médico Leocádio José Correia dava as instruções necessárias às pessoas doentes que procuravam pelo atendimento, geralmente recomendava receitas de remédios homeopáticos, prática muito comum no meio espírita nesse período.<sup>570</sup>

Num momento de conflitos religiosos entre a Igreja Católica e os adeptos do espiritismo, ficou evidenciado no depoimento de sua neta o respeito que a médium tinha até mesmo de um

<sup>570</sup> As prescrições homeopáticas estiveram muito presentes na trajetória do espiritismo no Brasil desde o final do século XIX. A homeopatia é uma doutrina médica alternativa criada pelo médico alemão Cristiano Frederico Samuel Hahnemann, que viveu entre 1755 e 1843. O método baseia-se na suposição de Hahnemann de que o doente expressa seu estado pelos sintomas que apresenta, assim, o médico deveria prescrever um medicamento em doses infinitesimais que provocaria os mesmos sintomas em um homem são, provocando uma espécie de doença artificial no organismo, que já havia sido atacado por uma doença natural. O organismo se mobilizaria, assim, para atacar a doença provocada pelo próprio medicamento e acabaria por vencer também a doença natural. A ideia é, portanto, a da cura do semelhante pelos semelhantes expressa pelo aforismo *Similia similibus curantur*. Hahnemann defendia a existência de um princípio vital imaterial que animaria todo o organismo. A força vital era em sua concepção um princípio intermediário entre o corpo físico (princípio material) e o espírito (princípio imaterial). Assim, o estado de saúde seria aquele no qual se fizesse o funcionamento harmonioso entre corpo e espírito em equilíbrio com a força vital. Este princípio revela a aproximação entre a teoria de Hahnemann e a doutrina espírita, na qual também está presente a concepção de que o ser humano é formado por um princípio material, um princípio espiritual e um princípio intermediário entre corpo e espírito, chamado de perispírito. Para Hahnemann os remédios homeopáticos não se destinariam a agir diretamente no organismo, pois sofreriam um processo de desmaterialização devido a sucessivas diluições a partir de preparações iniciais que seriam progressivamente atenuadas. Por fim, essa substância fluídica resultante atuaria no campo energético vital do paciente, reequilibrando-o e restabelecendo a saúde do organismo doente. O princípio de equilíbrio de energias mais uma vez aproxima a homeopatia da doutrina espírita, o que explica a sua difusão entre os espíritas do Brasil como um dos métodos terapêuticos mais difundidos. Cf. DAMAZIO, 1994, p. 83-84. WEBER, Beatriz Teixeira. Espiritismo e saúde: concepções a partir das práticas numa sociedade kardecista. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. V, n. 15, p. 19-46, 2013. p. 29.



padre local. A residência onde vivia Baduca localizava-se ao lado da Igreja Matriz, nas quintas-feiras, dia em que a médium recebia as pessoas em sua casa para atendimento com o Doutor Leocádio, um padre chamado Guilherme,<sup>571</sup> que havia vindo dos Estados Unidos, a visitava para tomar café e conversar:

Ele vinha e ela atendia às quintas-feiras no sobrado; aí ele batia, ‘Dona Baduquinha’ [som de batidas]. Aí a gente atendia, corria, ‘Mãe, o padre Guilherme’, meus sobrinhos, tudo, que tem a minha idade. Aí a minha mãe atendia e ele dizia: ‘Eu sei, dona Baduquinha está fazendo as orações dela lá na sala da frente e eu vim pra tomar um cafezinho com ela’. Daí sentava numa cadeira de embalo que tinha, assim. ‘Enquanto ela faz as orações lá, eu faço a minha aqui’. Depois que terminava todo o trabalho daí os dois se reuniam, conversavam, isso são lembranças que eu tenho da minha avó.<sup>572</sup>

Enquanto Balduína ainda desenvolvia suas atividades receitistas em Paranaguá, outra médium, em Curitiba, descobria a sua mediunidade. Lídia Kuster Schützler iniciou no ano de 1936 atividades mediúnicas em sua residência, localizada na rua Bento Viana, no bairro Batel, orientada por Leocádio José Correia, seu mentor espiritual.

FIGURA 6 – RETRATO DE LÍDIA KUSTER SCHÜTZLER<sup>573</sup>



<sup>571</sup> Não foram encontradas maiores informações a respeito deste padre, a não ser uma foto exposta no sítio da diocese de Paranaguá na internet, datada de 1947, na qual Padre Guilherme posa para a fotografia no pátio da antiga escola paroquial, ao lado da Igreja Matriz de Paranaguá, acompanhado de uma turma de crianças que havia realizado a primeira comunhão.

<sup>572</sup> LOBO, EURICLÉIA PEREIRA. Entrevista em 10 de julho de 2014, Paranaguá. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

<sup>573</sup> Sem informações de data e autoria. Cópia cedida pela senhora Gliquéria Yaremtchuk, médium da Sociedade Espírita Leocádio José Correia.



Conforme o relato da senhora Isaura Sousa Lisboa, uma das médiuns que a conheceu no período em que vivia nessa residência, Lídia era comerciante, tinha uma mercearia e a situação familiar e financeira era boa, mas em determinado momento nada mais dava certo na mercearia, ocorrendo até mesmo ocasiões em que desaparecia dinheiro da gaveta e objetos de sua casa, o que afetou a vida familiar, gerando desentendimentos entre ela, o marido e as filhas. Um dos clientes que frequentavam a mercearia, presenciando a situação de sofrimento em que se encontrava, perguntou-lhe se ela já tinha ouvido falar em espiritismo. Ela respondeu-lhe que não, que era católica. Ele recomendou-lhe que procurasse um centro espírita, onde ela pela primeira vez teve contato com o Doutor Leocádio, na ocasião, recebeu sua missão de desenvolver seu trabalho mediúnico.<sup>574</sup> Maria da Paz Ribeiro, outra médium que também conheceu Lídia, relata que ela tinha uma mediunidade extraordinária de vidência que marcou o encaminhamento dos trabalhos mediúnicos até seu falecimento.<sup>575</sup>

Para dar início aos trabalhos mediúnicos, Lídia reservou três aposentos da parte dianteira de sua casa para facilitar o acesso daqueles que frequentavam as sessões. Conforme relatos, o número de pessoas que a procuravam buscando apoio a problemas de ordem física e espiritual era grande e ela os atendia prontamente a qualquer hora do dia, deixando muitas vezes seus afazeres em segundo plano. Com o passar do tempo e o aumento da procura das pessoas, foi estipulado um horário de atendimento e formou-se um grupo de médiuns colaboradores, conhecidos de Lídia por fazerem reuniões mediúnicas em suas residências ou em instituições espíritas já consolidadas da cidade de Curitiba. Esses médiuns passaram a auxiliá-la na transmissão de passes,<sup>576</sup> água fluidificada<sup>577</sup> e curas espirituais.

<sup>574</sup> LISBOA, Isaura Sousa. Entrevista em 24 de setembro de 2014, Curitiba. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

<sup>575</sup> RIBEIRO, Maria da Paz. Entrevista em 16 de junho de 2014, Curitiba. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

<sup>576</sup> O passe consiste numa atividade de transmissão de fluidos de perispírito para perispírito. Pode ser transmitidos pelos espíritos, que utilizando-se de seus próprios fluidos atuam sobre os espíritos encarnados, neste caso, chamado passe espiritual; podem ser transmitidos pelos próprios médiuns que doam seus fluidos a um ou mais indivíduos, que o recebem, chamado de passe magnético; os fluidos podem ainda ser doados pelos espíritos desencarnados, mas transmitidos pelos médiuns, que servem de veículo para os fluidos dos espíritos, mas ainda assim doando parte de seus fluidos, chamados de passes mediúnicos. A transferência de fluidos é realizada, geralmente, através da imposição de mãos dos médiuns para os pacientes, os fluidos curadores são absorvidos por centros vitais localizados no perispírito. Os passes espíritas têm muita similaridade com a teoria do magnetismo animal, ou mesmerismo, desenvolvida por Franz Anton Mesmer, doutor em medicina da Faculdade de Viena, que chegou a Paris em 1778 convicto na existência de um fluido invisível que envolvia todo o universo e penetrava em todos os corpos. Desenvolveu a partir dessas ideias concepções próprias de saúde, compreendida como o estado em que a substância magnética fluía normalmente pelo organismo e resultava em seu funcionamento harmonioso. Já a doença, era provocada por algum obstáculo que não permitia que a substância fluísse e comprometia o funcionamento normal do organismo. A partir dessas concepções criou-se um método de cura no qual Mesmer e seus seguidores utilizavam-se dos dedos ou varetas como condutores do fluido, apontando para o local prejudicado, projetavam assim uma carga adicional fluidica que provocava uma espécie de crise nos pacientes, poderiam ainda aplicar as mãos fazendo massagens nas partes comprometidas do corpo. Essas práticas são consideradas como precursoras dos passes aplicados pelos espíritas, o próprio Kardec antes de codificar a doutrina dos espíritos dedicou-se por muitos anos ao estudo do magnetismo. Cf. CAVALCANTI, 1983, p. 93. Cf. KARDEC, 2013, p. 182-184; DAMAZIO, 1994, p. 79.

<sup>577</sup> A água fluidificada é um recurso encontrado em todas as casas espíritas. Parte-se da mesma ideia de equilíbrio fluidico pensado como princípio para a aplicação de passes. Neste caso, a água é fluidificada ou magnetizada tanto por espíritos desencarnados como por médiuns e serve como reservatório desta energia que pode ser ingerida por pessoas que necessitam do equilíbrio energético para restabelecer sua saúde. Cf. SALES, Luiz Carlos. **Cura na visão**

Tal grupo recebeu o nome de Grupo Espírita Leocádio José Correia, do qual faziam parte inicialmente os médiuns Walter do Amaral, Honório Melo, Altivo Ferreira, Lauro Schleder, Gustavo Stolz, militar Flamarion, Plínio Schleder, Jurema Schützler e Nilda Schützler, as duas últimas, filhas de Lídia. O grupo realizou seus trabalhos na residência dos Schützler ao longo de dezoito anos.

Na década de 1950, a FEP incentivou-os a se instalarem em uma sede própria. Somou-se a isso o fato de que a residência de Lídia precisar ser desocupada até setembro de 1954, impossibilitando a continuidade dos trabalhos naquele local, assim, a FEP fez a doação de três terrenos no bairro Vila Inah, atual Santa Quitéria, na cidade de Curitiba. Na área de 1.650 m<sup>2</sup> foram construídas inicialmente a sede do centro espírita e a residência da família Schützler, sendo que esta era usufruto de Lídia e seu marido Alfredo Schützler. A construção foi resultado dos esforços dos participantes do grupo, que fizeram contribuições para as despesas iniciais, tem destaque a contribuição de Ildefonso Melo, um dos médiuns participantes do grupo, que era empresário do ramo de materiais de construção e doou toda a madeira necessária para as construções. Com o tempo, outras contribuições foram angariadas, entre as quais uma doação do Governo do Estado do Paraná.

Em 3 de maio de 1954, foi realizada uma reunião para tratar da transformação do Grupo Espírita Leocádio José Correia em Centro Espírita e foi eleita a sua primeira diretoria. Lídia tornou-se a primeira presidente do centro espírita e permaneceu no cargo até 31 de março de 1971, data de seu falecimento, portanto, permaneceu na direção por dezessete anos, além dos dezoito anos que esteve à frente dos trabalhos no grupo espírita, totalizando 35 anos.

A inauguração da nova sede foi realizada pouco mais de um ano depois, em 22 de maio de 1955, em uma reunião que contou com a presença do presidente da FEP, João Ghignone, que presidiu a solenidade, e de Léa Araújo, neta de Leocádio José Correia, patrono espiritual do centro, como convidada especial. Na sequência da inauguração da sede do centro espírita foi realizada a construção da nova residência de Lídia, onde ela viveria até a data de seu falecimento.

O trabalho de cura ou terapia espiritual realizado pela médium Lídia ocorria todas as quintas-feiras, inicialmente em sua residência, após a mudança para a sede da Sociedade Espírita Leocádio José Correia, continuou a acontecer lá. Fechava-se a porta pontualmente com a explicação da necessidade de se formar um campo vibratório favorável para aqueles trabalhos de cura e impedir que espíritos *encarnados* ou *desencarnados* prejudicassem a formação desse campo. No horário determinado, era feita uma prece inicial,<sup>578</sup> em seguida a leitura de uma

---

**da doutrina espírita.** Monografia. (Graduação em Teologia Espírita) – Faculdade Leocádio José Correia, Curitiba, 2012. p. 21.

<sup>578</sup> A prece está presente em todas as reuniões espíritas, na abertura e no fim de cada sessão e durante os procedimentos, quando as pessoas presentes são orientadas constantemente a elevarem seus pensamentos, pensar em coisas boas e agradecer mais do que pedir. É compreendida como uma irradiação de vibrações positivas e uma evocação para os bons espíritos, que coloca os homens em sintonia com eles e traz inspiração na resolução de problemas, colabora com a cura e afasta espíritos perturbadores, que se encontram num padrão vibratório de energia inferior. Cf. KARDEC, 2013, p. 183; KARDEC, 2012, p. 358; CAVALCANTI, 1983, p. 90.

página do *Evangelho Segundo o Espiritismo* e sua explicação por parte de algum dos médiuns da equipe, as pessoas aguardavam no salão principal do centro espírita, enquanto uma equipe de médiuns posicionados ao redor de uma mesa concentrava-se para as atividades que viriam a seguir, esse momento inicial servia para preparar o ambiente para o trabalho de terapia espiritual propriamente dito.

O trabalho de terapia espiritual consistia na ação de uma equipe de espíritos, coordenados por Leocádio José Correia. A médium que coordenava esse trabalho era Dona Lídia, com quem Leocádio se comunicava diretamente. Dona Lídia descrevia para os presentes toda a ação dos espíritos, já que através de sua mediunidade de vidência ela via tudo o que estava acontecendo. Os espíritos agiam emitindo fluidos sobre as pessoas que se encontravam posicionadas no salão principal.

Parte dessas pessoas se dirigia para uma sala lateral, onde uma equipe de médiuns lhes aplicava passes, que para os espíritos consiste na transmissão de fluidos do médium ou dos próprios espíritos desencarnados, através do médium ou diretamente, para a pessoa que recebe os fluidos. Esta é considerada uma das formas de terapia espiritual, pois a transmissão de fluidos benéficos auxiliaria os indivíduos que os recebem a equilibrar suas energias. O desequilíbrio energético é considerado uma das causas de doenças orgânicas no corpo físico, além de facilitar a aproximação de espíritos de grau inferior, os obsessores.

Algumas pessoas que Dona Lídia detectava serem mais necessitadas, geralmente as que apresentavam casos de doenças mais graves, eram levadas para uma outra sala onde havia um divã, essas pessoas deitavam-se e recebiam atendimento especializado da equipe espiritual e do Doutor Leocádio através de médiuns preparados para a prática de cura, a médium descrevia os procedimentos que eram realizados espiritualmente, como o uso de aparelhos do mundo espiritual e os tipos de fluido manipulados pelos espíritos. Eram realizadas três sessões específicas desse tratamento, quando havia necessidade poderia haver mais sessões, pois os espíritos faziam o tratamento e observavam o resultado, realizando uma espécie de diagnóstico para cada caso.

Havia ainda o tratamento com a água fluidificada. A água que era considerada remédio específico para a necessidade de cada pessoa. Segundo os relatos, havia uma equipe com muitos espíritos e entre esses espíritos Dona Lídia descrevia que tinha uma quantidade muito grande de jovens e de crianças que traziam diferentes tipos de remédio que a natureza podia oferecer. Através da ação desses espíritos, a água se modificava e era transformada em uma espécie de remédio, que era levada para casa e ingerida três vezes ao dia, por exemplo. A transformação se dava a partir do fluido vital doado pelos espíritos ou mesmo pelas pessoas presentes, que, mesmo sem saber, poderiam contribuir para a fluidificação da água e do ambiente. As recomendações dadas para as pessoas é que cada uma receberia o remédio necessário para a sua necessidade, por isso, deveriam levar as garrafas identificadas com seus nomes e estas não deveriam ser trocadas entre pessoas da mesma família.

O trabalho era encerrado sempre com o momento da irradiação para pessoas doentes cujos nomes eram colocados em uma caixa e para hospitais da cidade, nesse momento os presentes faziam uma prece e mentalizavam essas pessoas que necessitavam de auxílio, na intenção de serem enviadas boas energias ou mesmo equipes de espíritos para os ambientes onde elas se encontravam. Por fim, era realizada uma prece de encerramento.

Após o falecimento da médium, a terapia espiritual na Sociedade Espírita Leocádio José Correia sofreu mudanças a partir das orientações da FEP, mantendo-se atualmente os tratamentos com passe, água fluidificada e desobsessão,<sup>579</sup> além das sessões de estudo doutrinário.

Outro médium que também praticou atividades mediúnicas em Curitiba sob orientação de Leocádio José Correia foi Rubens Corrêa, que nasceu em Paranaguá, no dia 13 de janeiro de 1939. Era filho de um ferroviário de Guaraqueçaba chamado João Alves e de uma professora de origem polonesa chamada Irene Corrêa. A descoberta da mediunidade ocorreu durante a infância e esteve ligada a Leocádio José Correia. Certo dia acompanhou sua mãe à casa de uma comadre e lá, ao ver o retrato de um homem de bigode e cavanhaque em um quadro, perguntou quem ele era, sua mãe reconheceu que se tratava de Leocádio José Correia e perguntou ao filho o porquê da curiosidade. Rubens respondeu que aquele homem havia aparecido para ele algumas vezes na estação ferroviária, quando eles moravam lá, num período em que ele vendia pastéis. Seu pai, então, levou-o para conversar com um médium do *Centro Espírita Paz e Luz*, de Paranaguá, chamado Ernesto. A partir de então, passou a frequentar o centro espírita iniciando seus estudos doutrinários no espiritismo.

FIGURA 7 – FOTOGRAFIA DE RUBENS CORRÊA.<sup>580</sup>



<sup>579</sup> A prática da desobsessão é um dos pontos altos dos grupos espíritas. Geralmente ocorrem em reuniões privadas somente com a presença de médiuns já desenvolvidos. Nessas sessões os médiuns entram em contato com vários espíritos sofredores, tais como os de suicidas, homicidas, malfeitores, vampirizadores etc. O objetivo do contato é doutrinar os espíritos e ensinar-lhes alguns princípios da doutrina até conduzi-los ao arrependimento por seus atos durante a vida ou até levá-los à compreensão de que não pertencem mais ao plano terreno. É um trabalho feito em socorro aos *obsidiados* que procuram os centros espíritas, ou seja, pessoas que estão com algum tipo de incômodo provocado pela presença de algum daqueles espíritos, chamados então de *obsessores*. Cf. CAVALCANTI, 1983, p. 113-114.

<sup>580</sup> Sem informações de data e autoria. A PAZ: Boletim Informativo Bimestral da Sociedade Espírita “Os Mensageiros da Paz”. Ano 5, n. 25, set./out. 2013. p. 4.

Aos dezenove anos Rubens mudou-se para Curitiba, onde algum tempo depois ingressou na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Paraná. Graduou-se no final dos anos 1960 e foi advogado. Casou-se duas vezes e teve três filhos. Através de outro advogado e espírita atuante, Walter do Amaral, passou a frequentar a *Sociedade Espírita Leocádio José Correia*,<sup>581</sup> no bairro Santa Quitéria e o centro de estudos espíritas da FEP. Por volta de 1987 foi convidado a proferir uma palestra na *Sociedade Espírita Os Mensageiros da Paz*,<sup>582</sup> a partir de então foi se desligando aos poucos da *Sociedade Espírita Leocádio José Correia* e passou a integrar a equipe da *Sociedade Espírita Os Mensageiros da Paz*.

Pode-se observar, conforme tais relatos, que Leocádio José Correia teria se aproximado do médium durante a sua infância, provavelmente já o orientando e preparando para o desenvolvimento de sua missão futura. Observa-se ainda que Rubens Corrêa viveu num momento em que os centros espíritas já estavam melhor consolidados e estruturados a partir da FEP, sendo que aparentemente toda a trajetória do médium ocorreu no contato com centros espíritas e grupos federados.

Certa vez, Rubens Corrêa relatou que o Doutor Leocádio havia cobrado dele uma atuação mais intensa na área do atendimento espiritual e que ele deveria iniciar a formação de uma equipe para essa finalidade, a tarefa não poderia mais ser adiada e era responsabilidade de Rubens, como médium, intermediar Leocádio José Correia. Assim, Rubens propôs ao presidente da *Sociedade Espírita Os Mensageiros da Paz* a criação de um grupo, que foi formado em março de 1991: o grupo de atendimento espiritual irmão Leocádio. O grupo se reuniu por aproximadamente seis meses, orientado pelo Doutor Leocádio, para estudo doutrinário, integração e afinização com a equipe espiritual que atuaria em atendimentos públicos. Estes iniciaram no dia 13 de agosto de 1991 e prosseguiram todas as terças-feiras, às 20 horas, com intervalos em períodos de férias. O grupo deixou de realizar os atendimentos somente após o afastamento de Rubens Corrêa, pouco antes de seu falecimento, ocorrido em 16 de julho de 2013.<sup>583</sup>

Um dos médiuns atuantes nesse grupo, Ranka Diríagem Sandino da Gama, relata através de depoimento<sup>584</sup> alguns eixos principais do atendimento semanal realizado pelo Doutor Leocádio intermediado pelo médium Rubens Corrêa: o aconselhamento dado pelo Doutor Leocádio, que na visão do médium assemelhava-se a uma sessão de psicoterapia, na medida em que buscava levar o indivíduo à melhor tomada de decisão; o equilíbrio energético promovido pelo passe, pela água fluidificada e pela harmonização do próprio pensamento e, por fim, a indicação eventual de chás e outros remédios naturais, como pomadas ou as próprias plantas.

<sup>581</sup> A Sociedade Espírita Leocádio José Correia foi fundada em 3 de maio de 1954 e, a partir desta data, filiada a Federação Espírita do Paraná, foi fundada por um pequeno grupo de espíritas que se reuniam na residência da Sra. Lídia Kuster Schützler desde o ano de 1936, localiza-se no bairro Santa Quitéria, em Curitiba.

<sup>582</sup> A Sociedade Espírita Os Mensageiros da Paz foi fundada em Curitiba em 11 de abril de 1913 e filiada à Federação Espírita do Paraná em 11 de julho de 1915.

<sup>583</sup> A PAZ, 2013, p. 3-5.

<sup>584</sup> GAMA, Ranka Diríagem Sandino da. Entrevista em 4 de dezembro de 2015, Curitiba. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.



Para os atendimentos, que ocorriam semanalmente, entregavam-se fichas numéricas aos que procuravam o centro espírita, um médium ficava fora da sala de atendimentos e era responsável por chamar e conduzir as pessoas à sala. Cinco pessoas por vez eram conduzidas e acomodadas em cadeiras para receber um passe, nesse procedimento eram atendidos por médiuns passistas componentes da equipe, posicionavam-se dois desses médiuns atrás e dois na frente de cada pessoa atendida. Após esse passe, que visava o equilíbrio energético de cada indivíduo, o Doutor Leocádio, intermediado pelo médium Rubens, adentrava a sala e conversava individualmente com cada um deles.

Nesse momento, a pessoa contava seus problemas e recebia os aconselhamentos do Doutor Leocádio, que indicava os procedimentos que visavam equilíbrio do campo magnético, como as palestras semanais ocorridas no centro espírita, os passes, a água fluidificada e o equilíbrio do próprio pensamento. O Doutor Leocádio é descrito como um espírito muito sábio ao aconselhar aqueles que procuravam o atendimento, pois muitos dos problemas de saúde ou psicossociais que as pessoas apresentavam poderiam ser resolvidos através do entendimento com os familiares e com outras pessoas com quem conviviam e do equilíbrio energético individual. Visava, assim, a harmonização do lar, o desenvolvimento da serenidade, do equilíbrio da mente e da meditação, sendo uma das características que mais marcavam em sua postura a forma carinhosa de falar com as pessoas.

No atendimento daqueles que apresentavam problemas de saúde, a recomendação recorrente era de que a pessoa continuasse os atendimentos médicos que estavam sendo realizados, tomando os medicamentos necessários e seguindo as instruções médicas, mas indicava, em alguns casos, chás e remédios naturais, como pomadas, para complementar os tratamentos. Nessas recomendações acredita-se que o espírito se utilizava dos conhecimentos médicos adquiridos ao longo de sua última *encarnação*, aliado aos conhecimentos espirituais acumulados ao longo de várias *encarnações*.<sup>585</sup>

Entre os três médiuns citados anteriormente, Dona Baduca tinha como característica principal de seus atendimentos a prescrição de receitas homeopáticas, Dona Lídia, por sua vez, não prescrevia receitas, com exceção de algumas vezes em que ela indicava algum chá, da mesma forma que o médium Rubens Corrêa. É a partir das diferentes habilidades mediúnicas que se explica a diferença nos trabalhos desenvolvidos pelos médiuns. Nessas trajetórias, pudemos observar em comum práticas terapêuticas espíritas orientadas por Leocádio José Correia, assim como acompanhar um movimento de institucionalização do espiritismo que passou ao longo do tempo, cada vez mais, a incentivar as atividades mediúnicas nos espaços dos centros espíritas, considerados mais apropriados que a casa de médiuns.

---

<sup>585</sup> GAMA, Ranka Diríagem Sandino da. Entrevista em 4 de dezembro de 2015, Curitiba. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.



## 5.2 LEOCÁDIO NA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ESPÍRITAS: O MÉDIUM MAURY RODRIGUES DA CRUZ

FIGURA 8 – FOTOGRAFIA DE MAURY RODRIGUES DA CRUZ<sup>586</sup>



Maury Rodrigues da Cruz nasceu em Castro, Paraná, em 1 de maio de 1940. É licenciado em Ciências Sociais e Direito pela Universidade Federal do Paraná, realizou curso de Pós-Graduação em orientação educacional e Mestrado em Educação. Foi professor primário, professor secundário e professor do nível superior no curso de Direito na Universidade Federal do Paraná e na Faculdade de Direito de Curitiba. Foi também diretor do Museu Paranaense entre 1987 e 1994. Atualmente é presidente da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE), do Museu Nacional do Espiritismo (Munespi) e da Faculdade Doutor Leocádio José Correia (Falec), instituições das quais foi também fundador.<sup>587</sup> A história de Maury Rodrigues da Cruz e sua mediunidade está intrinsecamente relacionada com a figura de Leocádio José Correia, um de seus mentores espirituais e também das instituições espíritas que fundou.

Maury relata ter vivenciado as primeiras manifestações espirituais no segundo ano de vida, na sua cidade natal. De família católica, foi levado pelo avô paterno e um tio a São Paulo para uma consulta psiquiátrica. Segundo os relatos que ouviu desde a infância, o psiquiatra procurado pela família era espírita e ao conversar com a criança, disse aos familiares que o que ele tinha não era um problema psiquiátrico, mas mediúnico. Nesse mesmo dia teve uma

<sup>586</sup> Sem informações de data e autoria. Cf. CURITIBACULT. **O espiritismo é tema de debate na nova loja da Livrarias Curitiba**. 24 nov. 2014. Disponível em: <<http://curitibacult.com.br/o-espiritismo-e-tema-de-debate-na-nova-loja-da-livrarias-curitiba/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

<sup>587</sup> Cf. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ESPÍRITAS (SBEE). **Maury Rodrigues da Cruz**. Disponível em: <<http://www.sbee.org.br/portal/maury-rodrigues-da-cruz/sbee/orientadores/maury-rodrigues-da-cruz>>. Acesso em: 20 out. 2015.

manifestação durante a consulta e o espírito que se manifestou conversou com o médico e os familiares que o acompanhavam, o que os teria feito mudar suas atitudes em relação às situações que vivenciavam.

No ano de 1945 a família de Maury mudou-se para Curitiba. As manifestações não cessaram, pelo contrário, aumentaram com o passar do tempo. O médium relata que aos cinco anos de idade tinha a presença diária de espíritos junto a ele, o que começou a complicar as relações familiares e a vida de seus pais, que não eram favoráveis ao espiritismo. Maury acredita que, já nesta época, um dos espíritos que se manifestava era Leocádio José Correia, pela coerência nas orientações que passou a dar à família. Em uma dessas manifestações ele disse à sua mãe que marcaria horários para se fazer presente, às segundas-feiras e sextas-feiras pela tarde, momentos em que passaram a ocorrer as manifestações e o espírito conversava com a mãe do médium. A rotina estabelecida pelos horários fez bem à criança.

Aos oito anos de idade começou a ter novamente algumas crises. Nesta época seu pai o levou para conhecer uma médium chamada Eulália Pires, em um centro espírita localizado na Vila Tinguí, onde começou a frequentar grupos de estudo e desenvolvimento da mediunidade junto dos adultos, permaneceu com essas atividades ao longo de três ou quatro anos, aproximadamente, quando a médium se mudou. No mesmo período começou a fazer atendimento aplicando passes mediúnicos e atendendo a pessoas que o procuravam em uma sala que montou em uma propriedade da família.

Por volta dos nove anos de idade passou a ver pessoas falecidas. Relata ter visto num mesmo dia um vizinho, de quem havia participado do enterro, e sua avó, que havia falecido em Castro. Isso provocou-lhe muito medo. Neste mesmo dia, em seu quarto, o médium relata que viu Leocádio José Correia, de quem não tinha medo, pois já o tinha visto anteriormente. Diz que o espírito se apresentou para ele e o acalmou:

Aí ele veio pra dizer:

- Você não pode fazer isso meu filho, você tem medo da vó?

- Não.

- Pois é, por que você fez isso? Você não pode! Você não diga pros outros que você está vendo, eles não vão entender, você é um menino que gosta de ler, você é um menino inteligente, não diga isso!

- Mas quem é o senhor?

- Eu sou o Leocádio Correia, eu também sou morto.

Aí ele disse:

- Você tem medo de mim?

Eu disse:

- Não.

- Se não, vai passar esse medo, você não pode mais ter medo, você não pode mais fazer isso. Eu vou ficar perto de você, você vai ficar forte. Levante um pouco.

Aí eu levantei, caminhei um pouco e fiquei bom. Aí eu contei pra minha mãe, ela ficou feliz, eu acho que isso era uma sexta-feira, depois daquilo ali nunca mais eu perdi a vidência, até se aperfeiçoou ao longo desses anos todos.<sup>588</sup>

Aos doze anos de idade Maury já era procurado em sua casa por várias pessoas que lhe pediam ajuda. Seu pai então pediu-lhe que parasse com os atendimentos realizados, por prejudicarem a dinâmica da família. Maury optou por continuar suas atividades mediúnicas e saiu da casa de sua família. Alugou uma casa e junto de alguns médiuns que já o acompanhavam fundou o *Agrupamento Espírita Afonso Pena*, no ano de 1952. Neste período recebeu ajuda da senhora Hermínia Rolim Lupion, ex-primeira-dama do estado, que fazia parte de sua família. Maury se mantinha financeiramente com aulas particulares que ministrava a alunos que faziam exames de progressão, posteriormente começou suas atividades como professor inabilitado em uma escola isolada e passou a dar aulas de datilografia.

Em 1958 o Agrupamento Espírita sofreu algumas mudanças e passou a denominar-se Centro Experimental de Estudos Espíritas Afonso Pena (CEEEAP), que passou a realizar trabalhos assistenciais aos moradores da Vila Tinguí. Haveria uma nova mudança e reorientação deste centro no ano de 1965, quando, durante uma reunião com os membros do CEEEAP, “houve a manifestação do Irmão Leocádio José Correia, que anuncia uma nova organização para a CEEEAP, que deveria inclusive se estender a nível nacional, com a criação de núcleos de estudos espíritas em outras cidades.<sup>589</sup>

Assim, o nome da instituição passou a ser *Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas*, o novo nome fazia referência à instituição fundada na França, no século XIX, por Allan Kardec, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Embora não fosse uma dissidência, esta sociedade constituiu-se dentro do movimento espírita num caminho paralelo à FEP. Através do sítio da instituição, é divulgado que “O planejamento espiritual para a organização da instituição é missão do espírito Leocádio José Correia, visando *atualizar* a interpretação do Espiritismo”.<sup>590</sup> A mudança de nome é justificada no mesmo sítio como sendo parte da proposta de “criar uma massa crítica na interpretação e divulgação do Espiritismo, sob uma nova visão à luz da Ciência, Filosofia e Religião”.<sup>591</sup>

Dessa forma, observa-se que a SBEE posiciona-se no campo espírita paranaense como uma instituição que propõe revisão e reinterpretação constante da doutrina espírita a partir da orientação de Leocádio José Correia e de outros espíritos superiores que são os orientadores da

<sup>588</sup> CRUZ, Maury Rodrigues da. Entrevista em 23 de novembro de 2012, Curitiba. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

<sup>589</sup> ATA da V Semana de Estudos Espíritas, 1981, p. 34. In: FUCKNER, Cleusa Maria. **Lar Escola Dr. Leocádio José Correia: história de uma proposta de formação na perspectiva educacional espírita (1963-2003)**. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. p. 156-157.

<sup>590</sup> Cf. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ESPÍRITAS (SBEE). **SBEE histórias**. Disponível em: <www.sbee.com.br/portal/sbee-historia/sbee/sbee-historia>. Acesso em: 11 nov. 2015.

<sup>591</sup> Ibid.

instituição, entre eles os principais são Antonio Grimm, que em sua última encarnação teria sido Jacob Grimm, um dos conhecidos Irmãos Grimm, foi filósofo, jurista e folclorista; e Marina Fidélis, que em sua última encarnação teria sido engenheira na França, no período da ocupação nazista.

Assim, a SBEE tem uma compreensão própria do espiritismo constituída a partir de pesquisas desenvolvidas na própria instituição pelo seu Núcleo de Estudos e Pesquisas (NEP), no qual os participantes fazem aulas orientadas pelo espírito de Antônio Grimm, que se manifesta através do médium Maury Rodrigues da Cruz na forma de psicofonia.<sup>592</sup> Há a compreensão de que cada centro espírita deve ser um local de estudos e pesquisas, que Maury denomina *universidade do povo*, pautados em noções científicas que facilitem a apreensão da doutrina espírita em seu tríplice aspecto de ciência-filosofia-religião, sem nunca deixar o aspecto religioso sobrepor-se ao filosófico e científico:

O centro espírita, sendo província de significação, venerada casa de cultura, atinge o conceito funcional-crítico de universidade do povo, província de qualificação da vida, metrópole da inteligência, cidade da luz, casa da esperança. Entendida como instituição científica, vive permanente fluxo de construir instrumentos e instruções que facilitem o estudo doutrinário no seu tríplice aspecto de Ciência, Filosofia e Religião.<sup>593</sup>

O ponto de maior divergência entre o pensamento da Federação Espírita, ou mesmo de muitos outros centros espíritas não federados, e o pensamento da SBEE é a noção de obsessão, ou seja, de que um espírito menos evoluído pode interferir na vida dos encarnados e provocar-lhes perturbações ou doenças. Embora esta noção esteja descrita nas obras de Kardec, Maury a atribui a um pensamento da época, que é inaceitável na atualidade e deve ser revista, pois em sua concepção, é impossível que um espírito em escala inferior de evolução permaneça no planeta terra após o desencarne. Neste momento o espírito, que é constituído por uma densidade material muito menor que a do corpo físico, imediatamente é encaminhado a outro plano. A explicação é que para vir à terra, onde é necessária uma densidade física muito maior, os espíritos despendem muita energia, por isso, somente os espíritos superiores teriam essa capacidade de transitar entre os diferentes planos.

Nós dois somos kardecistas, defendemos toda a obra de Kardec. A nossa grande diferença é exatamente não trabalharmos obsessão. Nós não temos isso. Nenhum núcleo da SBEE em todo o território nacional, nenhuma proposta de chamar o obsessor, de dizer que o obsessor está perturbando alguém, não. Nós não trabalhamos isso aqui. Nós temos uma outra... nós trabalhamos que nós ficamos evidentemente conturbados pelo nosso sentimento, nosso mesmo. A gente... este século é o século da depressão. Todo

<sup>592</sup> FUCKNER, Cleusa Maria. **Lar Escola Dr. Leocádio José Correia**: história de uma proposta de formação na perspectiva educacional espírita (1963-2003). Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. p. 102.

<sup>593</sup> CRUZ, Maury Rodrigues da. **Antropologia espírita**: campo de estudo, fatologia espírita, mediunidade, produto mediúnico, cultura espírita. Curitiba: SBEE, 2013. p. 199.

mundo em depressão. Isso a gente não pode ficar atribuindo, por exemplo, epilepsia, à manifestação de um espírito, chamar espírito de espírito ruim.<sup>594</sup>

Atualmente a sede da SBEE localiza-se na Vila Tinguí, em Curitiba e tem núcleos filiados localizados em vinte e quatro cidades,<sup>595</sup> caracterizando um movimento nacional. Como entidades coligadas à SBEE foram fundados o Lar Escola Leocádio José Correia, em 5 de janeiro de 1963, em Curitiba; a Faculdade Leocádio José Correia, em 2000, em Curitiba; o Espaço Cultural da Faculdade Leocádio José Correia, em 27 de março de 1990, em Curitiba; o Lar Odila Portugal Castangnoli, em campo Largo e o Lar Infantil Dr. Leocádio José Correia, em Paranaguá.<sup>596</sup>

Manifestações mediúnicas de Leocádio José Correia acontecem através do médium Maury semanalmente na sede principal, todas as segundas-feiras e quartas-feiras. Nesses dias ocorrem os atendimentos ao público relacionados à saúde, as pessoas interessadas se dirigem pela manhã à sede da SBEE, onde alguns médiuns as recebem, registram seus nomes e algumas informações pessoais e entregam-lhes uma ficha de atendimento contendo uma senha. As pessoas retornam à noite para o atendimento, antes das 20 horas e são recebidas no salão principal da SBEE, que tem capacidade para aproximadamente trezentas pessoas sentadas. Um espaço sóbrio, onde há uma mesa sobre um patamar mais elevado à frente do salão, uma espécie de palco, para o qual estão voltadas as cadeiras do público presente em cada noite.

A porta é fechada pontualmente às 20 horas, quando se inicia o momento de preparação para os trabalhos mediúnicos da noite. Solicita-se que as pessoas permaneçam em silêncio e concentradas, são veiculadas músicas suaves e gravações de mensagens espíritas. Em determinado momento uma médium adentra o salão e toca algumas composições em um piano posicionado ao lado direito da mesa central do palco. Na sequência é colocada a gravação da prece *Pai Nosso*, mensagem de Leocádio José Correia e psicografada por Maury Rodrigues da Cruz, gravada pela atriz Nicette Bruno. Após a prece o piano volta a ser tocado, muitos dos médiuns presentes na sede, reconhecidos pelos jalecos brancos que vestem, adentram o salão e se posicionam de pé, enfileirados, nos corredores do salão, sendo um corredor central e dois corredores laterais, voltados para a mesa. Dois ou três médiuns se posicionam em cadeiras desta mesa, um lustre sobre ela é aceso. Neste momento o médium Maury Rodrigues da Cruz adentra o salão e se posiciona no centro da mesa, de pé, as luzes são apagadas, permanece acesa somente uma luz verde no centro do salão, dando um ar de penumbra. O médium Maury faz uma prece inicial e

<sup>594</sup> CRUZ, Maury Rodrigues da. Entrevista em 23 de novembro de 2012, Curitiba. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

<sup>595</sup> Ibicoara, na Bahia; Brasília, no Distrito Federal; Campo Grande, no Mato Grosso do Sul; Belo Horizonte e Novo Cruzeiro, em Minas Gerais; Campina Grande do Sul, Campo Largo, Cascavel, Castro, Curitiba, Foz do Iguaçu, Lapa, Palmeira, Pontal do Paraná, Paranaguá, Pinhais, Piraquara, Ponta Grossa e São José dos Pinhais, no Paraná; Rio de Janeiro; Porto Alegre, no Rio Grande do Sul; Balneário Camboriú e Campos Novos, em Santa Catarina; São Paulo.

<sup>596</sup> Cf. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ESPÍRITAS (SBEE). **Obras sociais/entidades coligadas**. Disponível em: <<http://www.sbee.com.br/portal/entidades-coligadas/sbee/unidades-coligadas/obras-sociais-entidades-coligadas>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

poucos segundos depois o *Irmão Leocádio José Correia* se apresenta e deixa uma mensagem ao público presente. Nesta manifestação, chamada de psicofonia, o médium fala a mensagem transmitida pelo espírito. Não há mudança de comportamento por parte do médium, trejeitos, ou alterações na voz, segue-se o padrão de manifestação apontado pelo espiritismo kardecista, na qual o médium deve manter o controle sobre seu corpo no momento das manifestações.

Este momento inicial da noite, que dura cerca de uma hora, é considerado um momento de preparação e harmonização das energias. Acredita-se que neste período o doutor Leocádio e demais espíritos de sua equipe já estão atuando junto aos presentes no sentido de equilíbrio energético e diagnóstico das necessidades que cada um apresenta. Por esse motivo, frequentemente é solicitado pelos médiuns que as pessoas permaneçam em silêncio e concentradas, já que o tratamento que foram buscar já teve início neste momento.

Na sequência, o médium deixa o salão e se dirige para um gabinete lateral. A sessão segue com uma palestra dada por algum dos médiuns da casa sobre um tema doutrinário. Mais gravações de mensagens são transmitidas após esta palestra, momento em que as pessoas presentes começam a ser chamadas para o atendimento individual. As pessoas que retiraram suas senhas pela manhã são chamadas na sequência numérica e se dirigem para a consulta individual com Leocádio José Correia, as que não tem senha são encaminhadas para uma sala de passes.

A consulta individual com o Doutor Leocádio, através do médium Maury, pode ser considerada um ato simbólico na qual Leocádio José Correia, como médico, decide o tratamento mais adequado ao indivíduo. Acredita-se que exista a presença de uma equipe médica espiritual junto ao médico, assim como há uma equipe de médiuns de diferentes especialidades, educadores físicos, fisioterapeutas e psicólogos, além de outros médiuns que não tem formação acadêmica específica na área da saúde, mas atuam em outras atividades.

Os médiuns trabalham diversas formas terapêuticas com o objetivo de levar as pessoas a refletir sobre seu estado e conscientizá-las de mudanças que sejam necessárias, a partir de um conceito chamado de *mosaico terapêutico*, que parte de uma visão transdisciplinar do ser humano e dos modos terapêuticos de restabelecimento do equilíbrio e da saúde. Assim, entre as várias possibilidades presentes neste *mosaico*, Leocádio José Correia, que é figura central de todo o processo terapêutico ocorrido nessas noites, lança mão de várias das possibilidades de tratamento disponíveis na SBEE para compor o tratamento desses indivíduos que o procuram.

Na SBEE não se acredita e não se expõe a ideia de que a doença é proveniente exclusivamente de causas externas. A saúde é considerada um estado de equilíbrio entre três eixos que se unem no espírito encarnado: o espírito, a sua estrutura biológica e o seu meio cultural. O indivíduo é sempre considerado responsável pela sua doença, já que se acredita que quase todas as doenças têm causas no espírito e no perispírito, seu desequilíbrio é que prejudica o corpo físico. Assim, as propostas terapêuticas da instituição baseiam-se no conceito de auto cura, a concepção é de que as mudanças necessárias no modo de vida de cada indivíduo é que levarão



ao equilíbrio dos fatores que provocam o desequilíbrio físico, químico, biológico, cultural ou moral e que conseqüentemente estão provocando doença e mal-estar.

Entre as práticas voltadas à saúde encontradas na SBEE estão aquelas já utilizadas comumente no meio espírita como o aconselhamento em gabinetes de orientação, que se assemelha ao que os grupos ligados à Federação Espírita chamam de atendimento fraterno, nos quais as pessoas são atendidas por médiuns que as acolhem, ouvem seus problemas e dúvidas e as orientam com base no conhecimento doutrinário; passes; água fluidificada e algodão energizado, que parte do mesmo princípio da água fluidificada, mas utiliza-se um algodão para armazenar os fluidos doados por médiuns e espíritos mais elevados, o algodão é levado para casa e colocado sobre determinadas áreas do corpo para a energização, acredita-se que esta energização se estenda ao perispírito promovendo o equilíbrio em toda a totalidade do ser humano, segundo a concepção espírita.

É importante observar que nesta instituição encontra-se também um conjunto de práticas do rol das medicinas alternativas, que partem de um conceito diferenciado de saúde em relação à biomedicina ou medicina oficial. A ideia de saúde e ser humano integral presentes nas práticas alternativas vão ao encontro do ideal de saúde defendido na instituição. Das práticas relacionadas às terapias alternativas encontram-se a acupuntura e a cromoterapia. A primeira é considerada um conjunto de conhecimentos da medicina tradicional chinesa que visa a cura das doenças através da aplicação de agulhas ou de mochas, além de outras técnicas, que visam estimular determinados pontos do corpo humano com o objetivo de equilibrar as energias chamadas pelos chineses de Yin (energias negativas) e Yang (energias positivas), o desequilíbrio dessas energias, conforme os adeptos da acupuntura, é que geram as doenças.<sup>597</sup> Já os adeptos da cromoterapia, acreditam que cada cor possui uma vibração específica e uma capacidade terapêutica, desta forma, cada cor pode alterar problemas de saúde ao ser absorvida pelo corpo. As cores podem ser aplicadas por um terapeuta individualmente ou combinadas para aumentar seu potencial curativo. As formas de transmissão das cores aos pacientes podem variar, incluindo a iluminação direta da luz natural do sol, ou a forma artificial, que tenha passado por diversos tipos de telas e filtros, a hidroterapia, que utiliza água colorida pelo sol, ou ainda a respiração com ar colorido, na qual o ar é energizado com as energias de determinada cor e inspirado pelo paciente.<sup>598</sup>

Entre as várias possibilidades de tratamento para cada caso, na SBEE Leocádio pode ainda realizar a prescrição de medicamentos homeopáticos, fitoterápicos ou mesmo alopáticos, neste último caso as receitas passam pela avaliação de um dos médicos da equipe que legitima a prescrição e assina a receita para que tenha validade médica.

<sup>597</sup> SALES, 2012, p. 26-27.

<sup>598</sup> Ibid., p. 37-40.

### 5.3 LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA NA UMBANDA, OUTRAS APROPRIAÇÕES

Neste subcapítulo, apresentaremos dois casos da presença de manifestações de Leocádio José Correia como guia espiritual em instituições espíritas que passaram a desenvolver rituais próprios da umbanda. Neste sentido, há um certo afastamento das concepções apresentadas quando tratamos dos médiuns anteriores, mas também algumas aproximações.

A umbanda é comumente apresentada na literatura acadêmica como uma religião sincrética, pois sua cosmologia e doutrina combinam símbolos, práticas e elementos das matrizes espírita kardecista, católica, do candomblé e ainda de concepções ameríndias. O pesquisador Renato Ortiz, em estudo clássico dos anos 1970, defende a ideia de que a umbanda é uma religião nacional, que difere em vários pontos dos cultos afro-brasileiros por se pretender brasileira ao mesmo tempo em que se opõe às religiões de importação, tais como o protestantismo, o catolicismo e o kardecismo. Assim, argumenta que a umbanda não se trata de um sincretismo, mas de uma síntese brasileira.<sup>599</sup> Candido Procópio Ferreira de Camargo, por sua vez, compreende o kardecismo e a umbanda como pontos extremos de um gradiente religioso no qual encontram-se diferentes concepções e práticas religiosas, formando um *continuum*. Nossa intenção ao abordar a trajetória de duas médiuns a seguir e as práticas desenvolvidas nas instituições que fundaram, é perceber as aproximações e distanciamentos entre as concepções kardecistas e umbandistas encontradas em suas experiências.

O fundamento central da religião umbandista é o culto da possessão e a crença na manifestação dos espíritos, havendo como no kardecismo a possibilidade de comunicação entre os vivos e os mortos. Uma aproximação com os cultos afro-brasileiros se faz na ideia de que os médiuns são os *cavalos* dos deuses, mas enquanto no candomblé são os próprios orixás africanos que se utilizam do corpo do médium para vir à terra, na umbanda, as entidades são espíritos *desencarnados*, que em algum momento habitaram a terra. Diferente do kardecismo, onde os médiuns são treinados e orientados a manterem o domínio sobre seus corpos durante as manifestações de espíritos, na umbanda, aproximando-se dos cultos afro-brasileiros, os médiuns perdem total domínio de suas ações, seu corpo se torna instrumento inconsciente dos espíritos, que os utilizam como *cavalos*.

Além do contato entre espíritos e humanos através dos médiuns, outro aspecto comum entre a umbanda e o kardecismo, que representa uma continuidade dos dois sistemas, é a noção de *falanges espirituais*. Na concepção kardecista, os espíritos formam no espaço, ou no *Mundo Invisível*, grupos ou falanges, constituídos por espíritos situados no mesmo nível moral ou intelectual, reunidos a partir de afinidades. A umbanda apropriou-se desta noção para pensar falanges de caboclos, que seriam os espíritos de indígenas americanos, e pretos-velhos, espíritos de negros africanos escravizados no Brasil e seus descendentes.

---

<sup>599</sup> ORTIZ, 1991, p. 16-17.

As entidades, ou seja, esses espíritos que compõem o panteão umbandista são agrupados em sete linhas, ordenadas hierarquicamente conforme seu grau evolutivo, tais grupos obedecem a chefes das falanges, que seriam os orixás do candomblé, estes, por sua vez, são associados aos santos católicos (por exemplo: Oxóssi a São Sebastião; Ogum a São Jorge; Iemanjá a Nossa Senhora dos Navegantes etc.), são também relacionados aos elementos da natureza (Oxóssi às matas; Ogum aos metais; Iemanjá às águas do mar etc.).<sup>600</sup>

A ideia de evolução kardecista faz-se presente nessa hierarquização dos espíritos que são distribuídos nas *linhas*, no topo da hierarquia encontra-se a linha de Oxalá, associado a Jesus Cristo, seguida por linhas nas quais agrupam-se os *pretos-velhos*, *caboclos* e *crianças*. Esse grupo constitui as denominadas *linhas de direita*, enquanto os *exus* e *pombagiras*, espíritos menos evoluídos compõem a *linha de esquerda*, ou de *quimbanda*.<sup>601</sup> Embora o número de sete linhas seja constante na umbanda, não há uniformidade quanto a essas linhas, sendo encontradas diferenças tanto nas obras da literatura que tratam da umbanda quanto nos diferentes centros umbandistas por todo o Brasil.

Roger Bastide, em seu estudo pioneiro sobre as religiões africanas no Brasil, exprime a compreensão de que a mediunidade no kardecismo e na umbanda representavam as divisões sociais e raciais presentes na sociedade brasileira. Para o autor,

Passando da classe baixa dos brancos para a classe baixa dos homens de cor, o espiritismo volta a se modificar. Os espíritos que agora vão se encarnar pertencerão ao mundo dos índios ou dos negros. Como se a divisão racial continuasse no além, e como se as comunicações entre o mundo da natureza e o do sobrenatural não pudessem se estabelecer exceto segundo a linha de cor.<sup>602</sup>

Assim, enquanto no kardecismo os espíritos de luz que se manifestam através de médiuns são brancos e cultos, na umbanda as manifestações abrangem espíritos de índios e negros. No kardecismo é inadmissível pensá-los como espíritos superiores e considera-se suas manifestações na umbanda um erro e característica de inferioridade das práticas umbandistas.<sup>603</sup>

Um outro elemento dissonante entre kardecismo e umbanda é o ambiente onde se desenvolvem as atividades mediúnicas. Enquanto os kardecistas primam pela sobriedade e tranquilidade do ambiente, priorizando o silêncio e a harmonização através de músicas calmas e mensagens de amor e paz, na umbanda as sessões geralmente iniciam-se com uma prece e em seguida começam os cânticos acompanhados por tambores, com a função de louvar a existência e a manifestação das entidades, ao mesmo tempo que se acredita no poder de atraí-los para o

<sup>600</sup> BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Livraria pioneira editora, 1985. p. 444.

<sup>601</sup> STOLL, Sandra Jacqueline et al. **Maria Bueno**: santa de casa. Curitiba, PR: edição do autor, 2011. p. 113.

<sup>602</sup> BASTIDE, 1985, p. 434.

<sup>603</sup> Ibid., p. 438-439.

mundo dos homens. Assim, cada espírito tem seu ponto cantado, ao escutar a música ele responde ao chamado e *desce* para montar seu *cavalo*.<sup>604</sup>

Em relação às práticas e desenvolvimento da mediunidade, o candomblé e a umbanda, são reconhecidos pelo estado de êxtase que os médiuns apresentam no momento das manifestações. Já o espiritismo kardecista, mesmo tendo em comum com o candomblé as manifestações mediúnicas, orienta que os médiuns devem manter um estado de consciência ou semiconsciência no momento das manifestações dos espíritos, aspecto que é abordado ao longo do desenvolvimento dos médiuns no kardecismo a partir de estudos e aplicações práticas, assim, os médiuns kardecistas jamais devem entrar em transe, quando os espíritos se manifestam através deles, sabe-se tudo o que está sendo proposto e realizado, sendo o médium orientado a manter o controle sobre suas ações, enquanto na umbanda e no candomblé o espírito tem o controle da situação e do próprio corpo do médium.<sup>605</sup>

Essa é a explicação para o comportamento assumido pelos médiuns no momento das manifestações na umbanda, quando os mesmos assumem posturas corporais e trejeitos considerados característicos de cada entidade. Geralmente os caboclos vinculam-se às linhas de Oxóssi e Ogum, apresentam-se como guerreiros, saúdam batendo a mão no peito, os médiuns assumem uma expressão séria. Os pretos-velhos são considerados espíritos de ex-escravos africanos, pela possível idade avançada atribui-se a eles sabedoria, os médiuns assumem postura arcada e se movimentam lentamente e ao longo das sessões são oferecidos bancos de madeira para sentarem. Os ibejins são espíritos de crianças, representam pureza, ao incorporarem os médiuns estes comportam-se e falam como crianças e são oferecidos brinquedos ao longo das sessões. Exus e pombagiras são considerados os espíritos menos elevados, sendo os exus considerados guardiães responsáveis pela viabilização dos rituais.

Alguns terreiros de umbanda apresentam, além das linhas tradicionais, a *linha do Oriente*, que é considerada, hoje, a mais elevada na hierarquia de espíritos após a linha de Oxalá. Essa linha é constituída por espíritos provenientes de países orientais e sua única função é a cura, se diferenciando das outras na evocação ritual das entidades que a constituem, pois não são evocadas através de palmas ou tambores e atuam num contexto de silêncio. Em pesquisa realizada em alguns terreiros de umbanda de Curitiba, Sandra Jacqueline Stoll e uma equipe de pesquisadoras constataram a presença desta linha e observaram ainda que em alguns rituais participam espíritos de médicos conhecidos em centros kardecistas, como o Doutor Fritz, o Doutor Bezerra de Menezes e o Doutor Leocádio José Correia.<sup>606</sup>

Nos dois casos apresentados nesta pesquisa, das médiuns Ana e Ledir, ambas apresentaram aproximação com as concepções kardecistas no desenvolvimento de sua mediunidade, mas em determinado momento de sua trajetória, segundo os relatos, o próprio Doutor Leocádio, como

<sup>604</sup> ORTIZ, 1991, p. 106.

<sup>605</sup> Cf.: BASTIDE, 1985, p. 456-457; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. (Org.). **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. p. 167-168; CAVALCANTI, 1983, p. 101-102.

<sup>606</sup> STOLL, 2011, p. 114.

seu mentor espiritual, apresentou-lhes como missão o desenvolvimento das práticas umbandistas, relatando que em determinados trabalhos de cura necessitaria dos conhecimentos trazidos pelas entidades da umbanda, como caboclos e pretos-velhos.

Esse aspecto encontrado na pesquisa, representa a características do *continuum mediúnico* das duas religiões, pois em ambos os casos analisados as práticas religiosas partiram das concepções kardecistas para posteriormente incorporarem-se os rituais e concepções da umbanda. Entretanto, nos dois casos analisados identificamos a aproximação com o universo da magia, característica presente na umbanda e que mais a afasta do espiritismo codificado por Kardec, que se pretende científico.<sup>607</sup> Esse afastamento se dá principalmente pelo fato da presença de Leocádio José Correia não se enquadrar nos padrões ritualísticos umbandistas, tendo em vista que não é representado como uma entidade de umbanda, apesar de as práticas de cura desses centros umbandistas serem lideradas por ele, ocorrem em dias diferentes das giras de umbanda. Por sua vez, a justificativa para o desenvolvimento das atividades umbandistas nos dois casos se deu pela necessidade de determinados trabalhos só serem possíveis de realizar-se por intermédio das entidades da umbanda, que em nossa leitura estariam mais ligadas a um universo mágico não compatível com o de espírito de luz. Assim, salientamos que sua representação nos terreiros de umbanda é também a de um espírito mais evoluído seguindo os padrões mais próximos do kardecismo. Até mesmo nas representações imagéticas a fotografia de Leocádio José Correia está presente nesses terreiros, mas não como uma imagem presente no congá (altar umbandista) representando uma entidade componente de uma das sete linhas da umbanda, mas em separado, ao lado do altar.

---

<sup>607</sup> ISAIA, Artur Cesar. O universo mágico no espiritismo de umbanda. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. V, n.15, 5, p. 47-60, 2013. p. 51.



FIGURA 9 – FOTOGRAFIA MOSTRANDO MÉDIUNS PRESENTES NA GIRA EM HOMENAGEM A OGUM NA TENDA DE UMBANDA ORIENTAL. DÉCADA DE 1990. DE PÉ, À ESQUERDA E AO FUNDO A SENHORA ANA FERNANDES DOS SANTOS. NA PAREDE OS RETRATOS DE LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA (À ESQUERDA, ACIMA), GUIA ELINO (À ESQUERDA, ABAIXO), MARIA BUENO, ALLAN KARDEC E BEZERRA DE MENEZES (À DIREITA)<sup>608</sup>



FIGURA 10 – TERREIRO ATUAL DO CENTRO ESPIRITUALISTA MARIA BUENO. NO CENTRO ENCONTRA-SE O CONGÁ. NA PAREDE, NA LATERAL ESQUERDA ENCONTRAM-SE OS RETRATOS DE MARIA BUENO E LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, NA LATERAL DIREITA, BEZERRA DE MENEZES E IEMANJÁ<sup>609</sup>

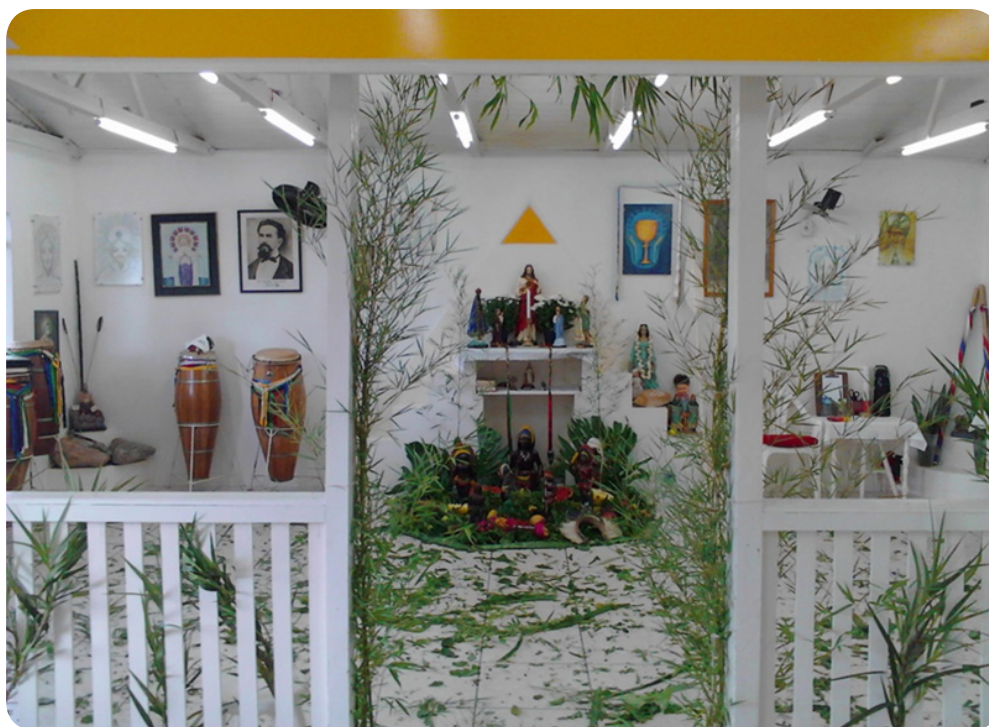


<sup>608</sup> Fotografia cedida pelo senhor Everaldo Jeferson Machado Gimenez, neto da senhora Ana.

<sup>609</sup> Fotografia de dezembro de 2015. Acervo da autora.



FIGURA 11 – TERREIRO DA FRATERNIDADE PEREGRINO DA LUZ – FRAPEL DECORADO PARA A FESTA DE OXÓSSI NO ANO DE 2013. NA PAREDE, AO LADO ESQUERDO DO CONGÁ, O RETRATO DE LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA<sup>610</sup>



A primeira médium que apresentamos é Ana Fernandes dos Santos, que nasceu em Curitiba, no dia 9 de outubro de 1927. Sua aproximação com os fenômenos mediúnicos, aparentemente, veio do próprio contexto familiar, pois seu pai, segundo os relatos de Maria Helena Machado, filha de Ana, curava as pessoas através de benzimentos e ervas, “era um homem de fé maravilhoso e ele espalhou aquilo, ele foi espalhando, espalhando e a minha mãe foi uma delas que aprendeu e continuou o que o pai dela deixou”.<sup>611</sup>

Ao longo de sua trajetória Ana iniciou seu desenvolvimento mediúnico em um terreiro de umbanda localizado no Alto da XV, em Curitiba, mas posteriormente envolveu-se em trabalhos e estudos mediúnicos realizados por um grupo da FEP, onde provavelmente desenvolve-se nas concepções mediúnicas kardecistas. Em 15 de outubro de 1950 a médium fundou o Centro Espírita Maria Bueno, onde o trabalho desenvolvido era de *mesa branca*, ou seja, era um centro kardecista. Pouco tempo depois, entretanto, a orientação dos trabalhos desenvolvidos mudou.

<sup>610</sup> FRATERNIDADE PEREGRINO DA LUZ (FRAPEL). **Festa de Oxóssi 2013**. 2013. Disponível em: <<http://www.frapel.org.br/Atividades/galeria/oxossi13.php>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

<sup>611</sup> MACHADO, Maria Helena; GIMENEZ, Everaldo Jeferson Machado. Entrevista em 1 de junho de 2015, Curitiba. Entrevistadora : Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

FIGURA 12 – FOTOGRAFIA DA MÉDIUM ANA FERNANDES DOS SANTOS (À DIREITA) INCORPORADA COM O ESPÍRITO LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA E ABENÇOANDO MARIA HELENA MACHADO (À ESQUERDA), FILHA DE ANA E ATUAL YALORIXÁ DO CENTRO ESPIRITUALISTA MARIA BUENO<sup>612</sup>



Por recomendações do espírito Leocádio José Correia,<sup>613</sup> que realizava manifestações através de dona Ana em trabalhos voltados à cura, foram inseridas práticas de umbanda no mesmo centro, que a princípio seguia as orientações kardecistas. O espírito teria dito aos médiuns, em uma das sessões de *mesa branca*, que nem todas as queixas das pessoas que procuravam o centro espírita era doença, algumas queixas seriam provenientes de *coisa feita* ou *coisa mandada*, ele teria esclarecido que neste tipo de trabalho ele não se envolveria e para isso, trouxe na sessão de *mesa branca* o *preto-velho Pai Benedito* e houve uma ampliação dos trabalhos desenvolvidos: o que se tratasse das curas o Doutor Leocádio atendia e resolvia, quando o assunto fosse relacionado a essas *coisas feitas* o *Pai Benedito* deveria atender. A filha de dona Ana ainda relata outro motivo para a ampliação das atividades do centro: o fato de muitas pessoas que passaram a frequentar o centro precisarem se desenvolver na umbanda e não exclusivamente no kardecismo e para poder atender a esses médiuns e não ter que dispensá-los a médium ampliou o trabalho de kardecismo inserindo no mesmo centro o espiritismo de umbanda.

Quinze anos após a fundação do centro espírita, o senhor Turíbio Machado fez aos médiuns a proposta de compra de um terreno na Vila Centenário, que seria dividido em duas partes, nos fundos do terreno seria construída a nova sede do Centro Espírita Maria Bueno e na parte frontal a residência de Dona Ana e seus familiares.<sup>614</sup> Para a construção da nova sede do centro espírita foram coletadas doações externas e de médiuns. A inauguração da nova sede ocorreu em 8 de julho de 1966 em um momento de bastante emoção, conforme demonstram as palavras registradas no livro de atas da instituição. É possível observar também o caráter múltiplo das práticas religiosas desenvolvidas e também os objetivos declarados do centro espírita:

<sup>612</sup> Foto de 17 de agosto de 1990, cedida pelo senhor Everaldo Jeferson Machado Gimenez, neto da senhora Ana.

<sup>613</sup> O espírito se apresentava para os médiuns pelo nome José Leocádio Correia, sendo este o registro encontrado em atas do centro espírita.

<sup>614</sup> LIVRO DE ATAS 1 do Centro Espírita Maria Bueno. Folha 20, 4 out. 1965.

Este centro de umbanda kardecista (mesa branca) é local onde serão praticados a caridade, a medicina hospitalar e a assistência aos necessitados.

As portas deste templo jamais se fecharão e sempre estão abertas para os bons e fracos de espíritos, sem nada deles exigir a não ser a fé de respeito e obediência aos nossos Guias Protetores.<sup>615</sup>

No trecho acima, podemos perceber que o centro era classificado pelos médiuns como sendo de *umbanda kardecista*, numa perspectiva de nítida continuidade de práticas entre os dois sistemas religiosos. A prática da caridade, muito cara ao espiritismo kardecista como uma de suas virtudes primordiais, também aparece com grande importância na umbanda e no caso do centro espírita tratado aqui, as práticas de assistência aos necessitados, acolhimento e o que foi chamado de medicina hospitalar, figuram como a materialidade desta virtude. É possível verificar ainda, na ocasião da inauguração do templo, a diversidade dos guias espirituais sendo homenageados pelos médiuns dentro de um campo mediúnicamente que ia do kardecismo à umbanda:

Continuando estas senas de fé, e com grandes aplausos os médiuns e favorecidos, ofertaram a seus guias, as suas flores com o mesmo significado, sendo ainda a senhora Ana Machado, para o nosso brilhante diretor ‘Dr. Leocádio José Correia’, Maria Elena para a ‘Santa Maria Bueno’, Marina Machado ao Guia Elino, Tisso Martins ao Guia Biratam, Luiz Carlos Machado ao Dr. Allan Kardec, Lourival Diresto ao Pai Benedito e ao Guia Irapuã, Dona Jacira Pereira ao Guia Pai Jacó.<sup>616</sup>

As práticas terapêuticas do centro espírita, comandadas pelo Doutor Leocádio, que atuava a partir da médium Ana, ocorriam todas as sextas-feiras. Muitas pessoas vinham de diversas regiões da cidade a partir das seis horas da manhã retirar fichas para os atendimentos, que começavam efetivamente no período da tarde. Na abertura cantava-se pontos aos guias dos trabalhos, prática não muito comum entre os kardecistas, que geralmente iniciam as atividades com uma prece. Entretanto, esses pontos considerados de *mesa branca* não eram acompanhados do som dos atabaques, prática utilizada nas sessões de umbanda, eram músicas cantadas, consideradas preces.

Primeiramente era cantado um ponto para o Guia Elino, que foi o pai da senhora Ana, este guia deixava uma mensagem aos presentes na abertura dos trabalhos.

Foi numa tarde serena  
Que para o além partia  
Aquele que hoje nós temos  
Como um grande guia  
O nome sagrado dele é  
Guia Elino  
Que ao bater os sinos

<sup>615</sup> LIVRO DE ATAS 1 do Centro Espírita Maria Bueno. Folha 38, 8 jul. 1966.

<sup>616</sup> LIVRO DE ATAS 1 do Centro Espírita Maria Bueno. Folha 43, 8 jul. 1966.

Ele vem nos ajudar  
 Ele é quem abre os nossos santos trabalhos  
 Com toda dedicação  
 Nos dá palavras de afeto  
 Com todo fervor e amor.<sup>617</sup>

Em seguida era cantado um ponto para o Doutor Leocádio no qual pode-se perceber as principais representações construídas: primeiro a de um homem abençoado que deixou um vazio com sua morte, posteriormente um espírito iluminado que recebeu a missão de retornar à terra para salvar os *filhos de fé*:

Foi numa tarde sombria  
 Que o mundo perdia  
 Um homem abençoado por Deus  
 E da Virgem Maria  
 Os humildes choravam  
 E os grandes sorriam  
 A perda daquele bom servo  
 Que para o céu já subia  
 Jesus lhe entregou  
 A sua Estrela de Guia  
 Voltas pra terra José  
 Salvai os meus filhos de fé  
 Salve a sua Estrela  
 Que o mundo ilumina  
 Salve sagrado nome de José  
 Para todos os seus filhos de fé.<sup>618</sup>

Por fim era cantado o Ponto da Estrela Guia:

Foi lá no lago azul  
 Que seu ponto ele afirmou  
 Ele é Oxóssi caçador  
 Filho de Nosso Senhor  
 Sete anjos lhe acompanham  
 Sete estrelas lhe iluminam  
 Salve o Anjo da Guarda dos filhos  
 Salve a Estrela Guia  
 Eu ouvi o tropel do seu cavalo  
 E sua espora tiniu

<sup>617</sup> Ponto do Guia Elino. Disponibilizado por Jeferson Gimenez no YouTube, no dia 28 de julho de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5CA6TtbK1iU>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

<sup>618</sup> Ponto do Doutor Leocádio. Disponibilizado por Jeferson Gimenez no YouTube, no dia 28 de julho de 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GNbQeZCN4Z4>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

Sua espada e sua lança  
O inimigo reduziu.<sup>619</sup>

Iniciavam-se então as operações espirituais do Doutor Leocádio, através da médium Ana. O centro é descrito como uma espécie de hospital onde o Doutor Leocádio era o responsável, a partir dos dados dos pacientes que procuravam o lugar orientava sobre a prática terapêutica a ser adotada e uma dieta que seria seguida. Nas macas colocadas no centro as pessoas repousavam por dois ou três dias, dependendo do caso e alguns outros médiuns faziam o trabalho de enfermagem, observando e alimentando os doentes. Nestas mesmas práticas terapêuticas havia ainda a participação de outros espíritos, como Maria Bueno, que era descrita como enfermeira do Doutor Leocádio nas operações espirituais. Após o doutor Leocádio, ela incorporava na senhora Ana, momento em que trazia uma mensagem e abençoava água e rosas trazidas pelas pessoas.

Ana, ou Anita, como era mais conhecida, era cabeleireira, vivia do trabalho em um salão de beleza que mantinha em uma região central da cidade de Curitiba. É descrita como uma pessoa que amava o trabalho mediúnico que desenvolvia e amava as pessoas que a procuravam nos momentos de sofrimento. Enfatiza-se também o fato de ser incansável nos trabalhos do centro espírita *sem nem mesmo viver disso*:

E ela não vivia disso, se ela vivesse disso tudo bem, mas veja bem, sem ter hora para dormir, sem ter hora pra comer, nunca reclamou. [...] Nossa, sabe, ela chegava, às vezes eu falava:

- 'Vai comer primeiro'.

- 'Não quero, eu já me alimento deles'.

E aí um conversa de cá, um abraça daqui, outro abraça dali, abraço de lá. Quando eu via ela já estava aqui dentro trabalhando.<sup>620</sup>

Ana não era médium receitista, ou seja, não prescrevia receita de medicamentos, mas em alguns casos era necessário o uso de remédios, então o médico espiritual indicava um medicamento e orientava as pessoas que procurassem atendimento de um médico e relatassem seu caso para que fosse avaliada a sua prescrição e assim, com a receita de um médico em mãos, as pessoas pudessem comprar os medicamentos na farmácia. Por um período houve ainda um médico da prefeitura que voluntariamente atendia esse tipo de caso no centro espírita regularmente. O mais comum, entretanto, era a utilização de ervas para a preparação de compostos. Um desses preparos era uma mistura das ervas catinga de mulata, mentruz e arruda, que eram moídos e colocados no álcool e distribuídos aos pacientes em garrafas de vidro.

<sup>619</sup> Ponto da Estrela Guia. Disponibilizado por Jeferson Gimenez no youtube, no dia 28 de julho de 2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DQoZWGwIOxo> >. Acesso em: 17 jan. 2016.

<sup>620</sup> MACHADO, Maria Helena; GIMENEZ, Everaldo Jeferson Machado. Entrevista em 1 de junho de 2015, Curitiba. Entrevistadora : Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.



Tal prática rendeu certos problemas ao centro espírita no ano de 1975, quando uma das pessoas que recebeu uma dessas garrafas levou à delegacia e denunciou o centro por prática ilegal da medicina. Por conta deste episódio foi sugerido que houvesse uma mudança de nome do centro espírita. Assim, o nome foi alterado para *Tenda de Umbanda Oriental*. Nesse período o centro também se filiou à *Federação de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros*, com o objetivo de regularizar-se e evitar novos casos como esse, visto que a filiação, de certa forma, protege as práticas desenvolvidas por uma entidade dentro de um conjunto de rituais possíveis.

Em registro de sua primeira ata, observa-se que os objetivos da instituição voltaram-se muito mais para a umbanda do que para o espiritismo kardecista, provavelmente por conta da federalização e dos problemas ocorridos no ano anterior:

Em reunião havida no dia 11 de agosto de 1976 a diretoria da Tenda deliberou o seguinte: Que a sociedade devidamente legalizada irá por em prática a Doutrina Umbandista, manter a mais estrita ligação com outros congêneres, o estudo Espiritual e filantrópico, parte assistencial e caritativa material e espiritual.<sup>621</sup>

Segundo os relatos, entretanto, ainda eram praticadas reuniões de mesa branca e os atendimentos médicos e operações espirituais realizados pelo Doutor Leocádio, estes cessaram somente com o falecimento da senhora Ana, ocorrido em 16 de fevereiro de 2003. Em 2015, após algum tempo de reflexão dos médiuns da casa, o centro passou a denominar-se *Centro Espiritualista Maria Bueno*, pois o sonho da senhora Ana era ver novamente o nome de Maria Bueno batizando a instituição. Voltou também a filiar-se à *Federação de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros* após um período desfiliação. O termo espiritualista, em lugar de espírita, se deve à diversidade dos trabalhos desenvolvidos no local, que abriga ainda hoje as práticas kardecistas, de umbanda e também de candomblé.

Atualmente a filha de Ana, Maria Helena Machado é a yalorixá (mãe de santo) e o neto, Jeferson, é o babalorixá (pai de santo), estando a frente dos trabalhos desenvolvidos no centro que há 65 anos foi fundado pela mãe e avó. Ocorrem quinzenalmente sessões de umbanda e candomblé intercaladas por sessões de *mesa branca* e aulas de estudos relacionados ao espiritualismo, nas quais Jeferson é responsável pela explicação de textos aos médiuns da casa.

Outra experiência é a da médium Ledir Avani Machado Volpi, que nasceu na cidade de Itajaí, Santa Catarina, em 24 de janeiro de 1936 e começou a desenvolver sua mediunidade há aproximadamente quarenta anos, na cidade de Curitiba. Portanto, estima-se que Ledir iniciou-se no espiritismo na década de 1970.

---

<sup>621</sup> LIVRO DE ATAS 2 da Tenda de Umbanda Oriental. Folha 1, 11 ago. 1976.



FIGURA 13 – FOTOGRAFIA DE LEDIR AVANI MACHADO VOLPI<sup>622</sup>

A médium relata que sua aproximação com o espiritismo se deu de maneira muito dolorosa. Ela era muito católica e por conta de um problema de saúde muito grave, o marido a levou a um centro espírita kardecista de Curitiba, cidade onde morava e ainda mora. Iniciou neste centro espírita um tratamento espiritual com o Doutor Leocádio, passou a estudar o espiritismo e desenvolver a mediunidade. A médium acredita que durante esse período o Doutor Leocádio já a estava preparando para desenvolver outro tipo de trabalho, orientada pelo espírito ela e um grupo de médiuns se desligaram do centro que seguia uma vertente kardecista e formaram a *Fraternidade Peregrino da Luz* (Frapel), há mais de 30 anos, em 1981, onde iniciaram estudos e práticas próprias da umbanda.

Segundo a médium, foi o próprio Doutor Leocádio que a orientou a estudar e se aprofundar na umbanda, pois havia certos tipos de trabalho de cura nos quais somente algumas entidades da umbanda poderiam atuar e ele necessitaria dessas entidades em sua equipe espiritual, antes disso ela nunca havia estudado a umbanda e não tinha conhecimento dos trabalhos desenvolvidos nesta vertente.<sup>623</sup>

Quanto ao trabalho de cura desenvolvido pelo Doutor Leocádio, Ledir incorpora este espírito e desenvolve operações espirituais. No início, quando ainda não estava preparada, as pessoas iam à Frapel, deixavam o endereço e o Doutor Leocádio ia em espírito até a casa da pessoa e fazia o atendimento que esta necessitava. Depois começaram os trabalhos de cura na

<sup>622</sup> Sem informações de data e autoria. Sítio da fraternidade peregrino da luz, fotografias de artesanato da Frapel. Disponível em: <<http://www.frapel.org.br/atividades/galeria/artesanato.php>>. Acesso em: 22 out. 2015.

<sup>623</sup> VOLPI, Ledir Avani Machado. Entrevista em 11 de outubro de 2014, Pinhais. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

própria Frapel, as pessoas se dirigem até a sede da Fraternidade às terças-feiras pela manhã para retirar uma senha para o atendimento, que ocorre no mesmo dia no período da tarde.

O atendimento ocorre individualmente em uma sala onde Doutor Leocádio realiza as operações espirituais. Não há cortes ou instrumentos materiais, mas espiritualmente ele realiza o tratamento necessário, como, por exemplo, cirurgias de coração. A médium tem mediunidade de vidência e consegue visualizar o que está sendo realizado na hora da cirurgia, como o coração pulsando, por exemplo. Dr. Leocádio atua com uma equipe de aproximadamente 10 espíritos de enfermeiros, médicos e carregadores de macas e utiliza instrumentos e aparelhos do plano espiritual para a realização dos procedimentos. Dona Ledir relata ainda que incorpora o espírito e enquanto ele atua ela tem consciência dos procedimentos que estão sendo realizados, ou seja, não é um transe mediúnico aos moldes umbandistas, mas com características do desenvolvimento mediúnico kardecista, nos quais o médium tem controle e consciência sobre as ações e procedimentos realizados. Além da equipe espiritual, ainda atua junto à Dona Ledir uma equipe de médiuns que dão suporte ao trabalho. Alguns preparam os remédios, que são a água fluidificada, outros preparam o algodão energizado. Doutor Leocádio orienta quais os procedimentos e instrumentos necessários para a realização do tratamento de cada indivíduo.

Quanto às atividades desenvolvidas pela Frapel, às terças-feiras ocorre o trabalho de cura com o Doutor Leocádio; às quartas-feiras acontece um trabalho com a *linha de esquerda*, no qual somente os médiuns participam e às quintas-feiras e sábados ocorrem giras de umbanda abertas ao público. As *linhas de direita* da Frapel são pretos velhos (linha maior da casa), Oxóssi, Iemanjá/Oxum, Ogum, Xangô/Iansã, Crianças e Oriente.<sup>624</sup> Ledir enfatiza que embora as práticas de tratamento espiritual com o Doutor Leocádio sejam em dias diferentes das sessões de umbanda e este espírito não se manifeste nas giras de umbanda, não é possível dizer que esses trabalhos são independentes entre si, pois as práticas de umbanda foram desenvolvidas sob orientação do Doutor Leocádio e durante o trabalho de cura algumas vezes se faz necessário o auxílio de alguma entidade da umbanda nos tratamentos desenvolvidos pelo médico, o que demonstra mais uma vez a continuidade entre os dois sistemas religiosos.

Certamente encontraríamos outros médiuns e instituições espíritas a desenvolver práticas de saúde e cura orientados por Leocádio José Correia, em Curitiba e em outras cidades do Paraná, ou mesmo de outros estados brasileiros. Entretanto, dentro das possibilidades desta pesquisa, buscamos apresentar relatos de experiências mediúnicas através dos quais foi possível visualizar a multiplicidade de práticas que abarcam esta religiosidade no Brasil, onde pode-se afirmar que há inúmeras formas de ser espírita, a despeito dos esforços de institucionalização e uniformização do movimento.

Diante dessa pluralidade de experiências, foi possível visualizar múltiplas facetas de Leocádio José Correia, compreendido por nós como um bem simbólico que teve e tem sua

<sup>624</sup> Cf.: FRATERNIDADE PEREGRINO DA LUZ (FRAPEL). Página inicial. Disponível em: <www.frapel.org.br>. Acesso em: 22 out. 2015.

memória apropriada a partir das concepções de médiuns, grupos e instituições que o tem como mentor espiritual. Nesses múltiplos Leocádios, encontram-se as representações de um homem ilustre, culto e caridoso, que se manifesta como um espírito de grau superior. Há ainda uma continuidade em relação à sua história de vida, talvez a principal das representações do personagem, o exercício da medicina de forma caridosa, vivido como sacerdócio, apostolado e missão. Leocádio José Correia, ao se manifestar espiritualmente tem a mesma missão que teria apresentado em sua vida terrena, é o médico de ricos e de pobres, de homens e de almas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elite brasileira do século XIX foi definida por José Murilo de Carvalho como *uma ilha letrada num mar de analfabetos*.<sup>625</sup> Resguardando-se todas as especificidades de cada localidade do Brasil Império, podemos afirmar que Leocádio José Correia fazia parte dessa ilha. Ocupar uma cadeira em uma das quatro únicas faculdades do Império do Brasil, que concentravam estudantes de todas as províncias num contexto em que o analfabetismo ainda era a regra, pode ser considerado um privilégio reservado a uma minoria. O saber acadêmico estava atrelado ao poder econômico e político das famílias de elite que seguiam o padrão clientelístico nas relações sociais.

O que significava para o mar de homens comuns de Paranaguá deste contexto, ver um *filho da terra*, jovem, bonito, bem vestido e eloquente, um Correia, da linhagem de Manoel Francisco Correia e de Manoel Antonio Pereira, afilhado de Manoel Antonio Guimarães, regressar de seu exílio acadêmico à terra natal? O que significava para aqueles indivíduos, num contexto em que a Saúde Pública era inexistente e se resumia a ações pontuais em períodos epidêmicos, receber em seu casebre o doutor parnanguara formado na corte?

São questões que qualquer pesquisador terá dificuldades em responder, tendo em vista a escassez de documentos que possibilitem acessar as vozes desses indivíduos. Mas podemos inferir o quão incomum era receber a atenção de um médico erudito, possivelmente muito carismático, que se preocupava com a gente dos casebres, especialmente para uma parcela da população acostumada a tratar suas doenças com curandeiros e benzedadeiras, através do uso de chás de ervas, tão incomum que a imagem de *médico de pobres* atribuída a Leocádio José Correia ficou cristalizada na memória coletiva e nas narrativas de sua vida.

O Leocádio José Correia que apresentamos nos dois primeiros capítulos desta tese é um tanto diferente deste. Procuramos, através de fontes que retratam parte de sua vida pública como médico, político, e *homem de letras*, dialogar com o contexto e a posição social deste indivíduo, que emergiu em nossa narrativa como um membro da elite parnanguara, envolvido em desavenças e conflitos que permeavam a vida política na Província e em alguns momentos refletiram em sua atuação como médico.

Teria sido Leocádio José Correia um personagem excepcional que se destacou entre outros nas mesmas condições? Ou teria sido ele o retrato da normalidade? Se em nossa narrativa biográfica apresentada no primeiro e segundo capítulos nos deparamos com um personagem de seu contexto, certamente as narrativas e rituais comemorativos construídos a partir de seu falecimento, apresentadas a partir do terceiro capítulo, o consagraram como uma excepcionalidade. Houve outros políticos, homens de letras, escritores, oradores e médicos em Paranaguá e no Paraná, mas as narrativas se encarregaram de dizer que nenhum era como

---

<sup>625</sup> CARVALHO, 2013, p. 65.

Leocádio José Correia e assim acabou sendo, muitos outros personagens do período realmente foram esquecidos enquanto Leocádio José Correia é um nome ainda conhecido por uma parcela significativa da população.

Enquanto nos dois primeiros capítulos desta tese procuramos apresentar o Leocádio histórico, a partir do terceiro capítulo analisamos como o homem se transformou em mito. Acompanhamos essa transformação através das narrativas que fizeram parte do rituais fúnebres e de comemoração a Leocádio José Correia, discursos enunciados por indivíduos que eram próximos a ele e o admiravam, narrativas de saudade e afeto, luto e consternação, que acabaram por se tornar discursos fundadores para outras narrativas e causar o silenciamento de outras possíveis versões da vida do personagem, que como qualquer homem público, não era unânime e tinha seus desafetos, principalmente políticos.

Ainda no terceiro capítulo, acompanhamos os esforços empreendidos pelo filho mais velho, Leocádio Cysneiros Correia, em manter viva a memória do pai. Como homem de letras e proprietário de tipografia no final do século XIX e parte do século XX, o filho de Leocádio José Correia teve acesso aos meios necessários para incentivar publicações de textos e discursos do pai, além de suas primeiras biografias, que se basearam nos discursos fúnebres apresentados anteriormente e acabaram por consagrar Leocádio José Correia como um *herói espartano* e um *apóstolo do bem*. Durante a primeira metade do século XX outros pequenos textos biográficos a respeito da trajetória do parnanguara circulariam em periódicos da cidade de Paranaguá, demonstrando um esforço da intelectualidade local em apresentar os *grandes vultos parnanguaras*, Leocádio emergiu, então, como um deles.

No quarto capítulo, as principais fontes utilizadas foram três biografias que trouxeram narrativas construídas a partir de *traços* do passado e sem a presença de uma *memória propriamente dita*. Representam uma construção discursiva que consolida um discurso fundador da imagem “mítica” de Leocádio José Correia. Imagem essa que se impôs à realidade de um médico do século XIX. Além deste aspecto, as três biografias têm em comum sua apropriação pelo movimento espírita. Nesse sentido, refletimos como as representações construídas a partir dos textos biográficos, sobretudo as de herói, santo e grande homem, estava de acordo com os ideais propagados pelo movimento espírita brasileiro, para o qual Leocádio José Correia é considerado um espírito de grau superior, ou espírito de escol.

Como espírito superior que tem uma missão junto ao mundo dos homens as representações de Leocádio José Correia apresentam continuidades com relação à sua vida. É o médico que se manifesta espiritualmente e é através das atividades espirituais no campo da saúde que o personagem continua a ser conhecido na atualidade, não só em Paranaguá, ou no Paraná, mas em outros estados brasileiros onde também podem ser encontrados relatos de suas manifestações e centros espíritas dos quais é mentor espiritual.

Se as representações dos indivíduos que viveram na mesma época de Leocádio José Correia e não eram pessoas letradas ou ligadas à política não puderam ser acessadas, as impressões de pessoas que tiveram contato com Leocádio José Correia em espírito compuseram o quinto capítulo da tese. Nossa opção foi por apresentar experiências de pessoas que acreditam no fenômeno de comunicação entre mortos e vivos através da mediunidade, nesse sentido expusemos a trajetória de seis médiuns que ao longo do tempo relataram ter recebido de Leocádio José Correia, como espírito superior e seu mentor espiritual, a missão de atender aos necessitados através de práticas de saúde envolvendo concepções religiosas do universo kardecista ou umbandista. O próprio Doutor Leocádio emerge, assim, como um espírito superior que continua sua missão de confortar as dores e sofrimentos dos mais necessitados. Foi possível acompanhar, através dessas trajetórias diferentes processos de institucionalização pelos quais passaram as religiões mediúnicas ao longo do tempo, a partir de diferentes práticas e representações desenvolvidas sobre o personagem, mas também sobre concepções de saúde e da própria compreensão do que seja o espiritismo e o fenômeno da mediunidade.

Enquanto as narrativas após seu falecimento acabaram por demonstrar as apropriações por Leocádio José Correia enquanto um bem simbólico paranaense, os relatos de experiências mediúnicas demonstram que as representações de Leocádio José Correia se difundiram pelo Brasil a partir do movimento espírita. Ao longo desta pesquisa de doutorado, não foi possível aprofundar a pesquisa a respeito da difusão dessas representações em outros estados brasileiros ou mesmo em outras instituições do Estado do Paraná, mas foi possível detectar essa presença, ainda que superficialmente. Deixamos, assim, para pesquisas futuras uma análise mais aprofundada a respeito deste fenômeno das manifestações de um médico espiritual, que podemos comparar a outros fenômenos mais conhecidos e difundidos no campo mediúnico brasileiro, como Bezerra de Menezes ou Doutor Fritz.

Em Santa Catarina, essas manifestações estiveram presentes ainda no final do século XIX, como evidenciamos no quarto capítulo ao citar a mais antiga notícia encontrada a respeito desses fenômenos mediúnicos, na ocasião de fundação do Centro Espírita Caridade de Jesus, na cidade de São Francisco do Sul, este, por sinal, foi o primeiro centro espírita do estado.

Essas manifestações avançaram no tempo, conforme podemos perceber através da seguinte publicação realizada no jornal Mundo Espírita, de 24 de agosto de 1946, no qual Arnaldo S. Thiago, da FEP, relatava uma visita a Santa Catarina, onde buscava-se a consolidação do movimento espírita neste momento, tendo em vista que a Federação Espírita Catarinense havia sido fundada no ano anterior. No relato escrito especialmente para o jornal detalhava sua excursão por Santa Catarina, o primeiro local de visita foi o Centro Espírita Caridade de Jesus, onde Leocádio José Correia era guia espiritual. Entre outros aspectos, a publicação nos permite vislumbrar um conjunto de práticas realizadas pelos integrantes do centro espírita naquele momento, que incluíam passes, sessões doutrinárias e distribuição de homeopáticas e donativos aos necessitados:



Em São Francisco, exerci o trabalho santo da seara, no tradicional Centro Espírita ‘Caridade de Jesus’, realizando algumas conferências sôbre temas evangélicos. O ‘Caridade de Jesus’ prossegue, impreterrito, em seus labores espirituais, atendendo aos enfermos da alma. É uma oficina de trabalho proficuo, com as suas sessões matinais, de passes, com a sua distribuição cotidiana de homeopatia e de utilidades aos necessitados, com as suas sessões de Doutrina – 2 vezes por semana – aos adultos; tôdos os domingos, às crianças.<sup>626</sup>

Após vinte e três dias em São Francisco do Sul, Arnaldo S. Thiago foi para a cidade de Florianópolis, onde relatou a visita a diferentes centros espíritas e também demonstrou a existência de pequenos grupos familiares, dos quais um deles era orientado por Leocádio José Correia:

Um destes é o da casa de Randolpho Fernandes, em Florianópolis, que bondosamente me hospeda. É seu patrono o Dr. Leocádio Correia, êsse carinhoso espírito da estirpe dos Bezerra de Menezes, e que há 51 anos dirige, do plano espiritual, com abnegação apostólica, o ‘Caridade de Jesus’, da cidade de São Francisco.<sup>627</sup>

Ainda na atualidade é possível perceber a permanência do personagem Leocádio José Correia no movimento espírita de Florianópolis, onde encontra-se, por exemplo, o Centro Espírita Leocádio José Correia, fundado em 1988 e o Centro Espírita Amigos do Caminho, fundado em 2001 e do qual Leocádio José Correia é mentor espiritual.

No Rio Grande do Sul é possível inferir a presença de Leocádio José Correia no movimento espírita a partir da informação da fundação do Instituto Espírita Leocádio José Correia por Roberto Barbosa Ribas, no ano de 1936. Foi possível ainda detectar práticas espíritas envolvendo o personagem para além do sul do Brasil, no município de Bauru, no interior do Estado de São Paulo, por exemplo, ocorrem semanalmente reuniões de atendimento médico espiritual e passes, além de sessões doutrinárias, estudo e desobsessão no Centro Espírita Leocádio Correia. Além desta informação, sabe-se através do jornal Mundo Espírita de junho de 2015, que o espírito Leocádio José Correia era responsável pelo receituário mediúnico do Centro Espírita Humanitário Agostinho de Hipona, no Rio Grande do Norte, informação obtida através de uma ata do referido centro espírita do ano de 1921. Posteriormente, esse centro se fundiu a outro e fundou-se, a partir desta junção, a Federação Espírita Norteriograndense, em 29 de abril de 1926, na qual o espírito continuou a atuar no receituário mediúnico. Em ata de 2 de maio de 1926 foi registrada ainda a fundação da Escola Rudimentar Mista Dr. Leocádio José Correia, que funcionou regularmente até o final dos anos 1950 no Rio Grande do Norte.<sup>628</sup>

Ao citar esses casos constatados ao longo de nossa pesquisa, podemos afirmar que para além de um bem simbólico do espiritismo paranaense, é possível dizer que Leocádio José Correia

<sup>626</sup> MUNDO ESPÍRITA. Ano XV, n. 673, 24 ago 1946. p. 2.

<sup>627</sup> Ibid., p. 2.

<sup>628</sup> MUNDO ESPÍRITA. Ano 83, n. 1580, jun. 2015.

é um bem simbólico para o espiritismo no Brasil, embora ainda necessitemos de pesquisas mais aprofundadas sobre estes fenômenos mediúnicos.

Esta tese apresenta uma abordagem pouco comum no âmbito da historiografia. Ao centrarmos nossa análise em um personagem optamos por abordar três aspectos diferentes de sua trajetória: sua vida, as memórias e representações construídas após sua morte e as apropriações feitas no âmbito das religiões mediúnicas. Ao emprendermos essa análise não delimitamos o objeto de pesquisa pelas datas, mas pelo histórico de sua vida e pelas diferentes formas de apropriação do personagem por isso a temporalidade, nesta investigação, abarca um tema e um objeto difusos, e, portanto, as análises percorreram uma duração longa, na medida em que as representações construídas ao longo do tempo e no presente estão ancoradas em uma realidade histórica, que neste caso, é o período em que viveu o personagem. Ou seja, sua vida, ou as construções que se fizeram ao longo do tempo sobre sua vida, sustentam representações presentes.

A investigação biográfica a respeito de Leocádio José Correia exigiu pesquisa em diferentes tipos de fontes históricas do século XIX, sobretudo em jornais que circularam na Província do Paraná entre os anos 1874 e 1886. Muitas das fontes utilizadas não eram inéditas, já haviam sido exploradas tanto em alguns dos textos biográficos citados e analisados nesta tese, quanto em outros trabalhos acadêmicos, demonstrando que novos caminhos para a produção de conhecimento histórico são possíveis a partir de olhares diferenciados. Documentos produzidos no contexto em que Leocádio José Correia foi Inspetor de Saúde do Porto de Paranaguá e Inspetor Paroquial de Escolas de Paranaguá, por exemplo, foram citados em trabalhos acadêmicos que abordaram questões como saúde e doença, saúde pública e a educação na Província do Paraná no século XIX.<sup>629</sup>

Enquanto, através dos documentos produzidos pelo próprio Leocádio José Correia em seus campos de atuação, o objetivo desses outros historiadores foi acessar questões pertinentes a suas problemáticas de pesquisa no contexto analisado, nesta tese fizemos o caminho inverso, procuramos acessar o personagem, suas concepções e escolhas, através das características contextuais. Muitas das fontes provenientes da pesquisa que realizamos nos periódicos paranaenses do século XIX, entretanto, nunca foram citadas em trabalhos acadêmicos nem nas biografias de Leocádio José Correia, o que se apresenta como uma originalidade desta tese. Foram essas fontes que permitiram interpretações diferenciadas a respeito da vida do personagem. Esperamos assim, que nossa pesquisa, além do que foi tratado, abra caminhos para novos estudos a partir de outros olhares e metodologias diferenciadas.

Outra abordagem original a respeito de Leocádio José Correia foi a utilização de suas biografias como fontes históricas, nas quais os discursos foram analisados contextualmente levando em consideração as condições de sua produção e as intencionalidades de cada autor, e não tomados como verdades absolutas sobre a vida do personagem. Ao emprendermos esta

---

<sup>629</sup> Alguns trabalhos nos quais identificamos parte da análise dessas fontes foram: SIQUEIRA, 1989; FUCKNER, 2009; DOLINSKI, 2013; SILVA, 2014.

análise pudemos refletir sobre a construção memorial e a elaboração de representações que estão presentes no imaginário até a atualidade.

Por fim, pensamos que a tese possa trazer alguma contribuição para os estudos envolvendo o campo religioso brasileiro no que concerne ao estudo das religiões mediúnicas. Alguns estudos já foram realizados na área das ciências humanas analisando o movimento espírita a partir de abordagens biográficas, destacando a trajetória de alguns de seus personagens emblemáticos, sendo os de maior destaque os que abordaram a vida de Francisco Cândido Xavier. Esta tese apresenta mais uma vez uma abordagem inexplorada, ao tratar da trajetória de um personagem que nunca se declarou espírita nem defendeu seus ideais, mas que após sua morte tornou-se um bem simbólico para o espiritismo kardecista e para a umbanda, demonstrando que as crenças e apropriações não obedecem a limites institucionais ou de concepções religiosas. Apresentamos, assim, não somente a trajetória de um homem seguida pela criação de um mito, mas também parte da trajetória de um espírito. Com isso, a tese contribui para a compreensão do universo simbólico das religiões mediúnicas e suas práticas, sobretudo no campo da saúde.

Como qualquer trabalho acadêmico, esta tese não é um fim em si mesma, mas pode representar um conjunto de novos caminhos para campos inexplorados da pesquisa histórica. Mais do que respostas encontramos muitas possibilidades de novas questões a serem feitas a partir de alguns aspectos que não foram abordados. As análises do contexto histórico da Província do Paraná no século XIX, da produção de biografias no campo historiográfico, da construção memorial, da consolidação de uma memória coletiva e do campo das religiões mediúnicas podem, assim, ser explorados e aprofundados em novas abordagens.

## REFERÊNCIAS

### FONTES:

A DOCTRINA. Órgão da Federação Espírita do Paraná. Ano IV, n. 23, 1 ago. 1903.

\_\_\_\_\_. Ano IV, n. 32, 1 dez. 1903.

\_\_\_\_\_. Ano VII, n. 11, nov. 1906.

A FÉ SPIRITA, órgão do centro spirita “consolo dos afflictos”. Ano II, n. 9, 15 maio 1895.

A LUZ. Órgão do Centro Spirita de Curitiba. Ano VI, n. 128, 30 abr. 1895.

\_\_\_\_\_. Ano. VI, n. 132, 30 jun. 1895.

A PAZ: Boletim Informativo Bimestral da Sociedade Espírita “Os Mensageiros da Paz”. Ano 5, n. 25, set./out. 2013.

ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS. **Cadeira 40 – vazia**. Patrono. Cícero Marcondes França (1884-1908). Disponível em: <<http://www.academiapr.org.br/academicos/cadeira-40/>> Acesso em: 17 ju. 2015.

APEP, 1877, AP513, Arquivo IJIP, v. 3, Ofícios. In: DOLINSKI, João Pedro. Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878). Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 131.

APEP, 1878, AP 536, Arquivo IJIP, v. 3, Ofícios. In: DOLINSKI, João Pedro. Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878). Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 132.

APEP, 1878, AP 539, Arquivo IJIP, v. 6, Ofícios. In: DOLINSKI, João Pedro. Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878). Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 133-134.

APEP, 1878, AP 540, Arquivo IJIP, v. 7, Ofícios. In: DOLINSKI, João Pedro. Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878). Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 134-135.

APEP, 1878, AP 544, Arquivo IJIP, v. 11, Ofícios. In: DOLINSKI, João Pedro. Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878). Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013. p. 135.

ASSOCIAÇÃO DE DIVULGADORES DO ESPIRITISMO DO PARANÁ (ADE-PR). Morre o professor Octávio Melchíades Ulysséa, diretor-geral e fundador das FIES. jul. 2009. Disponível em: <<http://www.adepr.org.br/?pagina=jornal&id=158>>. Acesso em: 2 ago. 2015.

ATA DA CÂMARA DE PARANAGUÁ. Folha 3, verso, 3 mar. 1879.

\_\_\_\_\_. Folha 6, verso, 16 abr. 1879.

\_\_\_\_\_. Folha 39, verso, 5 jan. 1880.

\_\_\_\_\_. Folha 65, 16 maio 1880.

ATA da V Semana de Estudos Espíritas, 1981, p. 34. In: FUCKNER, Cleusa Maria. **Lar Escola Dr. Leocádio José Correia**: história de uma proposta de formação na perspectiva educacional espírita (1963-2003). Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. p. 156-157.

ATA de Fundação da Federação Espírita do Paraná. In: FUCKNER, Cleusa Maria. **Lar Escola Dr. Leocádio José Correia**: história de uma proposta de formação na perspectiva educacional espírita (1963-2003). Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

BRASIL. Lei de 3 de outubro de 1832. Dá nova organização ás actuaes Academias Medico-cirurgicas das cidades do Rio de Janeiro, e Bahia. Disponível em: <[http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei\\_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-publicacaooriginal-87775-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-publicacaooriginal-87775-pl.html)>. Acesso em: 18 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 1.387, de 28 de abril de 1854. Dá novos Estatutos ás Escolas de Medicina. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1387-28-abril-1854-590272-publicacaooriginal-115439-pe.html>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 1.764, de 14 de maio de 1856. Approva o Regulamento complementar dos Estatutos da Faculdades de Medicina, a que se refere o Art. 29 do Decreto n.º 1.387 de 28 de Abril de 1854. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1764-14-maio-1856-571247-publicacaooriginal-94339-pe.html>. Acesso em: 18 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 3.464, de 29 de abril de 1865. Dá novos Estatutos ás Faculdades de Medicina do Imperio. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1387-28-abril-1854-590272-publicacaooriginal-115439-pe.html>>. Acesso em: 19 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 1.525, de 5 de outubro de 1867. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1525-5-outubro-1867-553778-publicacaooriginal-71942-pl.html>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

CASA ESPÍRITA PAZ E LUZ. **História**. Disponível em: <[www.cepazeluz.blogspot.com.br/p/historia.html](http://www.cepazeluz.blogspot.com.br/p/historia.html)>. Acesso em: 11 nov. 2015.

CASTRO, Nestor de. Biographia do Dr. Leocadio José Correia. In: CORREIA, Leocádio José. **Discursos** (1880-1885). Curitiba: Tipografia e litografia a vapor Impressora Paranaense, 1899.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias**[...] (Volume 1 – A a F). Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. p. 1085-1101. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/4>> Acesso em: 18 maio 2015.

COISAS NOSSAS: Paranaguá em seus diversos aspectos: histórico, cultural, folclórico, poético, anedótico. Paranaguá, 1966. v. 1.

COLEÇÃO LEIS DA PROVÍNCIA DO PARANÁ. Regulamento orgânico da Instrução Pública da Província do Paraná. 16 jul. 1876.

COMMERCIAL. Ano 1, n. 6, 27 mar. 1886.

\_\_\_\_\_. Ano 1, n. 14, 22 maio 1886.

\_\_\_\_\_. Ano 1, n. 15, 29 maio 1886.

\_\_\_\_\_. Ano 1, n. 17, 16 jun. 1886.

\_\_\_\_\_. Ano 1, n. 26, 23 ago. 1886.

\_\_\_\_\_. Ano 2, n. 65, 21 maio 1887.

\_\_\_\_\_. Ano 2, n. 73, n. 16 jul. 1887.

CORRÊA, Rubens. **Brumas do passado**: Dr. Leocádio – médico de homens e de almas. Curitiba, Editora IPES, 1995.

CORREIA, Leocádio José. **Discursos (1880-1885)**. Curitiba: Tipografia e litografia a vapor Impressora Paranaense, 1899.

\_\_\_\_\_. Duas páginas sobre o drama da redenção pelo Dr. Leocádio José Correia. Curitiba: Correia & C.<sup>a</sup>, 1901.

CORREIO DE NOTÍCIAS. Ano I, n. 17, 12 jun. 1977.

\_\_\_\_\_. 17 jun. 1978.

\_\_\_\_\_. 26 fev. 1978.

CORRESPONDÊNCIA à Câmara Municipal da cidade de Paranaguá. 29 set. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 1, frente.

CORRESPONDÊNCIA à Câmara Municipal da cidade de Paranaguá. 29 set. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 1, frente e verso.

CORRESPONDÊNCIA ao Vigário da paróquia, padre Marcello Anunziatta. 5 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 3, verso.



CORRESPONDÊNCIA à professora da escola promíscua da cidade. 10 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 7.

CORRESPONDÊNCIA ao Inspetor da Alfândega. 22 dez. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 16, frente e verso.

CORRESPONDÊNCIA ao Professor Honório Décio da Costa Lobo. 24 dez. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 17, frente.

CORRESPONDÊNCIA ao Professor Honório Décio da Costa Lobo. 24 dez. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 17, frente e verso.

CORRESPONDÊNCIA ao Professor José Cleto da Silva. 26 fev. 1886. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 18, verso e 19, frente.

CORRESPONDÊNCIA ao Diretor Geral da Instrução Pública. 2 mar. 1886. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folhas 19, verso; 20, frente e verso, 21, frente e verso; 22, frente e verso e 23, frente e verso.

CORRESPONDÊNCIA ao Diretor Geral da Instrução Pública. 26 mar. 1886. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 24, verso.

CORRESPONDÊNCIA ao Diretor Geral da Instrução Pública. 5 maio 1886. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspetoria Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 25, verso.

CRUZ, Maury Rodrigues da. Apresentação. In: CORRÊA, Rubens. **Brumas do passado: Dr. Leocádio – médico de homens e de almas**. Curitiba, Editora IPES, 1995.

CRUZ, Maury Rodrigues da. **Antropologia espírita: campo de estudo, fatologia espírita, mediunidade, produto mediúnico, cultura espírita**. Curitiba: SBEE, 2013.

CRUZ, Maury Rodrigues da. Entrevista em 23 de novembro de 2012, Curitiba. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

CRUZADA: Revista mensal de letras, artes e actualidades. Ano I, n. 1, jul. 1919.

\_\_\_\_\_. Ano I, n. 2, ago. 1919.

\_\_\_\_\_. Ano I, n. 3, set. 1919.

\_\_\_\_\_. Ano I, n. 4, out. 1919.

CURITIBACULT. **O espiritismo é tema de debate na nova loja da Livrarias Curitiba.** 24 nov. 2014. Disponível em: <<http://curitibacult.com.br/o-espiritismo-e-tema-de-debate-na-nova-loja-da-livrarias-curitiba/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

DEZENOVE DE DEZEMBRO. Ano XXI, n. 1473, 21 jan. 1874.

\_\_\_\_\_. Ano XXI, n. 1475, 28 jan. 1874.

\_\_\_\_\_. Ano XXI, n. 1491, 25 mar. 1874.

\_\_\_\_\_. Ano XXI, n. 1492, 28 mar. 1874.

\_\_\_\_\_. Ano XXI, n. 1496, 15 abr. 1874.

\_\_\_\_\_. Ano XXI, n. 1508, 27 maio 1874.

\_\_\_\_\_. Ano XXI, n. 1524, 25 jul. 1874.

\_\_\_\_\_. Ano XXI, n. 1537, 12 set. 1874.

\_\_\_\_\_. Ano XXI, n. 1540, 23 set. 1874.

\_\_\_\_\_. Ano XXI, n. 1543, 3 out. 1874.

\_\_\_\_\_. Ano XXIII, n. 1682, 12 fev. 1876.

\_\_\_\_\_. Ano XXIII, n. 1684, 19 fev. 1876.

\_\_\_\_\_. Ano XXIII, n. 1685, 16 fev. 1876.

\_\_\_\_\_. Ano XXIII, n. 1698, 8 abr. 1876.

\_\_\_\_\_. Ano XXIII, n. 1724, 15 jul. 1876.

\_\_\_\_\_. Ano XXIII, n. 1745, 4 out. 1876.

\_\_\_\_\_. Ano XXIV, n. 1788, 7 mar. 1877.

\_\_\_\_\_. Ano XXIV, n. 1792, 21 mar. 1877.

\_\_\_\_\_. Ano XXIV, n. 1798, 14 abr. 1877.

\_\_\_\_\_. Ano XXIV, n. 1800, 21 abr. 1877.

\_\_\_\_\_. Ano XXIV, n. 1824, 14 jun. 1877.

\_\_\_\_\_. Ano XXIV, n. 1839, 5 set. 1877.

\_\_\_\_\_. Ano XXIV, n. 1841, 15 set. 1877.

\_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1882, 9 fev. 1878.

\_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1884, 16 fev. 1878.

- \_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1885, 20 fev. 1878.
- \_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1888, 2 mar. 1878.
- \_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1890, 9 mar. 1878.
- \_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1894, 23 mar. 1878.
- \_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1895, 27 mar. 1878.
- \_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1900, 13 abr. 1878.
- \_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1901, 17 abr. 1878.
- \_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1904, 27 abr. 1878.
- \_\_\_\_\_. Ano XXV, n. 1918, 15 jun. 1878.
- \_\_\_\_\_. Ano XXVI, n. 1962, 20 mar. 1879.
- \_\_\_\_\_. Ano XXVI, n. 1963, 4 abr. 1879.
- \_\_\_\_\_. Ano XXVI, n. 1967, 1 maio 1879.
- \_\_\_\_\_. Ano XXVI, n. 1968, 8 maio 1879.
- \_\_\_\_\_. Ano XXVI, n. 1969, 15 mar. 1879.
- \_\_\_\_\_. Ano XXVI, n. 1973, 12 jun. 1879.
- \_\_\_\_\_. Ano XXVI, n. 1974, 19 jun. 1879.
- \_\_\_\_\_. Ano XXVII, n. 2049, 24 maio 1880.
- \_\_\_\_\_. Ano XXVII, n. 2052, 5 jun. 1880.
- \_\_\_\_\_. Ano XXVII, n. 2053, 9 jun. 1880.
- \_\_\_\_\_. Ano XXX, n. 82, 22 dez. 1883.
- \_\_\_\_\_. Ano XXXI, n. 122, 22 maio 1884.
- \_\_\_\_\_. Ano XXXI, n. 139, 12 jun. 1884.
- \_\_\_\_\_. Ano XXXII, n. 248, 8 nov. 1885.
- \_\_\_\_\_. Ano XXXIII, n. 23, 29 jan. 1886.
- \_\_\_\_\_. Ano XXXIII, n. 32, 10 fev. 1886.
- \_\_\_\_\_. Ano XXXIII, n. 42, 21 fev. 1886.
- \_\_\_\_\_. Ano XXXIII, n. 69, 27 mar. 1886.

\_\_\_\_\_. Ano XXXIII, n. 114, 23 maio 1886.

\_\_\_\_\_. Ano XXXIII, n. 182, 16 ago. 1886.

DIARIO DO COMMERCIO. Ano II, n. 566, 4 dez. 1913.

DISCURSO pronunciado por Manoel F. De Araujo na Sessão Fúnebre celebrada no Club Litterario da cidade de Paranaguá, a 8 de junho de 1886 em homenagem à memória do Dr. Leocadio José Correia falecido a 18 de maio de 1886. Curitiba: Impressora Paranaense, 1901

DISCURSOS PRONUNCIADOS NA SESSÃO FUNEBRE celebrada no Club Litterario da cidade de Paranaguá, a 8 de junho de 1886 em homenagem à memória do Dr. Leocádio José Correia, falecido a 18 de maio de 1886. Curitiba: Typ. E lith. a vapor Impressora Paranaense, 1901.

ECHO LITTERARIO. Ano II, n. 45, 1 ago. 1875.

ECHO DO PARANÁ. Ano I, n. 8, 28 fev. 1879.

\_\_\_\_\_. Ano I, n. 14, 10 abr. 1879.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA (FEB). **Início do século XX**. 26 jul. 2012. Disponível em: <[www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/inicio-do-seculo-xx/](http://www.febnet.org.br/blog/geral/conheca-a-feb/inicio-do-seculo-xx/)>. Acesso em: 10 nov. 2015.

FRATERNIDADE PEREGRINO DA LUZ (FRAPEL). Página inicial. Disponível em: <[www.frapel.org.br](http://www.frapel.org.br)>. Acesso em: 22 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Festa de Oxossi 2013**. 2013. Disponível em: <<http://www.frapel.org.br/Atividades/galeria/oxossi13.php>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

GAMA, Ranka Diríagem Sandino da. Entrevista em 4 de dezembro de 2015, Curitiba. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

GAZETA PARANAENSE. Ano VIII, n. 326, 5 dez. 1884.

\_\_\_\_\_. Ano IX, n. 429, 19 dez. 1885.

\_\_\_\_\_. Ano X, n. 24, 31 jan. 1886.

\_\_\_\_\_. Ano X, n. 28, 6 fev. 1886.

\_\_\_\_\_. Ano X, n. 110, 19 maio 1886.

\_\_\_\_\_. Ano X, n. 113, 22 maio 1886.

\_\_\_\_\_. Ano X, n. 134, 18 jun. 1886.

\_\_\_\_\_. Ano XI, n. 71, 3 abr. 1887.

\_\_\_\_\_. Ano XI, n. 109, 18 maio 1887.

GHIGNONE, João. Explicação necessária. In: LACERDA, Dirceu. **Perfil biográfico do Dr. Leocádio José Correia**. Curitiba: Edição Mundo Espírita, 1967.

GÓES E VASCONCELLOS, Zacarias de. **Relatório do Presidente da Provincia do Paraná o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos na abertura da Assembleia Legislativa Provincial em 15 de julho de 1854**. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/614/>>. Acesso em: 6 ago. 2014.

HOERNER JUNIOR, Valério. **O morto vivo**. Curitiba: Impressora tamoio, 1978.

\_\_\_\_\_. **A vida do Dr. Leocádio Correia**. Paranaguá: Prefeitura Municipal de Paranaguá, 1979.

\_\_\_\_\_. **Leocádio José Correia: médico do corpo e da alma**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, 2000.

\_\_\_\_\_. **A vida do Dr. Leocádio**. Curitiba: Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, 2007.

INSTITUTO Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Dr. Leocádio José Correia. **Boletim do Instituto Histórico, geográfico e Etnográfico Paranaense**, v. XVII. Curitiba, 1972.

ITIBERÊ. Ano II, n. 58, 5 abr. 1883.

\_\_\_\_\_. Ano II, n. 62, 3 maio 1883.

\_\_\_\_\_. Ano II, n. 66, 31 maio 1883.

\_\_\_\_\_. Ano II, n. 74, 27 jul. 1883.

\_\_\_\_\_. Ano II, n. 77, 23 ago. 1883.

\_\_\_\_\_. Ano II, n. 93. p. 4, 20 dez. 1883.

KARAM, Paulo Roberto. **Nestor Pereira de Castro: Biografia e antologia**. Mimeo, 1991.

KARDEC, Allan. **O livro dos espíritos: princípios da Doutrina Espírita**. 92. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2012.

\_\_\_\_\_. **O livro dos médiuns ou, guia dos médiuns e dos evocadores: espiritismo experimental**. 81. ed. Brasília: FEB, 2013.

LACERDA, Dirceu. **Perfil Biográfico do Dr. Leocádio José Correia**. Curitiba: Edição Mundo Espírita, 1967.

LANGGAARD, Theodoro J. H. **Diccionario de medicina domestica e popular [...]** (volume II – E-L). Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865.

LEITE JUNIOR. Doutor Leocadio José Correia. In: CORREIA, Leocádio José. **Dois páginas sobre o drama da redenção pelo Dr. Leocádio José Correia**. Curitiba: Correia & C.<sup>a</sup>, 1901.

LEMBRANÇA da 3<sup>a</sup>. “Pagina do Sarau” dos dominicaes nos salões do Casino Coritibano em a noite de 7 de maio de 1922. In: CORREIA, Leocadio. **Nestor de Castro**. Mimeo.

LIMA, Eduardo C.; SUPLICY, Hamilton L. (Org.). **Dirceu Pacheco de Lacerda**: cronista, poeta, médico-sacerdote. Curitiba: Scientia ET Labor: Fundação Santos Lima, 1988.

LINS, Adolpho Lamenha. **Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1876 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolpho Lamenha Lins**. Provincia do Paraná, Typ. da Viuva Lopes, 1876. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/638/>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. **Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1877 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolpho Lamenha Lins**. Curityba, Typ. da Viuva Lopes, 1877. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/639/>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

LISBOA, Isaura Sousa. Entrevista em 24 de setembro de 2014, Curitiba. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

LIVRO DE ATAS 1 do Centro Espírita Maria Bueno. Folha 20, 4 out. 1965.

\_\_\_\_\_. Folha 38, 8 jul. 1966.

\_\_\_\_\_. Folha 43, 8 jul. 1966.

LIVRO DE ATAS 2 da Tenda de Umbanda Oriental. Folha 1, 11 ago. 1976.

LOBO, EURICLÉIA PEREIRA. Entrevista em 10 de julho de 2014, Paranaguá. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

MACHADO, Maria Helena; GIMENEZ, Everaldo Jeferson Machado. Entrevista em 1 de junho de 2015, Curitiba. Entrevistadora : Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

MENEZES, Rodrigo Octavio de Oliveira. **Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor dr. Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes, no dia 9 de abril de 1878**. Curityba, Typ. da Viuva Lopes, 1878. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/640/>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. **Relatorio com que o Exm. Snr. Doutor Rodrigo Octavio de Oliveira Menezes passou a administração da provincia ao primeiro vice-presidente Exm. Snr. Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá no dia 31 de março de 1879**. Curityba: Typografia Perseverança: 1879. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u586/>>. Acesso em: 8 ago. 2014.

MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck (Org.). **Coletânea da documentação educacional paranaense no período de 1854 a 1889**. Campinas, SP: Autores Associados; SBHE, 2000.

MUNDO ESPÍRITA. Ano XV, n. 673, 24 ago 1946.

\_\_\_\_\_. Ano 83, n. 1580, jun. 2015.

MUSEU MAÇÔNICO PARANAENSE. Autoridades na maçonaria brasileira. **Joaquim Soares Gomes**. Disponível em: <[http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/Autoridades\\_PR/DELEG\\_872\\_Joaquim\\_Gomes.htm](http://www.museumaconicoparanaense.com/MMPRaiz/Autoridades_PR/DELEG_872_Joaquim_Gomes.htm)>. Acesso em: 6 maio 2015.



O ITIBERÊ. Ano I, n. 1, maio 1919.

O PARANAENSE. Ano I, n. 4, 30 dez. 1877.

\_\_\_\_\_. Ano I, n. 6, 18 jan. 1878.

\_\_\_\_\_. Ano I, n. 7, 27 jan. 1878.

\_\_\_\_\_. Ano I, n. 18, 25 abr. 1878.

\_\_\_\_\_. Ano I, n. 21, 5 maio 1878.

\_\_\_\_\_. Ano I, n. 37, 21 nov. 1878.

\_\_\_\_\_. Ano II, n. 57, 8 jun. 1879.

\_\_\_\_\_. Ano II, n. 58, 12 jun. 1879.

\_\_\_\_\_. Ano II, n. 75, 10 ago. 1879.

O SAPO. Ano III, n. 19, 20 maio 1900.

O VIGILANTE, orgam de propaganda catholica. Ano III, n. 33, fev. 1917.

PROVÍNCIA DO PARANÁ. Ano I, n. 9, 27 fev. 1876.

REZENDE, Theofilo Ribeiro de. **Relatorio do Estado da Provincia do Paraná apresentado ao vice-presidente Henrique de Beaurepaire Rohan pelo vice-presidente Theofilo Ribeiro de Rezende por ocasião de lhe entregar a administração da mesma provincia.** Curityba, Typografia Paranaense de C. Martins Lopes: 1855. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u565/>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

RIBEIRO, Maria da Paz. Entrevista em 16 de junho de 2014, Curitiba. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

ROHAN, Henrique de Beaurepaire. **Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Parana no dia 1.o de março de 1856 pelo vice-presidente em exercicio, Henrique de Beaurepaire Rohan.** Curityba, Typ. Paranaense de C. Martins Lopes, 1856. p. 35. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/616/000040.html>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

SANTANA, Antonio Samarone de; DIAS, Lúcio Antonio Prado; GOMES, Petrônio Andrade. **Dicionário biográfico de médicos de Sergipe: séculos XIX e XX.** Aracaju: Academia Sergipana de Medicina, 2009. Disponível em: <<http://linux.alfamaweb.com.br/asm/dicionariomedico/dicionario.php?id=31904>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS ESPÍRITAS (SBEE). **Maury Rodrigues da Cruz.** Disponível em: <<http://www.sbee.org.br/portal/maury-rodriques-da-cruz/sbee/orientadores/maury-rodriques-da-cruz>>. Acesso em: 20 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Obras sociais/entidades coligadas.** Disponível em: <<http://www.sbee.com.br/portal/entidades-coligadas/sbee/unidades-coligadas/obras-sociais-entidades-coligadas>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. **SBEE histórias**. Disponível em: <[www.sbee.com.br/portal/sbee-historia/sbee/sbee-historia](http://www.sbee.com.br/portal/sbee-historia/sbee/sbee-historia)>. Acesso em: 11 nov. 2015.

TELEGRAMA ao Diretor Geral da Instrução Pública. 17 dez. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 17, verso e 18, frente.

TELEGRAMA ao Diretor Geral da Instrução Pública. 28 fev. 1886. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 19, frente e verso.

TERMO de visita feita a aula noturna de adultos da cidade de Paranaguá. 14 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 8, frente e verso.

TERMO de visita feita a aula noturna de adultos da cidade de Paranaguá. 14 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folhas 7, frente e verso e 8, frente e verso.

TERMO de visita feita a aula noturna de adultos da cidade de Paranaguá. 14 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 8, verso.

TERMO de visita feita a aula noturna de adultos da cidade de Paranaguá. 14 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folhas 7, verso e 8, frente.

TERMO de visita feita à Escola Promíscua do Rocio. 9 out. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 5, verso; 6, frente e verso e 7, frente.

TERMO de visita feita à primeira cadeira do sexo feminino da cidade de Paranaguá. 30 set. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 3, frente.

TERMO de visita feita à segunda cadeira do sexo feminino da cidade de Paranaguá. 29 set. 1885. Arquivo da Correspondência expedida pela Inspeção Paroquial de Escolas de Paranaguá. 1885-1886. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. Folha 1, verso e folha 2, frente.

VOLPI, Ledir Avani Machado. Entrevista em 11 de outubro de 2014, Pinhais. Entrevistadora: Marilane Machado de Azevedo Maia. Acervo da autora.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O significado das pequenas coisas: história, prosopografia e biografemas. In: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso. **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

ALVES, Alessandro Cavassin. **A província do Paraná (1853-1889)**. A classe política. A parentela no governo. Tese. (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **Revista de História Universidade Estadual Paulista**, v. 14, p. 125-136, 1995.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. **A mesa, o livro, os espíritos**: gênese, evolução e atualidade do movimento social espírita entre França e Brasil. Maceió: EDUFAL, 2009.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Einaudi-Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Livraria pioneira editora, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda**: uma interpretação sociológica. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

\_\_\_\_\_. **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. CANDAU, Joël. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem**: a elite política imperial. **Teatro de sombras**: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

\_\_\_\_\_. **O que é espiritismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1985.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **Internar para educar: colégios internatos no Brasil (1840-1950)**. Tese. (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

\_\_\_\_\_. Colégios-internatos nas páginas do Almanak Laemmert (1845-1889). **Clio – Revista de Pesquisa Histórica**, n. 31.1, 2013.

CORRÊA, Amélia Siegel. **Imprensa e política no Paraná: prosopografia dos redatores e pensamento republicano no final do século XIX**. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

COSTA, Flamarion Laba da. **Demônios e anjos: o embate entre espíritas e católicos na República brasileira até a década de 60 do século XX**. Tese. (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2001.

COSTA, Iseu Affonso da Costa. A medicina em Paranaguá: trezentos anos (1655-1955). In: SCHEFFER, João Gualberto (Org). **Memória médica do Paraná: história médica da Lapa, de Paranaguá, Ponta Grossa e Rio Negro**. Curitiba: Academia Paranaense de Medicina/Fundação Santos Lima, 1993.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

DARNTON, Robert. **O lado oculto da revolução: Mesmer e o final do iluminismo na França**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DOLINSKI, João Pedro. **Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)**. Dissertação. (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2013.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREITAS, Waldomiro Ferreira de. **História de Paranaguá: das origens à atualidade**. Paranaguá, IHGP, 1999.

FUCKNER, Cleusa Maria. **Lar Escola Dr. Leocádio José Correia: história de uma proposta de formação na perspectiva educacional espírita (1963-2003)**. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989. p. 169-178.

GIUMBELLI, Emerson Alessandro. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do Espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

\_\_\_\_\_. O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos. **Horizontes Antropológicos**, v. 9, n. 19, p. 247-281, 2003.

\_\_\_\_\_. Espiritismo e medicina: introyeção, subversão, complementaridade. In: ISAIA, Artur Cesar (Org.). **Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, República e progresso no Brasil. In: HOMEM, Amadeu Carvalho; SILVA, Armando Malheiro da; ISAIA, Artur Cesar (Coord.). **Progresso e religião: a República no Brasil e em Portugal 1889-1910**. Coimbra: Editora da Universidade de Coimbra; Uberlândia: EDUFU, 2007.

\_\_\_\_\_. O universo mágico no espiritismo de umbanda. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. V, n. 15, 5, p. 47-60, 2013.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LEWGOY, Bernardo. **Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista**. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LIMEIRA, Aline de Moraes. Luzes da instrução: iniciativas particulares de escolarização do século XIX. **Revista Teias**, v. 12, n. 25, 2011.

MAIA, Elias da Silva. **A construção do ensino médico no Rio de Janeiro no Brasil Império**. Dissertação. (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Martins Fontes, 1989.

MARTINS, Patricia Carla de Melo. **Seminário episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX**. Tese. (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MENEZES, Juliana de. Manoel Francisco Correia, o velho: patriarca da linhagem Correia parnanguara. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná**, v. 65, p. 94-102, 2012.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, v. 10, p. 7-28, 1993.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.) **Discurso fundador**. Campinas, SP: Pontes, 1993.

- \_\_\_\_\_. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto História**, v. 15, p. 13-49, 1997.
- REVEL, Jacques. **História e historiografia**: exercícios críticos. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.
- RIBEIRO, Aníbal Filho. **História do Club Litterário**. Curitiba: Empresa Gráfica Universal, 1972.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografia como gênero historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **O biográfico**: perspectivas interdisciplinares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- SÁ, Dominichi Miranda de. **A ciência como profissão**: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- SALES, Luiz Carlos. **Cura na visão da doutrina espírita**. Monografia. (Graduação em Teologia Espírita) – Faculdade Leocádio José Correia, Curitiba, 2012.
- SANTOS FILHO, Benedito Nicolau dos. **Aspectos da história do teatro na cultura paranaense**. Curitiba: Imprensa Universitária, 1979.
- SANTOS, Antonio Vieira dos. **Memória histórica de Paranaguá**. Curitiba: Vicentina, 2001. v. 2.
- SCHEIFER, Bruna. **Paranaguá, cidade portuária**: entre a cidade “sonhada e a cidade real”. Dissertação (Mestrado em História). UNIOESTE, Marechal Candido Rondon, 2008.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SILVA, Eliane Moura. **O espiritualismo no século XIX**. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.
- SILVA, Noemi Santos da. **O “batismo na instrução”**: projetos e práticas de instrução formal de escravos libertos e ingênuos no Paraná provincial. Dissertação. (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.
- SIQUEIRA, Márcia Teresinha Andreatta Dalledone. **Saúde e doença na província do Paraná (1853-1889)**. Tese. (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1989.



STOLL, Sandra Jacqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Curitiba: Editora Orion, 2003.

STOLL, Sandra Jacqueline et al. **Maria Bueno: santa de casa**. Curitiba, PR: edição do autor, 2011.

TOLEDO, Maria Aparecida Leopoldino Tursi. Os lugares da produção do saber histórico escolar no Brasil: compêndios de história e narrativas conciliadoras no Paraná (1876- 1905). **Rev. Bras. Hist.**, v. 33, n. 65, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v33n65/07.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2016.

TRAMUJAS, Alceo. **História de Paranaguá: dos pioneiros da Cotinga à Porta do MERCOSUL no Brasil Meridional**. Curitiba: Raul Guilherme Urban, 1996.

VIANA, Manoel. **Paranaguá na história e na tradição**. Conselho Municipal de Cultura: Paranaguá, 1976.

WEBER, Beatriz Teixeira. Espiritismo e saúde: concepções a partir das práticas numa sociedade kardecista. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. V, n. 15, p. 19-46, 2013.